UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CRISTIANE IZUMI NAKAGAWA

Trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra nos *hibakushas*: um estudo de testemunhos e seus paradoxos

São Paulo
2020

CRISTIANE IZUMI NAKAGAWA

Trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra nos *hibakushas*: um estudo de testemunhos e seus paradoxos

(Versão corrigida)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos requisitos
para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.
Área de concentração: Psicologia Social
Orientador: Prof. Dr. José Moura Gonçalves Filho

São Paulo

2020

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nakagawa, Cristiane Izumi
Trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra nos hibakushas: um estudo de testemunhos e seus paradoxos / Cristiane Izumi Nakagawa; orientador José Moura Gonçalves Filho. -- São Paulo, 2020.
193 f.
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2020.

1. Trauma. 2. Culpa e vergonha. 3. Bomba atômica. 4. Hiroshima. 5. Memória de sobreviventes. I. Gonçalves Filho, José Moura, orient. II. Título.

Nome: Nakagawa, Cristiane Izumi.

Título: Trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra nos hibakushas: um estudo de testemunhos e seus paradoxos

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutora em Psicologia

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico este trabalho a Décio Issamu Nakagawa, que ao se despedir prometeu nos aguardar com um grande abraço, cuja voz grave e doce é reproduzida nos sonhos, cujo sorriso é lembrado em todos os momentos de alegria, e cujas palavras me acompanham a cada dificuldade a ser enfrentada. Seu alma habita cada uma de minhas reflexões e memórias, seu amor me encoraja e orienta minha escuta e meu olhar, e a saudade só vai passar quando finalmente estiver envolvida no calor daquele abraço.

Agradecimentos

Esta pesquisa de doutorado não poderia ter sido realizada se não com o apoio de muitas pessoas e instituições:

A Ingrid Mai Nakagawa Theodoro, filha amada, sem a qual absolutamente nada teria sentido;

A Rafael Theodoro, pelo amor, companheirismo e pela família que construímos nos últimos 14 anos, pelo encorajamento em cada etapa desta pesquisa, pelo cuidado e paciência nos momentos desafiadores, por me deixar tranquila e segura nos momentos que precisei partir, e ser o primeiro a me receber com um abraço em meu retorno;

Aos *hibakushas* Shozo Kawamoto, Takashi Teramoto, Toshiko Tanaka, Setsuko Thurlow, Keiko Ogura, Kenzaburo Toyonaga, Kiyoshi Fuji, Jung-un Lee, Seigo Nishioka, Takaaki Morikawa, Yoshihide Yamakawa, Kunihiko Iida, Kosei Mito, meu profundo agradecimento por terem concedido preciosas entrevistas, por terem me confiado suas memórias tão delicadas e cheias de sentido – algumas nunca antes partilhadas, pelo apoio durante a pesquisa e pela inestimável amizade;

Ao Prof. Dr. José Moura Gonçalves Filho, agradeço pela orientação, pelas leituras atentas, pelas conversas semanais, pelo apoio e paciência nos momentos difíceis impostos por esta pesquisa, e pela amizade que tanto estimo;

Ao Prof. Dr. Stephen Frosh, agradeço por ter me recebido em Birkbeck, University of London, pela coorientação nesta pesquisa, a qual não se restringiu ao período em que estive em Londres, pelas leituras atentas e pelos importantes comentários e sugestões;

Ao Prof. Dr. Robert Alan Jacobs, agradeço por ter me recebido na Hiroshima City University e pela supervisão durante o período da pesquisa de estágio no exterior (BEPE/FAPESP);

A Nádia A. Nakagawa, agradeço seu amor sincero, sua generosidade, lealdade e a fundamental companhia em todos os momentos da vida. Agradeço também por ser uma âncora nos momentos de tormenta e ser a tormenta nos momentos de calmaria;

A Kyoko Y. Nakagawa, pela coragem que demonstrou durante a vida, pela herança histórica, pelas traduções das entrevistas, e pelas explicações sobre a cultura japonesa;

A Leandro Caboatan, estimado cunhado, agradeço o carinho e a amizade, a companhia na escalada e nos jantares semanais, o cuidado com a nossa família, e pelos debates políticos;

A Eduardo K. Nakagawa, pelo apoio, companhia e risadas ao longo do processo desta pesquisa;

A Tânia H. Nakagawa, pelo apoio e pela companhia e cuidado no período em que estive no Japão;

A Ken Harada, amigo inestimável e fundamental apoiador e parceiro desta pesquisa há 10 anos, que em 2018 me recebeu em Hiroshima, Japão, e me acompanhou quase que diariamente durante os 50 dias que estive na cidade, me apresentando à *hibakushas*, jornalistas e acadêmicos, agendando entrevistas com os sobreviventes, auxiliando na organização da minha agenda, fazendo o trabalho de intérprete durante a maioria das entrevistas, dedicando tempo para discutir comigo questões históricas e culturais que atravessam as memórias dos sobreviventes do bombardeio atômico;

A Tomie Futakuchi, professora no Jogakuin High School, que desde 2009 acompanha as minhas pesquisas de mestrado e doutorado no tema das memórias dos sobreviventes da bomba atômica de Hiroshima, que me presenteou com as inestimáveis "Bonecas da Paz"[1], e que compartilhou comigo as histórias de familiares e conhecidos que sobreviveram ao ataque atômico, me apresentando também à pesquisadores, jornalistas, acadêmicos e à funcionários do Memorial da Paz de Hiroshima;

A Profa. Tomoko Nakamura, docente na Hiroshima International University, cujo tema de trabalho e pesquisa é o bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki, agradeço as importantes conversas acerca das questões culturais que atravessam a experiência traumática dos sobreviventes, e por ter-me apresentado tanto a um dos sobreviventes que participou dessa pesquisa, quanto ao Prof. Dr. Robert Jacobs, co-orientador dessa pesquisa na Hiroshima City University;

As pesquisadoras Agota Duro e Urszula Styczek Boyede, agradeço as importantes conversas acerca do tema dos sobreviventes da bomba atômica de Hiroshima, por me apresentarem à sobreviventes e por me acompanharem nas entrevistas dos mesmos, auxiliando como intérpretes quando necessário;

[1] As "Bonecas da Paz" são pequenas bonecas feitas com o tecido de quimonos resgatados dos escombros da cidade de Hiroshima após o bombardeio atômico em 6 de agosto de 1945.

Aos queridos amigos Raphael Almeida (PH) e Priscila Araújo, agradeço o carinhoso acolhimento e cuidado nesses últimos 12 anos, a preocupação nos momentos difíceis, as risadas nos momentos de lazer, a presença em cada momento importante e as pizzas quinzenais;

À querida amiga Vanessa Passarelli, cuja alma sensível permite conversas semanais profundas, que provocam pensamentos delicados e que tornam a vida mais leve e feliz. Agradeço o fundamental laço de cumplicidade, lealdade e amor;

À querida amiga Mariana Bento, cujas conversas longas e à longa distância fazem o trecho São Paulo-Minas Gerais parecer apenas um virar da esquina. Agradeço a escuta atenciosa, a sinceridade e o cuidado com todos os sentimentos, assuntos e ideias, por ter se disposto a ler o primeiro rascunho desta tese e fazer importantes comentários e apontamentos, pela inestimável amizade repleta de carinho, respeito e doces;

Aos queridos amigos Helena J. Rizzi, João Gonçalves e ao pequeno Martin, agradeço todos esses anos de companheirismo, carinho, dedicação e amor, por estarem sempre ao nosso lado e pelos cafés da manhã deliciosos;

Ao querido amigo Paulo Beer, que vem me ensinando a delicadeza da alma política e vem sendo um importante companheiro de luta, agradeço seu cuidado e respeito em todas as nossas conversas acadêmicas e triviais;

À querida Danielle Gimenes, que rapidamente tornou-se uma amiga de grande importância, companheira de luta, dedicada e sincera, agradeço o carinho, o cuidado e a paciência principalmente na fase final de escrita desta tese;

Aos companheiros Yuri Azeredo e Fábio Carezzato, pelos importantes debates, pelo apoio e pela amizade;

À equipe do Núcleo de Estudos e Trabalhos Terapêuticos (NETT), pela luta, pelo companheirismo e dedicação, e pelos debates e conversas que proporcionaram importantes pensamentos que ajudaram na construção desta tese;

Aos queridos amigos do Grupo de Orientação, Mariana Afonso, Luis Jardim, Ubirajara Caputo, Douglas Silva, Tamiris Viana e Ianá Pereira, pelas ricas discussões, apoio e pelas cervejadas anuais;

Aos queridos amigos Luis Eduardo V. Moreira, Wilson Franco, Elisa Amaral, Tatiana Pacini, Ana e Bia Gavião, Dani, Tom e Gabi Azevedo, pelas conversas, pensamentos e pelos importantes momentos de lazer;

Aos colegas de Birkbeck, University of London, cujas discussões sobre psicanálise, Psicologia Social e cultura foram de grande importância, em especial aos amigos Khyati Tripathy, Valeh Amooi e Matt Oaks;

A Marinalva Gil, Rosângela Segaki e Selma Loyola, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, agradeço a amizade, a paciência e a prontidão em esclarecer quaisquer questões burocráticas;

Ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, por acolher esta pesquisa de doutorado;

Ao Museu Memorial da Paz de Hiroshima, agradeço pela fundamental ajuda no contato e agendamento das entrevistas com os *hibakushas* e na permissão pelo uso de uma de suas salas durante o estágio de pesquisa no exterior;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), agradeço o apoio financeiro através da bolsa no país (processo 2016/11396-0) e aquela de estágio de pesquisa no exterior (BEPE, processo 2017/21755-0), sem as quais não teria sido possível realizar esta pesquisa; As opiniões, hipótese e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Resumo

NAKAGAWA, C. I. *Trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra nos hibakushas: um estudo de testemunhos e seus paradoxos*. 2020. 194 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

O estudo que foi desenvolvido nesta pesquisa de doutorado teve como núcleo o exame psicológico de testemunhos de *hibakushas* e pode ser considerado uma continuação do trabalho de mestrado intitulado "Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas". Neste último, fez-se necessário primeiramente um reconhecimento dos fatos históricos e políticos que viabilizaram o desenvolvimento e a construção das bombas atômicas no contexto da Segunda Guerra Mundial, reconhecimento esse também feito por grande número de sobreviventes que buscavam alguma compreensão do que testemunharam. Naquele momento, o estudo histórico e político, juntamente com a teoria psicanalítica freudiana do trauma, foi de extrema importância para que se pudesse fazer uma análise de testemunhos de *hibakushas* a favor de um exame que evitasse reducionismos psicológicos. Durante a pesquisa de mestrado, cerca de duzentos testemunhos de sobreviventes da bomba atômica foram estudados, notando-se a recorrência de três fenômenos psicológicos que marcam profundamente as memórias dos depoentes: trauma, culpa e vergonha. Esses fenômenos, que não puderam ser devidamente investigados ao longo daquele estudo, tornaram-se objeto desta pesquisa de doutorado, e apontam que, para a devida compreensão dessas memórias, faz-se imperativo examinar tais relatos não apenas sob o enfoque psicanalítico, mas também no contexto da cultura japonesa e por meio das lições de psicologia social. Essa investigação trouxe alguma luz sobre os seguintes paradoxos vividos pelas vítimas: trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra.

Palavras chave: Trauma; Culpa e vergonha; Bomba atômica; Hiroshima; Memória de sobreviventes.

Abstract

NAKAGAWA, C. I. *Trauma and meaning, guilt and forgiveness, shame and honor in hibakushas: a study of testimonies and their paradoxes*. 2020. 194 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

This doctorate research aimed a psychological exam of testimonies of *hibakushas* and may be considered a continuation of the master degree research entitled *Hiroshima: the atomic catastrophe and its witnesses*. During the masters it was made necessary to firstly recognize the historical and political facts that led to the development of the atomic bombs in the context of the Second World War, recognition which was also made by a number of survivors who were trying to understand and give form to the very event they've witnessed. This historical and political study together with the Freudian psychoanalytic theory of trauma made it possible, at that time, a first analysis of testimonies of *hibakushas* in favour of an exam that avoided psychological reductionisms. In that occasion, approximately two hundred testimonies of atomic bomb survivors were studied and it was noticed the recurrence of three psychological phenomena that deeply mark the memories of the deponents: trauma, guilt and shame. These phenomena, which could not be properly studied during the masters, became the object of this doctorate research, and point to the fact that, to a proper understanding of these memories it is imperative to exam these stories not only through a psychoanalytic approach, but also in the context of Japanese culture and through the lessons of Social Psychology. This investigation put some light on the following paradoxes lived by the victims: trauma and meaning, guilt and forgiveness, shame and honour.

Keywords: Trauma; Guilt and shame; Atomic bomb; Hiroshima; Memory of survivors.

Sumário

Introdução 13

Capítulo 1

Hibakushas e suas memórias 24

Capítulo 2

Trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra 32

Capítulo 3

3.1 Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE/FAPESP) 48

3.2 Um breve relato sobre a psicanálise no Japão 54

O fim da Segunda Guerra Mundial 56

A formação e desenvolvimento do indivíduo na cultura japonesa 59

Capítulo 4

Keiko Ogura 69

Entrevista individual 76

Algumas considerações sobre a entrevista com Keiko Ogura 89

Capítulo 5

Takashi Teramoto 95

Algumas considerações sobre a entrevista com Takashi Teramoto 117

Capítulo 6

Toshiko Tanaka 122

Algumas considerações sobre a entrevista com Toshiko Tanaka 145

Capítulo 7

Shozo Kawamoto 149

Algumas considerações sobre a entrevista com Shozo Kawamoto 169

Considerações finais 173

Referências bibliográficas 191

Introdução

Uma retomada histórica e biográfica

Thomas Trezise (2013) afirma que todos aqueles que decidem investigar o difícil fenômeno do trauma em seus aspectos de profundo sofrimento psíquico devem fazê-lo por razões pessoais. Caso contrário, por qual razão, questiona-se, alguém passaria anos lendo memórias e/ou ouvindo relatos de imensa dor?

Em seu caso, o autor foi levado a pensar o trauma após ter sido apressadamente colocado dentro de uma ambulância na qual encontrava-se uma mulher gravemente e irreconhecivelmente ferida, que após uma atenta observação veio a identificar como sendo sua esposa, Susan Brison. Trezise, professor de Literatura Francesa na Universidade de Princeton, passou a estudar o trauma por meio das memórias do Holocausto, e em sua obra buscou compreender dois importantes fenômenos: 1) o trauma proveniente de um evento cuja inteligibilidade foge à vítima, a qual é carregada para um lugar escuro e solitário, e cuja possibilidade de escape depende de um difícil trabalho de tradução; 2) a necessidade, a possibilidade, e as vicissitudes de testemunhar o testemunho de um evento traumático.

Sua pesquisa aparentemente responde ao estímulo a que se refere Levi (2004), uma força interna que, de modo latente, pulsa em todos aqueles que sobreviveram a situações de extrema violência, um estímulo que busca algum tipo de elaboração e que, segundo Frosh (2006), enquanto não for devidamente reconhecido e/ou encontrar justiça, assombrará não apenas aquele que a violência superou e em muitos casos calou, mas também aqueles tocados indiretamente, aqueles que, impotentes, testemunham ou testemunharam o profundo sofrimento do outro e, dessa forma, compartilham ou compartilharam do evento traumático, vivendo na pele a difícil tarefa de reivindicar um trauma que não lhes pertence diretamente, mas que lhes afeta profundamente.

Em um primeiro momento, recusei a afirmativa de Trezise sobre a necessidade de um estímulo desencadeado pela intimidade com evento traumático como fator preponderante na busca por sua compreensão, tomando como parâmetro o estudo que venho realizando desde 2009 no tema das memórias dos sobreviventes da bomba atômica de Hiroshima, em meio ao qual se insere esta pesquisa de doutorado. Acreditava que o sentimento político que aflora nos indivíduos quando tocados pelos relatos daqueles que Butler (2006) denomina sujeitos cujas existências são "precarizadas" pelo Estado e pela sociedade, cujas vidas são "inelutáveis" do ponto de

vista sociopolítico, eram suficientes para sustentar uma investigação e um trabalho teórico no campo do trauma psíquico. Desta forma, tinha como certo que a origem do interesse pelo meu objeto de estudo encontrava-se no trabalho que realizei na Missão Paz, ainda como estudante de Psicologia, entre os anos de 2006 e 2009, no contexto de um estágio em Psicologia Clínica, e posteriormente em 2015, já formada e em caráter voluntário. Esse trabalho consistia no acompanhamento psicoterapêutico de imigrantes e refugiados políticos em situação de vulnerabilidade psíquica e social.

Ao fim do período de graduação em 2009, e no contexto daqueles atendimentos, era clara a minha intenção de prosseguir os estudos no campo do trauma psíquico. Desse modo, propus uma pesquisa de mestrado que intencionava uma análise de memórias dos refugiados políticos africanos que se encontravam no Brasil. Porém, antes da entrega do projeto para a inscrição no programa de pós-graduação do Instituto de Psicologia da USP, e por motivos familiares, visitei pela primeira vez o Japão. Naquela ocasião, conheci o Memorial da Paz de Hiroshima. Por meio de alguns contatos na cidade, fui apresentada a um sobrevivente do bombardeio atômico, Yoshinori Obayashi, que compartilhou comigo suas lembranças acerca do dia da explosão. Seu relato me tocou e me perturbou profundamente, gerando em mim uma ansiedade e uma imensa tristeza nunca antes vivenciadas e das quais não pude desvencilhar-me durante um longo período.

Algo na narrativa de Obayashi e nas narrativas de outros sobreviventes cujos testemunhos li e ouvi no acervo do Memorial, algo nas imagens que estavam em exposição no Museu, algo nas instalações e nos monumentos que compõe o Parque Memorial da Paz de Hiroshima fizeram emergir em mim um sentimento inquietante, no sentido próprio da palavra utilizada por Freud (1914), pois há naquelas mensagens de dor algo familiar, mas ao mesmo tempo estrangeiro; algo próximo, mas que escapa antes de ser apreendido; algo inteligível, portador de uma força muito intensa; algo que não pôde ser compreendido e que, por isso, constitui-se como fonte de ansiedade.

Percebi que para acalmar essa "agitação" que me tomou seria necessário tentar compreender – nem que minimamente – o que foi vivenciado pelos sobreviventes de Hiroshima no dia 6 de agosto de 1945, tendo como ponto de partida o exame do testemunho de Obayashi, pois tinha claro para mim que seu relato havia transmitido muito mais do que as palavras que compuseram sua narrativa, palavras essas que deram contorno para uma cena brutal de destruição, um contorno que sem muito sucesso buscou dar alguma forma ao elemento perturbador da experiência traumática, que por

sua vez, transborda e é comunicado como afeto estranho. Decidi, então, mudar o enfoque da pesquisa de mestrado, ou seja, ainda estudaria o trauma, mas no contexto das memórias dos sobreviventes do bombardeio atômico de Hiroshima. Iniciada a pesquisa, deparei-me com memórias que faziam referência às atividades que deveriam ser cumpridas pelos jovens japoneses durante o período da guerra, o que colocou em pauta o fato de que eu sabia muito pouco sobre o que os japoneses vivenciaram durante a Segunda Guerra Mundial.

Pela primeira vez, algo proveniente do Japão me tocava não apenas em forma de angústia, mas em forma de dor e vergonha. Filha de imigrantes japoneses e nascida no Brasil, sentia que não pertencia totalmente a nenhuma das duas culturas que me atravessavam, apesar de no Brasil eu ser rapidamente identificada como japonesa e no Japão como brasileira. Nesse sentido, da infância até o início da vida adulta, por alguma razão ainda obscura para mim, sentia uma forte necessidade de negar minhas origens orientais (chinesa e japonesa) apesar da aparência física dificultar esse processo, internalizando um preconceito que desencadearia profundas angústias quando frente a tudo o que me remetia à cultura dos meus ancestrais.

Isso ficou evidente quando Obayashi, ao longo de sua narrativa, falava de acontecimentos e coisas triviais da cultura e da história do Japão que tomava serem "óbvias" para mim. Esse desencontro fez emergir um sentimento de vergonha, que identifiquei ao sentir-me constrangida ao ter que questiona-lo sobre essas coisas triviais que, ao contrário, me eram muito distantes e desconhecidas, um constrangimento que foi intensificado pela expressão de surpresa em seu rosto diante da minha suposta ignorância, e que posteriormente repetiu-se na feição da maioria dos japoneses com quem me relacionei ao longo da pesquisa de mestrado.

Portanto, a pesquisa de mestrado propiciou não apenas um primeiro contato com os testemunhos dos sobreviventes do bombardeio atômico de Hiroshima, mas indiretamente, proporcionou-me a possibilidade de um resgate da minha própria história. No entanto, esse resgate não se fez evidente desde o início e, por isso, enfrentar as memórias dos sobreviventes em um primeiro momento não significava enfrentar um fantasma pessoal, motivo pelo qual as inúmeras vezes em que fui questionada se minha família era de Hiroshima na tentativa de compreenderem, como Trezise afirma, a razão para eu estar debruçada sobre memórias de extremo sofrimento, pude responder com certa facilidade e distância que não.

Porém, quando se seguia a inevitável pergunta sobre o motivo pelo qual eu havia escolhido trabalhar especificamente com os testemunhos de *hibakushas*, eu era tomada por um incômodo que muitas vezes manifestou-se como um desanimo em continuar a pesquisa, um incômodo ligado ao fato de eu não ter clareza da resposta a ser dada, mas que encontrava abrigo na justificativa de que a guerra e os crimes políticos infelizmente são práticas longe de extinção. Portanto, após ter trabalhado muitos anos com refugiados políticos, percebia uma necessidade pessoal de pensar clinicamente o sofrimento proveniente de violências sociopolíticas e as possibilidades de tratamento clínico do mesmo. Esse argumento aparentemente satisfez todos aqueles que me dirigiram a pergunta, mas apesar de lógico e de certa forma fácil de se compreender, não diminuiu o incomodo que pulsava sempre que pressentia que seria questionada sobre os objetivos da minha pesquisa.

Nesse contexto, e na tentativa de entender os difíceis sentimentos gerados no contato com as memórias estudadas, decidi percorrer o caminho feito pelos próprios sobreviventes que, após a explosão, foram entregues a inúmeros momentos de estranhamento e angústia, no qual tinham dificuldade de pensar suas experiências do bombardeio atômico. Segundo Obayashi e muitos outros *hibakushas*, para que fosse possível começarem a pensar sobre as coisas que viram e sentiram no dia em que foram atacados, parecia necessário que compreendessem primeiramente o cenário histórico-político que deu origem à Segunda Guerra Mundial, o papel do Japão na guerra e nos conflitos no sudeste asiático, desejavam saber como se deu o desenvolvimento e a criação das primeiras bombas nucleares do mundo, seus efeitos na natureza e no corpo humano, uma busca por informações que pudesse auxiliar na difícil tarefa de pensarem e darem contorno às suas próprias experiências.

Por meio dessa retomada histórica, os sobreviventes perceberam que a derrota da Alemanha na Europa e as negociações de paz que o Japão vinha conduzindo secretamente com a ex-União Soviética tornavam "desnecessário" o uso das armas nucleares em Hiroshima e Nagasaki, "desnecessário" aqui contrapondo-se à alegação de Harry S. Truman[2] de que o bombardeio foi necessário para que se pusesse fim à guerra, poupando dessa forma milhares de vidas humanas. Além do cenário político que claramente já anunciava o fim da guerra, tornara-se evidente que o duplo ataque

[2] Presidente norte-americano que ocupava o cargo em 1945 e que ratificou a decisão de seu antecessor, Franklin Delano Roosevelt, para que o ataque atômico às cidades japonesas fosse realizado.

nuclear contradiz a alegação de um possível interesse na preservação da vida, uma vez que tais ataques exterminaram, em segundos, milhares de pessoas, condenando outras milhares aos efeitos da radiação que perdurariam por décadas e afetariam ainda as gerações seguintes.

Esse estudo histórico, acompanhado da análise dos discursos contraditórios proferidos durante e após a guerra – desde o ingresso dos Estados Unidos no conflito após o ataque à Pearl Harbor em 1943 (ataque esse sofrido após a autorização de Roosevelt para a pesquisa e desenvolvimento das primeiras armas atômicas do mundo[3]), até o já mencionado discurso de Truman de que o bombardeio fora um ato que visava poupar vidas humanas – permitiram que muitos sobreviventes concluíssem que as cidades japonesas foram acometidas por um ato de dominação militar e política cuidadosamente planejado no contexto de guerra.

O ato político visava, entre outros fins, a privilégios políticos e econômicos no mundo pós-guerra: impor a supremacia norte-americana sobre o mundo ocidental, impedir a ocupação do Japão pela União Soviética de Stálin, contendo o avanço socialista no sudeste asiático e, do ponto de vista científico, conduzir pesquisas sobre o potencial destrutivo da nova arma e seus efeitos radioativos no organismo humano, uma vez que, por meio da ocupação do território japonês, teriam à sua disposição milhares de cobaias humanas.

Dessa forma, a dissertação de mestrado seguiu o roteiro traçado e percorrido por um grande número de sobreviventes, que buscaram na história política e em suas biografias alguma representação que os auxiliassem na compreensão do evento que testemunharam. No espaço daquela pesquisa, após essa retomada histórica-política e científica, foi ainda realizada uma primeira análise dessas memórias, com a intenção de estudar o fenômeno psíquico do trauma e seus efeitos nos e para os sobreviventes.

Essa primeira análise foi realizada com base, entre outros, nas obras de Sigmund Freud, Primo Levi, Shoshana Felman, Cathy Caruth e Márcio Seligmann-Silva, as quais, por meio dos relatos de sobreviventes da Shoah e com base na teoria freudiana do trauma, assumiram o evento traumático como aquele impossível de ser representado psiquicamente. Tal teoria encontrou grande suporte nos testemunhos de *hibakushas* que relatam com grande incômodo uma sensação de "anestesiamento" no momento de

[3] Esse tema foi desenvolvido na dissertação de mestrado *Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas*.

encontro com o evento que lhes causou horror, uma paralização em suas capacidades de pensar e sentir ao se depararem com uma cena jamais vista ou imaginada, segundo muitas descrições, a imagem que concebem do inferno.

Afirmam ainda que em um primeiro momento foram tomados por muitas perguntas, por uma sensação sufocante de confusão, um estado de susto, que não encontrava meios de evasão e latejava em suas mentes e corpos, mas que estranhamente e repentinamente, foram suspensos não permitindo que respondessem – em suas palavras – "adequadamente" à situação de morte que os rodeava: pararam de sentir medo, tristeza, preocupação, perderam a capacidade de chorar ou mesmo de chocar-se com as cenas que se aproximavam mais de um pesadelo do que de uma possível realidade. Como resultado, esses momentos sinistros foram posteriormente interpretados de modo a atribuir-lhes um sentido desmoralizante, não como uma forma de proteção psíquica, mas como uma incapacidade de sentir empatia, uma resposta inadequada que os fizeram ficar em falta com aqueles que estavam morrendo ao seu arredor, interpretação essa que serviu como fonte de sentimentos de culpa e vergonha.

Ao longo da pesquisa de mestrado, a sensação de "anestesiamento" foi enfrentada por meio da leitura de *Mais além do princípio do prazer* (1920/2010), no qual Freud afirma que quando um evento capaz de superar a psique a surpreende, os mecanismos de defesa suspendem todas as atividades secundárias – dentre as quais estão a capacidade de pensar e sentir – para concentrarem suas energias na preservação do Eu, buscando enfrentar o evento excessivo que a golpeou. Esse mecanismo de ataque e contra-ataque estaria na etiologia do trauma e seria o responsável pela sensação de paralização vivenciada e relatada pelos *hibakushas*.

O evento traumático, portanto, é aquele que não apenas "anestesiou" e superou, mas aquele que permanecerá eternamente como um corpo estranho na psique do sobrevivente, impossível de ser completamente apreendido por ele e, por isso, segundo Caruth, Felman, Selligmann-Silva, impossibilitado de ser devidamente posto em palavras ou comunicado por meio de outras formas de linguagem. Para essas autoras e para esse autor algo de muito valioso entre a experiência vivenciada e a sua descrição encontra-se perdido: a essência daquilo que se deseja transmitir e para a qual o sobrevivente enfrenta a difícil tarefa de falar sobre a violência que o atravessou. Ao verbalizar sua experiência, o sobrevivente é tomado por um sentimento de distanciamento, notando um grande abismo entre o que precisa e deseja contar e o que de fato conta. Clarice Lispector (2014) aponta bem esse limite da linguagem quando

afirma que falar sobre uma experiência difícil demanda, além de muita coragem, a necessidade de se haver com a pobreza imposta pela coisa verbalizada: “Mal a direi, e terei que acrescentar: não é isso, não é isso!” (LISPECTOR, 2014, p. 188).

Na pesquisa de mestrado, a irrepresentabilidade traumática nos testemunhos de *hibakushas* foi apresentada por meio do nítido incômodo que muitos depoentes expressaram através dos movimentos de seus corpos, gestos, expressões e silêncios ao tentarem falar sobre algo de difícil tradução, evidenciando uma luta entre a busca pelas exatas palavras e a precariedade da linguagem oral. Esses elementos auxiliaram no estabelecimento de uma relação de identificação e empatia entre testemunha e ouvinte, o qual acompanhou o relato proferido pelo depoente não apenas através daquilo que foi vociferado, mas também através daquilo que foi observado e sentido que, no todo, transmitiram uma realidade inquietante habitada pelo sobrevivente.

No caso da experiência traumática, não possuir representação não significa apenas estar impedida de ser devidamente compartilhada, mas mais fundamentalmente, significa estar impedida de ser elaborada, condenando o sobrevivente a viver e reviver eternamente e solitariamente a cena de sofrimento. Essa repetição, com base na teoria da dualidade pulsional de Freud (1920/2010), busca metabolizar o evento traumatizante, impondo ao indivíduo que esse reviva a cena de horror substituindo o elemento da surpresa pela angústia, que anuncia a aproximação de uma força cujo potencial traumático é suspeito e, ao mesmo tempo, visa “terminar” a tarefa que o evento original não pôde concluir.

A passagem da pesquisa de mestrado para esta de doutorado se fez por meio de uma mudança de enquadre e de método, tendo como base os trabalhos de Jean Laplanche, John Fletcher, Stephen Frosh, Ecléa Bosi e José Moura Gonçalves Filho. O estudo das obras desses autores e dessa autora permitiram uma nova perspectiva para a análise de memórias de *hibakushas*: o trauma não é mais concebido como aquele impossibilitado de encontrar representações que permitam a sua devida elaboração, mas aquele cujas representações encontram-se fragmentadas e, por isso, pedem um demasiado trabalho de ligação e tradução, como um espelho que se estilhaçou em milhares de cacos e em cada um encontra a possibilidade de uma representação, as quais juntas vão aproximando o indivíduo de uma possível compreensão do evento que lhe superou.

Esse trabalho de sucessivas traduções é realizado com o auxílio da angústia que, como mencionado, nas repetições posteriores da cena traumática, emerge no lugar do

elemento surpresa que determinou a etiologia do trauma, anunciando ao indivíduo que algo fora de seu campo de visão e consciência – nas palavras de Frosh (2006), um fantasma – ronda-o, buscando reconhecimento para que possa, enfim, descansar.

A mudança metodológica sinalizou não apenas um importante passo rumo à compreensão dos sentimentos de trauma, culpa e vergonha presentes nos relatos de sobreviventes do bombardeio atômico de Hiroshima, mas auxiliou também no esclarecimento do objetivo desta pesquisa.

A trajetória histórico-política realizada ao longo da pesquisa de mestrado, beneficiada pelo estudo de teorias da memória em Psicologia Social e pelas lições psicanalíticas sobre o trauma, suprimiram parcialmente o sentimento de vergonha gerado naquele primeiro contato com Obayashi. Porém, ao entrevistar alguns sobreviventes que residem na cidade de São Paulo, cujos relatos além de evocarem suas experiências do dia do bombardeio trazem o posterior e difícil processo de imigração para Brasil, fui novamente tomada por um forte constrangimento. Desta vez, a vergonha não surgia por eu desconhecer parte da história dos meus antepassados, mas por desconhecer parte da minha própria história, por não saber o motivo pelo qual meus avós decidiram vir para o Brasil. Para responder a esse novo constrangimento, tracei as biografias dos meus avós maternos desde a Segunda Guerra Mundial até a chegada dos mesmos ao Brasil.

Meu avô materno era chinês e perdeu o seu pai nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial. Teve uma infância de fome e privações, mas conseguiu realizar seu sonho de ser cozinheiro, tendo alcançado o cargo de *chef* e sido considerado um dos três melhores cozinheiros da região onde morava na China. Porém, foi convocado para a Segunda Guerra Mundial. Não falava sobre suas experiências da guerra e a única memória que compartilhava desse período era aquela de quando foi salvo por uma mariposa. Contava que seu batalhão havia sido intensamente atacado e, como consequência, ele foi gravemente ferido, tendo perdido a consciência e desmaiado por muitas horas. Foi deixado para trás, dado como morto. Acordou cercado de corpos, um grande silêncio e uma forte sensação de confusão, exatamente como relatam os *hibakushas* ao despertarem após a explosão. Começou a caminhar e se viu em uma espécie de floresta muito fechada; temia morrer de fome e de sede. Conforme caminhava, sentia que não saía do lugar, porque para todos os lados tudo parecia igual.

Uma mariposa aproximou-se e começou a voar perto dele. Voava para uma direção e retornava, como se pedisse para que ele a seguisse. Decidiu deixá-la indicar

o caminho com a esperança de que eventualmente ela o conduzisse para algum lugar com água potável e comida. Seguiu a mariposa durante um longo percurso; contava que toda vez que a perdia de vista, ela voltava para buscá-lo. Após quase um dia de caminhada, a mariposa o havia conduzido de volta para o acampamento onde estava o seu batalhão.

Concluiu que a alma de seu pai veio lhe salvar na forma de uma mariposa, pois tendo morrido na Primeira Guerra, desejava que o filho sobrevivesse à Segunda e não tivesse o mesmo fim que ele. A lembrança me fez compreender o motivo pelo qual, em nossa família, é proibido perturbar, espantar ou matar mariposas. Imaginava que se tratava de algum tipo de superstição, mas após ouvir essa história, compreendi que não apenas meu avô acreditava que seu pai havia retornado na forma de uma mariposa, mas minha mãe também acreditava que seu pai olhava por ela e vinha visitar nossa família em forma de mariposa.

Minha avó materna era japonesa, nascida em 1921, a segunda filha de seis irmãos homens. Na época, a família passava por grandes privações e, por isso, decidiram "doar" um ou mais filhos para parentes, especialmente para uma irmã mais velha do pai que possuía terras, negócios próprios, e não tinha filhos. Minha avó foi doada quando tinha seis anos de idade. Desde muito pequena, ela havia sido ensinada que precisava ajudar de alguma forma sua família, e não protestou ao ser levada de casa. Ao que tudo indica, ela teve sorte, pois a tia não a deixava passar fome, apesar de tratá-la como uma serviçal e não permitir que ela estudasse. Quando tinha 17 anos, quis investir nos estudos e, diante da proibição da tia, decidiu sair de casa e ir morar sozinha em Tóquio, onde passou a trabalhar pela manhã e estudar à noite. Obteve um certificado de atendente de enfermagem e começou a dar plantão no hospital, tendo seguido com os estudos para tornar-se professora.

Quando a Segunda Guerra começou, minha avó já estava trabalhando como professora em uma escola primária no centro de Tóquio. Como muitos colegas homens haviam sido convocados e tiveram que partir, suas salas ficaram muito numerosas e, como consequência, um grande número de crianças estavam sob a sua responsabilidade, ou seja, em momentos de bombardeio ela precisava levar todos os alunos para os abrigos e, quando havia feridos pelo caminho, usava sua experiência adquirida como atendente de enfermagem para ajudá-los. Ela também não falava sobre suas experiências da guerra.

Meus avós se conheceram durante a ocupação do Japão pelas forças Aliadas. Anos depois, minha mãe nasceu. Porém, por ser filha de pai chinês, não pôde ser registrada no Japão, e até hoje em sua certidão de nascimento consta como filha de mãe solteira. Por esse motivo, e pelo forte preconceito que enfrentavam, decidiram vir para o Brasil, já que muitos japoneses rumavam para cá. Vieram, mas a adaptação foi difícil. Assim como relatam os *hibakushas* que residem aqui, além das questões ligadas aos traumas de guerra enfrentaram os problemas da imigração.

As grandes dificuldades financeiras no Brasil impuseram fome e outras privações à família, que naquele momento era composta não mais por apenas uma, mas três crianças pequenas. Meu avô, então, decidiu seguir para os Estados Unidos onde tinha alguns amigos chineses que lutaram com ele na guerra e que por serem veteranos recebiam uma pensão do governo. Decidiu partir e enviar a pensão que recebesse para ajudar com as despesas de aluguel e comida. Minha mãe tinha oito anos e seus irmãos mais novos, brasileiros, tinham seis e quatro. Foi uma das últimas vezes que viram o pai. Apesar de ele ter vivido ainda por muitos anos, não conseguia manter um contato muito próximo com a família. Minha avó permaneceu no Brasil por mais 10 anos, trabalhando como professora de japonês e dando aulas para as crianças filhas de imigrantes japoneses. Mas quando minha mãe fez 18 anos, minha avó decidiu voltar para o Japão, onde conseguiria um emprego melhor e, com isso, poderia enviar um pouco mais de dinheiro para que os filhos pudessem ter alguma chance de ingressarem na universidade[4].

Quando o caçula se formou, pediram à minha avó que se aposentasse e viesse para o Brasil, pois queriam enfim cuidar dela durante sua velhice. Ela retornou e morreu aqui, ao lado dos filhos. Apesar dos poucos anos em que tive contato com ela, lembro-me que até o final de sua vida ela acendia velas diariamente para sua mãe e para meu avô, que morreu alguns anos antes dela.

Essa breve retomada da minha própria história trouxe dois sentimentos que são também objeto de análise desta pesquisa de doutorado: culpa e vergonha. Culpa de ter consciência da rejeição que nitidamente manifestei em relação à minha avó materna no período em que convivemos. Ela chegou do Japão quando eu tinha oito anos e faleceu quando eu tinha 18, intervalo de tempo em que rejeitei minhas raízes japonesas. Esse

[4] Minha mãe ingressou no curso de psicologia da USP, sua irmã ingressou no curso de psicologia da PUC-SP e o caçula foi aprovado no curso de engenharia aeronáutica do ITA.

desejo de não ter relações com a herança nipônica impediu que eu mantivesse qualquer contato mais próximo com minha avó, tornando minha relação com ela muito distante e superficial, o que hoje me traz um forte sentimento de arrependimento e vergonha.

Culpa e vergonha por não ter conseguido, naquele momento, manejar as duas culturas que me atravessam, necessitado afastar-me de uma delas, rejeitando-a com raiva e rancor; culpa e vergonha por me irritar com o fato de que minha avó só conseguia falar em um idioma, o japonês, o qual eu não compreendia e nem desejava compreender; por tantas vezes ter perdido a paciência com ela quando ela tentava me contar algo, virando-lhe as costas sem ouvi-la; por ela ter morrido calada, sem ter tido a oportunidade de contar sua história, transmitir suas memórias e experiências de dor, sofrimento, alegria; por acreditar que, após uma vida de luta, ela deveria morrer envolvida no amor da família pela qual ela havia se sacrificado por muitos anos, se não, por quase toda a vida.

A investigação dos paradoxos trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra nesta pesquisa de doutorado conduziu a uma maior compreensão das memórias dos sobreviventes do bombardeio atômico de Hiroshima e, por meio desse estudo, também das minhas próprias memórias acerca dos sofrimentos da guerra, permitindo-me identificar alguns dos fantasmas que assombram minha família há gerações e que, ao serem reconhecidos, não apenas puderam descansar em paz, mas também tornaram-se presenças benevolentes.

Capítulo 1
Hibakushas e suas memórias

O início da pesquisa de mestrado, intitulada *Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas*, foi marcado pela grande dificuldade em obter acesso às memórias dos sobreviventes do bombardeio nuclear, dificuldade essa superada por meio de uma pesquisa de campo na cidade de Hiroshima durante o mês de junho de 2010, realizada majoritariamente no Parque Memorial da Paz de Hiroshima e em suas importantes instalações, entre as quais três se destacam:

1) O Domo da Bomba Atômica (antigo *Hiroshima Prefectural Industrial Promotion Hall*)

Entre 1915 e 1945, esse foi um dos principais edifícios comerciais da cidade de Hiroshima. Localizado a 160 metros de distância do hipocentro[5], sua estrutura permaneceu parcialmente em pé, tendo sido um dos poucos prédios no centro de Hiroshima que não foi totalmente derrubado pela onda de pressão e choque produzida pela explosão nuclear ou destruído completamente pelos incêndios posteriores. O prédio em ruínas foi alvo de grandes debates no contexto da reconstrução da cidade no período pós-guerra. Uma parcela da população desejava sua demolição total, pois apesar de ainda estar em pé, sua estrutura havia ficado muito comprometida pelo bombardeio. Desse modo, seria necessário um grande esforço de preservação para mantê-lo, principalmente em termos financeiros, o que ainda assim não garantiria que as estruturas pudessem resistir por muito tempo. Além desses argumentos, aqueles que advogavam pela demolição do Domo afirmavam ainda que o edifício, da forma em que se encontrava, suscitava e continuaria a suscitar no futuro intensas memórias de dor e sofrimento, obrigando os sobreviventes e a população de Hiroshima e do Japão a lembrarem constantemente da tragédia que marcou a cidade. Ou seja, na opinião desse grupo, a preservação daquele edifício em ruínas configuraria um ato de crueldade para com aqueles que sobreviveram e que, através do referido prédio, não poderiam vir a esquecer.

[5] Hipocentro é o ponto no qual a bomba atômica explodiu (a aproximadamente 600 metros do solo). Epicentro é sua respectiva projeção no solo.

Porém, muito outros, incluindo um grande número de *hibakushas* e seus familiares, opuseram-se a esse argumento sobre o esquecimento, tendo a consciência de que o evento que testemunharam jamais poderia ser esquecido por eles, com ou sem a existência física do Domo. Enfatizaram ainda que não apenas seriam incapazes de apagar de suas memórias as imagens do dia da explosão, mas mesmo que tivessem essa oportunidade, não o fariam. Isso porque acreditavam que seria por meio dessas lembranças de dor que a militância e a luta pela paz e pelo desarmamento nuclear ganhariam força.

Ressaltaram que a presença do edifício traria uma oportunidade para que suas memórias pudessem ser socializadas, ou seja, compartilhadas de forma mais ampla no espaço social, e com aqueles que não testemunharam a cidade devastada e em chamas logo após o ataque atômico. Isso poderia contribuir para evitar o esquecimento por parte daqueles que não vivenciaram um "verdadeiro inferno na Terra" – como muitos *hibakushas* descrevem o dia da explosão – os quais teriam mais dificuldade em desviar o olhar e alegar não haver provas para uma das grandes tragédias que marcou a história da humanidade. Nesse contexto, afirmavam que preservação do prédio levaria a uma rememoração do sofrimento que tomou a cidade no final da Segunda Guerra Mundial.

A cidade de Hiroshima decidiu manter o monumento, o qual foi incluído pela UNESCO à lista de Patrimônio Mundial em 1996 (HIROSHIMA INTERPRETERS FOR PEACE, 2005). Porém, é sabido que apesar das muitas ações de preservação que recebe, o prédio um dia cairá, já que suas estruturas foram muito prejudicadas pelo bombardeio. Mas enquanto permanecer em pé, simbolizará não apenas a destruição e o sofrimento produzidos pelas guerras, mas também um apelo e a esperança pela paz.

2) O Museu Memorial da Paz de Hiroshima

O Museu Memorial da Paz de Hiroshima abriga uma exposição permanente que é dividida em três principais seções. A primeira seção conta detalhadamente a história da cidade e de sua população antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial, trazendo também informações sobre as características geográficas que, em conjunto com sua função militar, fizeram de Hiroshima o principal alvo para o primeiro ataque nuclear da história.

A segunda seção do museu traz documentos e painéis explicativos que descrevem a idealização, o desenvolvimento e o funcionamento das primeiras bombas atômicas criadas pelo Projeto Manhattan durante os anos de 1943 e 1945, incluindo a

carta que o cientista Albert Einstein enviou ao então presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt, solicitando a aprovação do projeto ultrassecreto para a criação das armas mais poderosas do mundo. Esse projeto foi idealizado como uma resposta ao medo e à equivocada suposição de Einstein, de Leo Szilard e de outros importantes cientistas que se encontravam refugiados nos Estados Unidos, tendo em vista ao avanço do nacional-socialismo na Europa, de que a Alemanha Nazista estaria investindo em um projeto semelhante.[6] Após a vitória sobre a Europa e a constatação de que a Alemanha não havia desenvolvido armas nucleares, esses mesmos cientistas alegaram que a criação das bombas era uma forma de defesa contra a máquina de morte de Hitler, e não um instrumento de dominação para o país que acolhera o projeto.

A terceira seção do museu, cujo acervo é de grande relevância para esta pesquisa de doutorado, é composta por maquetes, artefatos encontrados na cidade em ruínas, fotos e objetos que pertenceram às vítimas, todos acompanhados por uma breve descrição de sua importância para o memorial. Há ainda explicações sobre os efeitos da radiação liberada pela bomba de urânio, os primeiros sintomas manifestados pela população atingida, a dificuldade dos médicos de encontrarem a causa do adoecimento dos milhares de feridos logo após o bombardeio, e os prejuízos advindos da contaminação radioativa que acometem os sobreviventes e seus descendentes até os dias de hoje. Essa seção provoca uma forte identificação entre aqueles que estavam na cidade no dia da explosão e os visitantes do museu, que ficam emocionados quando a história que acompanharam desde a primeira seção da exposição encontra um desfecho não em vítimas anônimas, sem rostos, mas em pequenas biografias expostas juntamente com fotografias, cartas, ou mesmo com objetos triviais, os quais estão presentes em muitas casas ao redor do mundo: uma chaleira, uma garrafa de água, um copo, um relógio, uma lancheira; objetos que evidenciam a condição humana das vítimas, e que dessa forma impõe uma aproximação singular entre elas e os visitantes, intimando-os a refletir sobre o fato de que a tragédia que devastou Hiroshima poderia ter devastado qualquer outra cidade no mundo.

Ao longo dessa seção, por exemplo, o visitante se depara com uma lancheira infantil de cor prata, aberta, com o conteúdo todo preto. Ao ler a breve descrição, ele é confrontado pelo sofrimento de uma mãe que após a explosão da bomba atômica passou

[6] A origem do Projeto Manhattan foi descrita detalhadamente na dissertação de mestrado *Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas*.

a procurar pelo seu filho, fazendo e refazendo o caminho de casa até a escola. Em determinado momento percebeu que jamais o encontraria com vida, que jamais acharia seu corpo, não poderia enterra-lo ou crema-lo, pois em sua busca encontrou essa lancheira, cujo conteúdo ela mesma havia preparado naquela manhã do dia 6 de agosto de 1945 e colocado na bolsa de seu filho quando ele saía de casa rumo à escola para mais um dia de trabalho.[7] A lancheira estava aparentemente intacta por fora, apenas um pouco amassada, mas ao ser aberta, revelou que seu conteúdo estava completamente carbonizado. Os corpos dos sobreviventes foram afetados semelhantemente pela radiação. Muitos indivíduos que pareciam não apresentar muitos ferimentos externos e, por isso, ajudaram ativamente nos resgates, morreram inexplicavelmente poucos dias depois da explosão. Ou seja, os efeitos da radiação em muitos casos agiu silenciosamente no corpo das vítimas, corroendo-lhes completamente por dentro e levando-os inevitavelmente à morte.

Aqueles que visitam essa seção são também confrontados por um estranho pedaço de concreto que se encontra no centro da exposição. Nitidamente, trata-se de um pedaço de uma escada marcada por uma grande mancha circular escura. A descrição daquele objeto trivial confere ao mesmo uma propriedade sinistra: trata-se dos degraus da escadaria de um banco localizado no centro de Hiroshima, a poucos metros do epicentro, onde estava sentada uma pessoa que foi diretamente atingida pela onda de choque e de calor e que, portanto, teve seu corpo desintegrado instantaneamente, deixando para trás apenas uma mancha sobre o concreto. De acordo com Frosh (2006), esses vestígios fazem com que os visitantes saiam do museu acompanhados dos milhares de fantasmas que habitam Hiroshima, aqueles cujos corpos desapareceram subitamente no momento da explosão, mas que inquietantemente, ainda rondam a humanidade em busca de reconhecimento, justiça e paz.

3) O Salão Memorial Nacional da Paz de Hiroshima para as Vítimas da Bomba Atômica

Inaugurado em 2002, o Salão Memorial possui um grande arquivo de testemunhos de sobreviventes do bombardeio atômico de Hiroshima. Com a intenção

[7] Durante o período da guerra, por tratar-se de uma cidade que possuía instalações militares, os jovens que moravam em Hiroshima tiveram suas aulas suspensas para realizar trabalhos compulsórios, chamados de "esforços de guerra", os quais envolviam, por exemplo, a demolição de construções por vários pontos da cidade para impedir o alastramento de incêndios em situações de bombardeio (as chamadas "barreiras contra o fogo"), o trabalho em fábricas de munições, a realização de atividades que mantinham o funcionamento da cidade, entre outros. Esse tópico foi abordado com mais detalhes na dissertação de mestrado *Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas*.

de preservar essas memórias para as futuras gerações, a instituição realizou campanhas solicitando aos *hibakushas* que registrassem suas experiências do dia da explosão para comporem o arquivo do memorial. Receosos de que a tragédia de Hiroshima pudesse vir a ser esquecida, os sobreviventes buscaram compartilhar suas lembranças da forma como lhes foi possível: aqueles que puderam ir até o salão tiveram seus testemunhos gravados em vídeo, muitos enviaram suas memórias por escrito, e outros enviaram desenhos que narram determinada cena que lhes marcou. Foi nesse local em que ocorreu a maior parte da coleta do material para a pesquisa de mestrado.

***

Além do estudo de testemunhos em seus contextos histórico-político, a pesquisa de campo realizada no âmbito da pesquisa de mestrado também permitiu conhecer o grupo de voluntários da paz[8], entrevistar os responsáveis pela organização da exposição permanente do Museu Memorial da Paz de Hiroshima, estudar as obras disponíveis na biblioteca dessa instituição, conhecer o trabalho da Divisão Internacional do memorial[9], ler e ouvir aproximadamente duzentos depoimentos coletados pelo Salão Memorial Nacional da Paz de Hiroshima para as Vítimas da Bomba Atômica, entrevistar os responsáveis pela coleta desses testemunhos na instituição e, por fim, conhecer, ouvir e coletar pessoalmente os testemunhos de seis sobreviventes.

Esses encontros com *hibakushas* e a escuta de suas histórias evidenciou, como já mencionado, que suas memórias do dia da explosão estavam intimamente entrelaçadas com suas posteriores compreensões do que foi o evento atômico. Relatam que após o bombardeio seguiu-se um período difícil, caraterizado pela censura de informações imposta pela ocupação do Japão pelos Estados Unidos. Os sobreviventes afirmam terem sido estudados pelos médicos e cientistas norte-americanos, que ao contrário de oferecerem algum alívio para os sintomas provocados pela radiação, ou para as dores físicas decorrentes das queimaduras e dos traumas mecânicos, acompanharam atentamente o progresso do efeito da radiação em seus corpos, fotografaram-los, estudaram cuidadosamente os laudos das autópsias daqueles que

[8] Os voluntários da paz são estudiosos do bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki que trabalham no memorial como guias tanto da exposição permanente do museu quanto das instalações que compõem o Parque Memorial da Paz de Hiroshima. Parte dessa equipe é composta por sobreviventes e por familiares de sobreviventes do bombardeio atômico.

[9] A Divisão Internacional do memorial é o setor responsável pelas relações entre o Museu Memorial da Paz de Hiroshima e outras instituições ao redor do mundo. Ela promove exposições itinerantes e realiza empréstimos de artefatos que integram a exposição permanente do museu para exibições temporárias no exterior, entre outras atividades.

morriam. Ou seja, os sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki foram tratados como cobaias humanas.[10]

Mesmo sob forte censura e até mesmo impulsionados por ela – a qual impôs um domínio e uma objetificação sobre seus corpos –, muitos *hibakushas* conseguiram fazer um resgate de suas histórias no contexto da guerra e, aos poucos, foram reunindo informações sobre a arma utilizada em Hiroshima. Porém, ao contrário de suas crenças de que o sentimento de ansiedade que os tomara desde o dia da explosão poderia ser enfrentado por meio de informações que os auxiliassem a refletir sobre o que lhes acometeu, o estudo que conduziram intensificou exponencialmente suas angústias, produzindo mais questões do que respostas.

Se a guerra já estava no fim e o Japão encontrava-se praticamente derrotado, por que então devastar completamente duas cidades? Tendo em vista a complexidade do Projeto Manhattan e os esforços financeiros, científicos e humanos que demandou do governo e da população norte-americana para que as bombas ficassem prontas ainda durante a guerra, seria possível concluir que a decisão de usar a nova arma contra a Alemanha ou o Japão já havia sido tomada em 1943[11]? Nesse contexto, seu uso, como justificado por Truman, teve a intenção de encurtar a guerra e poupar vidas humanas, ou teve como finalidade impor a hegemonia militar dos Estados Unidos no período do pós-guerra? A decisão de usar a bomba nuclear naquele momento teria sido guiada também pela certeza de que o governo norte-americano, por estar entre os vencedores do conflito, não seria julgado por crime de guerra e ainda teria a oportunidade de testar os efeitos destrutivos e radioativos da nova arma?

Como compreender que o horror que os *hibakushas* vivenciaram no dia da explosão não foi apenas planejado e desejado, mas enquanto muitos cidadãos de Hiroshima e Nagasaki estavam morrendo em decorrência dos ferimentos, das queimaduras e da radiação, foi celebrado? Como compreender que aquelas mortes brutais de milhares de homens, mulheres, crianças e idosos não foi o resultado de um desastre da natureza na forma de um terremoto, um tsunami ou a erupção de um vulcão, mas o resultado de um minucioso e complexo trabalho idealizado e executado pelo homem com o objetivo de matar, em um só golpe, milhares de pessoas?

---

[10] Esse assunto foi abordado na dissertação de mestrado *Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas*. Como foi assinalado naquele trabalho, houve muitos médicos e cidadãos norte-americanos que, horrorizados com a nova arma, buscaram formas de ajudar os sobreviventes.

[11] O Projeto Manhattan foi extensivamente descrito na dissertação de mestrado *Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas*.

A consciência de que o poder opressor da arma encontra-se no número assustador de mortes que é capaz de causar em apenas segundos é mais um elemento que causa estranheza e objetifica a vida do sobrevivente, que passa a perceber que a terrível experiência que lhe foi imposta só ocorreu porque seus inimigos de guerra não o percebiam como um indivíduo singular, cuja vida deveria ser preservada. Politicamente, sua vida naquele momento era o que Butler (2017) denomina de uma vida não passível de luto, cuja morte não seria lamentada por seus agressores; a morte seria anonimamente representada por um número a ser somado às estatísticas que conferem poder à bomba.

Dessa forma, o contato com as memórias dos *hibakushas* demonstra que as perguntas que os assombram não foram inteiramente respondidas, porque as respostas que aparentemente satisfazem vêm invariavelmente acompanhadas de outras questões ainda mais complexas, de modo que algo sempre parece lhes escapar, deixando-os com a sensação de que o bombardeio lhes impôs um enigma que se fará eternamente presente. Entretanto, para que esse enigma seja desvendado, é necessário apreender e traduzir justamente o elemento que parece sempre escapar ao sobrevivente, elemento esse que diz respeito ao trauma psíquico.

Essas questões provenientes do enigma imposto pelo evento traumático buscam apontar um sentido para a experiência que superou o sobrevivente que, segundo Gonçalves Filho[12], ao tentar dar conta da ansiedade gerada pelas perguntas, é levado a respondê-las de forma superficial e simples, buscando suprimir o enigma sem de fato solucioná-lo. Porém, como não devidamente respondido, o enigma rejeita as explicações "fáceis" e, consequentemente, continua a assombrar o *hibakusha* por meio da angústia, que sinaliza que no inconsciente jazem conteúdos que foram silenciados, mas que, de alguma forma, desejam ser reconhecidos.

Entretanto, esse reconhecimento só poderá ser atingido se o evento traumático puder ser deslocado do espaço individual para a esfera social. Como afirma Gonçalves Filho, a tradução de enigmas impostos por atos de dominação, como no caso do bombardeio nuclear, só pode ser alcançada se o evento for pensado em seus aspectos histórico-políticos, no qual o sobrevivente é atingido pelo golpe de dominação como um representante de um grupo para quem a agressão é direcionada. Porém, a

[12] Conteúdo retirado das aulas ministradas pelo Prof. Dr. José Moura Gonçalves Filho de agosto a novembro de 2017 no IP/USP, no âmbito do curso de pós-graduação *Humilhação social: alguns elementos para o exame psicológico de um sofrimento político*.

compreensão por parte do sobrevivente de que a agressão não o tinha como alvo particular não ameniza o seu sofrimento, o qual se mostra impregnado nas memórias de seus familiares e amigos sendo engolidos por uma Hiroshima completamente destruída e em chamas, imagens cujo afeto não permite, em um primeiro momento, que a experiência seja vivida de outra forma a não ser como uma agressão extremamente pessoal, intensificada pelos queloides, cicatrizes e pelos efeitos da radiação que marcam seus corpos, tornando o ataque nuclear um evento muito enigmático. E é nesse contexto que a angústia que acomete os *hibakushas* traz consigo questões cada vez mais complexas e fadadas a não serem suficientemente respondidas, condenando o sobrevivente a um eterno trabalho de tradução do enigma da bomba.

A busca constante por respostas é apontada por Yoshinori Obayashi[13], sobrevivente do bombardeio da cidade de Hiroshima:

> Bem, agora, já estou velho e durante esse tempo todo li livros, coisas da época da guerra, a parte histórica. Eu sempre tenho estudado sobre esse assunto. Não só em relação à bomba, mas em relação à própria guerra, as condições e circunstâncias da época, e vou tendo uma noção e conhecimentos a respeito.

[13] Sobrevivente entrevistado pela pesquisadora no Museu Memorial da Paz de Hiroshima em julho de 2010.

Capítulo 2

Trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra

Novamente, o percurso histórico-político mencionado por Obayashi e realizado por muitos *hibakushas* foi também realizado pela pesquisadora durante o trabalho de mestrado, o qual se mostrou de fundamental importância na contextualização dos testemunhos estudados. Entre outras, foram utilizadas as obras de Eric Hobsbawm, Richard Rhodes, Denise Kiernan, Gordon Thomas e Max Morgan Witts. Essas referências bibliográficas possibilitaram uma compreensão da tragédia atômica em seu contexto de guerra, compreensão essa necessária para que os testemunhos das vítimas do ataque nuclear pudessem, então, ser analisados por meio de articulações com a psicanálise freudiana, principalmente no que diz respeito ao conceito de trauma.

Essa primeira análise de memórias trouxe um tema que, mais assinalado do que suficientemente discutido durante a pesquisa de mestrado, foi agora no âmbito dessa pesquisa de doutorado enfrentado minuciosamente: a relação existente entre o trauma e dois fenômenos psicológicos recorrentes nos relatos de *hibakushas* e semiologicamente marcantes: a culpa e a vergonha.

O que diremos em seguida servirá como apresentação dos conceitos comuns de culpa e vergonha. Em seguida, no ambiente da psicanálise de Jean Laplanche, apontaremos tratar-se de sentimentos de angústia, e que há justificativas suficientes para não acompanhar interpretações onde culpa e vergonha são reduzidas a expressões de pulsão ou instinto de morte.

Culpa e vergonha, entre os *hibakushas*, são tentativas de decifrar o enigma da violência testemunhada, decifração que é ingrediente da cura dos sobreviventes. A cura depende não só de haver sobrevivido fisicamente: supõe sobrevivência psíquica. O sentimento de culpa é corriqueiramente compreendido como a responsabilidade por danos ou faltas cometidas contra outrem. Em Psicologia, a culpa corresponde à penosa consciência dessa responsabilidade.

Primo Levi (2004) corrobora essa teoria quando afirma que a culpa dos sobreviventes dos campos de concentração vem acompanhada do questionamento sobre o motivo pelo qual se tornaram a exceção dentro de um sistema de assassinato em massa. Ele relembra que, nos anos que sucederam a sua libertação de Auschwitz, era constantemente atormentado pela dúvida acerca das decisões que tomou durante o seu

tempo de encarceramento: será que a árdua tentativa de sobreviver o fizera, de alguma forma, privilegiar sua vida em detrimento da de outras pessoas?

Como os *hibakushas*, os sobreviventes da *Shoah* passam a estudar o Holocausto após a guerra, na tentativa de dar forma às suas próprias experiências. Porém, também como os *hibakushas*, percebem que os enigmas que os perseguem não são facilmente decifrados, o que intensifica o sentimento de culpa, o qual não encontra meios de evasão, exigindo constantemente formas de reparação para possíveis danos que possam ter sido causados. Dessa forma, os sobreviventes passam a lutar pela preservação da memória dos que morreram, memórias essas que os assombram com a intenção de não serem relegadas ao esquecimento e à impunidade.

Entretanto, Levi (2004) afirma que essa busca por justiça não alivia a culpa que o toma, pois conclui que seu testemunho não é autêntico. Afirma que a verdadeira testemunha, nesse caso, não pode constituir-se por meio da exceção:

> Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os "Muselmann" (os fracos, os ineptos, os destinados à "seleção"), os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção. (LEVI, 2004, p. 72)

Isso exemplifica a consciência de culpa, em psicanálise, frequentemente tomada como consciência muito afastada dos verdadeiros disparadores desse sentimento: fala-se, nesse caso, de uma consciência agarrada a fatos que não são precisamente os fatos que efetivamente trouxeram o culpado para a penosa ruminação de suas faltas enganosas.

Os psicanalistas, mais de uma vez, tendem a opinar que a culpa, sentimento de gênese mais inconsciente do que consciente, levaria o culpado a estimar falsas origens para a sua angústia: aquilo que costuma alegar para a justificação de suas recriminações a respeito de si mesmo não acertaria com os verdadeiros fatores, e os fatores determinantes da culpa deveriam sempre ser encontrados no âmbito da vida sexual e da destrutividade do culpado. Essa forma de pensar costuma levar à invalidação desses sentimentos que, então, perdem sua necessidade de ser e de formar-se: o culpado, para atinar com o que verdadeiramente o coloca em culpa, deveria admitir que houve motivos internos, e não externos; tudo se passou por conta de suas motivações libidinais

ou agressivas. Assim sendo, ao invés de experimentar tal sentimento, deveria buscar uma reconciliação consciente com suas motivações genuínas e angustiadas. É de se acusar um viés subjetivista nessas soluções para o problema da culpa.

Inspirados por Jean Laplanche, buscaremos um exame psicanalítico diferente, no qual a objetividade do processo culposo não fique perdida. Em Laplanche, sentimentos de culpa ou vergonha são sentimentos de angústia. A angústia é o mais indeterminado dos afetos, pois é afeto que partiu de experiências que, enigmáticas, superaram muito nossa capacidade de compreendê-las, assimilá-las e, afinal, desprender-se delas. Experiências, por isso, traumáticas. Ou seja, assim concebida, a angústia liga-se à história objetiva do sujeito, liga-se a fatos ou acontecimentos maiores que o sujeito e que o vieram encontrar ou golpear. O angustiado, na tentativa de superar angústia, poderá então organizar-se como um culpado diante do dano ou da falta em que tomou parte (LAPLANCHE, 1998, 1988).

Essa angústia está presente em relatos de *hibakushas* que trazem cenas detalhadas de suas tentativas de socorrer familiares e/ou amigos que se encontravam soterrados nos escombros de suas casas ou de outras construções, as quais desabaram devido à força da explosão, em uma corrida contra o tempo tendo em vista a velocidade com que se aproximava o fogo causado pela explosão da bomba atômica. Os *hibakushas* recordam as palavras emanadas por entre os destroços, dizendo-lhes que aproveitassem que estavam livres e que corressem para bem longe dali. A decisão de fugir da morte trouxe como consequência a fixação da imagem – que se fez eterna – de familiares e/ou amigos sendo engolidos por uma Hiroshima em chamas, enquanto o sobrevivente, impotente, deixava tudo para trás para escapar do fogo que devastava a cidade.

Os sobreviventes, os angustiados de Hiroshima, na tentativa de superar a angústia, organizam-se como culpados. Isso não parece invalidar a simbolização ou a interpretação, mas também não parece um passo suficiente nessa direção. O culpado pode assumir responsabilidade desmedida ou distorcida: pode chamar para si, de forma demasiada, o horror de Hiroshima, como numa tentativa de responsabilizar-se pela solução de um mal que, tendo sido socialmente – e não individualmente – produzido, pede solução coletiva. Entretanto, é duvidoso que os sobreviventes da violência nuclear pudessem evitar pensar a catástrofe em termos de responsabilidade geral, grupal, e também pessoal. Vemos nos testemunhos dos *hibakushas* que não é desprovida de

fundamento a ideia de que participaram dos danos à Hiroshima e que cometeram faltas contra as vítimas.

É evidente que cada sobrevivente, individualmente tomado, não participou diretamente do lançamento da bomba. Também é evidente que as faltas cometidas no auxílio imediato das primeiras vítimas mortais são faltas compreensíveis, e não deveríamos ligá-las facilmente e sem mediações ao egoísmo e à perda de consideração pelos outros. Entretanto, há sinais de que os *hibakushas* viveram alguma ligação da bomba com a guerra em curso e, nessa medida, viveram alguma ligação entre a bomba e a participação dos japoneses na guerra. *Viveram*? Talvez o termo não seja adequado. O que queremos dizer é que o fato da bomba lançada liga-se objetivamente à guerra então em curso e à participação de todos os beligerantes, aí certamente incluídos os japoneses.

Assim sendo, eis o que decisivamente queremos sugerir e deveremos sustentar com esta pesquisa quanto aos sentimentos de culpa:

a) Há níveis de responsabilidade em jogo, necessariamente; responsabilidade envolvendo todos os japoneses e cada um deles, como aliás todos e cada um dos indivíduos que integravam as nações em conflito;
b) Os sobreviventes de Hiroshima que mais longe levaram o trabalho de digestão do trauma sofrido foram sentindo cada vez mais a necessidade de considerar o sentido político da guerra, suas motivações coletivas, a participação e os motivos da participação da nação japonesa no conflito, os sentidos históricos da guerra e da paz, como se fôssemos todos nós universal e particularmente responsáveis pela prática e pela significação de tudo isso;
c) Os *hibakushas*, quando levaram longe a sua memória e o seu pensamento acerca do desastre, valeram-se da mentalidade eminentemente japonesa no modo de lembrar e pensar o desastre atômico de Hiroshima. Ou seja, empregaram noções profundamente enraizadas em sentimentos culturais do mundo, capazes, à sua maneira, de revelar o mundo aos japoneses e a todos nós.

Em suma, o sentimento de culpa nos *hibakushas* é objetivamente justificado e, todavia, só alcançará um desdobramento saudável se levado bem longe e até o fim, até aquele ponto em que notamos que o desastre de Hiroshima propôs aos sobreviventes de Hiroshima problemas histórico-políticos, a exigência de soluções que são de todos e de

cada um, e, finalmente, um modo de elaboração cuja profundidade supõe recursos que o memorialista tira de si mesmo tanto quanto de sua cultura.

Realizamos um caminho semelhante sobre o tema da vergonha. A vergonha corriqueiramente sentida corresponde objetivamente a um fato desonroso. Mostra alguém que terá perdido altura humana, alguém em dívida com a humanidade nos outros ou nele mesmo. A vergonha é também o sentimento e a consciência dessa desonra. E outra vez importa notar ao menos dois aspectos: primeiro, a psicanálise muitas vezes colocou sob suspeita a autenticidade da vergonha, invalidando-a como tentativa disparatada ou equivocada de organizar o sentido de uma experiência traumática; segundo, a psicanálise tomou a vergonha como encobrimento da relação do sujeito com seus impulsos erótico-agressivos. Tudo se passaria como se impulsos subjetivos estivessem em causa, e não um acontecimento objetivo e enigmático; impulsos não admitidos com calma pelo sujeito foram sintomaticamente sentidos como vergonha e ligaram-se secundária e arbitrariamente a fatos biográficos ou históricos.

Aqui, novamente recorreremos a Jean Laplanche e à ideia de que a vergonha, assim como a culpa, é também um sentimento de angústia. Existe um acontecimento que põe razões objetivas para ser vivido como vergonhoso. Ao mesmo tempo, a ideia de vergonha esclarecerá precariamente o mal em jogo se, com sofreguidão e de modo superficial, ocorrer depressa demais a quem o sofreu ou praticou. Mas quando não é esse o caso, quando o sujeito cai num sentimento de desonra porque a situação vivida carrega ingredientes desonrosos e ele próprio tomou parte não honrada no acontecimento, a vergonha revelará um homem ou uma mulher dedicados a uma reconciliação honrosa com os outros, mortos e vivos, e consigo. E, mais uma vez, nessa operação conta muito a cultura (no caso, a cultura japonesa) suscitando um alto desenvolvimento do fato enigmático e angustiante.

A cultura, como também a mentalidade de um individuo, podem censurar ou travar o desenvolvimento afetivo-cognitivo de uma experiência. Mas nos depoimentos há sinais de que a cultura muitas vezes apoiou e fecundou o desenvolvimento do sentimento, como demonstra a fala do sobrevivente Obayashi:

> No começo, como morreram tantas pessoas, perguntava-me: por que nós sobrevivemos? E sentia culpa. Não culpa de ter feito algo errado, mas sentir-

> me mal por ter o que os outros não puderam ter. É o tal do *moushiwakenai*[14] do japonês, em relação aos que morreram. Não fiz nada de errado, por isso não é a culpa de um crime, mas eu estava aqui, e outros que também estavam aqui morreram. Por um pequeno detalhe, o destino foi diferente. Só o fato de ter sobrevivido é como se me sentisse constrangido. Mas, depois da guerra, tendo que cuidar da sobrevivência, não é que você esquece, mas não dava para ficar pensando nisso. E agora, penso que somos poucos sobreviventes, atualmente, e nós somos testemunhas oculares, que vivenciaram a experiência. E penso que temos que passar isso para as próximas gerações, contar para eles. Essa é a nossa obrigação. Ter que continuar contando essa experiência.

Nessa passagem, a palavra *moushiwakenai* remete a um sentimento cujo sentido para os japoneses tem origem na consciência grupal, uma vez que, na cultura nipônica, o grupo muitas vezes prepondera em relação ao indivíduo isolado. Nesse contexto, sentimentos como perdão e honra atuam como mediadores da vida em sociedade e acabam por representar os valores morais dos japoneses, valores que, quando não observados, despertam a angústia.

Moushiwakenai traduz a ferida na honra do indivíduo japonês, aquele que se sente constrangido por estar vivo quando grande parte daqueles que habitavam sua cidade morreram. Um constrangimento que não permite a vida honrosa já que, em alguma medida, sente-se responsável pela morte de outrem, seja porque não conseguiu prestar socorro aos feridos no dia da explosão, seja porque a cidade de Hiroshima era um grande centro militar durante a Segunda Guerra Mundial e, portanto, seus cidadãos estavam diretamente ligados ao que chamavam de "esforço de guerra". A vida sem honra, para os japonesas, não é digna de ser vivida. Por isso, há muitos casos de vítimas que, apesar de terem sobrevivido à explosão e à radiação, cometeram suicídio por não poderem viver na sobra da desonra.

Aqueles que puderam sobreviver a essas feridas encontram no perdão uma forma de prosseguirem. Um dos sobreviventes com quem a pesquisadora conversou no Parque Memorial da Paz de Hiroshima em 2010 afirmou que o desejo dos *hibakushas* é um desejo de paz. Pontuou que os *hibakushas* têm consciência de que o governo japonês fez uso ostensivo de suas forças armadas, causando muitas mortes em seu

[14] Sentimento que expressa algo como a falta de solidariedade, carregado pelo indivíduo em forma de constrangimento. Diz respeito a sentir-se mal por ter tomado para si algo que poderia ter sido dado para outra pessoa – no caso, a vida.

trajeto de expansão, tanto aos norte-americanos quanto aos coreanos, chineses e okinawanos, por exemplo.

Sendo assim, não cultivam sentimentos de vingança ou ódio pelo horror que a bomba atômica lhes causou no dia da explosão, nos dias posteriores e às gerações seguintes que ainda sofrem de doenças como o câncer. Sentem-se intimados a pensar nos seus papéis durante a guerra e nas vidas que tiraram direta ou indiretamente. Pedem perdão pelo mal que possam ter causado assim como perdoam aqueles que jogaram a bomba atômica sobre sua cidade. Essa é a mensagem que os sobreviventes dos bombardeios atômicos transmitem: desejam a paz e o fim dos conflitos armados, desejam o perdão daqueles que morreram para serem capazes de, em alguma medida, restaurarem a honra que lhes foi tirada ao sobreviverem. Porém, antes de chegarem a essa reconciliação, terão que passar pelos sentimentos de culpa e vergonha que, portanto, precisam ser analisados por meio de seus sinais da cultura japonesa, favorecendo ou não o desenvolvimento de vivências traumáticas e sua cura.

Com isso, creio que deixamos assinalado que este trabalho investigou o modo pelo qual os sentimentos de culpa e vergonha são pensados, e com a psicanálise recusou e procurou superar um tipo de desmoralização psicanalítica desses sentimentos. Além disso, como é caraterística e exigência de Psicologia Social, considerou tanto quanto possível a participação de princípios ou valores culturais nos desdobramentos da interpretação e da experiência sentimental de um acontecimento.

A noção de trauma a que adotamos nesta pesquisa corresponde especificamente ao trauma psíquico e orienta-se pelo entendimento de tipo freudiano-laplanchiano do assunto, a saber: trauma é o caráter de todo acontecimento maior que o sujeito que o sofre, porque socialmente – mais que individualmente – determinado, porque muitas vezes mais antigo e também destinado a durar mais que o sujeito, porque acontecimento que carrega em grande medida o índice de um enigma.

Os acontecimentos traumáticos não são feitos de sentido evidente, resistem às explicações apressadas e superficiais, exigem um trabalho difícil e incansável de decifração pelo sujeito. Os acontecimentos traumáticos ou os acontecimentos enigmáticos são necessariamente fonte especial e incomparável de angústia. As experiências traumáticas são experiências de dupla face: semiológica e afetiva. Semiologicamente, o trauma psíquico é enigma proposto ao angustiado. Afetivamente, o trauma psíquico é angústia difícil de decifrar. Angústia decorrente de enigma ou enigma fonte de angústia: trauma psíquico. O caráter enigmático do fato é, todavia,

precedente: o fato estranho vem visitar o sujeito e, então, brota nele o afeto também estranho. A exposição à coisa estranha externa prepara a exposição à coisa estranha interna.

Em *Mais além do princípio do prazer*, Freud (1920/2010) busca explicar a etiologia do trauma psíquico utilizando-se de um esquema quantitativo de excitação, no qual, resumidamente, o estado de equilíbrio excitatório é vivido como um estado de prazer, e qualquer perturbação nesse equilíbrio causa desprazer. O autor afirma que, no momento do choque traumático, a psique é surpreendida por uma grande quantidade de excitação, inundando-a, superando suas defesas e paralisando todas as suas atividades secundárias. Essa paralização é explicada como uma tentativa de concentrar todas as energias disponíveis na psique para um contrainvestimento, ou seja, uma tentativa de reestabelecer o estado homeostático, de escoar, metabolizar, ligar o excesso de excitação que a inundou. Essa tentativa, portanto, corresponde a um recurso de defesa, um recurso de tipo agonístico, um recurso limite.

Essa paralização parece-nos corresponder ao "estranho anestesiamento", no dia do bombardeio, relatado pelos sobreviventes, o qual, segundo eles, bloqueou sentimentos que não fossem apenas susto ou horror, impediu as ações que não fossem fuga, impediu pensar. Uma perda de sentido – o sentido sensorial e o sentido verbal –, um quase desmaiar e uma impossibilidade de interpretar. Segundo Obayashi:

> No caminho [para casa], vi várias coisas que mostravam a gravidade do que tinha acontecido. Vi tantos corpos carbonizados que, depois, talvez os "nervos da cabeça" ficaram anestesiados. No final, não sentia mais nada. Estranho dizer anestesiado, não? Digamos adormecido, perdendo o sentido. Então, mesmo dentro de tudo isso, havia uma coisa inesquecível, um bonde[15] queimado, completamente queimado, só a carcaça. Mas havia alguns corpos de passageiros ali dentro, e tinha uma pessoa sentada, queimada, só com a cabeça para fora da janela do trem. E se você olha de baixo, não dava nem para saber onde estavam os olhos, o nariz, a boca. Digamos que era uma bola queimada, de carne. Eu olhei e desviei o olhar, e fugi correndo.

Essa "anestesia psíquica" é vivida pelos sobreviventes como um fenômeno incompreensível, já que foram tomados por súbita frieza em circunstâncias perturbadoras, o que mais tarde será lembrado sob a torturante suspeita de indiferença.

[15] *Romendensha*, diz o depoente, o que em Hiroshima é também conhecido por *street car*. Os bondes eram um dos meios de transporte utilizados pela população de Hiroshima para se locomover, principalmente nas áreas mais centrais da cidade. Estão presentes até hoje naquela localidade.

Uma tal frieza foi o que os tornou capazes de mover-se em meio aos escombros e ainda buscar refúgio ou saída, tanto quanto operou algumas vezes em um sentido que lhes pareceu o de ter a própria sobrevivência colocada acima do socorro aos milhares de suplicantes que compunham o cenário catastrófico de Hiroshima após a explosão. Esse ato de autopreservação é relembrado com estranheza e dor pelas vítimas, que não se conformam por terem sido capazes, em suas palavras, de "parar de sentir" em um cenário de horrores. O terror é aterrador: lança por terra, faz soçobrar ou quase soçobrar, inutiliza, neutraliza ou faz entocar, esconder, recolher.

Sobre esse fenômeno do anestesiamento, a sobrevivente Setsuko Thurlow relata:

> Lá estava eu, uma garota de 13 anos, de pé com meus pais, testemunhando a mais grotesca violação da dignidade humana, sem lágrimas ou outras respostas emocionais adequadas. Uma amiga minha me disse depois que ela havia retornado ao local onde sua casa ficava, e lá encontrou os esqueletos de toda a sua família e não foi capaz de derramar uma lágrima sequer. As memórias desse tipo de comportamento me incomodaram por muitos anos, até que eu aprendi, através da pesquisa de um psiquiatra norte-americano, professor Lifton, da Universidade de Yale, que em uma súbita e massiva imersão em opressivo e grotesco sofrimento e morte, a resposta emocional desliga-se como um mecanismo de defesa. Lifton cunhou os termos "fechamento psíquico" e "paralisia psíquica". Eu sou muito grata a Lifton por esse *insight*, que auxiliou minha própria cicatrização psicológica. (HIROSHIMA JOGAKUIN ALUMNI ASSOCIATION, 2005, p. 245, grifo e tradução nossa)

A paralização ou adormecimento psíquico deu-se num momento em que quase nenhuma representação era possível ao sobrevivente. Olhava o cenário como aquilo que se impunha e que bastava ser concebido como o inferno: estava cercado pelo fogo e ouvia gemidos de moribundos. Muitos *hibakushas* não sabiam se estavam vivos ou mortos. Alguns só percebiam ainda viver após encontrar um familiar ou colega que os despertavam com a urgência de salvá-los da morte. Outros só atinavam com sua sobrevivência ao ver pessoas mortas ao redor ou ao fazer conexão com a dor de seus próprios ferimentos corporais.[16]

[16] Em um relato ficcional que produzimos a partir de depoimentos de sobreviventes do bombardeio atômico, procuramos sintetizar essas circunstâncias deste modo: "O cenário era tão aterrorizante que Kiyoshi me perguntou se estávamos mortos e caminhando pelo inferno. Respondi que estávamos vivos e voltando para casa, mas eu mesma cheguei a duvidar. Tudo o que via era tão desesperador que não podia ser real. Era pior que qualquer pesadelo que poderia ter" (NAKAGAWA, 2016, p. 22-25).

O termo *representação*, em Psicologia Social e em psicanálise, corresponde a todo e qualquer conteúdo cognitivo; portanto, percepções, imagens, lembranças, palavras ou ideias. Não a representação, mas a elaboração psíquica − um desdobramento afetivo e mais ou menos consciente de representações que se vão combinar em significação – é o que parece ter ficado impossível na primeira exposição à violência ostensiva. A situação que forma o primeiro tempo do trauma psíquico não é sem representação; e seus diferentes destinos subsequentes – negação, repressão, elaboração − correspondem à negação, repressão ou elaboração de representações.

O trauma psíquico se faz em diversos tempos: o primeiro tempo, inaugural, inclui ou não a ferida física, mas inclui necessária e especificamente o impacto de acontecimentos estranhos e a vivência imediata de seus estranhos desdobramentos na vítima, desdobramentos afetivo-cognitivos. E é em diversos outros tempos que o trauma psíquico se perfaz, cada vez que a vítima sofre outra vez ou retoma ativamente as lembranças do acontecimento inaugural, multiplicando ou atenuando sua angústia segundo o modo como volta a senti-lo e interpretá-lo. O sofrimento reiterado ou as várias retomadas do trauma variam favoravelmente com o amadurecimento psicossocial da vítima ou vão desenvolver-se morbidamente quando a vítima precisar valer-se de negação ou quando apenas alcançar uma elaboração superficial de lembranças.

O trauma não poupou física e psiquicamente nenhum sobrevivente de Hiroshima. A ferida física e suas cicatrizações tendem a valer como um modo (corporal) de representar e elaborar o trauma, o que pode arrefecer o sentimento de angústia e o trabalho psíquico sobre as lembranças: um arrefecimento mais ou menos temporário, porque superficial.

Ao descrever a etiologia e o mecanismo do trauma psíquico, valendo-se da teoria quantitativa para a relação prazer/desprazer e da teoria da dualidade pulsional, Freud (1920/2010) presume que um dano físico, uma ferida simultânea ao golpe psicológico, "dificulte, na maioria dos casos, a produção de uma neurose" (1920/2010, p. 12. Isso porque a cicatrização no corpo é vivida pela psique como uma cicatrização narcísica. De todo o modo, um grande número de *hibakushas* parece ter respondido neuroticamente ao trauma, mesmo tendo sofrido graves danos físicos: as queimaduras causadas pelas ondas de calor da explosão e seus incêndios, os ferimentos mecânicos causados pelas ondas de choque e os consequentes desmoronamentos da cidade.

Há nos sobreviventes constante revisitação da cena traumática por meio do sonho. É possível, nos mesmos termos que os de Freud, observar a dualidade instintual, a polarização de impulsos que marca os destinos neuróticos: se, por um lado, o instinto de vida leva à repetição do evento limite na tentativa de, desta vez, o psiquismo não ser pego de surpresa e não sofrer paralizações, ou seja, tornando possível a elaboração do trauma; por outro, o instinto de morte impõe à vítima apenas a rememoração passiva da cena de horror, intimidando novamente o indivíduo e seu trabalho psíquico.

Sendo assim, como compreender o trauma nos sobreviventes do bombardeio atômico? Como compreender que as persistentes sequelas e queloides físicos, o câncer passado de geração a geração, não tenham servido como suficiente cicatrização narcísica e o sofrimento psicológico não tenha terminado para as vítimas, exigindo-lhes um persistente trabalho de interpretação, às vezes robusto, às vezes precário? E tomemos ainda um segundo problema, atinente às experiências psicológicas advindas de alguma elaboração do trauma pelos sentimentos de culpa e vergonha.

A análise realizada ao longo da pesquisa de mestrado foi feita por meio de teorias fundamentadas na cultura ocidental, o que impôs certas dificuldades no que tange à compreensão dos fenômenos psicológicos assinalados pelas vítimas. Nesse sentido, algumas perguntas se impõem: por que a elaboração do evento traumático trouxe os sentimentos de culpa e vergonha? Que traços são frequentemente trazidos pela culpa e pela vergonha na mentalidade dos japoneses?

Os testemunhos dos *hibakushas* sugerem que os sentimentos de culpa e vergonha formados com o desastre de Hiroshima e Nagasaki superaram os sentidos pelos quais os tomamos trivialmente. A culpa e a vergonha ganharam significados conjugados com fortes traços de cultura japonesa, assumindo desde então valores inusitados. Assim, no exame dos testemunhos, passamos pelos sentidos de culpa e vergonha corriqueiramente compartilhados entre nós e, em seguida, revimo-los sob atenção psicanalítica. Essa revisão encontrou motivos para propormos outra significação desses sentimentos. Porém, esse trabalho de revisão não se constituiu como o passo último e definitivo, o qual se deu quando a investigação de tipo psicanalítico percebeu razões para aproveitar o modo como os japoneses vivem e interpretam culpa e vergonha.

Isso é fundamental, porque a investigação da culpa e da vergonha culmina não raramente em interpretações por demais consagradas para esses sentimentos e que acaba por desmoralizá-los, desmoralizando também os sujeitos culpados e

envergonhados. A desmoralização consiste em desmanchar a legitimidade desses sentimentos, sugerindo que encobrem mais do que revelam a experiência dos sujeitos e que, desde então, preparam desdobramentos mórbidos e não participam da cura dos sujeitos traumatizados. Para um destino mais feliz dos sujeitos, seriam outros os sentimentos cabíveis e outra a revelação da verdade.

Os depoimentos de testemunhas do desastre de Hiroshima várias vezes conduzem o leitor à impressão de que a culpa e a vergonha, nos sobreviventes, ganham aspecto difícil de interpretar tanto por leigos quanto por psicanalistas. O choque da destruição e das mortes paralisa ou embota a alma das testemunhas imediatas, depois é gradualmente sentido como impotência, como tristeza e, finalmente, como culpa e vergonha: parece haver necessidade objetiva e subjetiva para o desdobramento de sentimentos e significados assim.

É impossível não ter faltado com os mortos durante e depois do desastre de Hiroshima. Em certa medida, portanto, passar pela culpa e pela vergonha não é sintoma de inclinações mórbidas notáveis em todos os humanos, mas são posições para as quais um fato traumático bem determinado parece necessariamente empurrar suas testemunhas, posições afetivo-cognitivas pelas quais a cura dos *hibakushas* precisa passar.

Portanto, o problema e a tarefa postos para a saúde psíquica e emocional dos traumatizados – para a saúde psíquica e emocional desses sobreviventes – não parece depender de qualquer invalidação dos sentimentos de culpa e vergonha como meros sentimentos tanáticos, mas depende de compreendê-los como fatores de adoecimentos tanto quanto de cura. São sentimentos aprisionadores e libertadores, podem emperrar e orientar, preparam o destino torturado das testemunhas e serão também imprescindíveis − quando coletivamente pensados e não apenas isoladamente amargados, quando assumidos e não apenas arrastados – para preparar a redenção dos sobreviventes relativamente a um passado que pareceria condená-los de modo definitivo, sem perdão. E, no curso desta pesquisa, assinalamos que as condições para a cura dos sobreviventes acompanham as condições para a compreensão e a rejeição da violência de Hiroshima, as condições para a consciência e para as ações de paz.

Isso ficou evidente após algumas horas de conversa com a *hibakusha* Setsuko Thurlow. Seu testemunho já havia sido lido e estudado pela pesquisadora em julho de 2010, pois consistiu em uma das memórias analisadas durante a pesquisa de mestrado. Por ser uma porta-voz do desarmamento nuclear junto à Organização das Nações

Unidas, a sobrevivente de Hiroshima, agora residente em Toronto (Canadá), viaja pelo mundo dando seu testemunho, com a intenção de falar sobre o horror que vivenciara no dia da explosão e fazer um apelo de paz para aqueles que escutam sua mensagem de dor. Assim, em 21 março de 2017, durante o período em que a pesquisadora esteve em Birkbeck, University of London, Thurlow deu seu testemunho na School of Oriental and African Studies (SOAS), e naquela oportunidade concordou em conversar com a pesquisadora, que passou a tarde ouvindo sua história, em especial no que se refere aos resultados da Segunda Guerra Mundial e à reconstrução de sua vida.

O encontro foi marcado antes de sua palestra no SOAS. Por saber que daria seu testemunho dali a algumas horas, a sobrevivente pediu para não falar especificamente sobre o dia da explosão. Justificou-se dizendo que, apesar de ter escolhido compartilhar suas memórias como uma forma de luta política, e por isso ter falado sobre sua experiência inúmeras vezes ao longo dos últimos 40 anos, o ato de falar sobre o que viu e sentiu no dia do bombardeio lhe era demasiadamente cansativo. Aparentemente, esse cansaço diz respeito à necessidade de relembrar as cenas que testemunhou, pois para descrevê-las é preciso revisitá-las e enfrentar a dificuldade em transformar a vivência em palavras. Além disso, a sobrevivente é constantemente confrontada com muitas perguntas de si para si mesma, que permanecem sem respostas, enigmas que lhe impõem angústia.

Dessa forma, falamos sobre sua vida após a guerra e Thurlow, por meio de muito estudo e muita reflexão acerca do evento atômico, demonstrou uma impressionante revisão acerca da ideia fácil de que os sobreviventes de guerra são arrastados por culpa. De maneira semelhante à Obayashi, explica que a palavra *moushiwakenai* significa menos a culpa em sentido depreciativo, ou seja, uma condição mórbida, feita de remoer no plano do Eu o que se fez de errado ou ter faltado com a coisa certa a fazer. Nesse contexto, Thurlow afirma que os pesquisadores ocidentais se equivocam ao conceber culpa e vergonha na cultura japonesa como as concebem nas culturas ocidentais, em certa medida influenciados por um pensamento cristão ligado à ideia de pecado, de um dano que exige reparação.

Questionada sobre suas conversas com o Prof. Lifton acerca dos sentimentos provenientes do trauma, às quais fizemos referência anteriormente[17], a sobrevivente diz que o pesquisador teve um papel importante em sua compreensão sobre o sentimento

[17] Referência à citação da página 40.

de anestesiamento que experienciou no dia da explosão, trazendo informações sobre o mecanismo do trauma psíquico que deu algum sentido às suas próprias memórias. E justamente por compreender melhor o que ocorrera com os *hibakushas*, discordou profundamente quando leu, alguns anos atrás, um artigo do pesquisador que discutia o sentimento de culpa inerente aos sobreviventes. Diz que solicitou um encontro com o Prof. Lifton, pois sentia que era sua obrigação informar-lhe que sua teoria sobre a culpa estava equivocada, ao menos no que diz respeito aos sobreviventes do bombardeio nuclear.

Thurlow afirma que os pesquisadores ocidentais tendem a colocar todos os sobreviventes de genocídios em um grande "balaio de gato". Ressalta que, apesar de terem sido alvos de brutais assassinatos em massa no mesmo período, durante a Segunda Guerra Mundial, enfatiza: "nós não somos sobreviventes dos campos de concentração." Defende que os ocidentais não compreendem o trauma e outros difíceis sentimentos para os povos orientais pois, em linhas gerais, não compartilham da mesma cultura, da mesma linguagem, das mesmas relações com a natureza e com o social, e acredita que essas particularidades precisam ser investigadas antes que não existam mais *hibakushas* para contestar as teorias, temendo que suas memórias sejam "mal interpretadas."

Por morar no Canadá, Thurlow conta que já leu muitas traduções de memórias de *hibakushas* e afirma que o que é traduzido como "culpa" (*guilt*) não é bem o que os ocidentais compreendem pela palavra, pois não denota dano a outrem, não possui sentido pejorativo, remetendo não apenas à compreensão de Obayashi sobre *moushiwakenai*, mas também demonstrando a grande dificuldade em tentar explicar ou traduzir esse mesmo sentimento que foi equivocadamente traduzido por "culpa".

Tentando desenvolver o que acredita que os sobreviventes sentiram, Thurlow relata que, no começo de sua militância pelo desarmamento nuclear, viajou com mais de 100 *hibakushas* no Peace Boat, um barco que viaja pelo mundo transmitindo mensagens de paz por meio das memórias de sobreviventes de genocídios. Diz que conversou e ouviu, sem exceção, todos os testemunhos dos que estavam presentes, e que não se recorda de ter ouvido com muita frequência alguma palavra ou frase com sentido que denota a culpa que os ocidentais atribuem às experiências de *sofrimento* desses *hibakushas*.

Ela reflete em silêncio sobre a palavra "sofrimento". Em seguida, relata que, em seu caso, já leu traduções de suas próprias memórias que diziam que ela sentira culpa

frente à sensação de anestesiamento que experienciou enquanto observava a destruição da cidade. Mas, enfaticamente, diz que não era culpa, mas um forte incômodo. Tratava-se de um grande estranhamento por ver concretizar-se algo mais assustador do que qualquer fantasia de medo que pudesse conceber, e de frente a esse horror, estar impossibilitada de sentir ou de responder emocionalmente. No entanto, admite que tem consciência de que, por não encontrar outra palavra, esse estranhamento foi por muitas vezes traduzido equivocadamente como culpa ou vergonha, até mesmo pelos próprios *hibakushas* nas ocasiões em que deram seus testemunhos em outro idioma que não o japonês. Reflete ainda que esse sentimento estranho é difícil de ser traduzido em palavras na língua materna, o que dirá em uma língua estrangeira.

Fala que o mais próximo que chegaria da realidade do seu sentimento seria algo como "muita, muita tristeza", um grande pesar, um profundo "sinto muito". A partir dessa conversa com Thurlow foi possível uma primeira apreensão acerca do sentido da palavra "culpa", que ao invés de remeter a dano, carrega o sentido alto de uma incontornável tristeza, o invencível constrangimento de ter recebido o que os outros, seus irmãos de destino, todos atingidos por um golpe de destruição, não puderam receber: a sobrevivência.

Nessas circunstâncias, a sobrevivência não é um bem isolado, mas uma ligação com os outros. A expressão japonesa *hibakusha*, tão banalmente traduzida como *sobrevivente de ataques ou acidentes nucleares*, vai então conotar algo diferente da boa fortuna, e sim a figura profunda de quem encontra tristeza na alegria, alegria na compaixão, quem foi surpreendido por uma ligação entre a boa e a má fortuna como uma condição para que seja mantida a comunicação com os mortos e o respeito por eles. Jamais viver a vida como um gozo privado, que lhe trouxesse para a miserável satisfação de si consigo mesmo ou com os iguais a si, fazendo-o então continuamente lembrar que o ânimo de viver tem sua fonte além de si mesmo, sempre no exterior, sempre em relação com o outro.

Portanto, o sentimento de Setsuko Thurlow traduzido como "culpa" deverá superar a noção de uma culpa pejorativa, desmoralizadora, fazendo surgir um sentimento de caráter intermediador: a culpa como um sentimento que liga dois amores, e que ao privilegiar um em detrimento do outro, causa incômodo, talvez um incômodo narcísico, castrador, por desejar e amar ambos, mas estar impossibilitado de contemplá-los ao mesmo tempo, necessitando escolher em determinados momentos onde depositar

seus investimentos libidinais, que podem oscilar de um para o outro conforme seu intermediador, a culpa.

Por meio dessa concepção, é possível pensar que Thurlow tem seus sentimentos nivelados pela culpa quando afirma que é feliz por ter sobrevivido, mas é triste por ter perdido a irmã e outros familiares e amigos no dia do bombardeio. Para contemplar felicidade e tristeza, a culpa é posta em ação não como elemento mórbido, mas conciliador. Nesse acordo, a sobrevivente decide que vai viver da melhor forma possível, mas viverá em eterna tristeza, contemplando ambos os amores: por meio da decisão de viver, contempla a felicidade de ter sobrevivido ao bombardeio, e por meio da decisão de viver triste, contempla o luto e a tristeza pela morte daqueles que ama e que não puderam compartilhar de seu destino.

Capítulo 3

3.1 Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE/FAPESP)

Com a intenção de estudar os sentidos assumidos por culpa e vergonha na cultura japonesa e novamente realizar entrevistas com sobreviventes do bombardeio atômico de Hiroshima, de 8 de janeiro a 27 de fevereiro de 2018, a pesquisadora realizou um estágio na Hiroshima City University sob a orientação do Prof. Dr. Robert Jacobs, especialista em estudos de *hibakushas*.

As entrevistas foram viabilizadas principalmente pelo Museu Memorial da Paz de Hiroshima e por Ken Harada, voluntário da paz na referida instituição. Tratou-se de entrevistas semiabertas, acompanhadas por questões que compuseram um roteiro para os depoentes, admitindo-se que esses fossem livremente explorados por aqueles. Assim sendo, buscou-se que as entrevistas:

1) Suscitassem e sustentassem um *trabalho da memória*, muito mais do que um trabalho apenas afetivo ou apenas opinativo, pois a memória, sem dispensar afeto e opinião, os mantiveram todavia devotados à narrativa e interrogação de episódios histórico-biográficos e, portanto, sem entregá-los à desorientação, favoreceu sentimentos e ideias menos abstratos, menos desligados de objeto e mundo, menos arbitrários, mais solidamente formados do que as emoções fáceis, as ideias corriqueiras, os estereótipos, os preconceitos;
2) Passassem por temas que recolhessem lembranças possíveis da explosão atômica, do dia traumático, dos dias precedentes e dos dias e anos seguintes, tudo com a intenção de angariar alguma informação sobre três pontos: a) alterações sofridas pela vida cotidiana em casa, no trabalho, na cidade; b) alterações no sentimento de mundo e de si mesmo; c) pontos de vista sobre o caráter do trauma sofrido.

Esse procedimento de entrevista respeita orientações que se ligam à pesquisa de Psicologia Social tal como praticada por Ecléa Bosi, a qual é uma forte referência para o próprio orientador desta pesquisa. Tais orientações, então associadas a princípios de psicanálise buscados em Jean Laplanche, forneceram também uma direção para a condução das entrevistas e para a discussão dos depoimentos transcritos:

1) No curso de uma entrevista, os momentos de interrupção da narrativa, pausas ou silêncios foram tão acolhidos quanto os momentos de fluxo da consciência. Esses momentos foram especialmente beneficiados por aqueles: as horas de angústia frequentemente assinalaram para o memorialista a manifestação de um enigma que, não sendo recusado e não sendo muito depressa racionalizado, trouxeram a consciência para uma interrogação de grande profundidade e de resultados muito mais reveladores;

2) A discussão de depoimentos foi regulada por um conceito de interpretação que foi assim esquematizada: identificamos os temas nucleares que polarizaram a atenção do depoente; identificamos e discutimos o modo como esses temas são pensados pelos próprios depoentes; destacamos pontos de vista completos acerca desses temas; apontamos e ousamos completar pontos de vista que os depoentes instauraram, balizaram, mas não desenvolveram até algum repouso; apontamos e discutimos pontos de vista concordantes e contrários num mesmo depoente e entre diversos depoentes. Esse diálogo que promovemos entre pontos de vista afinados e divergentes, finalmente reunindo-os, quando pertinente, aos pontos de vista de pesquisadores do assunto, esse diálogo gradualmente ampliado é que nos conduziu a algum ponto de vista complexo e talvez mais objetivo, porque retirado da colaboração gradual entre pontos de vista particulares e provado por diferentes exigências de significação, exigências vividas e mais ou menos atendidas pelas testemunhas e autores que ouvimos.

Frente ao reduzido número de *hibakushas* que ainda conseguem dar seus testemunhos[18] e ciente de que a cada ano esse número diminui drasticamente, a pesquisadora foi para o Japão com a intenção de entrevistar extensivamente de 2 a 3 depoentes. Com base no método proposto e descrito acima, e levando em conta a idade avançada dos sobreviventes, a pesquisadora e seu orientador decidiram propor para cada entrevistado três encontros nos quais exploraria: 1) lembranças anteriores ao bombardeio; 2) lembranças relacionadas ao bombardeio; 3) lembranças posteriores ao bombardeio. Além desses três encontros, caso os *hibakushas* pudessem e desejassem

[18] A grande maioria dos sobreviventes do bombardeio atômico de Hiroshima residem na cidade de Hiroshima, Japão.

ainda encontrar a pesquisadora durante seu período no Japão, as entrevistas continuariam e explorariam os temas trazidos pelos depoentes em suas narrativas, com especial atenção para os paradoxos trauma e sentido, culpa e perdão, vergonha e honra.

A pesquisadora chegou até os sobreviventes por meio dos contatos pessoais e acadêmicos que possuía na cidade (amigos, pesquisadores, voluntários da paz, funcionários do Museu Memorial da Paz de Hiroshima). O plano de trabalho para o estágio no exterior previa que um primeiro contato com os *hibakushas* seria feito nos primeiros 10 dias de estágio[19], período durante o qual transcorreram dois importantes episódios a serem mencionados a seguir.

No dia 18 de janeiro de 2018, a pesquisadora proferiu uma palestra na Hiroshima International University para um grupo de pesquisadores e estudiosos da referida universidade e para colaboradores de outras universidades de Hiroshima que trabalham e estudam testemunhos de sobreviventes do bombardeio atômico. Na ocasião, ao falar sobre o método que adotaria nas entrevistas a serem realizadas nas semanas seguintes, a pesquisadora foi surpreendida por um acalorado debate entre os pesquisadores presentes. O debate concentrou-se no fato de que parte dos pesquisadores desejava ouvir mais sobre o método a ser adotado nas entrevistas, pois tratava-se de um método diferente daquele que utilizavam em suas próprias pesquisas. Porém, a outra parte acreditava ser um desrespeito realizar entrevistas com *hibakushas* sem a apresentação prévia de um roteiro de perguntas, além de acreditarem ser indelicado solicitar mais de um encontro aos sobreviventes. O debate foi encerrado com a afirmação deste último grupo de que a pesquisadora dificilmente encontraria sobreviventes dispostos a serem entrevistados nas condições metodológicas apresentadas, e com o pedido do outro grupo, favorável à abordagem proposta, de que a pesquisadora viesse para um segundo encontro, para expor de modo mais aprofundado as bases teóricas que fundamentam o método dessa pesquisa.

[19] A decisão de entrar em contato com os sobreviventes apenas após a chegada da pesquisadora no Japão se deu por dois principais motivos: 1) a grande maioria dos sobreviventes não utilizam e-mails, celulares ou outros dispositivos de comunicação via internet, o que dificulta o contato à longa distância; 2) segundo a cultura japonesa, não é usual um indivíduo entrar em contato com um outro sem apresentação formal prévia. Desta forma, seria necessário que a pesquisadora estivesse no Japão para que aquele que fosse apresentar um sobrevivente à ela pudesse o fazer formalmente. E assim foi feito na grande maioria dos casos: todos os primeiros contatos com os sobreviventes foram feitos por aqueles que estavam formalmente apresentando o sobrevivente à pesquisadora (Ken Harada, Memorial da Paz de Hiroshima, jornalista do Chugoku Shimbun, outros contatos da pesquisadora na cidade), e mesmo o agendamento das entrevistas foram intermediados por eles.

Esse debate apontou a necessidade de uma cuidadosa reflexão sobre método de pesquisa e cultura – a qual foi realizada ao longo do estágio no exterior com o suporte do Prof. Dr. Robert Jacobs, co-orientador dessa pesquisa em Hiroshima, do Prof. Dr. Stephen Frosh, co-orientador dessa pesquisa em Londres, e do Prof. Dr. José Moura Gonçalves Filho, orientador dessa pesquisa –, uma vez que os impedimentos levantados pelo grupo que desaprovou o método proposto claramente diziam respeito a um possível formalismo cultural japonês.

Após atenciosa reflexão e discussão, a pesquisadora decidiu manter o método estabelecido previamente e buscar *hibakushas* que concordassem em falar abertamente sobre suas lembranças de vida e em responder perguntas elaboradas no decorrer das entrevistas, ou seja, que concordassem em participar de entrevistas semi-abertas. Nesse contexto e com a intermediação de Ken Harada, a pesquisadora conheceu os sobreviventes e voluntários da paz Takashi Teramoto e Shozo Kawamoto, e por intermédio da pesquisadora Agota Duro, da Hiroshima City University, conheceu o sobrevivente Kenzaburo Toyonaga. Todos concordaram prontamente com o método de entrevista proposto.

Novamente, por intermédio de Ken Harada, no dia 30 de janeiro de 2018, a pesquisadora foi entrevistada pelo jornal local Chugoku Shimbun, e uma matéria sobre esta pesquisa de doutorado foi publicada na semana seguinte. Após a publicação da matéria, tanto Ken Harada quanto o Memorial da Paz de Hiroshima começaram a receber ligações de *hibakushas* que desejavam participar das entrevistas. Frente a essa nova demanda, a pesquisadora avaliou o tempo necessário para realizar as atividades propostas no cronograma do projeto de estágio no exterior (BEPE/FAPESP) – que envolviam as supervisões com o Prof. Jacobs e as entrevistas já agendadas –, e disponibilizou o restante de seu tempo no Japão para o Memorial e para Ken Harada agendarem novas entrevistas. A pesquisadora determinou que se havia sobreviventes que desejavam compartilhar suas lembranças, ela deveria ouvi-los.

No final do estágio, no dia 27 de fevereiro de 2018, a pesquisadora havia realizado 13 entrevistas, totalizando aproximadamente 100 horas de gravação. O trabalho estendeu-se por todos os dias da semana, de domingo a domingo das 8h às 22h e, apesar dessa carga horária, nem todos os sobreviventes puderem ser ouvidos ou mesmo ouvidos por mais de um encontro.

Após o retorno ao Brasil, e com base nas conversas privadas que teve com os sobreviventes ao longo do estágio no exterior, a pesquisadora formulou algumas

hipóteses que buscam compreender o grande interesse demonstrado pelos *hibakushas* nas entrevistas que foram realizadas na cidade de Hiroshima, as quais não contrariam as críticas ouvidas no debate do dia 18 de janeiro, mas demonstram alguns detalhes que talvez tenham escapado tanto aos pesquisadores que julgaram "inadequado" o método apresentado, quanto à própria pesquisadora:

1) Uma foto da pesquisadora entrevistando o sobrevivente Takashi Teramoto ilustrou a matéria publicada pelo jornal Chugoku Shimbun. Essa foto deixava claro a fisionomia japonesa da pesquisadora. Porém, tanto a legenda quanto a própria matéria informavam tratar-se de uma pesquisadora brasileira, ou seja, estrangeira. Por essa razão, os sobreviventes imaginaram que a cultura japonesa não seria totalmente estranha à pesquisadora, mas ao mesmo tempo não era sua cultura mãe. Portanto, acreditavam que a pesquisadora poderia facilmente compreender os detalhes de suas narrativas no que diz respeito às crenças e valores que permeiam suas experiências, mas ao mesmo tempo, estariam a salvo do olhar julgador daquele que pertence ao mesmo grupo e que, dessa forma, poderia excluí-los – como em muitos casos ocorreu – por via do preconceito. Sentiram-se relativamente seguros para contar seus segredos àquela que, psicanaliticamente falando, parecia-lhes familiar, mas também estranha, e que, de alguma forma, não iria desmoralizar suas experiências e pensamentos;
2) Apesar de a pesquisadora compreender o japonês (língua materna de sua mãe e de seus avós) e de ter sido capaz de acompanhar as narrativas dos sobreviventes ao longo das entrevistas, a mesma possui grande dificuldade em expressar-se no referido idioma. Por esse motivo, optou por comunicar-se em inglês, tendo Ken Harada como intérprete durante as entrevistas, com exceção daquelas em que o próprio sobrevivente falava fluentemente o inglês. O fato de as entrevistas terem sido realizadas em um idioma que não a língua mãe dos sobreviventes parece ter tido alguma influência nessa questão;
3) A grande maioria dos sobreviventes entrevistados disseram que desejavam há muito tempo falar sobre as muitas histórias que atravessam suas vidas, mas que geralmente são questionados apenas sobre as experiências relacionadas ao bombardeio e de forma muito diretiva e pontual. Sentem que até mesmo seus familiares mais próximos – esposa(o), filhas(os), netas(os) – não têm coragem de endereçar-lhes perguntas, nem mesmo sobre eventos triviais, temerosos de

que sem querer possam arrastar à consciência memórias de dor relacionadas ao dia do bombardeio e, assim, entristecer ou aborrecer o sobrevivente. Entretanto, o próprio sobrevivente passa a sentir que não pode livremente contar suas histórias, pois ele também teme perturbar ou incomodar os outros com memórias de tal magnitude afetiva. Durante as entrevistas, uma frase comum era "nunca falei sobre isso", e quando questionados sobre o motivo pelo qual nunca haviam falado sobre uma determinada memória, diziam simplesmente: "nunca me perguntaram". Esse impedimento, que muitos *hibakushas* afirmaram sentir, e que de alguma forma os silenciou, parece dizer respeito ao mesmo "impedimento" colocado pelos pesquisadores no debate do dia 18 de janeiro. Afinal, no âmbito da cultura japonesa, fazer perguntas muito íntimas a pessoas conhecidas é sinal de indelicadeza. Fazer perguntas muito pessoais à pessoas que não se conhece bem é sinal de inconveniência e falta de modos, como no caso de propor uma entrevista sem entregar com antecedência um roteiro de perguntas, não dando ao entrevistado a possibilidade de previamente pensar e articular suas respostas, deixando-o sujeito à perguntas que possivelmente não saiba como responder, impondo-lhe um certo constrangimento de precisar articular um pensamento que possa conduzir a uma lembrança muito pessoal ou muito reveladora que acabe por deixa-lo exposto. No entanto, foi justamente através dessa suposta inconveniência que se fez possível, nesses casos, observar os momentos de silêncio propostos pela angústia traumática, e romper a impessoalidade formal no ambiente da entrevista. Porém, o detalhe que escapou a todos incluindo à própria pesquisadora e que merece atenção especial aqui, é que essa mesma cultura que define tal indelicadeza ou inconveniência cala os sobreviventes que desejam – mas ao mesmo tempo sentem-se impedidos de – compartilhar suas experiências de dor.

Portanto, a fervorosa discussão entre os pesquisadores no dia 18 de janeiro e seus argumentos contra a realização de entrevistas semi-abertas com *hibakushas*, contrapõe-se à prontidão e ao desejo demonstrado por muitos sobreviventes que aceitaram e solicitaram ser entrevistados por esse método considerado inadequado pelos acadêmicos japoneses com quem a pesquisadora teve contato naquela ocasião. Nesse caso específico e de forma não consciente, esse confronto parece apontar que essa possível inadequação protege, de certa forma, mais os ouvintes do que os próprios

depoentes. Isso porque, após as entrevistas, ficou claro que nenhuma pergunta endereçada aos sobreviventes foi deixada sem resposta. Pelo contrário, as perguntas pareciam convidá-los a refletir, a descrever, a lembrar. Ao longo das narrativas que eles iam construindo, muitos eram os momentos em que o sofrimento era palpável, como por exemplo, nos silêncios que se seguiam à transmissão de uma lembrança de dor; que acusavam um pensamento inquietante que o depoente tentava traduzir em palavras; no esforço que faziam para tentar descrever uma cena de horror, um sentimento, uma sensação, um cheiro ligado ao dia da explosão; nos momentos em que eram tomados pela saudade daqueles que morreram no bombardeio. Entretanto, superados esses momentos de sofrimento, parecia que algum tipo de alívio operava no espaço da entrevista, como se naquele momento o depoente tivesse se proposto a enfrentar a difícil tarefa de reviver suas experiências traumáticas, mas dessa vez o fez acompanhado por alguém que não se recusou a ouvi-lo, mas que ao contrário, propôs-se a acompanhá-lo, respeitando seu tempo e suportando com ele os momentos de angústia. Por esse motivo, são também momentos de extremo desconforto, inquietação e angústia para aquele que ouve, que partilha de um trauma que, não sendo seu, não pode ser completamente reivindicado.

3.2 Um breve relato sobre a psicanálise no Japão

No Japão do final do século XIX, alguns grupos de acadêmicos, psicólogos e psiquiatras começaram a estudar as teorias psicanalíticas em desenvolvimento na Europa e nos Estados Unidos. Essas leituras, em alguma medida adaptadas à cultura japonesa e à filosofia Budista, deram origem a algumas linhas de pensamento e, portanto, práticas terapêuticas que floresceram ao longo do século XX naquele país.

Nesse contexto de crescente interesse pela psicanálise e da tentativa de incorporar a ciência psicanalítica às práticas terapêuticas no Japão, alguns nomes se destacam, e entre eles o de Kiyoyasu Marui, que no período entre guerras estudou nos Estados Unidos sob a tutela do psiquiatra alemão Adolf Meyer. Interessado no trabalho de Sigmund Freud, Marui chegou a pedir a autorização do referido autor para que pudesse realizar a tradução de suas obras para o japonês, pedido esse que lhe foi concedido. Retornando ao Japão, Marui assumiu a direção do Tohoku School em Tóquio, a qual buscou disseminar as ideias psicanalíticas no país. Porém, no Japão

daquela época, a nova ciência ainda estava fortemente vinculada à Psiquiatria, o que contrastava com as iniciativas de Freud na Europa no que diz respeito ao incentivo do exercício da psicanálise por profissionais que não fossem necessariamente ligados à Medicina, mas que, todavia, recebiam treinamento pela IPA (PARKER, 2008).

Em 1930, o psicólogo Yaekichi Yabe viajou à Londres com a intenção de realizar um breve treinamento analítico com o psicanalista Ernest Jones, então presidente da IPA, o qual concordou com a fundação da Associação Psicanalítica de Tóquio (APT), que passou a considerar-se um braço da IPA no Japão. Durante seu período na Europa, Yabe chegou a conhecer Freud pessoalmente e, nesse encontro, também pediu a autorização para traduzir *Mais além do princípio do prazer*. Segundo Parker (2008), como Marui não havia mantido contato com Freud a respeito das traduções, esse considerou que o psicanalista japonês pudesse ter perdido o interesse no trabalho, concedendo a permissão da tradução à Yabe.

No entanto, frente à forte influência médica dentre os psicanalistas da IPA dos Estados Unidos, e sendo Yabe "apenas" psicólogo e ainda tendo como sucessor Kenji Ohtsuki, formado em Literatura, a APT foi alvo de fortes críticas e, como resultado, não prosperou. Apesar de sua dissolução, seus membros continuaram suas práticas terapêuticas influenciadas pela psicanálise, por princípios budistas e pela cultura japonesa.

Sabendo do ocorrido, Kiyoyasu Marui partiu para Viena para tentar reaver o direito de traduzir as obras de Freud, mas seu ex-pupilo, o psiquiatra Heisaku Kosawa, antecipou-se e falou com Freud primeiro, apresentando sua teoria sobre o Complexo de Ajase – que não despertou o interesse do autor austríaco – e recebendo a autorização não apenas para traduzir as obras de Freud, mas também para fundar um novo grupo psicanalítico no Japão a ser reconhecido pela IPA.

Kosawa retornou ao Japão em 1933 e inaugurou uma clínica psicanalítica em Tóquio, na qual buscou ser o mais fiel possível à teoria freudiana. Em 1939 começou a Segunda Guerra Mundial, e o Japão além de estar entre os países que compunham o Eixo, encontrava-se envolvido em vários outros conflitos na região do Pacífico, atuando de forma agressiva e com a certeza de que seria vitorioso, pois agia em nome de suas divindades incorporadas na figura de seu Imperador. Durante esse período, muitos terapeutas japoneses pensaram, do ponto de vista psicanalítico, na situação do homem japonês em guerra e em suas neuroses traumáticas. Segundo Parker (2008), Kosawa,

por exemplo, prosseguiu com o seu trabalho durante a guerra. Porém, devido à sua fidelidade à Freud e às questões políticas que isso impunha, passou a ser vigiado pelo serviço secreto japonês por praticar uma ciência que era supostamente influenciada pela cultura judaica, que concebia a necessidade de um homem "livre", pensando por si e atendendo a seus desejos, o que de fato se contrapunha grandemente ao que o Imperador necessitava de seus soldados e súditos naquele momento.

O fim da Segunda Guerra Mundial

Como previsto pelos Estados Unidos, o uso das novas armas nucleares encerrou a Segunda Guerra Mundial, acentuando a influência política, econômica, cultural e militar norte-americana sobre o mundo, e inaugurando a era atômica.

Especificamente no caso do Japão, a influência norte-americana não se restringiu à ocupação territorial – propiciando aos Estados Unidos a influência sobre uma área geográfica próxima aos territórios sobre os quais predominava o regime capitaneado por Stálin – ou ao desenvolvimento da sociedade capitalista: representou uma forte influência norte-americana em todos os setores culturais do país, incluindo a Medicina e a Psicologia, abarcando nesse sentido os tratamentos oferecidos aos soldados retornados dos *fronts* de batalha e aos sobreviventes dos bombardeios nucleares de Hiroshima e Nagasaki.

Assim, para que fosse possível pensar o trauma e seu tratamento, fazia-se necessário compreender não apenas o papel do Eu – conceito que poderia divergir tendo em vista as diferentes abordagens psicanalíticas – mas também a influência sobre esse Eu da cultura japonesa tradicional (anterior à ocupação dos EUA): algumas abordagens pensavam o Eu como um centro organizador do *self*, o qual deveria ser fortalecido para que o indivíduo pudesse encontrar a libertação espiritual, mesmo que por meio da morte, como no caso dos *kamikazes*; ou o Eu como um gerador de desejos e, portanto, conflitos, que impunham obstáculos à obediência da ordem e que, por isso, deveria ser "adaptado" para que pudesse abrir mão dos desejos particulares e da autonomia com vistas à gratidão e à responsabilidade para com o outro.

Os conceitos de Eu começam a ser discutidos pelos muitos grupos psicanalíticos e terapêuticos no Japão, todos fortemente influenciados pelo modelo médico norte-americano, ou seja, pela psicanálise do Eu e pela Psiquiatria adaptativa que se

impuseram sobre a sociedade japonesa no âmbito da ocupação militar. Nesse contexto, algumas instituições ainda buscavam zelar pelas particularidades que o Japão e seu povo opunham à ciência ocidental, que como se disse, começava a penetrar ostensiva e agressivamente em todos os setores da vida nipônica. Em outras palavras, muitos psicanalistas questionavam-se sobre a possibilidade de uma psicanálise que pudesse desvendar o homem oriental sem que para isso fosse necessário enquadrá-lo em um modelo de homem que não lhe era próprio.

Propuseram-se, portanto, a repensar a psicanálise sob o ponto de vista da cultura japonesa, através de seus mitos e lendas, levando em conta a especificidade da formação e desenvolvimento do Eu no indivíduo de origem nipônica, o qual possui diferentes influências familiares, está sob um diferente modelo hierárquico, e partilha socialmente de diferentes valores morais se comparado com aquele homem pensado por Freud no século XIX. Como Parker (2008) afirma, compreender a psicanálise no Japão significa compreender o modo como esta ciência foi adaptada à cultura japonesa, suas modificações em termos da concepção de homem e como seus profissionais se utilizam dela para pensar e tratar seus pacientes.

Uma das primeiras questões endereçada aos grupos psicanalíticos japoneses pelos seus colegas da IPA dos Estados Unidos, foi como adaptar uma ciência que visa uma maior liberdade dos indivíduos e, na medida do possível, a realização de seus desejos mais íntimos em uma sociedade que é supostamente mais grupal do que individual, questão essa que foi prontamente rebatida pelos grupos psicanalíticos japoneses que alegaram a não veracidade da afirmação em questão. Segundo Parker (2008), os psicanalistas japoneses sustentaram que essa concepção sobre a sociedade nipônica surgiu no período do pós-guerra e sob forte influência do produtivismo imposto no contexto da ocupação do país. Para que fosse possível atender às demandas da incipiente industrialização japonesa, com seus novos métodos de produção que deveriam atender às leis do mercado impostas pelo capital financeiro norte-americano, era necessário que o trabalho nas indústrias, para ser mais eficiente, fosse realizado e gerenciado em grupos, e não individualmente.

Essa concepção da sociedade japonesa como aquela em que os interesses do grupo se colocavam acima dos interesses individuais foi disseminada nos Estados Unidos principalmente devido à publicação do livro *O crisântemo e a espada* de Ruth Benedict. A obra, que é supostamente um estudo antropológico do povo japonês, foi

encomendada – por assim dizer – com a intenção de desvendar aspectos fundamentais da cultura japonesa que permitissem facilitar e até mesmo auxiliar a ocupação do Japão no período do pós-guerra, mas que no entanto, acabou tendo um efeito inverso: influenciou não somente os norte-americanos em suas visões sobre o mundo oriental, mas também – e surpreendentemente – muitos japoneses, que tomaram a concepção da autora como verdadeira em um momento em que suas referências culturais e identitárias encontravam-se abaladas.

Segundo Parker (2008), Benedict não foi ao Japão para realizar seu estudo antropológico, mas entrevistou japoneses que residiam nos Estados Unidos e que, portanto, já estavam de alguma maneira inseridos na cultura ocidental, o que em grande medida teria influenciado as conclusões apresentadas pela autora em seu livro. Nesse contexto, a aceitação por parte de muitos japoneses das teorias de Benedict demonstra a dificuldade enfrentada no reestabelecimento de referências culturais, e a consequente problemática envolvendo a constituição do Eu por parte dos japoneses após o término da Segunda Guerra Mundial, ou seja, a forte influência da ocupação norte-americana sobre a cultura japonesa como um todo, e a "destruição" de muitas referências da cultura japonesa tradicional.

Essas mudanças impuseram aos japoneses uma sensação de ansiedade e, nesse sentido – em conjunto com os traumas de guerra –, propiciaram demandas para a psicanálise. Passa a ser essencial, na concepção dos psicanalistas japoneses, uma ciência que permitisse a compreensão do indivíduo, do seu grupo, e de suas relações interpessoais no Japão do pós-guerra, seja para compreender os sintomas e auxiliar em seus tratamentos, seja para repensar os novos paradigmas impostos ao individuo e à cultura no Japão.

Entretanto, o posicionamento da IPA não foi positivo. Segundo Parker (2008), em 1953, James Clark Moloney, baseado na disseminada concepção do Japão como uma sociedade grupal e não individual, escreveu uma severa crítica sobre a pretensão dos japoneses em introduzir a psicanálise no país. Nesse artigo que foi publicado no International Journal of Psychoanalysis, Moloney sustentou que:

> [...] whatever the Japanese analysts said they were doing, it could not really be psychoanalysis aiming at individual freedom because they, the Japanese, insist upon "insensible and unconscious submissive conformity to the existing culture". (MOLONEY, *apud* PARKER, 2008, p. 13)

Uma das graves contradições existentes na crítica de Moloney é que sua descrição sobre o uso da psicanálise por parte dos psicanalistas japoneses coincide com a descrição da Psiquiatria norte-americana da época, ou seja, tratamentos baseados na adaptação do indivíduo à sociedade. A contradição é ainda mais forte quando o autor aponta que naquele momento a atuação psicanalítica nos Estados Unidos estava amplamente ligada à medicalização da ciência psicanalítica (PARKER, 2008).

Baseado nessa contradição, uma hipótese para o desejo de Moloney sobre a impossibilidade da psicanálise no Japão poderia estar vinculada à sua mentalidade "ocupacionista". Em outras palavras, o autor não desejava ver um povo dominado por seu país pensar na possibilidade de liberdade, e dessa forma não se submeter à mera adaptação imposta pelos Estados Unidos naquela nova era.

Superando as críticas de Moloney e de outros psicanalistas ligados à IPA, em 1955 Kosawa funda a Sociedade Japonesa de Psicanálise (SJP - *Nippon Seishin-Bunseki Kyokai*) em parceria com outros grupos psicanalíticos japoneses, mantendo tanto seu compromisso de atuar o mais fielmente possível às teorias de Freud, quanto respeitando as particularidades da cultura japonesa e os processos de desenvolvimento do indivíduo japonês, de modo que a psicanálise não fosse apenas algo a mais trazido e imposto pelo ocidente, mas uma prática original voltada exclusivamente para o sujeito nipônico em suas singularidades.

Em outras palavras, Kosawa pretendia um constante diálogo entre a psicanálise freudiana e o indivíduo japonês, com a intenção de que a prática clínica não atuasse como um meio de opressão e aprisionamento, mas ao contrário, pudesse promover uma libertação do sujeito dos comandos que o inserem em padrões de obediência alienada impostos pela sociedade japonesa.

A formação e desenvolvimento do indivíduo na cultura japonesa

Os padrões de obediência alienada, no entanto, podem e devem ser pensados por meio dos laços de dependência que o sujeito japonês forma com aqueles que fazem parte de seu círculo social mais próximo. Na intenção de refletir sobre esses laços, o psicanalista Takeo Doi escreveu os livros: *The anatomy of dependency* e *The anatomy of self: the individual versus society*. Essas obras discutem a importância do outro na formação e no desenvolvimento do indivíduo na cultura japonesa empregando o

conceito de *Amae*, termo que identifica a emoção ligada à dependência do sujeito em relação aos outros (PARKER, 2008).

Segundo Doi, e baseado na cultura Budista, a verdadeira libertação do homem só acontece na ocasião de sua morte. Por esse motivo, seria ingênuo pensar que a ciência psicanalítica poderia libertar o sujeito japonês de seus laços de dependência, que se desdobram em responsabilidade e gratidão para com o outro, laços esses que o indivíduo estabelece desde o seu nascimento, primeiramente com sua mãe e, posteriormente com seus familiares – incluindo pai e irmãos – e com a sociedade a que pertence.

O argumento de Doi remete à importância da morte na religião budista e na cultura japonesa como um todo. Nesse sentido, o culto aos mortos e, em certas ocasiões até mesmo um incentivo à morte honrosa para a "regeneração" da alma, reforça a hipótese sobre como o Japão produziu soldados kamikazes durante a Segunda Guerra Mundial: a morte honrosa, em nome da nação e sobretudo em nome do Imperador, como forma de honrar não somente o próprio sujeito, mas sua família e seu país.

As memórias de alguns sobreviventes do bombardeio atômico de Hiroshima ilustram essa relação com a morte, embora enfatizem a libertação de uma vida em castigo, levada em culpa e vergonha[20]. Isso porque muitos *hibakushas* acreditam terem sobrevivido porque foram tomados, após a explosão nuclear, por um forte sentimento de anestesiamento, ou pelo medo, ou ainda por uma urgência inquietante que os fizeram colocar a própria sobrevivência acima do socorro que poderiam ter prestado aos outros. Após a guerra, essa conduta suscitou-lhes arrependimento e tristeza, porque evitaram uma morte honrosa e, consequentemente, foram condenados a levar uma vida em culpa e vergonha, uma vida que se transformou em um castigo, uma penitência que deverá ser cumprida até o dia de suas mortes.

Dentre essas memórias há relatos sobre a sensação de impotência frente à morte de pessoas conhecidas, um dilema que os sobreviventes carregaram pelo resto de suas vidas. Kamatsuka, sobrevivente de Hiroshima, relata que ouviu gemidos abafados de socorro que vinham debaixo dos entulhos do local onde estava:

> Apesar de ninguém estar visível, eu podia dizer que, devido à quantidade de gemidos, havia muitas pessoas presas embaixo da parede derrubada. Nós

[20] Nesse caso, os sentimentos de culpa e vergonha foram interpretados pelos próprios sobreviventes – como já mencionado anteriormente – como possuindo uma origem mórbida e um sentido desmoralizante. O tema será revisitado com mais profundidade nos próximos capítulos.

> tentamos levantar a parede, mas somente com a força de algumas garotas a parede não se movia. Nós chamávamos pelos nossos colegas de sala soterrados embaixo da parede para os encorajar; não havia mais nada que pudéssemos fazer. O tempo passou em frustração. Não sabíamos mais o que fazer. Foi quando nosso diretor da escola, sr. Takuo Matsumoto, apareceu e nos mandou fugir. "É uma bênção vocês terem sobrevivido. O fogo está se aproximando, então eu quero que vocês escapem imediatamente para o Monte Ushita, certo?", ele disse, quase gritando. Percebemos que havia chegado a hora de dizermos adeus para nossos amigos. Ficávamos olhando para trás, pedindo desculpas em nossos corações e juntando nossas mãos em oração. Até hoje eu ainda ouço meus amigos suplicando por ajuda. (HIROSHIMA JOGAKUIN ALUMNI ASSOCIATION, 2005, p. 72, tradução nossa)

Dessa forma, Doi (2014) argumenta que só é possível "desvendar" o homem japonês se o sentimento de *Amae* for compreendido, uma vez que este último representa os sentimentos suscitados pelas relações consigo e com seu espaço social, incluindo a importante relação transferencial entre paciente e analista. Em sua teoria, Doi (2014) localiza o sentimento de *Amae* primeiramente estabelecido na relação da mãe com seu bebê, por meio da qual a criança apreende seu arredor e vive plenamente sua dependência em um elo com sua cuidadora. Nessa primeira relação, o indivíduo satisfaz sua necessidade e desejo por dependência, uma tentativa de negar a separação, ou seja, evitar o sofrimento da castração que é parte fundamental da existência e do desenvolvimento humano segundo a psicanálise freudiana. Entretanto, por meio do sentimento de *Amae*, a castração não conduz o indivíduo à liberdade ou à autonomia, mas acentua seu laço de dependência por meio do sentimento de gratidão.

Nesse contexto, e em diálogo com o papel da castração na cultua japonesa, Kosawa retoma sua teoria sobre o Mito de Ajase, teoria que, como já mencionado, ele apresentou em um artigo à Freud em 1933, mas que, como dissemos, à época não chamou atenção do pai da psicanálise (PARKER, 2008). Entretanto, após estabelecida a Associação Psicanalítica Japonesa em 1955, essa teoria ganhou força entre os psicanalistas japoneses, que a utilizaram para pensar a castração na cultura oriental e o papel das primeiras relações estabelecidas pelos indivíduos em sua vida no interior da sociedade, a qual não se reconhece no mito de Édipo.

Sobre o mito Hindu do príncipe Ajase, Parker (2008) explica:

> Queen Idaike, feeling her beauty and husband's love fade, was anxious to have a child, and a soothsayer told her that a hermit living in the woods would be reincarnated in her womb in three years. She could not wait this

> long and killed the hermit, who imposed a curse as he died that he would, as her son, kill her husband. She feared her future son Ajase, and as she gave birth dropped the child from a high tower so that he fell, but he survived with a broken finger. The adolescent Ajase was told that his mother had tried to kill him by an enemy of the Buddha, and tried to kill her, but guilt overcame his rage and manifested itself in an illness that covered his body with sores. Queen Idaike confided in the Buddha and devoted herself to caring for her son, and so he recovered and became a good king. (p. 24)

Conforme o trecho acima, há nesse mito a dualidade do desejo da mãe, a rainha Idaike, de ter um bebê e matá-lo, o que concretiza a dualidade pulsional de Freud. O desejo da mãe de ter um bebê é ligado ao medo de perder o amor do outro com quem estabelece um vínculo de dependência, no caso, seu marido, o rei. Porém, ao saber da profecia de que seu filho iria matar o pai, a fantasia da perda do objeto amado se concretiza, o que lança a mãe em uma dualidade entre vida e morte, ambas entrelaçadas pelo amor e dependência da rainha pelo seu marido. Ao tentar matar o filho e ser malsucedida, o desejo da criança entra em cena: um rancor pré-natal e o desejo de retaliação por parte da criança. A partir de então, o rei desaparece e o mito se baseia na relação entre Idaike e Ajase em um círculo de raiva, culpa, reparação, amor e dependência entre mãe e bebê. Para Parker (2008), trata-se de uma relação masoquista por parte da mãe na qual ela e o próprio filho caminham para formações subjetivas de autocrítica em que impera a dúbia relação de autossacrifício e culpa. Nesse ponto, a teoria de Melanie Klein e sua concepção da dualidade vivida pelo bebê em relação à sua mãe auxilia os psicanalistas japoneses em suas reflexões sobre a Complexo de Ajase.

Keigo Okonogi, sucessor de Kosawa, repensa o papel da mulher na cultura japonesa por meio do mito de Ajase, e afirma que o Japão é um país cuja sociedade é matriarcal, e não patriarcal, contrariando o senso comum ocidental que observa a cultura japonesa como machista e patriarcal. Nesse sentido, Parker (2008) nos informa que Okonogi faz uma retomada da história da mulher na sociedade japonesa, explorando a posição feminina e os problemas que esse grupo enfrentou historicamente em termos de repressão e opressão. Por meio dessa retomada, Okonogi busca explicar por que a mãe pode ao mesmo tempo desejar ter o bebê e matá-lo, discorrendo sobre as demandas socialmente dirigidas às mulheres de terem filhos e de serem responsáveis

por criá-los, estando os homens, em muitas circunstâncias, desobrigados de tais incumbências.[21]

Ajase se culpa por desejar matar sua mãe quando compreende que seu nascimento foi concebido diante do medo de uma perda de amor, amor que estava condicionado à beleza da rainha Idaike e que, portanto, já estava fadado ao fim. Ajase então direciona sua raiva ao pai e, no mito, prende-o e o condena a morrer de fome. Sua mãe, no entanto, alimenta o marido secretamente, o que deixa Ajase furioso.

Como não pode ser direcionada à mãe que sofre, sua fúria é somatizada e Ajase desenvolve muitos abscessos. Em contrapartida, a mãe, compadecida, sacrifica-se para cuidar do filho, passando a ser muito devota, o que faz Ajase curar-se e tornar-se um bom rei. Segundo Parker (2008), a expressão "matar-se", na cultura japonesa, significa sacrificar-se, ou seja, supostamente abrir mão dos próprios desejos em favor do outro. Na realidade, trata-se da satisfação de um desejo masoquista.

Osamu Kitayama, que veio a ser sucessor de Okonogi, afirma que uma das fontes para o sentimento de culpa do filho é sua condição de causa para o autossacrifício da mãe. Kitayama chama atenção para a impossibilidade, por parte da mãe, de desvencilhar-se do papel do autossacrifício, uma vez que estar nessa posição significa camuflar suas fantasias masoquistas e, simultaneamente, impor ao filho um lugar de culpa e, consequentemente, gratidão e dependência eterna.

A história infantil japonesa *O coelho da lua* traz esse elemento do autossacrifício como uma característica intrínseca à cultura em questão. Na história (SAKADE; HAYASHI, 2005a), o Velho da Lua olha em direção a uma grande floresta, onde avista três amigos sentados ao redor de uma fogueira: um macaco, uma raposa e um coelho. Indagando-se qual deles seria o mais bondoso, o Velho resolve descer à Terra, passando-se por um mendigo faminto. Pergunta aos amigos se eles podem ajudá-lo a matar sua fome e os três logo se mobilizam, saindo em busca de comida para o velho mendigo. O macaco logo retorna com frutas e a raposa traz um grande peixe. Porém, preocupado e triste por não ter conseguido encontrar nada, o coelho solicita aos dois amigos que o auxiliem e tragam madeira e façam fogo. Quando a chama se encontra bem alta, o coelho diz ao velho mendigo: "Quero muito ajudar a matar sua fome e como não consegui nada para você comer, vou me jogar no fogo. Quando minha

[21] O tema do rancor pré-natal pode também ser pensado através do conceito de *assombrações*, formulado por Stephen Frosh (2018), um desejo muitas vezes localizado na transmissão dos conflitos de geração a geração. No caso da mulher japonesa, talvez uma empatia da criança pelos sofrimentos vividos pela mãe.

carne estiver assada, você poderá comê-la." Quando o coelho estava prestes a se jogar na chama, o velho o impede dizendo que ele não deve fazer nada que possa lhe causar mal. Por ser muito bondoso, o Velho da Lua resolve levar o coelho consigo para morar no céu, onde viveriam para sempre em harmonia.

Nessa história, fica evidente o desejo de autossacrifício e, simultaneamente, o alerta do Velho da Lua, que informa ao coelho que ele não deve fazer mal a si mesmo, uma proibição que poupa o Velho da culpa e mantêm ambos os personagens em gratidão: o Velho é grato pela bondade do coelho e deseja, por isso, sua eterna companhia; o coelho, por sua vez, é grato ao Velho por este ter evitado a sua morte, e seu autossacrifício lhe rende a libertação e a vida eterna e harmoniosa no céu.

A "proibição" é uma figura proeminente nos contos de fadas japoneses. Se pensadas em termos psicanalíticos, essas proibições dizem sempre respeito aos laços de dependência, subserviência, gratidão, responsabilidade, autossacrifício, fantasias sadomasoquistas e castigos. Porém, notemos que nos contos em que a proibição vem das mulheres, essas não dizem respeito a uma possibilidade de fraturar a relação mãe-bebê, mas sim de impor uma ruptura na relação esposa-marido.

No mito de Ajase, a proibição se dá pela prisão do rei, que é o responsável pelo sentimento de sua culpa do príncipe Ajase, pois o desejo de matar a própria mãe passa pela suposta necessidade da rainha de engravidar, uma vez que teme perder o amor do marido. Porém, a traição da mãe, que não obedece à ordem do filho e alimenta o marido em segredo – quando Ajase não está olhando –, deixa o príncipe furioso e, como consequência dessa traição, o filho adoece e impõe à mãe o autossacrifício. Para Kitayama, esse elemento do "não ver" é a proibição principal da cultura japonesa no que diz respeito às relações triangulares mãe-filho-marido: torna-se proibido olhar.

Nesse contexto, Parker (2008) relembra a popular história infantil de Urashima Taro. Segundo Sakade e Hayashi (2005b), Urashima Taro era um pescador muito bondoso. Um dia, estava andando pela praia quando viu crianças maltratando uma tartaruga. Incomodado, repreendeu as crianças que, envergonhadas, devolveram a tartaruga ao mar. Alguns dias depois, a tartaruga reencontra Taro na praia e lhe diz que contou à princesa do mar sobre como Taro a havia salvado. A princesa ficou muito feliz e pediu à tartaruga que encontrasse Taro e o levasse ao palácio para conhecê-la. Curioso, ele subiu nas costas da tartaruga e foi em direção ao palácio submerso. Ao

encontrar a princesa, essa lhe agradeceu a boa ação e, como recompensa, ofereceu ao pescador sua amizade, um eterno lugar em seu palácio e tudo mais que desejasse.

> Taro acabou ficando no palácio com a Princesa do Mar. No início, ele comeu pratos maravilhosos, viu coisas incríveis, e estava muito feliz. Mas, depois de um período que lhe pareceu durar poucos dias, começou a sentir saudades de casa e de seus amigos da superfície. Ele ficou pensando em como estavam seu pai e sua mãe e, um dia, finalmente falou à princesa:
> – Tenho sido muito feliz aqui, mas quero voltar à terra e ver meu lar e meus amigos. Por favor, me leve de volta à minha terra.
> – Está bem, Taro – respondeu a princesa. – Se você está determinado a ir, o levarei de volta. Mas fico triste por vê-lo partir. Nós temos sido tão felizes juntos! Como recordação de sua visita, darei a você esta bela caixa. Enquanto a possuir, poderá voltar para me visitar sempre que quiser. Porém, Taro, nunca a abra, jamais! Se a abrir, nunca mais poderá voltar aqui. Não abra a caixa. (SAKADE; HAYASHI, 2005b, p. 33-34)

Taro pegou a caixa, agradeceu e voltou a subir na tartaruga, que o levou de volta à superfície. Ao chegar, percebeu que tudo em sua vila havia mudado e perguntou pela casa dos Urashima. Percebendo que muitos anos se passaram desde que foi para o fundo do mar, Taro ficou intrigado e refletiu se a resposta para esse enigma estaria dentro da caixa que a princesa do mar havia lhe dado. Pensou sobre a proibição de abri-la, mas resolveu transgredir a ordem da princesa para saciar sua curiosidade. Ao abrir a caixa, uma fumaça emanou e Taro percebeu que envelhecera instantaneamente e que, além de ter perdido seus amigos e familiares para o tempo, também não poderia mais retornar ao palácio, destinado a morrer sozinho e triste.

A mulher, representada nessa história pela princesa do mar, oferece ao marido todas as alegrias que a gratidão e a dependência da relação estabelecida entre eles pode oferecer e, para tanto, a mulher se sacrifica. Mas o marido não deve jamais transgredir a ordem de "não ver", ou seja, de ver que no sacrifício da mulher jaz veladamente um desejo, ou seja, um prazer masoquista. Se o fizer, a retaliação é a negação do amor, que passa a não ser mais possível e, como consequência, o marido é abandonado em culpa e solidão.

Parker (2008) observa que uma série de lendas tradicionais japonesas incluem um enredo semelhante:

> […] a "snake wife" forbids her husband to look at her when she gives birth, but he does, to find that his wife is a snake; a "fish wife" tells her husband not to look while she is having a bath, and when he looks and discovers she

> is a fish, she leaves him; and a "clam wife" forbids her husband to look at her when she is cooking, but he disobeys and finds her urinating in the pan, upon which she goes back to the sea. And, in the myth of Izanagi-Izanami who created the islands of Japan and Shintō deities, Izanami dies after having given birth to a fire god who burns her genitals and then prohibits her husband Izanagi from following her into the land of the dead; he disobeys the prohibition "don't look", she wreaks revenge, and he only just escapes with his life. (p. 33)

Como no caso do mito de Ajase, essas lendas revelam a complexidade encontrada pelos psicanalistas japoneses ao tentar pensar as proibições castradoras que atuam na cultura japonesa, proibições essas que dizem respeito não apenas ao desenvolvimento da criança, mas também ao estabelecimento das relações entre adultos. De um lado, revela-se a tendência materna ao autossacrifício camuflada pela fantasia masoquista e, de outro, o desejo de retaliação, de punição, que é personificado nas figuras do marido e do filho, impondo aos mesmos os sentimentos de culpa, gratidão e tristeza.

No entanto, algo muito diferente foi encontrado nas entrevistas com *hibakushas* no que diz respeito a essa ligação entre sacrifício e culpa. As lembranças e as interpretações das lembranças dos sobreviventes caracterizam um quadro no qual ocorre uma busca pela elaboração do trauma de guerra. Nesse contexto, é necessário relativizar a inclinação que muitas vezes caracteriza os aparato teórico e as instituições de psicanálise no sentido de colocar sob uma luz mórbida a generosidade humana, afirmando que o autossacrifício é, na realidade, um ato narcísico que visa a um benefício próprio. Isso pode vir a implicar em uma desmoralização de atos que, na verdade, possuem grande estatura moral, deixando de representar um tipo de integração psicanalítica que leve a compreensões menos idealizadas e favorecendo interpretações desmoralizantes, muito comprometidas com preconceitos que culturalmente se formam a partir da própria psicanálise.

Nesse sentido, a ideia trazida pelo mito de Ajase – assim como aquela evocada pelo mito do Édipo Rei – é muito abstrata, e foi aplicada pelos psicanalistas japoneses como uma teoria interpretativa que deveria explicar todos os japoneses, condenando, por exemplo, o autossacrifício das mães como uma espécie de compulsão, um ato masoquista que impõe ao filho uma eterna condição de culpa e endividamento. Parece evidente nesse quadro esquemático que a culpa é um sentimento de origens mórbidas e não uma tentativa mais ou menos fracassada de elaborar o enigma da generosidade

humana: por que os humanos são capazes de generosidade? No que ela consiste? Após o bombardeio atômico, como manter a generosidade e a comunidade entre humanos?

Essas são questões muito importante entre gerações, que implicam as dívidas de amor que se estabelecem entre elas, e que não podem ser pagas prospectivamente ou retroativamente, mas apenas amando a um terceiro, devolvendo esse amor ao próximo. Nem mesmo o termo "pagamento" parece apropriado aqui, uma vez que se trata de uma retribuição afetiva e não de uma troca materialista, pois a generosidade e amor suplantam a categoria da dívida e do pagamento, e libera as pessoas para estendê-los indefinidamente, uma exigência que a pessoa experimenta quando cai na contingência do outro.

Ainda, a situação que sobreveio após o lançamento da bomba atômica impôs aos sobreviventes o questionamento sobre a violência ética, em meio à qual os seres humanos tornam-se alvos de morte para outros seres humanos, ou seja, tornam-se instrumentos e alvo de morte. Essa situação, muito característica das guerras, especialmente das guerras econômicas em que as motivações políticas muitas vezes são meras justificativas de projetos de dominação e, portanto, justificam a ganância econômica coletiva, essa situação de desolação ética da guerra levanta a seguinte pergunta: por que isso acontece? O que leva os humanos a estabelecer uma relação despersonalizada com outros humanos?

Esse enigma de guerra vincula-se a outro enigma a ser confrontado na história de vida do sobrevivente, o qual se questiona se antes e/ou depois ele de alguma forma participou desses impulsos desumanizados ou desumanizadores, ou se encontrou condições de resistir a esses impulsos. Mais dos que resistir contra esses impulsos, perguntam-se se alcançaram impulsos humanitários, se são capazes de amar e retribuir o amor que recebem ou que receberam, uma vez que observam na guerra o quanto os outros e eles próprios são capazes de violência e de morrerem em uma situação de indiferença moral, coletiva, que autoriza matar com garra e lucrar com essa morte.

Então, esse enigma da indiferença se impõe aos *hibakushas* na medida em que eles possuem como referência em suas lembranças pessoas capazes de respeito, de ação humanitária, e mesmo quando as lembranças dessas pessoas parecem ligadas a motivações familiares, de parentesco, observam atentamente e percebem que, na realidade, elas superam essas relações, sendo lembranças de pessoas capazes de resistir à lógica da indiferença e de se manterem ativamente em prática respeitosa,

demonstrando uma coragem diferente daquela dos kamikazes que dão suas vidas de modo alienado, vazio. Observam que aquelas pessoas também dão suas vidas, autossacrificam-se de um modo também alienado, mas uma alienação muito significativa, porque diz respeito à alienação amorosa, e não àquela ligada à dominação.

Portanto, deve haver um cuidado tanto por parte dos depoentes quanto por parte dos psicólogos sociais e psicanalistas a respeito do risco de se interpretar essas preocupações morais dos sobreviventes como impulsos mórbidos. Seria muito simplista decidir sob o amparo de um mito que essas mães capazes de generosidade são masoquistas, e que seus filhos amados estão endividados, obrigados a amá-las e a cuidar delas quando ficarem velhas, sinalizando um desprezo pelo altruísmo materno e humano. As angústias dos sobreviventes não devem ser rapidamente desqualificadas como angústias de pessoas morbidamente endividadas, e caso o forem, essas conclusões devem ser aproximadas com cuidado, sem duvidar da nobreza da culpa sentida pelos *hibakushas*, porque a nobreza dessa culpa está diretamente associada ao questionamento dos sobreviventes sobre sua capacidade de resistir à indiferença humana, e se essa capacidade os transformou em praticantes de respeito.

Capítulo 4
Keiko Ogura

Keiko Ogura, 81 anos, é uma sobrevivente muito conhecida no Japão, especialmente em Hiroshima, pois fala fluentemente o idioma inglês e, por isso, é uma das *hibakushas* mais convidadas para falar sobre as suas próprias experiências e as experiências de outros sobreviventes da bomba atômica, tanto para o público japonês quanto para públicos internacionais dentro e fora do Japão. Segundo o Museu Memorial da Paz de Hiroshima, Keiko viaja muito transmitindo as memórias da catástrofe de Hiroshima, e geralmente possui uma agenda bastante intensa e pouco maleável.

No entanto, ao ficar sabendo pela equipe do museu que havia uma pesquisadora brasileira, descendente de japoneses, fazendo entrevistas com *hibakushas* para a sua pesquisa de doutorado em Psicologia Social e psicanálise, Keiko demonstrou grande interesse em conceder uma entrevista e, para tanto, abriu um horário em sua agenda. Como ela faria uma palestra para um grupo de estudantes norte-americanos no auditório do museu, solicitou que a instituição me convidasse para comparecer ao evento e informou que, na sequência, disponibilizaria duas horas para uma única entrevista.[22]

Concordei com as condições estabelecidas e, no dia marcado, cheguei ao auditório pontualmente. Logo notei que a sala estava cheia de jovens, em sua maioria homens entre 15 e 18 anos, ocidentais, brancos e, pelo idioma, norte-americanos. Keiko entrou alguns minutos depois da minha chegada e veio acompanhada de uma funcionária do museu. Esta abriu a palestra dizendo que era uma honra podermos ouvir as memórias de Keiko, solicitou que não houvesse interrupções durante a apresentação e informou que, ao final, haveria uma breve sessão de perguntas. Em seguida, ela formalmente apresentou Keiko, que começou pedindo desculpas por seu "inglês fraco" e pelos possíveis erros gramaticais e de vocabulário que poderia vir a cometer ao longo de sua palestra.

Keiko iniciou sua fala contando que seu marido, já falecido, foi um dos diretores do museu onde estávamos e que, apesar de não ser um *hibakusha* como ela, era muito engajado na luta por um mundo livre de armamentos atômicos. Keiko relatou que, no dia 6 de agosto de 1945, tinha oito anos de idade e que possuía lembranças vivas do dia

[22] Como apontado anteriormente, a proposta de entrevista formulada aos sobreviventes do bombardeio atômico envolvia três ou mais encontros, nos quais falaríamos respectivamente de memórias anteriores ao bombardeio, memórias relativas do bombardeio e memórias posteriores ao bombardeio.

do bombardeio, memórias que durante 30 anos ficaram guardadas dentro dela uma vez que não desejava compartilhá-las com ninguém. Entretanto, quando a vida a colocou frente a frente com a necessidade de contar ao mundo sobre suas experiências, assombrada pelo medo de que a catástrofe atômica pudesse repetir-se, decidiu visitar outros *hibakushas* para ouvir suas experiências e, por meio dessas outras memórias, buscar compreender melhor suas próprias lembranças e transmitir da melhor forma possível o que foi o bombardeio nuclear pelas vivências daqueles que sobreviveram. Nessa peregrinação para ouvir memórias, Keiko conheceu o irmão e a mãe de Sadako Sasaki[23].

Keiko, após ouvir muitas narrativas de sobreviventes, percebeu que logo após o final da guerra, as pessoas em geral estavam muito tristes, desesperadas, e muitas desejavam morrer, tendo havido numerosos suicídios nos anos que se seguiram à rendição do Japão[24]. Afirmou que muitos daqueles que sobreviveram, principalmente os *hibakushas*, levaram uma vida muito solitária e, como ela, jamais puderam esquecer o dia do bombardeio, sobretudo o olhar dos sobreviventes logo após a explosão, o qual Keiko descreveu como "um olhar difícil de explicar: parecia cheio de desespero ou de outra coisa, um olhar que nem eu pude esquecer e nem os sobreviventes com quem conversei até hoje esqueceram."

Sobre a maternidade, disse que a contaminação radioativa a deixou com muito medo ter filhos e, após tê-los, tudo relacionado à saude das crianças a deixava apreensiva. Percebeu que seus filhos demoravam mais tempo para se recuperarem de problemas de saúde do que as demais crianças da escola e da vizinhança, fosse "gripe, febre, doenças que todas as crianças têm quando pequenas." Keiko sempre atribuiu essa circunstância à radiação, "algo que certamente passei para meus filhos."

Em um determinado momento da palestra, Keiko começou a apresentar fotografias de uma Hiroshima destruída, tiradas dois meses após o bombardeio. As

---

[23] Sadako Sasaki foi uma sobrevivente que tinha apenas dois anos de idade no dia 6 de agosto de 1945 e que morreu em decorrência de leucemia aos 12 anos. Sadako foi atingida pela chamada chuva negra – chuva extremamente radioativa que caiu sobre Hiroshima após o bombardeio (entre 9h e 16h) e que possuía a coloração negra devido à grande quantidade de poeira proveniente da explosão nuclear. Sadako tornou-se um símbolo da paz, representando principalmente todas as crianças mortas no dia e em decorrência do ataque atômico. Ela acreditava que dobrando 1000 grous (*origamis* em formato de *tsururs*), teria um desejo concedido: o de viver. Infelizmente, Sadako morreu antes de conseguir dobrar todos os 1000 *tsurus*. Por esse motivo, até hoje o Museu Memorial da Paz de Hiroshima recebe dobraduras de *tsurus* enviados por estudantes do mundo inteiro como uma mensagem e um apelo de paz. Todos esses *origamis* são dispostos no monumento para Sadako Sasaki, localizado no Parque Memorial da Paz de Hiroshima.

[24] 15 de agosto de 1945.

imagens mostravam a região próxima ao epicentro onde quase tudo estava destruído, com exceção de alguns prédios feitos de concreto[25]. Suas paredes externas brotavam de um mar de escombros em meio ao qual era possível observar linhas finas, como veias quase imperceptíveis entre uma massa de entulhos, caminhos abertos pela população e pelo exército japonês e norte-americano para facilitar a circulação pela cidade em ruínas. Keiko enfatizou que, apesar de não ser possível ver nas fotos, milhares de corpos carbonizados, desfigurados, irreconhecíveis, os cadáveres e as cinzas de milhares de pessoas, jaziam entre os destroços. Pediu que todos no auditório fizessem um esforço e tentassem imaginar os corpos das vítimas espalhados pelos escombros.

Em seguida, Keiko falou sobre sua casa localizada a aproximadamente dois quilômetros do hipocentro, dentro da área severamente atingida pela explosão. Em 1945, ela estava no segundo ano do Ensino Fundamental, e sua escola ficava bem no centro da cidade. Relembrou que quando os alarmes de ataque aéreo soavam, ela tinha que deixar para trás todas as suas coisas e correr para casa, pois um protocolo de guerra determinava que, em caso de alarmes, os alunos que morassem a uma distância relativamente curta da escola deveriam abrigar-se em suas casas. Os alunos que morassem longe poderiam abrigar-se na própria escola, junto com os professores. Keiko disse que não se recordava ao certo qual era a distância estabelecida pelo protocolo, mas sabia que sua casa marcava o limite máximo a que correspondia a instrução de voltar para casa. Ou seja, entre os alunos que deveriam deixar a escola para abrigar-se em suas casas, ela era quem percorreria a maior distância, e essa era uma de suas piores memórias do tempo da guerra.

Afirmou que nunca foi uma criança que corria rápido ou até mesmo que gostasse de correr, mas devido à regra da escola, em vários momentos viu-se precisando correr sozinha e o mais rápido que podia para casa, sentindo muito medo, chorando e gritando por sua mãe. Nesse momento da palestra, Keiko mostrou um desenho feito por um grupo de alunos da Escola de Artes de Hiroshima baseado nas suas memórias. Relatou que o processo de ilustração foi acompanhado de perto por ela. Por essa razão, sentia-se autorizada a apontar para um dos desenhos e afirmar: “essa menina de capuz azul, correndo chorando, sou eu.” Disse que inúmeras vezes chegou a suplicar à professora

[25] Em 1945, grande parte das construções no Japão ainda eram feitas basicamente de madeira. Em Hiroshima, apenas alguns prédios eram de concreto, e alguns deles, apesar de quase completamente destruídos pela força da explosão (onda de choque, pressão e radiação emitidos pela bomba atômica) permaneceram com algumas de suas paredes em pé. É o caso do Domo da Bomba Atômica.

para que a deixasse se abrigar na escola, mas devido ao protocolo, seu pedido foi sempre negado.

Contou que um dia – não se lembra exatamente a data, apenas de ter sido antes do bombardeio atômico – estava em sua casa quando o alarme subitamente soou e todos de sua família pararam o que estavam fazendo e correram para o abrigo ali perto. Lembrou que ficaram apreensivos com a aproximação de um barulho muito alto de motor, e perceberam que um avião inimigo estava voando muito próximo do chão. Em seguida, ouviram sons de disparos, de tiros, e ao olhar rapidamente por uma fresta, Keiko viu sua casa pegando fogo, o que para ela foi aterrador.

Sua casa foi parcialmente queimada, e ela teve dificuldade em compreender o motivo pelo qual os inimigos atearam fogo em sua casa. Perguntou então à sua irmã mais velha o que havia de fato acontecido e ficou sabendo que, na realidade, eles não estavam mirando sua casa, mas sim um pedestre. A irmã contou-lhe que, ao saírem do abrigo, os vizinhos se depararam com um homem morto a tiros: concluíram que o rapaz estava correndo para o abrigo e o avião, ao vê-lo, diminuiu sua altitude para atirar no pedestre e matá-lo. Keiko afirmou que essa história a deixou tão horrivelmente tomada que foi invadida pela certeza de que teria uma morte semelhante, ou seja, morreria como aquele pedestre. Dali para frente, o medo de voltar correndo sozinha da escola – em caso de alarmes – tornou-se quase insuportável: seu medo ficou ligado e acentuado pela sensação de que um avião poderia aproximar-se a qualquer momento e matá-la a tiros.

Décadas depois da explosão, Keiko foi chamada como intérprete de um grupo de *hibakushas* em evento sediado pelo Smithsonian Institute em Washington, Estados Unidos. Comentou que, naquela época, ainda não compartilhava suas próprias experiências em público. Entretanto, por ser fluente na língua inglesa, podia auxiliar outros sobreviventes como intérprete. Chegando ao museu, Keiko e os demais foram conduzidos a um salão onde o Enola Gay[26] estava exposto, o que surpreendeu e causou grande comoção entre os *hibakushas*. Porém, Keiko afirma que apesar de o B-29 ser grande e estar exposto no meio da sala de forma imponente, sua atenção foi aparentemente presa e apavorada por aviões que estavam atrás do bombardeiro, bem menores e de um só piloto. No espaço de um segundo, disse ela, ocorreu-lhe ter visto um brilho intenso saído subitamente daquela fileira de aviões, um *flash* de luz refletido

[26] Trata-se da aeronave que lançou a bomba atômica sobre a cidade de Hiroshima em 6 de agosto de 1945. Responsável pelo treinamento do esquadrão e pela execução do primeiro bombardeio atômico da história, o coronel Paul Tibbets batizou o bombardeiro B-29 de "Enola Gay" em homenagem à sua mãe.

pelas asas de um deles, o que a deixou atônita e a fez sair correndo, desesperada, gritando, logo encolhida em um dos cantos do grande salão. Uma colega que a acompanhava aproximou-se para saber o que havia acontecido, e Keiko prontamente a agarrou pelo braço cheia de pavor.

Havia muitos fotógrafos e jornalistas cobrindo o evento e, por essa razão, sua reação foi fotografada e filmada. Naquela noite, a cena foi reproduzida no noticiário e foi ao ar tanto nos Estados Unidos quanto no Japão em horário nobre. No dia seguinte, a expressão de pânico de Keiko estampava as capas dos jornais dos dois países, o que a deixou muito chateada e apreensiva. Keiko recebeu, então, duas ligações telefônicas naquele mesmo dia: a primeira foi de um dos seus filhos e a segunda, de seu irmão mais velho. Estavam desarvorados, pois nenhum dos dois havia contado para suas respectivas famílias que eram sobreviventes do ataque nuclear. No caso do filho, residente em Hiroshima, nem sua esposa e nem seus sogros sabiam que Keiko era uma *hibakusha* e que, portanto, ele próprio era um *hibakusha* de segunda geração. No caso do irmão mais velho, que deixou Hiroshima e refez sua vida em Tóquio após a guerra, sua família e amigos desconheciam o seu passado.

Um dos principais motivos pelos quais Keiko foi levada a adiar por anos a tarefa de compartilhar sua história foi justamente o receio de deixar estigmatizada sua família. Decidiu-se finalmente por enfrentar o risco, em nome da esperança de que uma tragédia semelhante não viesse a se repetir. Por esse motivo, estava sempre atenta às coisas que falava durante suas palestras, tentando ao máximo preservar a identidade e a privacidade de seus filhos e irmãos, restringindo-se tanto quanto possível às suas próprias experiências.

Keiko mostrou uma nova foto, agora de um local completamente destruído, e disse: “escapei da morte, porque não fui à escola naquele dia. Esse monte de escombros era a minha escola.” Contou que a madrugada do dia 6 de agosto havia sido muito conturbada devido aos alarmes de ataque aéreo que obrigaram ela e sua família a irem e voltarem do abrigo várias vezes. Essa agitação incomum fez com que o pai de Keiko pedisse aos filhos que não saíssem de casa durante o dia, explicando que achou muito estranho e ficou intrigado com o fato de os alarmes terem sido disparados muitas vezes sem que nenhum tipo de ataque ocorresse. Keiko disse que, com isso, o pai “pressentiu que algo aconteceria, pedindo então que os filhos ficassem em casa e faltassem na escola e no trabalho”. Ela obedeceu, mas seu irmão mais velho acabou indo para a

escola encontrar seus colegas e receber as instruções sobre o trabalho que sua turma executaria naquele dia.[27]

Dessa forma, Keiko não estava no centro da cidade no momento da explosão, mas caminhava pela rua perto de sua casa. Lembrou que foi subitamente atirada para longe e, aos poucos, foi perdendo a consciência. Ao despertar e recobrar seus sentidos, seguiu correndo em direção à sua casa, tendo ficado aliviada ao perceber que, apesar de a casa ter sido atingida, paredes terem desabado e vidros terem se estilhaçado, todos ali estavam bem.

No entanto, recordou que os dias que se seguiram ao bombardeio foram dias muito difíceis, pois milhares de sobreviventes estavam fugindo da cidade. Como estavam muito feridos, a grande maioria acabou ficando pelo caminho. Ou seja, contou que havia corpos de pessoas mortas ou quase mortas por toda a sua vizinhança, inclusive em sua porta e dentro de sua propriedade. Lembrou que os rios que cortam a cidade[28] e suas margens estavam repletos de cadáveres empilhados. Seu pai foi um dos líderes dos grupos designados para retirar os corpos das vítimas das ruas e dos rios e os cremar em várias áreas abertas da cidade – parques principalmente –, o que deixou no ar, segundo Keiko, "um cheiro horroroso de peixe podre."

Apresentou outro desenho – também feito pelo grupo de alunos da Escola de Artes de Hiroshima com base em seu testemunho – no qual há uma escadaria repleta de corpos queimados e impossíveis de serem identificados. Relatou que essa escadaria ficava perto de sua casa e que no topo havia um templo que deveria servir, em caso de emergência, como posto de primeiros socorros. Por essa razão, milhares de sobreviventes tentaram chegar àquele local para receber ajuda, mas devido a seus ferimentos, e por estarem sem forças para subir, foram ficando pelos degraus e, assim, seus corpos começaram a amontoar-se por todos os lados.

Ainda sobre os dias seguintes ao ataque, Keiko recordava vivamente que sempre havia pessoas muito feridas suplicando por um pouco de água, e que ela lhes atendeu em determinadas ocasiões. Porém, um desses episódios a marcou profundamente. Keiko contou que bem próximo à sua casa estava um sobrevivente tão ferido que era impossível dizer se se tratava de uma mulher ou de um homem, tendo apenas

[27] Naquela época, o governo japonês suspendeu as aulas dos alunos do Ensino Médio e as substituiu pelo chamado "esforço de guerra", que envolvia trabalhos em fábricas de armamentos, nas áreas de demolição, em plantações, entre outros.
[28] Hiroshima é uma cidade atravessada por sete rios.

identificado a palavra “água”. Como resposta, ela correu para um poço próximo e, ao retornar, deu um pouco de água para a pessoa que, após o primeiro gole, morreu. Assustada, Keiko voltou correndo para casa e, ao chegar, antes de ter a oportunidade de falar qualquer coisa, escutou seu pai chamando por ela e pelo seu irmão. Quando ambos estavam frente a frente com o pai, ele lhes disse: “as pessoas estão pedindo água, mas vocês não podem dar. Se derem água a elas, elas morrem. Vocês deram água para alguém?” O irmão apressou-se em responde: “claro que não. Todos sabem que não se pode dar água para pessoas feridas com queimaduras.” Diante das palavras do pai e do irmão, Keiko disse que ficou chocada, e que seu primeiro impulso foi mentir para os dois, dizendo que ela também não havia dado água para ninguém.

Essa mentira fez com que Keiko passasse anos sendo atormentada pela culpa em função de ter dado água para aquele sobrevivente, até o dia em que encontrou uma amiga de infância que lhe confidenciou suas memórias do bombardeio. Soube que essa amiga culpou-se a vida toda porque seu pai morreu em seus braços suplicando por água. Em seu relato, a amiga dizia que seu pai estava no centro da cidade trabalhando e chegou em casa muito ferido e implorando por um pouco de água, ao que a amiga terminantemente negou, justamente por saber que dar água a pessoas que haviam sofrido queimaduras profundas aceleraria suas mortes. Porém, ao perceber que ele estava realmente morrendo, ela decidiu molhar um pano e colocá-lo gentilmente em sua boca para umidificá-la, mas assim que tocou o pano nos lábios de seu pai, ele imediatamente morreu. Keiko refletiu sobre o ocorrido e conclui que ela culpou-se a vida toda por ter dado água para uma pessoa que acabou morrendo, e a amiga culpou-se a vida toda por não ter dado água para o pai, que também acabou morrendo. Conclui que dar ou não a água poderia não ter feito a menor diferença naquela situação, o que de alguma forma amenizou – sem extinguir – o sentimento de culpa que carregava.

Para encerrar sua palestra, Keiko disse que, quando era jovem, tinha uma grande rejeição pela língua inglesa e que se recusava a aprendê-la, mesmo frente à grande influência norte-americana no Japão durante o período da ocupação. Porém, em determinado momento, percebeu que aprender o idioma inglês poderia ser uma atividade de paz pois, com isso, poderia vir a contar tanto a sua história quanto as histórias de outros sobreviventes para um público maior e até mesmo fora do Japão. Afirmou que hoje a luta pela abolição das armas nucleares e pela paz são seus maiores objetivos de vida, e que reza para que a história nunca mais produza *hibakushas*.

Ao terminar sua apresentação, Keiko recebeu aplausos calorosos e em seguida perguntou se alguém gostaria de fazer algum comentário ou tirar alguma dúvida. Um rapaz, sentado na primeira fileira, ergueu a mão e perguntou: "você disse no começo que muitos sobreviventes após a explosão desejavam morrer. Isso pode parecer grosseiro, mas eu queria saber: por que eles não se mataram?" Nesse momento, Keiko começou a se aproximar lentamente do rapaz, dizendo: "não entendi sua pergunta." O rapaz, agora nitidamente corado, intimidado e desconcertado, começou a gaguejar e a refazer sua pergunta de forma confusa e desarticulada, até o momento em que Keiko se encontrou parada bem na sua frente, a menos de dois palmos de distância. Então, de forma clara e sem nenhuma relação com sua pergunta original, as palavras do rapaz foram: "vocês sobreviventes sabiam que dedicariam suas vidas para darem testemunhos?" Keiko respondeu de forma despojada: "claro que não. Eu disse que demorei mais de 30 anos para começar a falar sobre minhas próprias experiências."

Keiko falou sobre o preconceito que os *hibakushas* enfrentaram e que ainda enfrentam por conta da radiação emitida pela bomba atômica. Afirmou que nenhuma guerra é boa e que por isso precisamos lutar para que haja menos conflitos mundiais. Enfatizou que a arma atômica é extremamente perigosa porque não só mata milhares de seres vivos em segundos, como também deixa a radiação para as próximas gerações. Com isso, Keiko agradeceu a presença de todos e pediu para que, ao voltarem para casa, compartilhassem sua história para que mais e mais pessoas pudessem conhecer o que aconteceu em Hiroshima.

Keiko foi aplaudida novamente e, logo em seguida, foi cercada por alunos que desejavam tirar fotos com ela, o que ela faz com aparente satisfação. Aguardei Keiko na porta do auditório para irmos juntas para a sala que o museu havia reservado para a nossa entrevista. Assim que ela sai eu, aproximei-me e me apresentei. Trocamos cartões de visita[29] e caminhamos juntas até a sala.

Entrevista individual

Ao nos sentarmos, Keiko me perguntou o motivo pelo qual escolhi estudar as memórias dos *hibakushas*, se eu tinha sobreviventes da bomba atômica na minha família, se meus avós estavam no Japão durante a guerra e o motivo pelo qual eu estava

[29] No Japão, ao sermos apresentados a alguém, é praxe que haja a troca de cartões de visita.

realizando entrevistas em Hiroshima. Porém, imediatamente após fazer essas perguntas – e antes que eu pudesse respondê-las –, começou a contar que era próxima do professor Robert Jay Lifton[30] e perguntou se eu o conhecia, se atuava na mesma área que ele e se concordava com as teorias sobre trauma e culpa que ele formulou com base nos testemunhos dos sobreviventes da bomba atômica.

Respondi que conhecia o trabalho do professor Lifton, mas sendo ele psiquiatra e eu psicanalista e psicóloga social, que tínhamos abordagens metodológicas diferentes e que, por isso, nossas compreensões sobre o trauma e o sentimento de culpa nos *hibakushas* também diferiam. Keiko contou que para realizar sua pesquisa, Lifton necessitou de um tradutor e intérprete japonês, e que contratou o falecido marido de Keiko para o trabalho, o qual, após atuar com Lifton, trabalhou também com Robert Jungk, autor alemão do romance *Children of ashes*[31], obra escrita com base em entrevistas com sobreviventes do bombardeio atômico de Hiroshima. Keiko foi uma das entrevistadas para projeto de Jungk, e foi nesse contexto que conheceu seu marido.

Sobre essas entrevistas, Keiko contou como foi difícil encontrar sobreviventes que desejassem ou mesmo concordassem em dar seus testemunhos. Isso porque, como no caso dela, falar sobre suas memórias do bombardeio é compartilhar mais de uma história, motivo pelo qual, mesmo décadas depois do ataque nuclear, quando foi fotografada e filmada no Smithsonian Institute (episódio narrado na palestra), teve que se haver com o incômodo e com a revolta de seu filho e seu irmão que, como muitos outros sobreviventes, esconderam o fato de serem *hibakushas* para poderem casar e ter filhos. Explicou que isso ocorreu na maioria dos casos porque a contaminação pela radiação liberada pela bomba deixou marcas invisíveis que poderiam ser manifestadas geneticamente nas próximas gerações, o que portanto tornou-se um impedimento para que muitas relações se concretizarem matrimonialmente, uma vez que os filhos de *hibakushas* poderiam não vingar ou, se vingassem, poderiam nascer com algum tipo de anomalia.

Keiko disse acreditar que muitos não desejavam falar sobre suas experiências para não tocarem em feridas ainda abertas, e trouxe o exemplo de uma conversa que ouviu entre um pai e um filho. Aparentemente no momento do bombardeio, o pai e a mãe estavam em casa sozinhos e o filho encontrava-se em outro local. A força

[30] Como mencionado anteriormente, trata-se de um renomado psiquiatra norte-americano que estudou os relatos de *hibakushas.*
[31] Keiko se refere ao livro *Children of the ashes: the people of hiroshima, the story of a rebirth*.

proveniente da onda de choque gerada pela explosão derrubou a casa e soterrou o casal. Entretanto, o pai conseguiu desvencilhar-se dos escombros e, do lado de fora da casa desabada, começou a gritar pelo nome da mãe, mas sem receber nenhuma resposta. Ele alega ter chamado 20, cem vezes pelo nome dela, além de perguntar olhando para aquele monte de entulho: "você está bem?", "onde você está?" Porém, o fogo se aproximava rapidamente, e como não obteve respostas da esposa, o pai acabou fugindo. Quando o filho reencontrou o pai, ficou sabendo que sua mãe estava desaparecida e passou a questioná-lo sobre o que havia acontecido. Após ouvir o que se passou, o filho perguntou: "quantas vezes você chamou?", e ainda disse: "você deveria ter chamado mais uma ou duas vezes!" O pai lhe respondeu: "o fogo chegou e eu não pude evitar partir, porque eu tinha... eu mesmo estava queimado... ." A partir dessa conversa, Keiko concluiu que esses pensamentos jamais desaparecem, acreditando que a eles se somam outros questionamentos, os quais ela relaciona com um tipo de trauma partilhado pelos *hibakushas*, trauma esse que os silencia. No caso desse pai, segundo Keiko, houve ainda as seguintes indagações: "por que eu não pude ajudar?", ou ainda: "talvez se eu tivesse feito um pouco mais de esforço... talvez eu tenha sido pouco corajoso... talvez eu poderia tê-la ajudado", o que, em sua opinião, também levava o filho a criar uma espécie de ressentimento em relação ao pai.

Keiko disse que ela mesma questionou-se muito e por longo tempo sobre seus próprios traumas: "por que fiz tal coisa?" (dar água a uma pessoa morrendo), "por que eu contei uma mentira?" (para seu pai e irmão quando o primeiro perguntou se os filhos haviam dado água a algum ferido). Enfatizou que tais questionamentos a acompanharam até ela ouvir as memórias de sua amiga, mais especificamente até quando se perguntaram uma na presença da outra: "por que eu não dei água?" (amiga), "por que dei água?" (Keiko), o que, nas palavras da depoente, eram "situações diferentes..., mas a mesma."

Keiko afirmou que quando pensa em suas lembranças de antes do bombardeio, pensa em soldados. Contou que a cidade sempre estava cheia de soldados, homens jovens de aproximadamente 18 ou 20 anos. Esses, antes de partirem para os campos de batalha, costumavam passar a última noite na casa dos civis residentes em Hiroshima. Lembrou que, naquelas ocasiões, sua mãe usava o *futon*[32] mais bonito e precioso que tinha, o qual ganhou quando se casou. Recordou também que a mãe preparava uma

[32] Uma espécie de colchão feito de algodão que é colocado sobre o chão para as pessoas dormirem.

comida deliciosa e disse acreditar que ela fazia tudo isso porque achava que aquela poderia ser a última boa noite daqueles soldados.

Keiko lembrou especificamente de um episódio que ocorreu quando ela tinha aproximadamente 3 anos e que envolvia um jovem soldado, sendo essa sua memória mais antiga. Acredita que esse soldado a via como uma espécie de irmã mais nova e, assim, a colocou em seu colo e cantou para ela uma música militar sobre adoração e morte, uma música que provavelmente era ensinada na escola de treinamento para combatentes que dizia que ele (soldado) morreria por "você" (Keiko) ou pelo Japão. Essa memória era tão forte que apesar de na época ela ter apenas três anos e de ter ouvido a música apenas naquela ocasião, Keiko foi capaz de memorizar toda a letra e jamais a esqueceu, podendo ainda hoje cantar a canção. Disse que recorda desse momento de tempos em tempos, sem saber o destino daquele soldado, e se questiona se ele morreu nos campos de batalha.

Com relação a esse episódio, relatou que 50 ou 60 anos depois do ocorrido, foi para os Estrados Unidos, mais especificamente para Wyoming Casper, onde conheceu uma pessoa que era filha de pai japonês e mãe norte-americana e que havia nascido na embaixada japonesa nos Estados Unidos, mudando-se para o Japão com sua família no final da guerra. Keiko recorda que confidenciaram sobre suas memórias relacionadas à guerra e, inesperadamente, ambas começaram a cantar juntas a mesma música militar, levantaram-se e começaram a marchar pela sala onde estavam, do mesmo modo como os soldados japoneses faziam. Após terminarem a canção e em tom de surpresa, uma perguntou para a outra: "onde você aprendeu isso?", ao que Keiko contou para a amiga sobre sua memória envolvendo aquele soldado.

Keiko lembrou ainda que, na época da guerra, havia um hospital militar em Hiroshima e que as meninas mais velhas faziam um trabalho de entretenimento no local. Ela era pequena, mas insistiu para ir visitar os soldados com as meninas mais velhas. Em suas visitas, lembra de ver muitas camas, e deitados nelas, muitos soldados feridos. Recordou que cantou para eles essa música militar, a qual parecia confortá-los, e rezar para que se recuperassem logo. Keiko disse que exatamente dessa forma suas memórias sempre retornam para os soldados e, com eles, para suas "memórias doces": a música, as conversas, a tentativa de confortá-los no hospital.

Outra memória que mencionou carregar de antes da guerra é relacionada às bananas. Acredita que essas eram o plano de fundo daqueles dias, e que a fruta passou a ser parte do dia a dia dos japoneses depois que esses invadiram Taiwan e as Filipinas.

Lembrou que em todos os lugares na rua havia homens vendendo bananas expostas em uma especie de tapete de palha. Keiko disse que as frases que esses vendedores costumavam dizer possuíam um estilo próprio em forma de canção, frases envolvidas por melodias. Contou que passava longo tempo observando os vendedores de bananas e, ao chegar em casa, abria a geladeira ou o armário e sempre havia bananas para comer.

Entretanto, disse que um dia as bananas começaram a desaparecer até sumirem completamente, e Keiko sentia muita falta de comê-las. Não só as bananas desapareceram, mas lembrou que sentia muita fome e que procurava por ervas, tentava pegar gafanhotos de grama, alguns insetos, para tentar comê-los grelhados. Ou seja, além da memória dos soldados e das bananas, a fome é uma de suas memórias mais fortes. Disse que na mesma época as cores desapareceram, e que recorda que as roupas passaram de coloridas para escuras e os sons passaram de canções para o silêncio. Keiko tinha seis anos e lembra-se claramente que contrapondo-se a esse silêncio havia as sirenes de ataque aéreo. Quando elas tocavam, a professora dizia para os alunos que não poderiam ficar na escola e que eles deveriam correr para suas casas para se abrigarem. Como disse na palestra, entre aqueles que tinham que voltar para casa, a sua era a mais distante da escola, e Keiko fazia o percurso todo correndo, chorando de medo e gritando "mamãe, eu vou ser morta, vou ser morta, vou ser morta", relembrando o episódio – também narrado na palestra – em que estava no abrigo ao lado de sua casa quando ouviu tiros sendo disparados e, ao olhar por uma fresta na parede do abrigo, viu sua casa pegando fogo. Na sequência, quando o alarme cessou e puderam retornar para casa, ficou sabendo que um pedestre estava morto e compreenderam que o piloto do avião viu um homem correndo e, com a intenção de matá-lo, fez um voo rasante e atirou no pedestre, episódio que fez ela ter a certeza de que morreria de forma semelhante.

Keiko afirmou que tinha consciência do seu grande medo de aviões pequenos no qual havia apenas um piloto, mas não sabia que era um trauma até o episódio ocorrido no Smithsonian Institute, 60 anos depois (aos 68 ou 69 anos), ao ver muitos aviões pequenos expostos atrás do Enola Gay, como mencionou durante a palestra. Relatou que havia entre 20 e 30 aviões, pois tratava-se de uma exibição dos aviões usados durante a guerra. Lembrou que, na ocasião, sentiu-se "muito alerta, com medo e horrorizada", uma vez que nunca tinha visto tais aviões de tão perto, e começou a chorar como fazia quando tinha oito anos de idade. Disse: "então eu descobri que... aquele avião menor... aquele... eu sei que eles vão me matar." Sobre aquele dia, Keiko afirmou que estava lá como intérprete de outros *hibakushas*, mas que não conseguiu

trabalhar porque não podia parar de chorar. Além disso, Keiko falou sobre o incômodo que o episódio gerou entre ela e seus familiares, como também havia mencionado durante sua palestra. Acredita que as pessoas, ao verem o seu rosto estampado no noticiário e nas capas dos jornais do Japão, perguntaram para seu filho: "aquela é sua mãe?", revelando que ele próprio era um *hibakusha* de segunda geração, o que o deixou temendo a reação de seus sogros e os questionamentos que teriam que enfrentar sobre a saúde de seus próprios filhos devido à contaminação pela radiação.

Keiko falou que, apesar de tudo, acha interessante o mundo em que vivemos hoje no qual ela chora em Washington e seu trauma de décadas atrás é testemunhado por seu irmão em Tóquio e pelo seu filho em Hiroshima. Acrescentou a isso o fato de ambos poderem ligar imediatamente para ela nos Estados Unidos para manifestarem suas fúrias. Keiko riu e comentou que é muito interessante o quanto essas coisas são relativas. Disse que achava curiosa a perspectiva que ela e seu irmão tinham dos aviões. Explicou que seu irmão mais velho estava perto da estação de Hiroshima no momento da explosão[33], e por acaso estava olhando pela janela quando viu um avião vindo em sua direção. Ele teria relatado que não ficou com medo porque o bombardeiro parecia bem pequeno, nada ameaçador, apenas um ponto prateado no céu. No entanto, para ela, os aviões muito menores que o Enola Gay pareciam enormes e muito ameaçadores, considerando interessante essa diferença entre o tamanho real do avião e o grau de ameaça que eles sentiram.

Sobre o dia 6 de agosto de 1945, Keiko recordou que tinha saído para caminhar perto de sua casa e que a primeira coisa que sentiu foi um forte choque. Logo depois, tudo ficou branco. Ela ouviu relatos de outros sobreviventes dizendo que eles primeiro sentiram o clarão e depois o choque, mas para ela o clarão e o choque da explosão vieram ao mesmo tempo. O golpe foi tão forte que sentia que não podia respirar, como se tivesse sido atingida por um tufão, esmagada, mas não por algo grande e pesado como um telhado ou uma grande árvore, e sim por algo pequeno, tão pequeno que cobria seus olhos e não a deixava abri-los. Como consequência do golpe, foi jogada no chão e antes de ficar inconsciente lembra de ter pensado que não conseguia ficar em pé. Quando despertou, foi tomada por um grande medo por estar envolvida por um breu, uma grande escuridão, como se fosse noite. Mesmo não conseguindo enxergar direito,

[33] Como Keiko conta na palestra, o irmão mais velho não acatou ao pedido do pai de ficar em casa e, na manhã do dia 6 de agosto, estava junto com seus colegas de classe para receberem instruções de trabalho para aquele dia.

resolveu voltar para casa. Ao começar a caminhar, sentiu que andava sobre coisas quebradas. Não compreendia o que havia acontecido, apenas observou que as telhas das casas estavam espalhadas pelo chão da rua. Conta que o sonho de seu pai era ter portas de vidro por toda a casa e que, durante a guerra, ele decidiu colocá-las. Keiko diz que após terminar de instalá-las, ele olhava orgulhoso para as grandes portas de vidro que deslizavam. Dito isso, lembrou que ao chegar em casa após a explosão, percebeu que todas as portas tinham sido destruídas, que havia vidro espalhado por todos os lugares e que os cacos de vidro estavam cravados, penetrando as paredes, o teto, o chão e os pilares. Enfatizou que os pilares eram muito duros, feitos de concreto e cimento, e mesmo eles estavam cravejados de pedaços de vidro que voaram com muita força devido à onda de choque.

Keiko afirmou que tinha consciência da guerra e de que o estrago havia sido enorme, mas não conseguia deixar de achar bonito todos aqueles pedaços de vidro espalhados. Recordou ter pensado: "lindo e maravilhoso", achando que tudo aquilo se assemelhava a adornos de cabelo que brilhavam lindamente em tons de azul. Repetiu muitas vezes que sentia a casa toda em tons de azul, explicando que depois de algum tempo a escuridão passou, o sol saiu novamente e a luz começou a bater nos cacos de vidro que além de brilharem, refletiam a cor azul e faziam tudo cintilar, o que era muito lindo. Enfatizou que apesar de ter pensado tudo isso, nunca chegou a dizer essas coisas aos outros, pois sentia que não podia dizer que algo depois do bombardeio foi bonito.

Seu pai estava em casa, mas não foi atingido porque, no momento da explosão, estava atrás de um grande pinheiro de mais de 200 anos que o protegeu da onda de calor. Ele tinha um compromisso na cidade e, quando estava se vestindo, sua calça rasgou. Decidiu então costurá-la e, por ser perfeccionista, levou muito tempo fazendo e desfazendo os pontos, o que o fez atrasar-se e ficar muito irritado. Costurava sentado atrás do pinheiro que após a explosão ficou todo queimado. No entanto, seu pai permaneceu quase, ileso com poucas queimaduras no braço. Sua irmã mais velha deveria ir trabalhar naquela manhã, mas decidiu ficar em casa, atendendo ao pedido do pai. Estava sentada na sala e foi atingida pelos estilhaços de vidro.

Como disse anteriormente, seu irmão mais velho estava na estação de Hiroshima, o que segundo Keiko foi muita sorte. Até o dia 5 de agosto, ele estava trabalhando nos locais de demolição e no dia 6 foi designado para trabalhar na plantação de batatas na estação de Hiroshima. Ele retornou para casa com o rosto todo queimado, e sua mãe o cobriu de bandagens. Porém, todas as 323 crianças da sua escola que foram

trabalhar nas demolições naquele dia morreram no momento da explosão.[34] Seu outro irmão havia sido evacuado no começo do ano e não estava na cidade no momento do bombardeio. Keiko não se lembra direito, mas acredita que sua irmã mais nova estava dentro de casa e foi atingida pelas telhas ou por pedaços de telhado, porque estava sangrando e chorando bastante. Sua mãe estava com ela. Keiko tem ainda um irmão caçula, que nasceu depois da guerra.

Depois de saber que todos em casa sobreviveram, Keiko passou a questionar-se como e por que aquilo tudo havia acontecido. Saiu de casa correndo em direção à rua porque queria saber se os vizinhos também estavam feridos e se suas casas haviam sido destruídas. Percebeu que toda a vizinhança havia sido atingida. Enquanto estava na rua, a chuva negra começou a cair, e Keiko ficou com medo quando percebeu que as gotas negras manchavam sua pele e roupa, pois sabia que sabão era algo muito preciso e difícil de se conseguir naquela época. Pensou que não iria poder lavar e remover as marcas que as gotas estavam deixando impressas nela, então decidiu voltar para casa.

Keiko lembrou que as casas destruídas e os pequenos ferimentos que ela e sua família haviam sofrido não lhe causaram muito impacto, mas a fala de seu irmão sobre o que ele viu no caminho da estação de Hiroshima até sua casa lhe prendeu totalmente a atenção: a cidade cheia de pessoas muito feridas, que se assemelhavam a fantasmas, indo na direção dos locais onde moravam em busca de refúgio. Keiko disse que as palavras do irmão a deixaram surpresa e interessada, aguçando seu desejo de vê-los.

Contou sorrindo que, ao longo dos dias seguintes, saiu várias vezes escondida de casa para ver os feridos, os quais lhe causavam demasiada curiosidade. Chegou a escalar colinas, viu pessoas morrendo, visitou muitos lugares, sentia-se muito ativa, ao contrário de sua irmã mais velha, que passou o mês seguinte ao bombardeio dentro de casa. Setenta anos depois da explosão, Keiko perguntou a ela o motivo desse enclausuramento, ocasião em que a irmã lhe falou pela primeira vez sobre suas memórias daqueles dias. Ela lhe contou que um dia, uma pessoa muito ferida, que parecia um fantasma, visitou-os e pediu para usar o banheiro. Aparentemente, sua irmã ficou muito chocada ao notar que, apesar de a pessoa estar muito ferida, com o rosto

[34] Como mencionado anteriormente, as áreas de demolição serviam para criar os chamados *fire breaks*, ou "interrupções de incêndios", que poderiam impedir que o fogo se alastrasse por toda a cidade nos casos de bombardeios incendiários. A grande maioria das pessoas que estavam trabalhando nessas áreas morreram instantaneamente por terem sido atingidas diretamente pelas ondas de choque e calor emitidas pela explosão da bomba atômica. As poucas pessoas que sobreviveram foram protegidas de maneira casual por paredes que eventualmente resistiram à explosão ou mesmo por colegas que lhes serviram como escudo.

horrível, como um fantasma, apresentando um corte que mostrava o interior de seu corpo, ainda tinha o desejo de se esconder, usar o banheiro privadamente, e além disso ainda mantinha-se muito educada. A irmã recordou que a pessoa disse algo como: "com licença, posso usar o banheiro?" O episódio marcou-a tão profundamente e a deixou com tanto medo que ela não pôde usar o banheiro por aproximadamente três dias. Keiko riu ao descrever o ocorrido e disse que não sabe como a irmã fez para usar o banheiro durante esse período, pois se não usou o banheiro de casa e não saiu durante um mês com medo das pessoas feridas, não poderia ter usado o banheiro.

Keiko lembrou que havia pessoas moribundas por todos os lados, incluindo na porta de sua casa, e que apesar das cenas horríveis e medonhas, tinha um grande desejo de ver[35] e de saber. Então, não apenas saía escondida sempre que podia, mas também fazia muitas perguntas aos outros, principalmente a seu pai. Contou que ele diariamente cremava os corpos das vítimas[36] no parque próximo de sua casa, de onde vinha um cheiro muito ruim e onde ele a proibiu de ir. Keiko lembrou que seu pai não falava absolutamente nada, como se houvesse decidido não falar sobre a cremação e suas atividades, mas Keiko não desistia e perguntava centenas: "como você os cremou? Como colocou o corpo morto? Como estava o rosto dos corpos mortos? Quando você tocou os corpos, você sentiu alguma coisa?" Lembrou que um dia, após questioná-lo incessantemente, ele finalmente falou como cremou, como se sentiu, quais partes do corpo das vítimas ele carregava, como eram as expressões de seus rostos. Keiko recordou que, naquela ocasião, seu pai descreveu precisamente suas atividades de forma tão medonha que ela memorizou tudo, e ficou imaginando o pai durante o dia realizando suas atividades: "agora papai está carregando o corpo escorregadio, ensanguentado e colocando...", como se estivesse assistindo ao que ele estava fazendo. Pedia diariamente para que o pai a deixasse ir ao parque ver o seu trabalho, ao que pai sempre negava.

Keiko disse que o desejo de observar tudo sempre foi uma característica sua, a qual foi aguçada e intensificada pelo bombardeio e pelas muitas pessoas morrendo após o mesmo. Começou a procurar lugares onde conseguia ver melhor tudo o que estava acontecendo pela cidade, e um desses locais era um templo no alto de uma colina que ficava próxima de sua casa.[37] No caminho, começou a observar de perto os feridos e

[35] Nesse momento, quando começou a falar sobre os dias seguintes ao bombardeio, Keiko fechou os olhos e narrou suas experiências dessa forma.
[36] Como Keiko disse na palestra, seu pai era um dos líderes dos grupos responsáveis pelas cremações.
[37] O templo era rodeado por uma escadaria cujo desenho Keiko mostrou e explicou durante a palestra.

olhava para eles fixamente, tentando adivinhar quando aquela pessoa iria morrer. Disse que era realmente uma atitude de uma criança muito curiosa, e que os adultos eram muito diferentes. Contou ainda que não poderia dizer essas coisas porque se sente muito mal, horrível, pois sabe que era uma menina muita estranha. Todos os dias, ela queria ver algo diferente e, assim, continuava a fugir de casa para andar pela cidade destruída e assistir às pessoas morrendo e tentar adivinhar quando elas iriam morrer. Notou que a maioria das pessoas simplesmente gemiam sem falar nada, com exceção de súplicas por água.

Lembrou que havia moscas muito grandes e em enormes quantidades, moscas que ela viu apenas naquela situação, não tendo nunca visto moscas iguais nem antes, nem depois. Relatou que essas moscas desciam, tocavam nos ferimentos abertos das pessoas e lá depositavam seus ovos. À noite, surgiam milhares de larvas. Por isso, as crianças tinham que ventilar os feridos para não deixar que as moscas pousassem neles. Keiko diz que observava atentamente as moscas e as larvas comendo as feridas abertas das pessoas, que nem ao menos conseguiam se mexer. Recorda que algumas delas gemiam, e acredita que eram gemidos de dor, uma vez que supõe ser muito doloroso sentir sua própria carne sendo comida por larvas que, além de tudo, moviam-se pela carne viva exposta. Eram apenas nessas situações – quando gemiam ou contorciam seus rostos com expressões de dor – que Keiko percebia que aqueles feridos ainda estavam vivos, o que a fazia os observar ainda mais atentamente. Percebeu que havia níveis de atividade, ou seja, os feridos começavam espantando as moscas. Depois, por conta da imensa quantidade, paravam de espantá-las. Em seguida, gemiam e se contorciam de dor quando as larvas começavam a comer seus corpos e, quando paravam de reagir completamente, Keiko sabia que a pessoa estava prestes a morrer. Sentia que queria lembrar de tudo claramente, e por isso precisava prestar muita atenção.

Recordou que ia diariamente em direção ao templo. Como disse na palestra, esse templo encontrava-se no alto de uma colina e deveria servir de posto de primeiros socorros em caso de emergência. Keiko disse que não havia médicos, enfermeiros ou hospitais após a explosão. Quase todos tinham sido mortos e praticamente tudo havia sido destruído pelo bombardeio. Mas Keiko ia para lá porque do alto era possível ver toda a cidade de Hiroshima, e durante os primeiros dias viu os incêndios que consumiram a cidade após a explosão. Lembrou que a cidade havia sido tomada pela cor vermelha, e que tudo pegava fogo dia e noite. Por estar no alto, o local só era acessível por uma grande escadaria de pedra. Pessoas chegavam o tempo todo em busca

de socorro. Ou seja, milhares de pessoas chegavam pelo lado direito e esquerdo e todas se amontoavam ao pé da escadaria para tentar subi-la. Quando Keiko chegava perto da escadaria, não conseguia enxergar os degraus de pedra devido à enorme quantidade de corpos espalhados e empilhados pelos degraus. Observando atentamente aquela cena, chegou à conclusão de que as pessoas não conseguiam chegar ao topo, iam ficando pelos degraus e seus corpos iam se empilhando. Os que de fato conseguiam chegar ao topo também não recebiam primeiros socorros, pois no templo havia apenas um soldado com um balde, sem treinamento médico, sem medicamentos ou qualquer outra coisa que poderia ajudar os feridos.

Keiko pegou novamente os desenhos que mostrou na palestra. Primeiro mostrou o desenho dela chorando e correndo pela rua, reportando-se aos momentos de terror que passou quando os alarmes de ataques aéreos disparavam e ela tinha que voltar correndo da escola para sua casa. Em seguida, mostrou o desenho de sua casa pegando fogo, o qual retrata o episódio em que um avião pequeno atirou em um pedestre e parte dos tiros acertam sua casa, que pegou fogo. Sobre esse desenho, Keiko comentou que não era muito fiel à imagem que ela carrega na memória, uma vez que os alunos não conseguiram reproduzir exatamente o que ela lhes descreveu. Disse o mesmo sobre o desenho que a retrata sendo atingida pela chuva negra. Então, mostrou o desenho da escadaria que dava acesso ao templo, repleta de corpos espalhados, e contou que, após os incêndios, ela conseguia ver do alto do templo os locais onde as pessoas – como seu pai – estavam cremando os corpos das vítimas, porque a fumaça era muito grande. Ainda reportando-se ao desenho, apontou para os dois lados dos degraus e reiterou que as pessoas chegavam por ambos os lados. Apontou para o meio da escadaria, dizendo que aquele era o fim, o ponto onde as pessoas que vinham de direções opostas se encontravam e começavam a escalar a colina por meio de seus grandes degraus de pedra. Enfatizou que, por conta dos ferimentos, era uma tarefa impossível para as vítimas subir aquela escadaria, repetindo que muitas deles iam desistindo ao longo do caminho, permanecendo jogadas pelos degraus.

Em um dos dias em que estava voltando para casa, ocorreu o episódio narrado durante a palestra, no qual Keiko deu água para uma pessoa que acabou morrendo. Keiko enfatizou que, naquela época, não sabia que não deveria dar água para pessoas que haviam sofrido queimaduras, e não teve coragem de contar a verdade para seu pai depois que ele disse a ela e a seu irmão que eles não deveriam dar água aos feridos, pois isso poderia matá-los. Lembrou de ter ficado muito chocada quando seu irmão disse

que “todos sabem disso”, porque ela não sabia e, naquele momento, quando o pai perguntou diretamente se ela havia dado, ela se viu respondendo: “claro que eu não dei”, “eu não fiz tal coisa tão idiota”, “eu não fiz nada de ruim”, apesar de internamente pensar que havia dado água para muitas pessoas feridas, e que muitos a agradeceram pela água, sendo que apenas uma havia morrido.

Contou que isso a deixou se sentindo muito culpada. Pensou ter feito uma coisa muito estúpida e sente que ali começou seu trauma. Passou a dizer para si mesma: “eu sou uma má menina, eu contei uma mentira”, e “eu dei água e aquela pessoa morreu”. Relatou que foi muito difícil guardar aquele segredo, o que se tornou traumático para ela. Apesar de ter tentado esquecer, afirma que, de tempos em tempos, quando via fotos de pessoas feridas ou ouvia sobre as pessoas que pediram água após o bombardeio, lembrava-se do episódio.

Keiko disse que sofreu sozinha por mais de 70 anos, até que um dia ela e os irmãos se reuniram em Osaka na ocasião da morte do pai e decidiram que, pela primeira vez, compartilhariam uns com os outros todas as suas memórias do bombardeio e seus segredos em relação àqueles dias. Então, seu irmão disse: “eu estava prestes a dar água”, “eu peguei água em uma chaleira para dar para as pessoas lá fora... eles estavam pedindo água”, mas quando a mãe viu, apressou-se na direção dele e disse: “o que você está fazendo, você não deve dar água... eles vão morrer.” O irmão disse que ficou com medo e jogou fora a água que estava carregando na chaleira. Keiko perguntou exatamente quando foi isso, e o irmão disse que no mesmo dia em que o pai chamou os dois e perguntou se haviam dado água aos feridos. Diante dessa revelação, Keiko disse que ficou furiosa com o irmão por ter permanecido em silêncio sobre o assunto por 70 anos.

Keiko relatou que hoje não se sente nem culpada e nem envergonhada, mas entrevistou muitos *hibakushas* em asilos para conhecer suas histórias, apontando que ouviu memórias que continham culpa e vergonha. Acredita que estas podem estar relacionadas com um sentimento de impotência, por não terem sido capazes de ajudar mais e de terem sobrevivido a outros, sentirem algo como vergonha e culpa por terem sobrevivido. Afirma que muitos sobreviventes, após o término da guerra, queriam cometer suicídio porque se culpavam e se perguntavam: “por que eu sobrevivi?” Tratava-se de pessoas que, por exemplo, viram seus filhos morrerem pedindo socorro e que não puderam ajudá-los; pessoas que viram vítimas presas nos escombros das casas desabadas e que, com a chegada do fogo, morreram queimadas vivas; pessoas que viveram essas situações e tiveram que fugir para escapar dos incêndios deixando

pessoas da família para trás. Essas pessoas, segundo Keiko, sentiam muita culpa e não conseguiam se perdoar, motivo pelo qual desejavam cometer suicídio. Keiko disse ainda que muitas pessoas carregaram segredos a vida toda como. Por exemplo, após a cidade ter sido destruída, o centro de Hiroshima estava todo coberto de escombros, pregos, cacos de vidro e corpos. Além disso, o chão estava muito quente devido aos incêndios. Então, para fugir atravessando o centro da cidade, e sabendo que a maioria das pessoas estavam descalças e não sabiam onde podiam pisar, muitas vezes era necessário pisar nos corpos das pessoas para conseguirem caminhar e, em algumas situações, as pessoas pisoteadas ainda estavam vivas, estavam agonizando, mas ainda vivas. Keiko enfatiza que essa foi única forma de atravessar a cidade, porque como disse, o chão estava muito quente e havia corpos para todos os lados, o que tornava impossível desviar de todos eles no momento da fuga. Acredita que as pessoas tentavam não pisar nos rostos, mas era inevitável pisar nas outras partes dos corpos espalhados pelo chão. Disse que, ao ouvir esses segredos, as pessoas acrescentavam: "eu sou como um demônio", e tinham muita vergonha de seus atos. Pensam que, ao invés de ajudar aqueles que ainda estavam vivos, usaram seus corpos para caminhar pela cidade e fugir daquele "inferno", não apenas deixando-os para trás, mas literalmente pisando neles, o que os fazia concluir que eram como demônios.

Keiko relatou que muitos desses segredos lhe foram confidenciados porque os sobreviventes sabiam que Keiko transmitiria suas memórias fora do Japão. Diziam que não permitiam que ela transmitisse essas memórias para os japoneses, mas que Keiko poderia contá-las para pessoas, pesquisadores e para a mídia estrangeira.

Keiko disse que apesar de ela incentivar outros sobreviventes a contar suas histórias e a falar sobre suas experiências para suas famílias e para os outros, ela mesma não fala sobre suas memórias com seus filhos porque eles têm medo e se recusam a ouvir. Afirmou que a chave de tudo é contar aos estrangeiros, porque acredita que os japoneses têm uma grande tendência de manter segredo sobre os casos de família, uma vez que ainda hoje há muita discriminação. Keiko disse que isso é agravado pela tendência dos japoneses de se compararem uns aos outros e de não aceitarem o diferente.

Naquele momento, uma pessoa do museu entrou na sala e nos avisou que em cinco minutos estariam fechando o prédio. Dessa forma, encerramos a entrevista. Agradeci o tempo de Keiko e coloquei-me à disposição para eventuais dúvidas que ela

pudesse vir a ter. Keiko disse que gostou muito de conversar sobre suas memórias e me pediu para retornar futuramente para continuarmos a conversa.

Algumas considerações sobre a entrevista com Keiko Ogura

Como descrito na narrativa, um encontro que deveria durar apenas três horas (uma hora de palestra e duas de entrevista) durou quase um dia inteiro, e uma das principais razões para esse fato está implícita não somente na entrevista de Keiko, mas em todas aquelas conduzidas em Hiroshima ao longo dos meses de janeiro e fevereiro de 2018 – e já mencionada nesta tese: a possibilidade de contar suas histórias sem censuras para alguém que tem feições japonesas e que, portanto, partilha de algo familiar, seja por meio de resquícios que lembram traços de uma cultura japonesa de décadas atrás, os gestos ou apenas a fisionomia, mas que, na realidade, é uma pessoa estrangeira, distante, vinda do outro lado do mundo e comunicando-se em um idioma que não o japonês.

Em sua entrevista, Keiko chegou a explicitar esse fato quando disse que a grande maioria dos sobreviventes que não contam suas histórias no Japão – como é o caso dela – o fazem para preservar suas famílias de possíveis constrangimentos e estigmatizações advindas da condição daqueles que possivelmente estão sujeitos aos efeitos da contaminação radioativa, e decidiram romper seus silêncios ao serem confrontados, em algum momento, pela necessidade de transmitir suas memórias de dor, na tentativa de conscientizar o mundo sobre o perigo nuclear – sejam eles armamentos ou o que chamam de "uso pacífico" da energia atômica, como as usinas nucleares – e com a esperança de que novos *hibakushas* não venham a existir. Esse rompimento do silêncio é dado de diferentes formas, como por exemplo, falando abertamente sobre o que viram, ouviram, sentiram e viveram; contando apenas a experiência restrita ao bombardeio; palestrando apenas fora do país ou para estrangeiros no próprio Japão – como Keiko o faz. Ela relatou que decidiu conceder-me uma entrevista porque sempre nutriu o desejo de que suas memórias fossem devidamente registradas, e ao ouvir sobre esta pesquisa e sobre a forma com que as entrevistas estavam sendo conduzidas, pensou que essa poderia ser sua oportunidade de fazê-lo. Entretanto, tendo em vista a reação de seus familiares, solicitou que todo o conteúdo da entrevista fosse publicado apenas em idiomas que não o japonês, ao menos até sua morte. Afirmou que esse registro possibilitará que seus netos, bisnetos ou tataranetos venham a conhecer – se assim o

desejarem – parte de sua história no que diz respeito ao bombardeio atômico de Hiroshima.

No dia em que nos encontramos, e reforçando seu pedido, Keiko se dispôs a falar apenas no idioma inglês, afirmando – como o fez em outros momentos ao longo do dia – que apesar de sua grande resistência em aprender tal idioma, percebeu ao longo da vida e por meio da experiência de seu falecido marido, que comunicar-se em inglês poderia ser uma atividade política, porque dessa forma poderia alcançar um maior número de pessoas ao redor do mundo. Ainda sobre a transmissão, Keiko buscou ouvir um grande número de *hibakushas* com a intenção de compreender melhor aquilo que, apesar de ter sido uma experiência de destruição conjunta, teve reflexos muito particulares em cada um dos indivíduos atingidos direta ou indiretamente pela bomba. As muitas biografias colecionadas por Keiko a auxiliaram na construção de uma voz narrativa própria, apresentada na forma da palestra que profere, e na qual busca contar o que viveu em Hiroshima no final a Segunda Guerra Mundial.

Em um momento central de sua palestra, Keiko disse que "logo após o final da guerra, as pessoas em geral estavam muito tristes, desesperadas, e muitas desejavam morrer, tendo havido numerosos suicídios nos anos que se seguiram à rendição do Japão". A forma com que fez esse comentário, o tom de voz que usou, a expressão facial e seus gestos não deixaram dúvidas sobre como a questão lhe toca intimamente: Keiko, enfrentando nitidamente uma questão que lhe é muito sensível, dirige-se à sensibilidade daqueles que a ouvem, tocando diretamente nos enigmas que jazem por trás das situações vividas por todas as pessoas, situações em que um sofrimento intenso confronta a figura da morte, criando assim um incômodo por meio do qual a transmissão tornou-se possível. Esse vínculo comunicativo criado entre Keiko e a platéia foi também criado entre os *hibakushas* que, logo após a explosão, sem a necessidade do uso de palavras, transmitiram a gravidade da experiência que estavam vivendo por meio de seus olhares. Isso fica evidente quando Keiko diz que jamais pôde esquecer aqueles olhares, "um olhar difícil de explicar, parecia cheio de desespero ou de outra coisa. Um olhar que nem eu pude esquecer e nem os sobreviventes com quem conversei até hoje esqueceram."

Segundo Frosh (2018), o olhar é um elemento fundamental no pensamento psicanalítico, sendo necessário voltar a atenção não apenas para o que foi visto por aquele que porta o olhar de difícil descrição, mas também como esse olhar é visto e recebido pelo outro que o testemunha e o narra. Estamos nos referindo ao olhar como

fonte de uma mensagem criptografada, que por meio do enigma impõe um vínculo com aquele que o recebe, pois gera uma tal perturbação que implicará constantes trabalhos de interpretação e esclarecimento, como aquele imposto pela metáfora da medusa: o que aqueles olhos viram que foi capaz de petrificá-los, que foi capaz de arrancar-lhes a alma? Ou ainda, como diz Levi (2004), a certeza de que os portadores daquele olhar fitaram a górgona e retornaram emudecidos, mas mudos de palavras, já que transbordavam por meio do olhar algo difícil de nomear e que, portanto, pedirá daquele que viu e daquele que foi visto um árduo trabalho de representação.

Essas questões, não podendo ser superadas ao longo da palestra, ressurgiram por meio da pergunta proferida por um dos jovens da platéia: "você disse no começo que muitos sobreviventes após a explosão desejavam morrer. Isso pode parecer grosseiro... mas eu queria saber... por que eles não se mataram?" Aparentemente, o rapaz tomou a pergunta como possivelmente desmoralizante, pois percebeu que aquelas palavras traduziam apenas superficialmente um questionamento que, não tendo sido devidamente compreendido para então ser formulado, irrompia como algo concreto e distante de seu verdadeiro sentido. Esse sentimento foi agravado pela própria Keiko, que na condição de representante do grupo dos sobreviventes, ao dizer que não havia compreendido a pergunta e ao olhar detidamente para o jovem, fez com que ele ficasse visivelmente envergonhado, intensificando o seu estado de confusão, o que resultou na mudança de sua pergunta: "vocês sobreviventes sabiam que dedicariam suas vidas para darem testemunhos?"

As duas perguntas, se tomadas muito rapidamente, podrão causar uma sensação de desconexão. No entanto, se as colocarmos lado a lado e as olharmos – como Keiko fez com o jovem – detidamente, talvez possamos observar que elas se organizam ao redor de um dos principais enigmas impostos pela bomba: após experienciar a tentativa de destruição de humanos por humanos, como é possível continuar vivendo? O que fez os sobreviventes se agarrarem à vida ao invés de abraçarem a morte?

Como afirma Primo Levi em seu extenso trabalho sobre as testemunhas da Shoah, o jovem talvez tenha de algum modo compreendido pela forma e pelo conteúdo do que foi comunicado ao longo da palestra que aqueles que tomaram o caminho da transmissão de suas experiências o fizeram respondendo a um estímulo que tem como fundamento a preservação da memória, a preservação da vida, em contraposição à destruição, à morte imposta pela bomba, no caso dos *hibakushas*. Tudo isso feito como uma aposta na humanidade dos humanos e não em sua frieza, na esperança de que suas

histórias possam encontrar no outro um lar acolhedor, e que eles sejam responsáveis por reconsiderações sobre a guerra. Aqui, dar o testemunho significa mostrar claramente que aquele que se tentou desalmar – aquele que foi dessubjetivado e visto como desprovido de alma – retorna para provar sua essência humana, sua capacidade de perdão e de generosidade, ao supor que alguém será capaz de ouvi-lo e, consequentemente, será tocado e intimado a lutar por mudanças no espaço sociopolítico, provando que a bomba que deveria destruir tudo não foi capaz de destruir a humanidade dos humanos e, desse ponto, fracassou em sua missão.

Entretanto, tanto a guerra quanto a bomba deixaram fortes marcas naqueles que tocaram. Sobre isso, Keiko falou com muita ênfase, descrevendo como uma de "suas piores memórias" os difíceis momentos em que tinha que correr sozinha da escola para sua casa devido ao soar dos alarmes de ataque aéreos. Tanto a pressa com que os professores mandavam os alunos correrem para casa quanto o som do alarme configuravam um cenário de perigo, e embora sentisse medo, Keiko não sabia exatamente o que a aterrorizava. Acreditava que era a situação como um todo. Porém, esse medo foi intensificado após o episódio em que um avião de pequeno porte passou perto de sua casa – onde Keiko estava abrigada com sua família e vizinhos – e, ao avistar um pedestre, atirou, mantando-o e ateando fogo à casa de Keiko. Ao compreender o que havia se passado, algo pareceu fazer sentido para Keiko, como se ela compreendesse o motivo pelo qual sentia grande pavor de correr sozinha da escola para casa sob o som da sirene de ataque aéreo. A partir daquele momento, Keiko disse que passou a ter certeza de que morreria como aquele pedestre: vítima de tiros disparados pelos aviões que comportavam apenas um piloto.

O pavor que sentia durante a guerra foi revisitado em um outro episódio décadas depois do final da guerra, quando Keiko estava trabalhando como intérprete de outros *hibakushas* em um evento sediado no Smithsonian Institute, em Washignton. Como relatado anteriormente, na referida ocasião, ela e os demais sobreviventes foram conduzidos ao salão onde estavam expostos os aviões utilizados nas guerras mundiais, incluindo o B-29 "Enola Gay", responsável por levar a bomba atômica "Little Boy" até seu alvo na cidade de Hiroshima. Keiko tomou o cuidado de dizer que, apesar de grande, o avião não lhe assustou tanto quanto aqueles que estavam expostos logo atrás, os quais chamaram sua atenção e se anunciaram no reflexo de uma luz a princípio inofensiva, subitamente saída daquela fileira de aviões, e que para Keiko assumiu simbolicamente a violência do *flash* atômico, condensando ambos os traumas e obrigando-a a reagir

aterrorizadamente: gritou, correu e encolheu-se em um dos cantos da sala, sendo instantânea e demoradamente tomada pelo medo de morte imposto tanto pelos aviões de apenas um piloto, os quais, em sua fantasia, seriam responsáveis pela sua própria morte, quanto pela bomba atômica, responsável pelas milhares de mortes que testemunhou.

Durante a entrevista, quando Keiko falou sobre sua experiência pós-explosão, ela fechou os olhos e descreveu tudo o que viu, sentiu e pensou, enfatizando sua "curiosidade" sobre os corpos que se encontravam espalhados pela cidade. Novamente aqui, corre-se o risco de desmoralizar a memória de Keiko se suas descrições forem interpretadas apressadamente. É necessário analisar o movimento que ela realiza ao longo de suas descrições detalhadas, e colocar atenção sobre a sedução imposta pelo enigma, que parece operar de maneira mórbida, obrigando Keiko a voltar repetidas vezes ao que é traumático na tentativa – que na criança muito provavelmente está fadada ao fracasso – de compreender, simbolizar, elaborar tudo aquilo que estava vivendo, mecanismo esse semelhante àquele do sonho traumático que possui a repetição orientada pela angústia.

Para Keiko, aquelas mortes testemunhadas não são meramente brutais do ponto de vista da destruição orgânico-biológica dos corpos que se encontram espalhados pela cidade, mas são mortes enigmáticas, porque acompanhadas pela difícil decisão sobre o sentido de um golpe tão violento que supõe necessariamente a indiferença humana sobre determinados seres humanos. Esse enigma da morte superou muito uma Keiko traumatizada, que passou a retornar repetidamente ao elemento mais concreto do trauma – aos corpos brutalmente assassinados – e também a repetidamente fracassar em sua compreensão, impedindo qualquer tipo de orientação psíquica e, logo, mantendo Keiko paralisada em uma manifestação abstrata mais ou menos desligada do fato enigmático total.

Em outras palavras, Keiko estabelece um contato inadequado, muito desajeitado com os corpos humanos agonizantes, porque não possuía condições, naquele momento, de perceber a relação existente entre eles e a bomba que foi jogada sobre a cidade, uma bomba que atingiu as pessoas de um modo muito estranho, incompreensível e, portanto, foi tomada independentemente das mortes que provocou, e cujo enigma não decifrado mantém a experiência em sua mais forte concretude: pessoas morrendo fisico-organicamente, e seus corpos biológicos espalhados pela cidade destruída.

Dessa forma, Keiko adentra no ambiente da indiferença sem conseguir perceber que essa não é uma característica sua, individual e endógena, um traço de sua personalidade, a qual ela própria explica como uma curiosidade infantil mórbida, mas sim uma maneira muito atormentada e desorientada de participar de uma dimensão do trauma que não pôde ser explicado e que, por esse motivo, operou de modo muito abstrato, resultando em experiências muito concretas, bizarras, chocantes, tão enigmáticas quanto o próprio enigma do qual partiram: olhar os corpos de perto, ver as larvas comendo a carne viva dos sobreviventes, tentar adivinhar por meio de sinais de dor se a pessoa ainda estava viva e, se estivesse, tentar prever o exato momento de sua morte.

Essas situações não passam de tentativas desajustadas, muito angustiadas e malsucedidas da criança de tentar viver a situação traumática, buscando compreender aquilo que estava ao seu alcance, ou seja, tentar descobrir através da atenta observação, o que é que estava se passando ali, que morte era aquela, do que ela se fazia, qual era sua gênese e quais eram seus estágios – como e por quê ela começa, o que ela produz, como ela se desenvolve, como e por que ela se concretiza – questionamentos insuficientes para responder a pergunta sobre a verdadeira gênese da violência que provocou aquelas mortes e, portanto, perpetradores de revisitações à cena traumática.

O mesmo se passou com o sentimento de culpa relacionado ao episódio em que Keiko deu um pouco de água a um sobrevivente que, no primeiro gole, morreu. Assustada ao ouvir de seu pai e de seu irmão que aquela morte que acabara de testemunhar poderia ser sua responsabilidade, Keiko sentiu-se culpada. Porém, décadas mais tarde, quando ouve o relato de sua amiga que viveu em culpa por negar um último gole de água ao pai, Keiko compreendeu que a gênese daquela morte não se encontrava no seu ato de atender ao último desejo de uma pessoa à beira da morte, mas sim no bombardeio atômico e em suas vicissitudes. Ao compreender que a gênese daquela morte não estava em suas mãos, o sentimento de culpa de Keiko desapareceu.

Capítulo 5
Takashi Teramoto

Takashi Teramoto atua no Museu Memorial da Paz de Hiroshima como voluntário da paz e é um grande amigo de Ken Harada, que conheci em 2010 por ocasião da coleta de dados que realizei em Hiroshima para a minha pesquisa de mestrado.[38] Harada fez um primeiro contato com Teramoto apresentando esta pesquisa de doutorado e perguntando se ele teria interesse e disponibilidade para ser entrevistado, ao que ele respondeu afirmativamente. Na sequência, agendamos nosso primeiro encontro e reservamos uma sala no museu para a entrevista. No dia marcado, Harada nos apresentou formalmente e expliquei em detalhes os objetivos desta pesquisa, apresentei e li o termo de consentimento informado e falei sobre o método que utilizaria na condução das entrevistas e em suas respectivas análises. Nesse momento, perguntei se Teramoto poderia me encontrar mais duas vezes para que pudéssemos abordar as memórias anteriores, do dia e posteriores ao bombardeio em ocasiões diferentes. Teramoto concordou, e então assinamos o termo de consentimento informado e passei a gravar a entrevista.

Teramoto diz que a primeira memória que lhe ocorre quando pensa em antes do bombardeio é a morte de sua avó paterna, que morava com ele e com sua família no centro de Hiroshima e que, no final da guerra, mudou-se para a casa da filha mais velha (tia de Teramoto) para morar com ela, com seu genro e sua neta de aproximadamente 20 anos. A casa ficava a cerca de 30 quilômetros de distância da cidade, em uma vila próxima da região das montanhas. Nessa época, Teramoto tinha 10 anos e estava no quinto ano do Ensino Fundamental. Recordava-se claramente de que, em março de 1945, recebeu um telegrama escrito "à moda daquele tempo". Em outras palavras, como não havia telefone, a comunicação à longa distância era feita por telegrama, modalidade muito custosa em termos financeiros uma vez que se pagava por caractere escrito e, portanto, só era enviado em caso de urgência. Dessa forma, e visando a gastar o mínimo possível, as mensagens eram curtas e escritas apenas em *katakana* – palavras soltas – e

[38] Como informamos anteriormente, Ken Harada é um dos coordenadores do grupo de voluntários da paz do Museu Memorial da Paz de Hiroshima. Ken Harada guiou-me pelo museu em 2010 e, desde então, acolheu minha pesquisa, sendo hoje um grande colaborador e um grande amigo. Durante as entrevistas em Hiroshima em janeiro e fevereiro de 2018, além de fazer contato com os sobreviventes em meu nome, Harada atuou como intérprete em todas as entrevistas concedidas pelos depoentes em japonês.

não em *kanji*[39], o que tornava difícil a compreensão da mensagem, semelhante a uma escrita em códigos, muito complicada para uma criança ler. Teramoto diz que o telegrama que recebeu havia sido enviado para o seu pai, mas no momento em que a mensagem chegou, ambos – pai e mãe – estavam fora, trabalhando. Por esse motivo, Teramoto decidiu abrir e tentar ler sozinho. Deparou-se com a seguinte mensagem: "Sumi Taki Koi Shika." Como não compreendeu nada, foi correndo até o local de trabalho da mãe para entregar-lhe o telegrama. Diz que a mensagem está bem gravada em sua memória e veio a descobrir que "Sumi" é uma abreviação para o nome do seu pai, "Sumio", "Taki" era o nome de uma outra tia paterna que também morava na cidade, "Koi" significa "venha", "Shika" é o nome da tia paterna mais velha com quem a avó estava morando. Afirma que a mensagem queria dizer para o pai e a tia irem para a casa da outra tia na região das montanhas, pois a "mãe [avó de Teramoto] está crítica", morrendo.

Teramoto contou que o telegrama chegou no período da tarde, e que na mesma noite partiram – Teramoto, o pai, a mãe e um primo – a pé em direção à casa de sua tia para ver a avó. Disse que hoje em dia, em casos de emergência, é possível ir até os locais de carro, mas que naquela época a única forma de locomoção era caminhando. Ao chegar à casa da tia, encontrou muitas pessoas reunidas, como se sua avó fosse morrer a qualquer momento, mas ao contrário de todos, quando a viu deitada sozinha, teve o impulso de deitar-se no *futon*[40] com ela para dormir. Recordou que sua atitude deixou todos surpresos e chegou a ouvi-los se perguntando como ele era capaz de dormir com uma pessoa que poderia morrer a qualquer momento. Refletiu sobre o episódio e chegou à conclusão de que dormir com a avó era algo natural para ele, pois no período em que moraram juntos e também depois, quando ele a visitava na casa tia, tinham o costume de sempre dormirem na mesma cama.

Em março de 1945, a avó de Teramoto veio a falecer, e ele recorda de terem levado o corpo dela para "o povo do *burakku*"[41] cremá-la. Logo em seguida, em abril, ele foi evacuado[42] do centro de Hiroshima com outros 26 colegas de escola, e todos

---

[39]*Katakana* é o conjunto de ideogramas em japonês para palavras estrangeiras. *Kanji* é o tipo de ideograma de origem chinêsa que traduz som e significado da palavra.

[40] Como informamos anteriormente, trata-se de uma espécie de colchão feito de algodão que é colocado sobre o chão para as pessoas dormirem.

[41] *Burakku* é o nome do povo que até hoje sofre discriminação no Japão. Trata-se de uma população confinada a certos espaços das cidades e vistos como "inferiores" por lidarem com carniça, ou seja, pessoas que trabalham com couro, que abatem animais, açougueiros, coveiros, etc.

[42] Em abril de 1945 as crianças do terceiro ao sexto ano do Ensino Fundamental foram evacuadas do centro de Hiroshima como uma medida de segurança.

passaram a morar em um templo localizado a 60 ou 70 quilômetros de distância de Hiroshima, na atual cidade de Miyoshi-shi. Afirmou que, na época, não refletiu muito sobre essa mudança, apenas sabia que era algo que precisava fazer, algo como "seguir a correnteza", mas alegou que hoje percebe o quanto a guerra afetou as crianças. Sobre sua vida no templo – local de evacuação –, uma das lembranças mais marcantes era a falta de comida e, consequentemente, a fome. Disse que embora tivessem três refeições por dia, a quantidade era reduzida e que ele ficava com fome logo depois de comer. Como havia apenas crianças e alguns poucos adultos responsáveis, Teramoto recordou que pegava escondido coisas do solo, como legumes, gramas, folhas, para tentar enganar o estômago.

Ainda sobre o período em que esteve no templo, contou que as 26 crianças e o professor dormiam juntos em um grande salão, e que repetidas vezes fez xixi na cama, o que o deixou com muita vergonha. Como não havia muitos adultos para ajudá-lo, resolveu não contar a ninguém, deixando o *futon* secar naturalmente. Já suas roupas eram lavadas por uma moça que cuidava das vestimentas de todas as crianças que estavam evacuadas. Com a finalidade de compartilhar suas memórias, décadas depois da guerra houve um encontro dos colegas que estiveram no mesmo templo que ele, e um dos assuntos foi a enurese noturna. Afirmou que, na ocasião, ficou sabendo que fazer xixi na cama era um problema comum no grupo, e que muitos chegaram a desenvolver esse problema após a evacuação, ao contrário dele que fazia xixi na cama desde antes, tanto que quando teve que partir, sua mãe ficou tão preocupada que decidiu ir ao templo para fazer limpeza de tempos em tempos.

Outra memória marcante desse período é o *bullying* que sofria das crianças que moravam com ele. Teramoto relatou que não chegavam a agredi-lo fisicamente ou verbalmente, mas o ignoravam, fingiam que não o viam ou ouviam. Em outras palavras, ele os cumprimentava e não recebia nenhum olhar ou resposta. Lembrou que não eram todas as crianças, mas um pequeno grupo que ele considerava "mau" e que "dominava" todos os outros, os quais também acabavam não chegando perto de Teramoto, fazendo com que se sentisse muito excluído.

Contou ainda que na época do primário, quando tinha aproximadamente quatro ou cinco anos, também sofreu *bullying* e, por isso, frequentou a escola por apenas três dias. A professora chegou a ir à sua casa conversar com sua mãe, mas Teramoto relatou que era muito teimoso e que havia decidido que não retornaria à escola primária. Não lembra se desistiu de ir por causa do *bullying* ou por manha. Recorda apenas que nunca

mais foi. Afirmou que, por volta dessa mesma época – não sabe dizer se ficou muito doente ou se havia se machucado –, sua mãe o levou ao médico e, para tanto, colocou-o nas costas.[43] Teramoto relatou que esse episódio é uma das memórias mais fortes que possui, pois estava nevando na volta do médico e, por estar nas costas de sua mãe, lembra-se vivamente de sentir-se aquecido pelo calor do corpo materno. Disse que hoje tem mais de 80 anos, mas mesmo assim consegue se lembrar "do calor das costas dela" naquele episódio.

Teramoto acredita que esse tipo de memória afetiva da mãe é comum para quase todas as pessoas e, para ele, é certamente uma memória mais confortável se comparada com a lembrança do *bullying* que sofreu. Sobre memórias de conforto, mencionou que em 1941 ou 1942, bem no começo da guerra, o trabalho da mãe promoveu um piquenique para verem a florada das cerejeiras, atividade que foi interrompida porque houve um ataque aéreo norte-americano em Tóquio. Recordou que, no começo da guerra, quando Tóquio ou outras cidades mais centrais eram atacadas, até mesmo cidades como Hiroshima – que ficam em regiões do interior da ilha central – eram alertadas, mas observou que ao longo da guerra isso foi mudando. Em 1945, muitas vezes havia aviões passando por cima da cidade sem que os alarmes fossem acionados.

Relatou que nessa época, apesar de não ter muitos amigos na escola, tinha alguns no bairro, incluindo o filho de um monge com quem perdeu contato antes do bombardeio porque foram evacuados para locais diferentes. Nesse sentido, apesar de serem amigos de vizinhança, não estudavam na mesma escola, e segundo Teramoto, os abrigos foram definidos de acordo com as escolas que frequentavam. Contou que veio a encontrá-lo por coincidência quase 20 anos depois em um cinema, e que na ocasião estranhou muito o amigo, pois ele estava "completamente mudado". Nesse breve encontro, ficou sabendo que o amigo se tornara órfão da bomba e que, consequentemente, teve uma vida muito sofrida.

Recordou que, naquela época, as crianças recebiam educação para a guerra e, portanto, não só não a temiam como lembra que todos os meninos queriam ser soldados. Teramoto ponderou que as crianças não acreditavam que poderiam morrer em combate, pois nesse caso provavelmente não iriam gostar tanto da ideia. Sendo assim, além do *baseball*, adoravam brincar de luta. No caso de Teramoto, ele queria ingressar na marinha e gostava muito de brincar de batalhas. Lembrou que naquela época, sempre

[43] No Japão as crianças eram carregadas nas costas, presas por um grande tecido.

que um avião sobrevoava Hiroshima, ele corria para ver, pois achava muito divertido. Um dia, no começo de 1945, antes de ser evacuado, viu um avião aproximando-se e correu para o telhado para observá-lo. O avião voava tão baixo que Teramoto conseguiu ver o formato de sua asa, sua metralhadora e até mesmo o rosto do piloto norte-americano, que na ocasião usava um cachecol branco em volta do pescoço. Teramoto reparou também que o avião rumava em sua direção, o que o deixou com medo e o fez pular rapidamente para baixo do telhado, direto em um corredor estreito de onde o viu passar bem rente acima dele.

Ainda sobre a guerra, Teramoto disse que dois fatores foram muito marcantes: a pobreza – apesar de sua família nunca ter sido rica, percebeu que a situação piorou bastante – e a fome. Lembrou de um episódio no qual sua mãe foi comprar comida em uma ilha e demorou muito para voltar para casa, o que o deixou muito preocupado. Quando ela finalmente chegou, ele perguntou o motivo da demora. Sua mãe lhe explicou que havia ido comprar batatas no mercado negro e, para não ser pega pela polícia, precisou ir desviando e se escondendo da fiscalização. Conta que um dia foi a um restaurante com sua mãe e com um grupo de colegas dela, perto do local onde trabalhavam, e pediu *oyako donburi*[44], que foi servido com *takuwan*[45]. Teramoto colocou o *takuwan* no bolso porque achou que seria bom deixá-lo para comer em casa, mas não percebeu que seu bolso estava cheio de areia, o que acabou estragando o alimento. Disse que, depois da guerra, a escassez de comida aumentou, e lembra-se de comer *zousui*[46] com frequência.

Sentia que eram uma família de vida simples, um pouco mais pobres que a média da população na época, e recorda que havia certos dias – muito pouco frequentes – em que sua mãe o acordava de manhã dizendo: "hoje tem arroz com ovo, acorde logo para comer." Comentou que, naquela época, o ovo era um produto caro e por isso ele tinha que dividir um único ovo com seus irmãos. Eles o quebravam e o misturavam cru com o arroz para comerem. Recorda que no período em que sua avó paterna morava com sua família (antes e durante a guerra), ela costumava ir ao templo budista onde havia lojinhas de chá que vendiam *amazake*[47], e lembra de a acompanhá-la ao templo apenas para ganhar um doce.

---

[44] Em uma vasilha japonesa – *tyawan* – coloca-se arroz e, por cima, frango e ovo.
[45] Conserva de nabo amarelo, uma espécie de picles.
[46] Arroz mole, um tipo de canja.
[47] Saquê doce e fraco.

Sobre sua família, Teramoto disse que era o caçula de três filhos. Seu irmão era quatro anos mais velho que ele, era fisicamente forte, teimoso, tinha o gênio forte e era muito generoso. No momento do bombardeio, estava a dois quilômetros do marco zero, tendo sobrevivido e morrido de câncer de pulmão aos 52 anos. Não tem certeza se o câncer foi resultado da radiação emitida pela bomba, mas se tivesse que apostar, diria que sim. Sua irmã é 10 anos mais velha e em 1945 já estava casada e tinha filhos. Teramoto disse que por conta da diferença de idade não possui muitas memórias dela. Hoje ela tem mais de 90 anos, porém sofre de demência e mora em uma espécie de asilo. Recorda que no dia 2 de agosto de 1945, ela havia ido para a região próxima de onde a avó morava para pegar batatas e deveria retornar para Hiroshima no dia 6. No momento do bombardeio, estava aguardando o ônibus para voltar quando viu a nuvem de cogumelo causada pela explosão atômica erguer-se no céu sobre a cidade.

Teramoto acredita que entre a irmã e o irmão havia outra criança que morreu. Não sabe dizer o motivo pelo qual acha isso, mas acredita ser uma "breve memória", algo que escutou em algum lugar, mas não consegue se lembrar onde e nem de quem, e afirmou que nunca buscou saber se era verdade. Disse que pode ser apenas uma impressão, mesmo porque a diferença de idade entre a irmã mais velha e o irmão pode se dar por conta dos anos que o pai passou trabalhando na China antes da guerra, retornando para o Japão apenas quando Teramoto estava na primeira série. Lembra de ter ido buscá-lo no porto de Uji e que, posteriormente, o pai passou a trabalhar em uma fábrica de artefatos militares em uma pequena ilha perto de Hiroshima, não tendo, portanto, ficado ferido no dia da explosão. O pai costumava ir e voltar do trabalho todos os dias e, para tanto, saía bem cedo e voltava bem tarde. Quando estava em casa, o pai de Teramoto dormia muito e bebia saquê. Teramoto afirmou que não possui muitas lembranças de seu pai de antes do bombardeio, mas acredita que isso seja algo comum entre as crianças japonesas, com exceção do autor e ilustrador Kenji Nakazawa, criador de *Gen pés descalços*, que foi fortemente influenciado pelo pai, o qual fazia parte de um dos poucos grupos que eram contra a guerra naquela época. A mãe de Teramoto também trabalhava fora de casa durante a guerra e ele diz que suas maiores lembranças daquele período são dela. Acredita que em todas as casas japonesas, o pai possui o papel de comando e a mãe o papel de apoiadora do pai e coordenadora da família toda. Em outras palavras, acha que a mãe possui um papel mais afetivo e, consequentemente, as crianças são mais ligadas emocionalmente às mães do que aos pais.

Teramoto disse que, enquanto esteve evacuado (a partir de abril de 1945), sua mãe vinha prontamente à sua mente quando pensava em sua família, e buscou manter contato com ela por meio de cartões postais, uma vez que o telefone não estava disponível. Sorrindo, narrou um episódio que disse nunca ter esquecido. Recebeu da mãe um cartão postal todo pintado de *sumi*[48] e, por cima da tinta, havia uma mensagem escrita a lápis. Teramoto riu e disse achar que a mãe estava escrevendo e errou, mas para não desperdiçar o papel, uma vez que eram pobres e não podiam desperdiçá-lo, decidiu pintar tudo de tinta preta para poder escrever de grafite por cima, pois o brilho do grafite sobre o preto da tinta ainda poderia ser lido, o que na opinião de Teramoto provava a inteligência e a esperteza de sua mãe. Contou que guarda esse cartão até hoje.

Ainda durante o período de evacuação, lembra-se que, em final de julho de 1945, ficou muito debilitado e não pôde ir mais à escola na vila local, passando grande parte do seu dia deitado no templo. Como estava com febre alta, passou a dormir sozinho em um pequeno quarto, e não mais no saguão com os outros alunos, o que o fez se sentir ainda mais excluído. Comentou que a questão do *bullying* é enfrentada pelos jovens até hoje, mas acredita que, antigamente, as crianças não ficavam tão agoniadas ou deprimidas como ficam atualmente. Isso porque não se lembra de ter ouvido naquela época sobre casos de suicídio por conta do *bullying*, e acha que isso se deve ao *shounen dan*[49], grupo formado por alunos do ginásio no qual o mais velho assumia o papel de liderança. Quando as crianças do bairro tinham problemas com *bullying*, o líder era informado e tomava providências. Dessa forma, Teramoto acredita que, diferentemente de hoje em dia, antigamente as crianças que sofriam *bullying* não enfrentavam seus agressores sozinhas e, por isso, sentiam-se de alguma forma mais protegidas, com mais apoio. Esse grupo de bairro praticava ginástica – o chamado *Radio Taiso*[50] – todas as manhãs antes da escola, motivo pelo qual os jovens invariavelmente tinham contato uns com os outros.

Teramoto alega, que naquela época, as pessoas que moravam na mesma vizinhança eram muito próximas umas das outras, a ponto de todos os adultos serem responsáveis pela educação e cuidado de todas as crianças. Pensa que isso poderia ser mais forte no seu bairro do que em outros lugares, porque morava em uma área mais

---

[48] Tinta preta japonesa feita a base de carvão e utilizada para escrever.
[49] Grupo de jovens.
[50] Até hoje, todos os dias pela manhã, muitas crianças e idosos praticam *Radio Taiso* – uma espécie de ginástica matinal – no começo da manhã.

pobre onde “coisas esquisitas” aconteciam com mais frequência. Chama de “coisas esquisitas” o fato de, por exemplo, um dia seu pai e sua mãe terem brigado e sua mãe ter ido para a casa de sua irmã mais velha (tia de Teramoto), ao que dois ou três vizinhos visitaram ambos com a intenção de que fizessem as pazes. Recordou que, no final, foram buscar a mãe na casa da tia e a trouxeram de volta para sua casa e, desde aquela época, ficou com um ditado em mente: “um estranho próximo é mais que um parente distante.”

Entretanto, observou que essas relações mudaram muito depois da guerra – entre os anos 1960 e 1970 – e que houve uma mudança gradual na estrutura da sociedade. Nesse contexto, as relações entre os vizinhos invariavelmente mudaram. Acredita que um dos maiores motivos foram as transformações da economia, em meio às quais os bairros antigos desapareceram e as casas e famílias passaram a ser mais independentes uma das outras. Mas apesar de tudo, observou que ainda havia solidariedade. Por exemplo, o bairro em que passou a morar depois do bombardeio possuía casas com e sem banheiros e, por isso, pessoas acabavam precisando usar o banheiro do vizinho, motivo pelo qual enfatizou que não se tratou de uma mudança repentina. Nesse contexto, lembrou também que houve os jogos olímpicos na década de 1960, e que poucas eram as casas que tinham televisão. Assim, as residências que que a possuíam recebiam pessoas para assistirem aos jogos.

Entre as mudanças vividas nos bairros após a guerra, Teramoto destacou a figura de proteção exercida pelo líder do *shounen dan*, que passou a não existir mais, apesar de que essa foi uma mudança que sentiu a partir do momento em que passou a morar no local de evacuação, pois por ser uma proteção restrita à vizinhança, não tinha nenhuma influência no templo para onde Teramoto foi enviado em abril de 1945. Sobre isso, sente que um dos motivos pelos quais não reagiu ao *bullying* foi a falta de coragem para enfrentar sozinho o líder do grupo da escola, o qual não apenas era maior, mas também fisicamente mais forte do que ele, o que o fez se sentir demasiadamente solitário.

Teramoto acredita que foi esse estresse – esse sentimento de solidão e exclusão – que o deixou doente, e repetiu que sua febre o excluiu ainda mais da vida social, porque como foi relatado, a partir do momento em que adoeceu, foi levado para um quarto onde dormia e ficava sozinho o tempo todo. Ficou tão mal fisicamente e “fraco psiquicamente” que um médico foi chamado, um senhor que morava no interior e que chegou ao templo nas costas de um cavalo, porque todos os médicos jovens haviam

sido convocados para a guerra. Quando sua mãe foi notificada sobre seu estado de saúde, ela quis que Teramoto retornasse para Hiroshima para ver o médico na cidade. Por isso, foi buscá-lo no sábado, dia 4 de agosto de 1945. Com o tom de voz triste, Teramoto contou que, ao chegar ao templo, sua mãe recebeu duas alternativas do professor: ou que partissem imediatamente, antes que as crianças retornassem da escola, ou, como domingo era dia de folga e as crianças ficavam no templo, que deixassem para partir dois dias depois, na segunda-feira, dia 6 de agosto, quando os alunos saíssem novamente para ir à escola. O professor temia que as outras crianças ficassem perturbadas ao verem Teramoto partindo com sua mãe.

Como Teramoto estava muito ansioso para deixar o templo, implorou à sua mãe para partirem imediatamente – o que após o bombardeio lhe fez se sentir muito. Dessa forma, foram para casa no sábado, dia 4 de agosto. Teramoto se lembra bem da sensação que experimentou ao ir embora depois de três meses e meio longe de casa. Estava muito animado com a perspectiva de fazer as refeições junto com sua família, ver seu irmão e poder estar na presença de seu pai e de sua mãe. Recordou que naquela noite, do dia 4 para o dia 5 de agosto, dormiu com seu irmão dentro de uma espécie de rede. Contou que, por ser pleno verão, havia muitos mosquitos, e por isso utilizavam uma espécie de tela-rede que os protegia das picadas durante a noite. Antes de dormir, conversaram sobre a vida no templo e Teramoto contou sobre o *bullying* que sofreu, ao que seu irmão prometeu-lhe que se vingaria quando os meninos retornassem a Hiroshima. Disse que seu irmão sempre foi muito bom e generoso, e relatou um episódio no qual, em um jogo, perdeu todos os *cards* que o irmão ganhara – também em um jogo de apostas. Ao invés de ficar bravo, o irmão o perdoou.

A imagem de generosidade não permeia apenas a memória do irmão, mas sempre que pensa no passado, em antes da guerra, lembra-se de sua mãe, de seu calor, de sua bondade e generosidade. Relatou que, na manhã do dia 6 de agosto, estava com ela e, após a explosão, eles se separaram e nunca mais se viram novamente. Teramoto foi salvo por uma vizinha, enquanto sua mãe ficou na casa desabada. Ele comenta que, por essa razão, nunca conseguiu deixar de pensar nela. Lembra-se de um dia chegar em casa da escola e, para sua surpresa, ela estar em casa costurando. Explicou que ela trabalhava fora de casa e, por isso, chegar em casa e vê-la foi algo inesperado. Era um dia muito frio de inverno e ficou muito contente de sua mãe estar em casa com ele, sendo essa uma lembrança muito forte, que jamais o abandonou.

Teramoto diz que não tem muitas lembranças do domingo, dia 5 de agosto, apenas que já estava se sentindo melhor e passou o dia brincando com os amigos da vizinhança. Atribui sua rápida recuperação ao fato de estar de volta à sua casa e junto com sua família, e concorda com a conclusão de sua mãe de que talvez sua doença fosse o que ela chamou de "doença da preguiça", algo relacionado à manha e a conteúdos emocionais que poderiam ser também a razão do problema da enurese noturna. Tudo isso, segundo Teramoto, fez sua mãe acreditar que ele não estava adaptado à vida coletiva e, por essa razão, como ele não poderia ficar em Hiroshima – por questões de segurança e por conta da ordem emitida pelo governo[51] –, ao invés de retornar para o templo quando melhorasse, decidiu que ele iria morar na casa da tia no interior (onde sua avó estava morando antes de morrer).

Afirmou que no dia seguinte, dia 6 de agosto, o alarme de ataque aéreo foi disparado às 7:09 da manhã e cessado às 7:31. Logo em seguida, Teramoto saiu para brincar com os meninos na rua vestindo apenas sua cueca e uma camiseta. Não se lembra sobre o que conversavam, somente que estava "papeando" com os amigos quando sua mãe apareceu e pediu que voltasse com ela para casa para se arrumarem e irem ao médico. Quando chegaram em casa, sua mãe foi vestir um *kimono*. Teramoto tem a lembrança de estar do outro lado do quarto, meio encostado em uma mesinha e olhando para baixo, escrevendo a lápis o endereço do templo em um *hagaki*[52] que pretendia enviar para lá. Lembra-se especificamente de estar usando um lápis, porque recorda de lamber a ponta do grafite para que a cor ficasse mais escura, mais preta. Enquanto olhava para baixo, sentiu um clarão, uma luz muito forte atrás dele e lembra de ter se virado para ver o que era. Contou que quando começou a dar seu testemunho, passou a descrever esse clarão como algo muito intenso e semelhante a um *flash* de magnésio utilizado pelas antigas máquinas fotográficas. Posteriormente, quando teve acesso aos seus arquivos na ABCC[53], Teramoto descobriu que relatou ter experienciado um clarão amarelado. Disse que ao ler vários depoimentos e documentos, notou que, dependendo do lugar em que a pessoa estava no momento da explosão, esse clarão foi percebido de forma diferente: uns falavam em tonalidades de cores diferentes, outros, em algo semelhante a uma explosão de magnésio. Dessa forma, como a cor variou de

[51] Ordem que determinava que as crianças do terceiro ao sexto ano deveriam ser evacuadas da cidade.
[52] Cartão postal.
[53] ABCC é a abreviação para *Atomic Bomb Casuality Comission* (Comissão de Vítimas da Bomba Atômica), um instituto norte-americano localizado na cidade de Hijiyama, no Japão.

lugar para lugar, atualmente ele apenas diz que sentiu um flash muito intenso, muito forte.

Recordou que, logo depois do clarão, veio a escuridão e tudo começou a desmoronar. Sentia coisas caindo, tocando seu corpo, o que o fez agachar-se e encolher-se, torcendo para que aquilo acabasse logo. Não se lembra de ter sentido dor, apesar de sentir cacos de vidro voando nele, mas se lembra vivamente de um cheio estranho, ruim, difícil de descrever. Esse cheiro marcou tanto Teramoto que, anos depois, quando ele esteve no ABCC, perguntou se radiação tinha cheiro. Para sua surpresa, responderam-lhe que não.[54] Disse que achou a resposta muito estranha, uma vez que o cheiro era tão peculiar que nunca mais o sentiu, o que o fez pensar que talvez poderia ter sido produzido pelas paredes de terra sendo atingidas pelas ondas de choque e de calor ou da casa desmoronando.

De repente, as coisas pararam de cair e seu arredor começou a clarear. Teramoto conseguiu então sair sozinho debaixo dos escombros e foi caminhando por cima dos entulhos até estar do lado de fora da casa desabada, de onde avistou uma senhora da vizinhança que percebeu ser a mãe do líder do *shounen dan*. Foi andando ao seu encontro e, quando estava bem próximo, ela lhe perguntou: "quem é você?" Teramoto respondeu: "sou eu... Takashi." Ao que ela lhe disse: "ah, Taka-chan, vamos fugir juntos. Vou carregar você." Quando ele foi subir em suas costas, percebeu que o rosto dela estava muito ensanguentado, e acha que esse foi o motivo pelo qual ela não conseguiu reconhecê-lo. Ele olhou para si mesmo e percebeu que suas roupas estavam rasgadas e com manchas de sangue. Teramoto contou que, apesar de machucado e com ferimentos cujas cicatrizes carrega até hoje nas mãos e no rosto, ele não estava muito queimado, e explicou que isso se deve ao fato de que, no momento da explosão, ele estava dentro de casa, o que o protegeu do contato direto com a onda de calor.

Lembrou que enquanto era carregado pela vizinha, viu muitas pessoas da vizinhança emergindo dos escombros, mas não viu sua mãe. Por esse motivo, chorou muito alto e gritou que sua mãe não estava ali. Em resposta, outros vizinhos se aproximaram e perguntaram onde ela estava, e Teramoto respondeu que ela estava em casa com ele. Prometeram que iriam até o local onde ficava a casa de sua família para

[54] Ken Harada (que acompanhou a entrevista como intérprete) diz a Teramoto que muitos sobreviventes alegam terem aspirado o gás da bomba atômica, e complementa dizendo que um professor da Universidade de Todai alegou não apenas que a bomba de fato emitiu um gás com grande poder de envenenamento (se muito aspirado pode causar a morte do indivíduo), como também explicou que esse mesmo gás possui um cheiro muito forte.

procurar e salvar sua mãe, mas que enquanto isso ele deveria fugir com a senhora que o carregava. Ele concordou e recorda que começaram a caminhar na direção oeste de Hiroshima.

Afirmou que a cidade é atravessada por muitos rios e que, portanto, se uma pessoa precisa fugir cruzando a cidade, ela invariavelmente deverá passar por algumas pontes. Dito isso, Teramoto mostrou um desenho feito por um grupo especial de alunos da Escola de Arte em Motomachi, que com base nos testemunhos dos *hibakushas* e sob seus cuidados e supervisões, desenharam passagens de suas memórias. Explicou que o desenho ilustra o momento em que ele e a vizinha se depararam com uma ponte de madeira que estava desmoronada e contou que, para atravessá-la, tiveram que caminhar cuidadosamente por cima das toras, engatinhar e rastejar por baixo delas, ao mesmo tempo que tentavam escapar do fogo. Apontou no desenho para uma cabeça que parece surgir de um mar de escombros e disse: "uma lembrança que não sai da minha memória é que aqui era uma mulher... estava saindo dos escombros... do pescoço pra cima e com os olhos se movendo muito rapidamente de um lado para o outro... mas não lembro de ter ouvido sua voz com pedido de ajuda... e eu fugindo passando do lado dela... e essa cena eu via até no sonho... ." Disse que quando fala sobre essa cena, busca descrever para os ouvintes como os olhos dela se moviam de um lado para o outro, evidenciando que naquele momento ela ainda estava viva, e complementa dizendo que acreditava que ela se viu subitamente naquela situação e estava olhando ao redor para tentar compreender o que estava acontecendo. Enfatizou que outro fator que tornou esse episódio inesquecível foi que, posteriormente, soube que toda aquela região pegou fogo logo depois que ele e a vizinha passaram por ali. Portanto, tem quase certeza de que aquela mulher acabou morrendo carbonizada, queimada viva. Disse que imaginar uma pessoa morrer daquela forma, mesmo que não tenha feito nada e nenhum mal a ela, mesmo que não tenha culpa alguma pelo que aconteceu, o assusta e lhe causa muito medo.

Sobre o desenho dessa cena, Teramoto afirma que deu seu testemunho minuciosamente para a aluna que o ilustraria e, após o desenho pronto, quando ele o viu, primeiramente desculpou-se por ter lhe contado "coisas muito fortes" e por tê-la feito desenhar algo tão "grotesco". Na sequência, deu mais detalhes da cena para embasar seus pedidos de alteração, buscando fazer com que a ilustração ficasse o mais fiel possível ao que ele tinha em sua mente. Conta que pediu desculpas novamente pelas coisas fortes que disse à ilustradora para que ela pudesse redesenhar, mas a estudante

tranquilizou-o dizendo que tudo estava bem, que fazia parte do trabalho dela, e que por meio das descrições minuciosas, ela pôde aprender muito sobre o dia da explosão. Acredita que se sentiu impelido a pedir desculpas porque solicitou à ilustradora um desenho "muito forte, grotesco, que poderia criar um mal-estar em uma moça de porte pequeno, com apenas uns 17 anos." Comentei que, apesar de forte, ficava contente por ele ter conseguido dividir aquela memória em seus mínimos detalhes com outra pessoa que, além de ouvi-lo com cuidado, estava disposta a ajudá-lo a reproduzir suas lembranças em desenho. Teramoto disse que, no começo, ela havia desenhado um céu azul, e acha que sua intenção era a de mostrar um porvir alegre, ao que ele se sentiu obrigado a corrigi-la dizendo: "imagine que aqui logo depois pegou fogo, tem que demonstrar isso...", pedindo uma cena mais realista. A obra final, segundo Teramoto, ficou bem próxima do que ele tem em mente, tanto que desde que recebeu o desenho, sempre que se recorda da cena, lembra-se da imagem da ilustração.

Teramoto mostrou outro desenho, feito pelo mesmo grupo da escola de artes, agora do monumento que está localizado no Parque Memorial da Paz de Hiroshima. Ele explica que esse é monumento que identifica o local onde a cidade enterrou mais de 70 mil cinzas de pessoas que morreram sem serem identificadas, ossadas encontradas por baixo dos entulhos que cobriram a cidade, nos rios e em suas margens, pessoas que sucumbiram por todos os lados. Nesse contexto, recordou que sua tia, irmã mais velha de sua mãe, estava um pouco a oeste de Yamaguchi-cho, e quando retiraram os escombros de sua casa desmoronada, encontraram sua ossada. Suspeitam que, como outros milhares, ela também morreu carbonizada no local. Enfatizou que viu muitos episódios como esse enquanto estava sendo carregado nas costas pela vizinha que o levou para o refúgio.

Retomando sua narrativa sobre o dia do bombardeio, Teramoto disse que, quando conseguiram sair da área que estava sendo consumida pelos incêndios, decidiram descansar um pouco, e começou a chover assim que pararam[55]. Mostrou um novo desenho e, ao explicá-lo, afirmou que não se lembrava da cor da chuva, apenas que choveu e que a vizinha trouxe um latão para que ele pudesse se proteger. Entretanto, esse latão não era grande o suficiente para cobrir os dois e, por isso, ela acabou sendo exposta à chuva radioativa. Teramoto afirma que sempre que olha e fala sobre esse

[55] Refere-se à chuva negra, cujas gotas eram pretas devido ao acúmulo de pó e sujeira proveniente da explosão atômica. Posteriormente, descobriu-se que a chuva era altamente radioativa e, portanto, a maioria das pessoas que foram expostas a ela morreu pouco tempo depois.

desenho, sente que ele está vivo até hoje porque teve uma "vida dada", "atribuída". Ou seja, ao contrário dele, a vizinha acabou morrendo apenas dois meses depois do bombardeio, e ele acredita que pode ter sido porque além dela tê-lo carregado até o refúgio e, dessa forma, usado toda sua força e energia, ela escolheu protegê-lo da chuva negra ao invés de a si mesma.

Após o final da guerra, Teramoto ficou sabendo que o filho dessa vizinha, o líder do *shounen dan*, também havia morrido. Aparentemente, ele não estava em casa no momento da explosão; estava trabalhando no centro da cidade e acabou morrendo em decorrência do bombardeio, mas não sabe exatamente nem como e nem onde. Recordou que, além dele, a vizinha tinha mais dois filhos: o mais velho estava trabalhando na empresa de transportes; o caçula era apenas dois anos mais novo que Teramoto e estava no mesmo local de evacuação que ele, o templo. Acredita que a vizinha o salvou devido ao sentimento de grupo que mencionou anteriormente, no qual todos ajudavam a todos, e acrescentou que se fosse hoje em dia muito provavelmente uma pessoa não pegaria o filho de outro indivíduo, colocaria-o nas costas e fugiria com ele em um momento de forte crise. Afirmou que a cidade de Hiroshima informa que 140 mil pessoas morreram em decorrência do bombardeio atômico até o final de 1945, e explica que o número é contabilizado até o final do ano – e não somente em agosto – pois muitos morreram nos dias, semanas e meses seguintes devido ao efeito da radiação, como acha que foi o caso da vizinha que o salvou, pessoas que pareciam não estar feridas por fora, que tinham forças no dia e nos dias seguintes à explosão, mas que, repentinamente, vieram a morrer.

Teramoto disse que no dia 6 de agosto, quando a chuva parou, ele e a vizinha retomaram o caminho em direção ao abrigo. Explicou que naquela época, cada subdistrito determinou um local para os civis buscarem refúgio em situações de emergência. No caso deles, o local era um templo chamado Furuichi, localizado a aproximadamente sete quilômetros de Hiroshima. Contou que no meio do caminho pegaram uma carona em um caminhão que os levou até o abrigo. Não se lembra exatamente quando, mas disse que em algum momento recorda estar descansando na escadaria do saguão do templo quando avistou uma das crianças com quem estava brincando na rua naquela manhã. Percebeu que o menino havia sofrido graves queimaduras, estava com a pele "caindo" e, por isso, entrou no templo com os braços estendidos à frente do corpo. Teramoto soube o menino veio a falecer dois ou três dias após o bombardeio devido aos ferimentos. Ele refletiu sobre o fato de que estavam

juntos minutos antes da explosão, mas como Teramoto tinha que ir ao médico, sua mãe veio buscá-lo para se arrumar. A outra criança, porém, ficou na rua e acabou sendo exposta à onda de calor, vindo a falecer pouco depois.

Na noite do dia 6 de agosto, Teramoto não dormiu no templo, mas em um *minkan*[56] próximo dali onde havia outros sobreviventes. Não sabe exatamente como foi parar nesse local, apenas que tinha ido para lá dormir e que, em um dado momento, seu pai chegou à sua procura. Acredita que o pai – conhecendo o protocolo dos abrigos – foi até o templo onde informaram o seu paradeiro. Lembra-se que no dia seguinte, ao deixarem do *minkan*, viu o céu de Hiroshima vermelho. Contou que décadas depois do bombardeio, tornou-se um voluntário da paz e passou a compartilhar suas memórias. Em uma ocasião, quando falou sobre o *minkan* para onde foi naquela noite, uma mulher hoje já falecida lhe disse: "essa não seria a minha casa?" Então começaram a conversar e a conferir informações como o que foi servido naquela noite para os refugiados comerem (*fukashi*[57]), como era a casa por fora e por dentro, entre outros detalhes, e chegaram à conclusão de que Teramoto de fato havia se hospedado na casa dessa mulher. Diz ser uma enorme coincidência poder encontrá-la depois de tantos anos e contar sua história para ela.

Recordou que assim que deixou o *minkan* com seu pai[58] no dia 7 de agosto foram direto para a estação e tomaram um trem e um ônibus para chegarem na região das montanhas onde morava a tia de Teramoto. Afirmou que suas memórias desse período não são muito claras, mas que tem a impressão de que, ao chegar na casa da tia, estava acompanhado do pai e do irmão mais velho, concluindo que o irmão e o pai se encontraram no templo e seguiram juntos para o *minkan* para encontrá-lo. Alguns dias depois, Teramoto notou algo branco se mexendo dentro de suas feridas e mostrou para seu irmão. Descobriram que se tratava de larvas, e que seria necessário lavar os ferimentos com água salgada. Porém, como era um procedimento muito doloroso, todos da família tiveram que ajudar a segurá-lo. Por volta do dia 20 de agosto, seus cabelos caíram em decorrência da contaminação radioativa que sofreu. Teramoto falou em tom

[56] Residência privada de alguém, uma casa que ofereceu refúgio e abrigo para outras pessoas. Essa era uma prática muito comum naquela época, na qual havia um sistema de apoio para as pessoas em caso de emergência.
[57] Batatas cozidas no vapor.
[58] O pai de Teramoto não estava ferido porque estava trabalhando em uma ilha no extremo sul de Hiroshima, distante o suficiente a ponto de não ter sido atingida pela explosão.

de brincadeira que hoje não tem mais tantos cabelos por conta da idade, e não mais devido aos efeitos da radiação.

Durante o período em que esteve se recuperando na casa de sua tia, ficou sabendo o que aconteceu com sua mãe. Ela estava presa sob os escombros da casa, e como os vizinhos haviam prometido a Teramoto, eles a resgataram. Livre, ela fugiu sozinha para a ponte de Yokogawa. Aparentemente, ela conseguiu chegar até o rio, mas por estar muito ferida, não conseguiu seguir adiante e ficou ali caída. No dia 7 de agosto, a irmã mais velha de Teramoto saiu para procurá-la e a encontrou muito debilitada no mesmo local onde ela havia caído, tendo ficado com ela até o momento de sua morte, por volta do dia 15 de agosto. Teramoto afirma que não sabe detalhes do que aconteceu – para qual abrigo a irmã a levou, o exato local e dia em que ela morreu. Sabe apenas que ela nunca mais voltou para casa e que aquela manhã do dia 6 de agosto, quando ela interrompeu sua brincadeira na rua e o mandou voltar para casa para se arrumar para irem ao médico, foi a última vez em que ele a viu ou falou com ela. Afirmou que essa é a memória mais forte que carrega da morte de sua mãe, uma espécie de sequência de eventos: um brilho forte, a separação repentina e a impossibilidade de vê-la novamente.

Teramoto soube também que no local onde sua mãe veio a falecer morreram outras oito pessoas no mesmo dia, e que todos os corpos foram cremados de uma só vez. Após a cremação, a irmã pegou uma parte das cinzas que julgou serem de sua mãe para levá-las para sua família, chegando à casa da tia aproximadamente no dia 16 de agosto. Afirmou que as datas não são precisas, mas acredita que sejam essas: dia 7 de agosto a irmã encontra a mãe, no dia 15 a mãe morre e no dia 16 a irmã chega com as cinzas à casa da tia. Relatou que, no momento de sua chegada, ele estava doente e se recuperando de seus ferimentos, motivo pelo qual na hora soube apenas que a mãe morrera. Porém, os detalhes do encontro das duas e da morte de sua mãe só veio a conhecer muito tempo depois.

Relatou que agora tem mais de 80 anos e sabe que mesmo que sua mãe tivesse sobrevivido ao bombardeio, hoje eles já não estariam mais juntos: “é a lógica da vida, não dá para escapar.” Mas quando olha para o passado, o que fica em seu coração é a cena de quando era criança e sentiu o calor de sua mãe no episódio em que, adoecido, ela o carregou em suas costas até o médico, tendo sido abruptamente separado dela alguns anos depois. Lembrou que quando era pequeno, antes do bombardeio, pensava como seria se ele um dia viesse a perder sua mãe e, de repente, o que era uma fantasia difícil tornou-se realidade, e por ter sobrevivido, a tristeza da morte de sua mãe

permaneceu com ele desde então, um sentimento que cultiva desde criança e que mesmo depois de 80 anos ainda o acompanha.

Recordou que logo após o final da guerra, as pessoas que iam e retornava de Hiroshima descreviam a situação na cidade. Ele escutava pouco, mas mesmo assim lembra-se de ouvir relatos de que as pessoas vomitavam sangue, que seus cabelos estavam caindo e que muitas estavam morrendo. Entretanto, mesmo sabendo de tudo isso, nunca teve a sensação de que iria morrer, e acredita ter ouvido uma história – nunca chegou a confirmar – de que a irmã, temendo o estado de saúde de Teramoto, chegou a ir a uma vidente, que lhe disse que ele não sobreviveria por muito tempo. Afirmou que sempre acreditou que as pessoas pressentem quando vão morrer, e que ele não sentia que estava na sua hora.

Os irmãos de Teramoto passavam bem. Soube depois que o irmão estava a dois quilômetros do marco zero, em Tsubaseki-bom, mas que apesar da proximidade, no momento da explosão ele se encontrava debaixo de um viaduto de ferro pegando alguma encomenda ou bagagem e, por isso, não se machucou. Morreu aos 52 anos de idade, com um câncer que, como mencionado, começou no pulmão, vindo a espalhar-se pelo corpo todo. Apesar de ser quase impossível comprovar a origem dessa doença, Teramoto tem certeza de que o câncer que matou seu irmão é resultado da contaminação radioativa. O pai viveu até os 72 anos de idade, e lembra que até o dia de sua morte ele estava saudável. A irmã, como ele já havia mencionado, tinha ido para perto da casa da tia pegar batatas e estava voltando para Hiroshima quando viu a nuvem em forma de cogumelo erguendo-se no ar logo após a explosão. Atualmente ela está prestes a completar 93 anos, mas sofre de demência e mora em um asilo. Teramoto brinca que apesar de ele ser o que estava mais próximo do marco zero, é aquele que ainda está vivo e são.

Afirmou que, depois da rendição do Japão e do retorno da irmã com as cinzas da mãe, apesar de ainda acamado, lembra-se de ouvir os adultos falando em tom de surpresa que os aviões B-29, que durante a guerra voavam bem alto no céu, estavam sobrevoando a baixa altitude, próximo do solo, e de fato recorda-se de estar repousando e escutar o barulho de aviões passando. No final de 1945, os ferimentos de Teramoto melhoraram e ele passava bem. Disse que até mesmo uma vértebra que fora comprimida no dia da explosão e que doía muito havia se curado e, por isso, pôde enfim retornar à Hiroshima. Ao voltar para a cidade, ele e sua família tiveram que mudar de vizinhança, o que significou que Teramoto teria que passar a frequentar uma escola diferente

daquela de antes da guerra. Como no ano anterior havia perdido muitas aulas e não aprendeu quase nada, quando as aulas recomeçaram ele teve que cursar novamente a quinta série. Fez novos amigos na nova escola e, por ser o mais velho da turma, foi escolhido pelos colegas para ser o líder de classe tanto no primeiro quanto no segundo quadrimestre. Explicou que ser líder de classe significava, entre outros, sempre tomar a iniciativa de cumprimentos (por exemplo, levantar-se e mandar os outros também o fizessem quando o professor entrava na sala, e se curvarem em reverência e sinal de respeito) e passar os informes. Acredita que a diferença de um ano entre alunos do Ensino Fundamental faz muita diferença, tanto física quanto psicologicamente, e que essas diferenças se expressam na maneira como os alunos pensam, falam e se comportam. Teramoto disse que essas diferenças o fizeram ficar "meio atrevido", recordando de um episódio em que chegou a maltratar uma professora. Entretanto, reformulou sua fala dizendo que não a teria maltratado propriamente, mas que havia uma nova disciplina no currículo chamada *kateika*[59], na qual a professora informou aos alunos que eles necessitavam ter nutrientes e, para tanto, deveriam comer, por exemplo, ovos. Teramoto, então, perguntou-lhe como as pessoas que não possuíam acesso aos ovos deveriam fazer, expressando sua indignação com tal sugestão logo após a guerra, período no qual as pessoas não tinham dinheiro e, portanto, não poderiam comprar alimentos como ovos, que eram muito valiosos e caros. Contou que seu comentário provocou e autorizou os outros meninos a gritar: "isso mesmo". A professora nitidamente sentiu-se mal, e ele acha que ela foi falar com o professor titular que, por sua vez, chamou atenção de Teramoto. Recordou que o professor não ficou bravo, apenas pediu para que ele não falasse daquela forma com a professora de *kateika*, que fosse mais educado e mais respeitoso com ela.

Teramoto contou que, com o passar do tempo, foi avançando nas séries, mas por não gostar de estudar, suas notas foram caindo gradativamente. Observou que foi ficando cada vez mais briguento, e até em termos de altura parecia não progredir, tendo crescido pouco durante os anos seguintes, a ponto de ter sido o primeiro da fila – ou seja, o mais baixo – no dia de sua formatura do Ensino Fundamental. Em 1948, começou a cursar o Ensino Médio, e lembrou que para ser admitido, teve que fazer uma prova que o deixou muito preocupado porque tinha muito medo de ser reprovado nas

[59] Curso de afazeres domésticos. O som da palavra se assemelha a *caretaker*, que pode ser traduzido como zelador(a), cuidador(a). Lembrando que, naquela época, as aulas recomeçaram com influência da ocupação norte-americana.

matérias, principalmente em inglês, disciplina na qual ia muito mal. Disse ainda que estava receoso porque nos primeiros dois anos posteriores à guerra, os alunos sofreram muito com o severo sistema onde os veteranos – alunos que haviam sido treinados e atuaram durante a guerra como soldados – davam tapas, batiam com pedaços de pau e xingavam os alunos mais novos. Explicou que as agressões foram diminuindo ao longo dos anos, mas que elas continuaram até aproximadamente 1955 parte dos professores, tapas que, segundo Teramoto, deveriam dar aos jovens uma educação mais espiritual, visando ao fortalecimento de suas mentes. Apontou ainda que antes de 1945 havia na escola um local reservado para a fotografia do Imperador, e que os alunos e professores o saudavam diariamente de modo muito formal, ajoelhados no chão e curvando-se em reverência. Depois da guerra, porém, a fotografia foi removida. Percebeu também que anteriormente, quando na presença de um membro da família real, os cidadãos precisavam se sentar no chão e reverenciá-lo, mas que posteriormente todos passaram a cumprimentá-los em pé, apenas acenando com a mão. Acredita que essas foram grandes mudanças.[60]

Em relação à sua vida familiar, contou que após a guerra, como já havia mencionado, precisou permanecer algum tempo na casa de sua tia, perto das montanhas, para recuperar-se. Contou que, em setembro, um tufão[61] passou por Hiroshima, e o caminho íngreme e tortuoso utilizado para ir da casa da tia para a cidade e de lá voltar ficou obstruído, sendo possível cruzá-lo apenas a pé. Sobre isso, Teramoto disse que havia uma memória "que está no meu coração e que eu não falo para as pessoas." Relatou que não tem certeza de onde ele e seu pai estavam retornando, mas como ele estava muito doente, acredita que estavam voltando do médico. Como estava fraco, seu pai o estava carregando nas costas. Lembra-se de que estava descansando, em um estado crepuscular, até que em um determinado momento percebeu que estavam parados no meio de uma ponte suspensa. Percebeu também que seu pai estava falando baixo consigo mesmo, e da forma com que falava, parecia acreditar que Teramoto não podia ouvi-lo, pois estaria inconsciente, e dizia algo como: "vamos pular daqui e morrer... Me desculpe." Ouvindo as palavras de seu pai, Teramoto disse que fez o máximo para não se mexer e não demonstrar que estava acordado e escutando, tendo

[60] Antes da Segunda Guerra Mundial, o Imperador era considerado como um descendente direto dos deuses criadores do Japão. Porém, no discurso de rendição, uma das imposições dos Estados Unidos foi que o Imperador falasse à população – porque anteriormente ele não se dirigia diretamente ao povo – e lhes dissesse que era apenas um homem, e não um descendente divino.
[61] O tufão a que Teramoto se refere passou por Hiroshima no dia 17 de setembro de 1945.

permanecido imóvel e em silêncio, aguardando a decisão de seu pai. Falou emocionado que não tem certeza se seu pai tinha mesmo a intenção de pular com ele nas costas, mas sabe que, caso ele pulasse, não poderia fazer nada, pois estava fraco e amarrado às suas costas. Entretanto, alguns instantes depois do desabafo do pai, eles retomaram o caminho para a casa da tia. Teramoto afirmou que compreende o desespero do pai, pois estava sofrendo muito por ter perdido tudo, mas principalmente sua esposa. Além disso, tinha que reunir forças para recomeçar, mas sem dinheiro, sem casa, e apesar de a filha mais velha já se encontrar casada, ainda tinha dois filhos que dependiam dele. Acredita que, depois do bombardeio atômico, todos estavam naquela situação, sofrendo tanto fisicamente quanto psicologicamente. Sobre o episódio da ponte, disse que "as coisas que não passam, não se esquecem facilmente, mas também não é algo para ficar contando... mas que ficam eternamente na gente... ." Complementou dizendo que nunca falou e que não pretende começar a falar sobre o ocorrido com ninguém, pois acredita que essa é uma memória muito triste, e que as pessoas não iriam gostar de ouvir.[62]

Teramoto relatou que, em outubro ou novembro de 1945, seu pai e seu irmão mais velho retornaram para Hiroshima, mas deixaram Teramoto se recuperando na casa da tia. Afirmou que seu pai se sentia mal por estar morando de favor e incomodando a família da irmã. Além disso, ele tinha consciência de que precisava voltar a trabalhar e que necessitava retomar sua vida. Chegando a Hiroshima, construíram um barraco com os escombros que restaram do hospital militar. A irmã mais velha e seu marido também retornaram para a cidade e também construíram um barraco. Explicou que apesar de a cidade ter sido completamente destruída e, consequentemente, todos os documentos terem se perdido, as pessoas sabiam onde eram suas casas e onde estavam suas propriedades. Desta forma, levantar um barraco na propriedade de outra pessoa demandava pagamento de aluguel. Ou seja, tanto seu pai quanto a família de sua irmã recomeçaram suas vidas tendo que pensar em como pagar o aluguel pela terra onde construíram seus barracos.

Nesse sentido, Teramoto afirmou que houve um processo longo e planejado de reconstrução da cidade, e que as casas ou barracos construídos logo depois do bombardeio, incluindo o dele, foram reformados conforme os padrões de planejamento estabelecidos pelo governo. Barracos foram substituídos por prédios, e a população dos

[62] Logo depois de contar sobre esse episódio, Teramoto fica muito emocionado e pede licença para ir ao banheiro. Ele permanece alguns minutos fora da sala onde estávamos realizando a entrevista e retorna recomposto.

bairros aos poucos foi sendo transferida para os novos imóveis. Como acompanhou o longo processo de reconstrução de Hiroshima, Teramoto acredita que mesmo percebendo a impressionante mudança do cenário citadino antes, durante e depois da guerra, a transformação não chegou a ser impactante. Mencionou de um ditado japonês que diz que "a terra natal deve ser lembrada à distância", ou seja, é natural que o tempo modifique muito o lugar onde se nasceu. Nesse momento, Teramoto recordou que houve algo impactante sobre a cidade. Contou que, após o bombardeio, houve a formação de uma espécie de favela onde os sobreviventes com menos dinheiro passaram a morar, e onde ocorriam incêndios frequentes. Quando isso acontecia, Teramoto lembra de algumas pessoas manifestando contentamento e exclamando que os barracos pobres haviam desaparecido, deixando a cidade mais bonita, o que o chocava. Recordou também que, em algum momento, o governo acabou construindo um grande prédio de moradia popular e transferiu as famílias da favela para aquele imóvel.

Quando pensa em sua história, Teramoto acredita que não possui muitas memórias felizes de quando era criança, mas acha que as pessoas acabam se adaptando às muitas situações que a vida lhes impõe, e que mais do que ficar relembrando do passado, sente que é preciso viver, o que acaba fazendo com que os indivíduos atentem mais para aspectos do presente. Como exemplo, disse que assim que acabou a guerra, por ter passado muita fome, não deixava sobrar um só grão de arroz em seu prato, mas que hoje em dia, devido à abundância de alimentos a que tem acesso no Japão, já não age mais assim. Percebe também que, quando era criança, faziam tudo andando; hoje em dia, as pessoas fazem tudo de carro ou de transportes públicos. Concluiu que a vida mudou em muitos aspectos e que ele busca seguir a realidade atual. Afirmou que busca não refletir profundamente sobre sua vida no geral e nem sobre ensinamentos que eventualmente valorize e que deve perpetuar por meio da educação de seus filhos. Entretanto, não descarta a possibilidade de ter tido experiências que tenha incorporado sem saber e que o modificaram a ponto de transmiti-las automaticamente. Apenas não saberia apontá-las conscientemente, já que quando pensa sobre o assunto não acha que sobreviver ao bombardeio lhe trouxe valores fortes a ponto de achar que aprendeu algo de tão importante ou profundo que valha a pena ou que deva ser transmitido.

Sobre sua família, contou que sua esposa era do interior de Hiroshima e que não foi atingida de forma nenhuma pelo bombardeio, não sendo uma *hibakusha*. Apesar de ter conhecimento do preconceito que muitos sobreviventes enfrentaram para formar

uma família, disse que no seu caso não teve maiores problemas nem para se casar, nem para ter filhos. Tiveram três: a mais velha é uma mulher que hoje tem 53 anos e dois filhos (um menino e uma menina); a segunda também é uma mulher que hoje tem 51 anos e três filhos (dois meninos e uma menina); e o caçula é um homem que hoje tem 49 anos e uma filha. Com exceção da filha do meio, que mora em Shiobara, os outros são residentes em Hiroshima. Diz que não chegou a compartilhar suas memórias com seus filhos e netos tanto por não querer fazê-lo quanto porque seus familiares nunca lhe pediram, apesar de saberem que Teramoto não apenas é um *hibakushas*, mas que atua ativamente como um voluntário da paz no Museu Memorial da Paz de Hiroshima, trabalho esse que não é comentado em reuniões ou conversas familiares. Recordou que 10 anos atrás foi chamado para ir a Chicago, Estados Unidos, para dar seu testemunho, e na ocasião uma de suas netas, que tinha 16 anos e estava cursando o segundo ano do Ensino Médio, pediu para acompanhá-lo, ao que ele concordou. Lembrou de dois outros momentos em que compartilhou suas memórias no espaço familiar: o primeiro quando sua filha, residente em Shiobara, pediu que ele fosse até lá para contar sua história na escola do neto, e o segundo quando sua sobrinha – filha de sua imã mais velha – foi com a família dela até a casa de Teramoto para que todos pudessem escutar a sua história.

Afirmou que, em ambos os casos, concordou em falar, observando que não há diferença entre dar seu testemunho para sua família ou para estranhos no museu, pois tanto em um caso como no outro, não conta toda sua história, buscando ater-se à experiência relacionada ao bombardeio atômico. Outras lembranças mais pessoais – como o calor que sentiu nas costas de sua mãe ou ter ouvido o pensamento de seu pai quando estavam na ponte suspensa – ele prefere não contar, pois não sabe se essas "serviriam para alguma coisa", uma vez que as considera de certa forma "desagradáveis", por terem o potencial de deixar as pessoas chateadas. Por isso, não acha que elas se voluntariaram ou mesmo gostariam de ouvi-las. Teramoto enfatizou que dependendo com quem está conversando, do contexto e do quão à vontade se sente, permite que lhe façam perguntas, e então decide se compartilha mais sobre suas impressões e memórias ou não. Se julgar que falar mais pode ter alguma valia ou fará alguma diferença, assim o faz. Caso contrário, atém-se ao testemunho que está acostumado a dar como voluntário da paz. Entretanto, sobre a experiência do bombardeio em si, acha importante compartilhá-la, porque gostaria que as pessoas

compreendessem o que aconteceu no dia 6 de agosto de 1945 para que a tragédia não se repita.

Afirmou que desde que começou a trabalhar no museu as pessoas lhe perguntam o motivo pelo qual os Estados Unidos bombardearam Hiroshima e o motivo pelo qual ele compartilha sua história. A essas pessoas, Teramoto responde que o grande vilão é a guerra, mas acha que ela não é a única responsável por trazer infelicidade às pessoas. Pensa, por exemplo, em questões relacionadas à desigualdade, à pobreza e à discriminação, e acredita que as pessoas precisam refletir juntas sobre esses assuntos. Desde o ano passado, fala sobre a Campanha Internacional para a Abolição de Armas Nucleares[63] ter recebido o Prêmio Nobel da Paz, e explica que grande parte das pessoas envolvidas na referida instituição não experienciaram a bomba, mas estão lutando e pensando juntas sobre o assunto, o que gera uma maior força. Acredita que o fato de as pessoas se proporem a compreender o que foi o bombardeio nuclear, mesmo que não tomem nenhuma posição política concreta em relação ao assunto, já é um grande passo para um mundo pacífico.

Teramoto terminou a entrevista mencionando a visita do presidente norte-americano Barack Obama a Hiroshima. Disse que gostou muito do discurso do ex-presidente, e que desde então, sempre que se endereça às crianças, começa sua fala usando o início do pronunciamento de Obama: "Entenda bem o significado das palavras que estou falando; nesse sentido, se você ler, você vai entender", buscando enfatizar a importância de as pessoas compreenderem o que aconteceu à cidade e à sua população no final da Segunda Guerra Mundial. Na ocasião, Teramoto não sabia que Obama estava sendo acompanhado por um militar portando a maleta nuclear, como de praxe, mas depois de o assunto ter sido alvo de polêmica, considerou que ele jamais apertaria o botão que aciona as armas atômicas. Porém, Teramoto afirma que não confia tanto em Donald Trump.

Algumas considerações sobre a entrevista com Takashi Teramoto

No começo da primeira entrevista, Teramoto disse ser muito comprometido com os fatos, enfatizando que nos momentos em que está trabalhando como voluntário da paz no Museu Memorial da Paz de Hiroshima, busca se ater ao que aprendeu nos livros

[63] ICAN, na sigla em inglês.

ou aos acontecimentos que lhe acometeram e dos quais se recorda bem, para poder informar os visitantes da melhor forma possível. Tem grande receio de fazer afirmações erradas ou inventar histórias a partir de memórias que não estão mais tão claras. Por essa razão, ao longo da primeira hora, Teramoto parecia desconfortável, atinha-se a responder apenas pontualmente as minhas perguntas, parecia muito atento, e pensava antes de dar qualquer resposta. Pedi a ele que falasse sobre memórias de antes do bombardeio, ao que ele respondeu que tinha poucas recordações e nenhuma muito clara. Após alguns momentos, disse não se lembrar de nada em particular. Fui calmamente formulando perguntas, entre outras, sobre sua família, sobre a cidade, sobre o que gostava de fazer, sobre a escola, e aos poucos ele pareceu mais tranquilo, devolvendo-me algumas perguntas, que eu cuidadosa e calmamente procurava responder da forma mais sincera e clara possível. O clima na sala onde estávamos conversando foi ficando mais leve e informal, e Teramoto foi se soltando. Seu discurso foi perdendo a rigidez e ele começou a falar de forma mais espontânea, passando a manifestar suas opiniões e trazendo lembranças de sua vida antes do ataque nuclear.

Contou sobre a morte de sua avó paterna, sobre a vida no templo e sobre o *bullying* que sofreu quando no local de evacuação. Esse último fato suscitou nele forte sentimento de isolamento e solidão e, como resultado, fez com que adoecesse. Como a representação de um constante cuidado, sua mãe foi buscá-lo para levá-lo ao médico em Hiroshima, o que é motivo de forte sentimento de culpa. Tomado de tristeza, Teramoto explicou-me suas razões. Na chegada de sua mãe ao templo, o professor responsável pelas crianças lhes deu duas alternativas: ir embora imediatamente (sábado, dia 4 de agosto de 1945), ou deixar para partirem na segunda-feira (dia 6 de agosto). A intenção do professor era evitar que eles partissem no domingo, dia em que as crianças não tinham aula na escola e que, portanto, ficavam no templo. Achava que elas ficariam muito abaladas se vissem Teramoto partindo com sua mãe, uma vez que todas se sentiam muito sozinhas e com saudades de suas casas e famílias. Ao ouvir as alternativas, Teramoto suplicou à mãe para que partissem imediatamente, não querendo ficar nem mais um dia no templo, ansioso para rever o pai e o irmão. Afirmou que esse é o motivo pelo qual estavam em Hiroshima no momento do bombardeio. Teramoto pensa que se tivessem retornado para a cidade no dia 6, sua mãe poderia estar viva, o que lhe causa um forte sentimento de culpa.

Teramoto falou mais sobre esse sentimento após a entrevista, e deixou claro que tem consciência de que não tinha como prever que a cidade seria bombardeada, ainda

mais com uma bomba atômica. Entretanto, diz que não consegue deixar de indagar se a mãe teria sobrevivido se tivessem decidido diferentemente sobre a data da partida, e por ele ter implorado para irem embora, sente-se parcialmente responsável pela morte dela. Compreende que mesmo que ela tivesse sobrevivido, hoje ela não estaria mais viva, pois teria morrido devido ao envelhecimento. Porém, teriam tido mais tempo um com o outro. Essa fala de Teramoto deixa claro que, ao contrário da morbidez com que o sentimento de culpa é corriqueiramente tomado, aqui ele se refere a uma negativa da elaboração do luto de sua mãe, uma parte do luto que jamais poderá ser realizado, parte essa que permanecerá para sempre indignada. Em outras palavras, Teramoto diz que compreenderia perder sua mãe para o tempo, para a morte advinda do envelhecimento, mas não aceita tê-la perdido para um bombardeio que matou milhares de pessoas de uma forma brutal, transmitindo a mensagem de que aquelas vidas eram matáveis, sem importância.

Nesse sentido, essa culpa atua também como uma recusa da morte de sua mãe, reportando-se ao desejo de Teramoto de que ela tivesse sobrevivido, que tivessem tido mais tempo juntos, desejo esse que permanecerá irrealizável e que impõe uma frustração que também não poderá ser desfeita: da mãe que lhe foi tomada muito repentinamente e de forma inquietante. Assim, a recusa da elaboração do luto a manterá viva sob o sentimento de culpa que, por sua vez, também não poderá ser superada.

Como diz a sobrevivente Setsuko Thurlow, a culpa aqui se mostra como tristeza autoinfligida, a qual se carrega intimamente, como uma forma de trazer sempre consigo os fantasmas daqueles que se ama, recusando-se a deixá-los para trás, uma dor que não permite o esquecimento, e que alerta para a eterna lamentação de se ter sobrevivido àqueles que morreram.

A lembrança do cuidado e da morte de sua mãe faz Teramoto recordar do calor dela, evocando uma de suas memórias mais significativas: a do calor que sentiu quando estava em suas costas. Disse que não se recordava ao certo quantos anos tinha, mas pôde lembrar-se que era pequeno, que o dia estava muito frio, e que ele estava doente. Sua mãe então o colocou em suas costas para levá-lo ao médico, e na volta para casa, ele encostou o rosto em suas costas e sentiu o seu calor, lembrança essa que lhe vem prontamente à memória quando pensa nela, podendo recordar da sensação daquele calor que, segundo ele, é sua memória de maior conforto.

Teramoto não deixa dúvida de que relaciona o calor de sua mãe com o cuidado e o amor materno, uma experiência das mais primordiais, onde o vínculo de afeto é

formado pelo cuidado da criança pelos seus cuidadores, um calor totalmente oposto àquele liberado pela bomba atômica, o qual queimou e destruiu tudo o que viu pela frente, envolvendo os corpos com dor e, em muitos casos, com a morte.

Teramoto evoca ainda outra memória significativa, a qual chama atenção pela imagem muito semelhante àquela ligada à sua mãe. Sobre essa outra memória, Teramoto disse tratar-se de algo "que está no meu coração e que eu não falo para as pessoas." Contou que após o bombardeio ficou muito doente, sofrendo com os efeitos da radiação. Por isso, seu pai o colocou nas costas e levou-o ao médico. Na volta, despertou com seu pai sussurrado um pedido de desculpas, percebendo que estavam parados em uma ponte desabada. Ouviu o pai dizendo que iria pular e, naquele momento, fez o máximo para não se mexer e não demonstrar que estava acordado, permanecendo imóvel e em silêncio, aguardando a decisão paterna. Emocionado, Teramoto ponderou que não tinha certeza de que seu pai de fato tinha a intenção de pular, mas sabe que se isso ocorresse, não poderia fazer nada, pois estava fraco e amarrado às costas dele.

Por meio dos silêncios, do tom de voz, dos gestos e da emoção transmitida no momento em que narrou essa memória, foi possível observar Teramoto ser invadido por tristeza. Ele pareceu perceber que o pai, naquele momento, encontra-se desolado, sentindo que não possuía condições para se manter vivo ou mesmo para manter Teramoto vivo. Encontrava-se frente a frente com dilemas tais como: o que é possível fazer após a violência imposta pelo bombardeio atômico? Frente a todas as mortes – incluindo a da esposa – e da destruição de quase tudo, como continuar vivo? Ou ainda, por que manter-se vivo, para quê, para quem continuar vivo? Dever-se-ia admitir que a violência dos humanos contra os humanos de fato os derrotou a ponto de impossibilitar qualquer existência em comunidade?

Aparentemente, esses questionamentos colocaram o pai de Teramoto em estado de desespero e desolação, necessitando enfrentar dilemas angustiantes muito profundos sobre o sentido da vida, que naquele momento ele não tinha completa condição de enfrentar. Tampouco Teramoto, com apenas 10 anos, poderia enfrentar tais dilemas – ou mesmo ajudar seu pai a enfrentá-los, o que também parece desencadear nele o sentimento de culpa. Novamente, longe de ser um sentimento de origens mórbidas, ele parece dizer respeito ao pesar sentido por Teramoto ao perceber-se impossibilitado de devolver ao pai o cuidado este que estava lhe dedicando, de não ter tido condições de ampará-lo em um momento de grande sofrimento, em outras palavras, de ter faltado

com seu pai, tanto por conta de uma paralização traumática – ao ver a si mesmo e também seu pai naquelas condições psíquicas e literalmente à beira de um abismo – quanto pelo fato de ser uma criança.

Embora pouco consciente disso, o silêncio de Teramoto também foi uma demonstração de grande respeito e confiança pelo seu pai, pois apesar de ter sido superado por aquela situação, ter sentido, ter sido paralisado pelo profundo dilema que ali se manifestava, ainda assim Teramoto parecia apostar na capacidade de seu pai de reponder às questões que o inundavam, uma vez que tanto seu pai quanto sua mãe não deixavam dúvida sobre suas capacidades de amar, principalmente aos seus filhos.

Em dado momento, o pai retomou seu caminho e, nos dias seguintes, decidiu reconstruir sua vida, começando pela reconstrução de sua casa no centro de Hiroshima e pela busca de trabalho. Aparentemente, as atitudes do pai demonstram que ele viu nos filhos e na reconstrução de suas vidas um sentido para continuar vivendo, uma forma de refazer a comunidade entre os humanos.

Capítulo 6
Toshiko Tanaka

Toshiko relatou que, no dia 6 de agosto de 1945, sua mãe tinha aproximadamente 35 anos, ela tinha seis anos, e suas duas irmãs mais novas quatro anos e 11 meses respectivamente. Naquela época, sua família era composta basicamente por sua mãe e sua avó materna. Aparentemente, a avó materna de Toshiko morreu aos 35 anos e sua mãe havia sido criada pela tia materna, que Toshiko chama de avó, pois seu pai estava na guerra. A família administrava uma hospedaria para soldados que vinham do interior de Hiroshima e que ali passavam sua(s) última(s) noite(s) antes de partirem para os campos de batalha.[64] Lembrou que, antes de partirem, uma cerimônia era realizada, celebração para a qual civis não eram convidados. Entretanto, por ser uma criança pequena, bonita e simpática, permitiam que ela ficasse, o que a fazia se sentir honrada e contente em não apenas poder se juntar à cerimônia, mas de também ser abraçada pelos soldados, que a tratavam com muita gentileza. Recorda que, diariamente, soldados chegavam e partiam. Ou seja, participava dessas cerimônias todos os dias. Afirmou que quase todos eles pareciam pessoas boas e amigáveis, traziam doces caros enviados pelas suas famílias e os dividiam com ela. No entanto, apesar de na época não ter consciência do que estava acontecendo, hoje pensa que embora parecessem bons, os soldados tinham que partir para matar outras pessoas e, em sua grande maioria, jamais retornariam para o Japão. Observou que 120 mil soldados saíram de Hiroshima para os campos de batalha, e apenas 40 mil voltaram para casa.

Contou que também possui a lembrança de uma música militar que costumavam cantar e cuja letra não gravou na memória. No entanto, recentemente ouviu a mesma música em um programa de televisão e, ao ver-se cantarolando, percebeu que recordava da melodia, mas não da letra. Riu e disse que, coincidentemente, havia três dias que um colega ativista (contrário à guerra) enviou-lhe um livro que trazia a letra daquela canção. Ao lê-la, Toshiko disse que finalmente compreendeu o verdadeiro significado de sua mensagem. A música diz que as famílias dos soldados também apoiavam a guerra, e que suas esposas e filhos estavam enviando seus maridos e pais para a batalha dizendo: “morra pela honra”. A partir disso, refletiu sobre o assunto e disse que hoje o

[64] Hiroshima concentrava bases militares e, por esse motivo, todos os jovens recrutados naquela região eram enviados para os campos de batalha partindo das instalações militares de Hiroshima, motivo pelo qual os soldados passavam suas últimas noites nas casas de civis ou em hospedarias localizadas na cidade.

Japão vive uma repetição, pois o país está mudando a lei nacional para poder enviar tropas ao exterior e, para apoiar essa medida, fizeram uma nova música militar cuja melodia é muito alegre e fácil, mas cuja letra transmite uma mensagem muito profunda, pedindo para as pessoas espiarem, vigiarem, observarem o próximo e apoiarem a guerra.

Toshiko acredita que, durante a Segunda Guerra Mundial, essa estratégia de educar militarmente o povo foi adotada fortemente e em escala mundial, e conclui que uma das consequências disso foram os bombardeios atômicos. Mediante a repetição que considera estar acontecendo, Toshiko acredita que deveria haver uma proibição global tanto para o conflito armando quanto para o uso de armas nucleares, motivo pelo qual luta ativamente pela abolição dessas armas, e apela para o povo japonês – que sofreu o ataque de duas bombas atômicas – para que trabalhem arduamente e juntos com o objetivo de não permitirem que uma tragédia semelhante venha a repetir-se. Nesse contexto, Toshiko viajou no Peace Boat[65] e, durante a viagem, visitou muitos locais assolados pela Segunda Guerra Mundial, incluindo campos de batalhas, os quais lhe trouxeram muitas lembranças.

Sobre essas lembranças, contou que gostava de seguir as crianças mais velhas durante a guerra e recordou de um episódio – um pouco antes do bombardeio, quando tinha seis anos – em que quase se afogou. Disse que, nesse dia, as crianças foram nadar em um rio, explicando que os rios de Hiroshima possuem muita areia e, para que os barcos possam passar, é necessário cavar buracos. Toshiko afirmou que, ao tentar imitar os amigos, acabou caindo em um desses buracos e quase morreu afogada, pois não sabia nadar. Recordou que esforçou-se muito para não afundar, mexia e lutava contra a água até um momento em que seus pés tocaram o chão de areia. Mesmo assim, a sensação de que quase não escapou de um afogamento jamais a abandonou. Como seu pai estava na guerra, Toshiko contou o que aconteceu para sua mãe, mas sentiu que ela não a levou muito a sério. Acredita que sua mãe tenha pensado que o exagero da filha se devia ao fato de não saber nadar, e que na realidade Toshiko estaria com medo de entrar na água. Por esse motivo, a mãe pediu a um soldado que estava na hospedaria que ensinasse Toshiko a nadar. Ele concordou e, no mesmo dia, levou-a para rio. Porém, ela estava com tanto medo de entrar na água que foi impossível ensiná-la, e ele desistiu depois de

[65] O Peace Boat (Barco da Paz) é uma das atividades promovidas pelo ICAN na qual sobreviventes de variados conflitos armados viajam pelo mundo dando seus testemunhos e buscando, com isso, sensibilizar as nações para a importância da paz.

algumas horas. Toshiko acredita ser muito compreensível que a mãe não tenha dado muita atenção ao episódio naquela época, uma vez que estava muito ocupada não apenas administrando a hospedaria, mas também cuidando de sua família, incluindo a avó que estava doente.

Toshiko disse que não chegou a contar para a avó sobre o episódio do rio pois esta encontrava-se doente, mesmo porque se estivesse bem estaria cuidando dela e, portanto, não teria nem mesmo dado permissão para que a neta fosse sozinha nadar com as crianças mais velhas. Toshiko disse que, infelizmente, a avó morreu seis meses depois, com 83 anos de idade. Ela acha curioso o fato de que, naquela época, percebia a avó bem velinha, e hoje ela mesma, com 80 anos, não se sente ou se observa muito velha.

Relatou que sempre foi uma criança muito independente e se lembra de um episódio no qual sua mãe lhe pediu que fosse ao banco levar um envelope de dinheiro. Comentou que naquela época, com exceção da guerra, a sociedade era muito segura e as crianças podiam fazer tarefas como essa. Quando chegou ao banco, o funcionário a elogiou muito, o que a deixou contente e com vontade de fazer mais vezes esses favores para a mãe. Entretanto, de vez em quando, sentia falta de ser olhada, cuidada por um adulto, e como sua mãe estava sempre ocupada com a hospedaria e com os cuidados da avó adoecida, ela encontrava, como mencionou antes, um certo cuidado e bondade nas figuras dos soldados. Explicou que, no final da guerra, muitos homens mais velhos acabaram sendo recrutados, porque os jovens já haviam morrido, e eles acabavam deixando suas famílias, incluindo seus filhos, para trás. Dessa forma, Toshiko sentia que aqueles soldados acabavam tratando-a como uma filha.

Sente que parte dessa segurança social vinha desse cuidado que as pessoas tinham umas com as outras, e usa como exemplo o caso de sua própria família. Contou que, logo depois do bombardeio atômico, estavam muito feridos e haviam sido materialmente muito prejudicados, pois a hospedaria havia sido destruída pela explosão. Mesmo assim, acolheram muitos sobreviventes e os trataram da melhor forma possível, seja com os medicamentos que lhes restaram, seja com os poucos alimentos de que ainda dispunham. Toshiko disse que, durante a guerra, os soldados lutavam usando suas próprias vidas, então os civis que estavam em casa precisavam ajudar uns aos outros. No entanto, observou que, depois da guerra, as pessoas se tornaram mais perigosas, passando a se comportar mal. Ela usa como exemplo um episódio no qual, após ter voltado do campo de batalha, seu pai deixou os sapatos na

porta de casa por estar de saída, ao que um estranho entrou para tentar furtá-los. Quando o pai o viu, perguntou o que ele estava fazendo. O homem, por sua vez, saudou-o e saiu correndo sem levar nada. Toshiko atribuiu essa "maldade" à destruição da cidade, à escassez de comida e de bens materiais, à pobreza enfrentada pela população no período pós-guerra. Soldados retornaram para o Japão sem trabalho, sem acesso a alimentos para sustentar e alimentar suas famílias, o que em sua opinião deu origem a muitos negócios ilegais, o que consequentemente tornou a cidade um ambiente mais violento. Recordou de um dia ter ido com seu pai para o interior para comprar arroz no mercado negro. Porém, tendo em vista a existência desse tipo de comércio, havia uma forte fiscalização policial. Seu pai, no entanto, acreditava que apesar de os policiais revistarem os adultos, não mexeriam com as crianças. Assim, levou Toshiko com ele e colocou o pouco arroz que conseguiram comprar na mochila de sua filha. Como esperava, foram parados pela inspeção policial, na qual apenas ele foi revistado. Falou sobre uma situação que ficou conhecida no Japão, na qual um advogado que não desejava ter atitudes ilegais viveu apenas com a ração fornecida pelo governo, vindo a morrer de fome. Depois disso, outros advogados que o admiravam e que se compadeceram com sua história lutaram para modificar a lei, tornando-a menos rígida e restritiva.

Toshiko relatou que o mercado livre vendia muitas coisas, e algumas não muito boas. Lembra de um bolinho de arroz chamado *ebadango*, e explica que *eba* é o nome de um local, e *dango* é um tipo de bolinho feito de arroz e ervas – na época, grama e palha –, e que era amplamente comercializado. Toshiko disse que na época tentou chegar a comer esse bolinho, mas era difícil porque não gostava, mesmo sabendo do cenário de escassez. E disse que até mesmo alimentos como *ebadango* eram comercializados no mercado negro. Comparando o comércio ilegal de antes e depois da guerra, disse que a fome e a privação foram mais severos no período do pós-guerra e, portanto, que o mercado negro cresceu depois da rendição do Japão. Contou que alguns alimentos vindos dos Estados Unidos começaram a aparecer nesse tipo de mercado, algo que parecia ração, comida para animais, mas que as pessoas também acabavam comendo, mesmo tendo um gosto ruim.

Ao falar sobre comida, Toshiko recordou que, durante a guerra, um de seus vizinhos, que era um oficial militar japonês, um dia lhe deu um chocolate e um chiclete. Lembrou que não estava acostumada ao gosto do chocolate, e por isso o achou muito amargo. Em compensação, achou o chiclete delicioso. Recordou também que, um dia,

sua mãe a chamou, juntamente com sua irmã dois anos mais nova. Ela lhes disse que havia um depósito de comida perto de onde moravam no qual um menino da idade delas havia entrado escondido para tentar encontrar algo para comer. Entretanto, no momento em que ele entrou, o depósito estava vazio. Sem que o menino percebesse, alguém trancou a porta do depósito, prendendo-o lá dentro, e ele acabou morrendo de fome, sozinho, e seu corpo teria sido encontrado somente uma semana depois. Com base nessa história, sua mãe lhes disse: "não entrem dentro das casas dos estranhos" e nem dentro de locais desconhecidos. Toshiko não acredita que sua mãe tenha inventado essa história, porque a notícia foi divulgada pelos jornais e pelas rádios, mas acha que ela quis contá-la devido a um outro episódio que aconteceu com a própria Toshiko. Relatou que, perto de sua casa, havia um escritório da prefeitura cujo prédio tinha um porão utilizado como depósito, onde ela e os amigos do jardim de infância costumavam brincar. Um dia, ela foi sozinha e um homem jovem apareceu e tentou levá-la à força para um lugar escondido. Sentindo que estava em perigo, Toshiko começou a gritar, e em meio aos seus gritos, conseguiu desvencilhar-se do homem e fugir. Não lembra exatamente como, mas suspeita que sua mãe tenha descoberto o que aconteceu e, para impedir que ela retornasse ao depósito, contou a história do menino.

Afirmou que antes de a avó morrer, esta costumava cuidar de Toshiko e de suas irmãs, controlando mais onde Toshiko – que por ser a mais velha era a única que saía sozinha para brincar – ia e estava. Porém, depois de sua morte e com a mãe muito atarefada, Toshiko viu-se mais sozinha e passou a buscar pequenas coisas para se entreter, como encontrar uma larva no banheiro e pegá-la para brincar, fazendo-a rastejar pelo corredor de sua casa, por exemplo. Lembrou também que, próximo à sua casa, havia uma espécie de ginásio onde mulheres guerreiras treinavam usando lanças modernas. Toshiko as admirava muito, acreditava que eram muito corajosas e gostava muito de vê-las. Um dia, uma delas chegou com o guarda-chuva todo molhado, gotejando pelo saguão do ginásio, pois estava chovendo na rua. Irritada, a líder do grupo disse: "não faça o guarda-chuva fazer xixi." Rindo, Toshiko disse que aquilo foi tão engraçado que jamais esqueceu da cena. Em uma das ocasiões, estava tão entretida com o treino que esqueceu da hora, e quando se deu conta, já eram nove horas da noite. Quando chegou em casa, sua mãe estava muito preocupada e havia pedido ajuda aos vizinhos para procurá-la.

Esse episódio a faz lembrar que a avó chegou a perguntar à mãe de Toshiko antes de morrer: "se eu morrer, quem vai cuidar dela?" A preocupação da avó se devia

ao fato de que a neta era uma criança muito ativa, e sua mãe aparentemente não sabia muito como lidar com ela. Toshiko afirmou que, hoje em dia, não pensa mais tanto na avó, mas que logo depois que ela morreu, toda vez que se lembrava dela, sentia muito medo, sentimento esse que perdurou por muitos anos. Relatou que, no dia do funeral, sua mãe a levou para se despedir e pediu que ela desse um beijo no rosto da avó, o que Toshiko fez. Mas conta que, ao olhar para o caixão, ficou impressionada ao ver um rosto que não parecia natural, muito pálido e com algodão nas narinas. Achou que aquele rosto não parecia o de sua avó e sentiu muito medo.

Contou que a avó era muito atenciosa e empenhada nos cuidados das netas. Chegou a ensinar Toshiko a ler e a escrever antes mesmo que ela ingressasse no jardim de infância, tendo escrito muitas cartas para a neta nessa época. Recordou que, quando finalmente entrou na escola, passava muito tempo sozinha, e explicou que, diante da falta de dinheiro para o fornecimento de alimentação para as crianças, a escola decidiu abrir poucas vagas e, portanto, havia poucas crianças com quem podia brincar. Além disso, haviam retirado o parquinho do pátio da escola para que o metal fosse usado na construção de artefatos para a guerra. Dessa forma, a única coisa que havia restado para distraí-la foi um grande lago com pequenos animais, incluindo uma tartaruga que Toshiko passava muito tempo observando. Recordou que a escola era muito próxima de sua casa – ambas localizadas a aproximadamente 500 metros do marco zero, local onde hoje é o Parque Memorial a Paz de Hiroshima – e de um jardim onde cresciam primaveras boas para comer. Por isso, ela e sua avó costumavam ir até esse jardim para colher flores e plantas.

Nesse momento, Toshiko mostrou uma foto de crianças sentadas na frente de um templo. Relatou que a foto lhe foi dada por um amigo que perguntou se ela reconhecia alguém, ao que ela disse sorrindo: “eu”. Apontou para uma menina de cabelos curtos e disse que, naquela ocasião, estava vestindo um suéter feito à mão pela sua mãe. Afirmou que na época ela não gostava dele, mas que hoje sabe que ele era único e muito bom, porque sua mãe o fez com muito esforço.

Quando Toshiko terminou o jardim de infância, logo depois da morte da avó, começaram os movimentos – organizados pelo governo – de evacuação das crianças para o interior. Acredita que sua mãe estava se sentindo muito solitária e, por isso, não queria que ela deixasse a cidade, mas alguns parentes – mais especificamente o tio de Toshiko – que moravam no subúrbio de Hiroshima, próximo da localização determinada para a sua evacuação, ofereceu-se para hospedá-la. Achando que se tratava

de um passeio ou uma viagem, Toshiko concordou em ir e morou lá por um mês. Contou que, após esse período, a mãe foi buscá-la, sentindo que algo "estava errado". De fato, Toshiko estava sofrendo *bullying*, mas não havia contado para ninguém. Aparentemente, ela estava frequentando a escola local e foi selecionada para ser a líder de sala, o que ofendeu as outras crianças, que passaram a maltratá-la. Lembrou, por exemplo, que havia uma espécie de cemitério e crematório no caminho da escola pelo qual as crianças a faziam passar sozinha, mostrando que elas não se importavam ou não tinham consideração por ela. Segundo Toshiko, o que amenizava o seu sofrimento era o som suave emitido pela pomba da montanha. Não sabe explicar exatamente o motivo pelo qual aquele som a acalmava, mas sempre que o ouvia, ficava mais tranquila. Explica que, por ser uma pomba da montanha, ela só pôde ouvir seu som no período em que esteve evacuada, mas que, porém, ouviu-o novamente décadas depois do final da guerra, em Hiroshima, na ocasião da morte de sua sogra. Riu e disse que, após seu retorno à cidade, percebeu que um mês no interior havia sido o suficiente para torná-la uma criança interiorana. Achava que até o nariz estava assoando de modo diferente.

Após sua volta para casa, e 60 dias antes do bombardeio, Toshiko e sua família mudaram-se para um local a aproximadamente 2,3 quilômetros de distância do marco zero. Isso aconteceu porque a casa onde moravam e onde administravam a hospedaria teria que ser demolida para criar áreas anti-incêndios[66].

Toshiko disse que, para fins de transmissão, escreveu seu testemunho relacionado ao dia da explosão, o qual intitulou como *Minha vida como uma hibakusha*[67], e perguntou se poderia lê-lo para mim. Concordei, e então ela começou a ler.

> Olá, meu nome é Toshiko Tanaka. Eu sobrevivi ao bombardeio atômico em Hiroshima. *Hibakusha* é como chamamos todos os sobreviventes em japonês. Eu venho criando um trabalho de arte (mural esmaltado) por mais de 50 anos. Não foi fácil para mim falar sobre o que eu vou contar para você hoje. Eu tentei não lembrar o que aconteceu em Hiroshima em 6 de agosto de 1945. Eu achei que de qualquer forma as pessoas não iriam me entender. Eu não conseguia falar com ninguém sobre minha experiência pessoal do bombardeio atômico. Nem mesmo com a minha própria família! Eu

[66] Como mencionamos anteriormente, tratava-se dos chamados *fire breaks*, ou áreas anti-incêndios. Eram espaços criados a partir da demolição de imóveis que serviam para impedir que os incêndios decorrentes de bombardeios incendiários se alastrassem pela cidade. Os jovens que estavam trabalhando nessas áreas de demolição no momento da explosão da bomba atômica morreram instantaneamente em sua maioria.
[67] Após o nosso encontro, Toshiko enviou-me uma cópia em inglês do texto que lera. Para fins de reprodução nesta narrativa, o texto foi traduzido por nós para o português.

comecei a me abrir e a compartilhar essa experiência horrível quando eu fiz 70 anos. É um milagre poder contar para você hoje a minha história. Tenho a esperança de que estejamos todos aqui para impedir que algo como isso venha a acontecer novamente.

Originalmente, minha família vivia a somente 500 metros de distância do marco zero, e somente uma semana antes do bombardeio atômico nós nos mudamos para 2,3 quilômetros de distância de lá. Por causa disso eu estou viva hoje. Mesmo assim, eu fui queimada e exposta à radiação.

A nuvem de cogumelo gigante estava bem em cima de mim quando eu tinha apenas seis anos de idade. Eu estava indo para escola. Alguém gritou "B-29! O bombardeiro inimigo!", às 8:15 da manhã. Eu olhei para cima e vi um imenso *flash*. Era como um milhão de luzes. Tudo ficou branco, eu não podia enxergar.

Eu cobri meu rosto com meu braço direito. O calor queimou minha cabeça, meu pescoço e meu braço direito. Então, de repente, tudo ficou escuro – como a noite. Pó de areia quente explodiu. Ele cobriu o sol. Eu não conseguia enxergar, mas a nuvem de poeira era como um cogumelo gigante. Minha boca estava cheia de poeira. "O que estava acontecendo? O que eu deveria fazer?" Eu não consigo esquecer aquele terrível gosto de areia crocante. Logo meu braço queimado começou a inchar. Era uma dor inacreditável.

Eu chorei indo para casa, mas nossa casa estava arruinada. Mas mesmo assim minha mãe estava viva. Ela não conseguiu me reconhecer. Meu cabelo estava queimado. Eu estava coberta de cinzas. Minhas roupas estavam destruídas. Naquela noite, eu estava próxima da morte.

Muitos médicos estavam mortos. Não havia sobrado hospitais. A sobrevivência dependia do quão forte e de quão sortudo você era. Minha irmã mais nova estava com um ferimento grave na cabeça. Meu pai estava fora, no exército.

Nosso telhado tinha sido quase todo destruído. Mas, de repente, eu olhei pra cima e vi um pequeno trecho de céu azul. Apesar da dor, eu achei muito bonito. Aquele céu azul permaneceu comigo. Ele me deu o desejo de viver – como se os céus dissessem: "não se preocupe. Haverá um amanhã." É por isso que eu continuo a viver a vida positivamente, apesar de muitas dificuldades [bate palmas duas vezes].

Levou apenas um segundo para uma única bomba destruir a cidade de Hiroshima. Cento e quarenta mil pessoas morreram até o final daquele ano. E para outra bomba matar mais 70.000 em Nagasaki, num estalar de dedos [estala os dedos]. Todos os meus colegas de classe morreram. Minha tia mais nova saiu de casa naquela manhã e nunca mais voltou. O corpo dela nunca foi encontrado. Cada imagem daquele dia terrível perdura. Minha geração será a última que contará para você como testemunha direta sobre esse evento.

Depois que eu cheguei em casa naquele dia, vi uma grande multidão de pessoas morrendo. Elas estavam andando em procissão perto da minha casa. Alguns eram órfãos. Homens, mulheres e crianças, todos semelhantes, estavam quase nus, suas roupas estavam queimadas. Eles andavam em

silêncio, com braços estendidos. Pele queimada e descascando pendurava-se pela ponta de seus dedos. Eles eram como fantasmas.
Eu compreendo o motivo pelo qual eles estendiam seus braços daquele jeito. Cada batida do coração trazia grande dor, então você tinha que fazer isso para aliviar um pouco a dor. Então foi o que eu fiz também. Até hoje, sempre que eu vejo tomates chamuscados, lembro daquela terrível cena de morte. Como tomates, a pele humana descasca facilmente quando é queimada.
Depois, algo estranho começou a acontecer. Pessoas sem ferimentos começaram a morrer, bem na frente de nossa casa. Ninguém sabia, mas eles haviam sido expostos a uma enorme quantidade de radiação. Exatamente quanta radiação as bombas atômicas produziram é ainda desconhecido.
Eu tenho outra forte memória daquele tempo. Eu fiquei inconsciente por alguns dias. Quando eu acordei, havia um cheiro forte no ar. Era como peixe podre queimado. Até agora eu ainda posso sentir o cheiro. O cheiro não era de peixe, eram corpos humanos sendo cremados nos parques da cidade e nos pátios das escolas.
Mesmo nossa família não tendo nada, minha mãe abrigou muitas pessoas em nossa casa, sendo uma delas seu primo, Kenzo Matsuki. Ele veio trazendo um balde queimado contendo o crânio de uma mulher que ele desejava enterrar. O crânio pertencia à sua tia. Kenzo iria enterrá-lo na montanha, porque os cemitérios haviam sido totalmente destruídos. Sua tia foi queimada viva em sua própria casa. As pessoas ao redor dela não puderam fazer nada, porque ela estava severamente presa na casa em chamas. Eles mesmos tiveram que fugir do fogo. Eles imploraram pelo seu perdão enquanto a abandonavam. Após descobrir isso, senti urgência em realizar uma pesquisa precisa, enquanto os *hibakusha* ainda estão vivos, sobre o que aconteceu depois do bombardeio.
Eu também me lembro de uma menina de 15 anos que veio para a nossa casa. Em suas costas, ela carregava sua irmã mais nova de aproximadamente dois anos, gravemente queimada. A menina queimada sobreviveu, mas a mais velha não. Ela foi exposta a uma enorme quantidade de radiação.
O tio do meu marido era professor de inglês e um cristão devoto. Ele costumava pintar lindos quadros e acreditava na paz. Mas a bomba o matou, assim como todos os membros de sua família, incluindo o seu bebê. Sofrendo a perda deles, meu marido adotou seu sobrenome, Tanaka. Meu marido agora morreu, mas eu ainda carrego esse sobrenome. Naquele tempo, a cidade de Hiroshima e a superfície dos rios que corriam pela cidade estavam completamente cobertos de corpos de pessoas.
Havia 12 jovens soldados norte-americanos prisioneiros de guerra em Hiroshima. Eles também morreram em decorrência da bomba jogada pelo seu próprio país.
Com o passar do tempo, as queimaduras na minha pele tornaram-se menos visíveis. Mas as feridas emocionais e os prejuízos provocados pela radioatividade permaneceram.
Você conhece a famosa história de Sadako e seus *tsurus* de *origami*? Sadako era quatro anos mais nova do que eu e frequentávamos a mesma escola. Ela sobreviveu à bomba atômica quando tinha dois anos, mas morreu de leucemia aos 12 anos. Houve muitos outros iguais à Sadako. No meu caso,

os sintomas da radiação começaram quando eu tinha 12 anos. A contagem dos meus glóbulos brancos era anormal. Eu sofria com febres constantes e fadiga, e as vezes desmaiava. Eu sempre tive úlceras bucais e furúnculos ao redor da minha boca. Era difícil comer. Até hoje, quando estou muito cansada, minhas feridas dolorosas não me deixam dormir. As vezes tenho sangramento do cólon. Eu tive fraturas nos ossos, cirurgia no joelho, e cirurgia de catarata.

O governo japonês decidiu certificar as vítimas da bomba atômica que estavam em um raio de 2 quilômetros do marco zero. Já que eu morava a 300 metros além desse raio, meus sintomas não são oficialmente certificados como relacionados à bomba atômica. Algumas outras vítimas tentaram processar o governo, mas eu, ao contrário, decidi passar o resto da minha vida com a minha arte e meu testemunho.

Mais de seis anos depois do fim da guerra, o governo norte-americano, por meio da censura da mídia, ainda escondia o prejuízo provocado pela radiação. Naquele tempo, eles estavam competindo contra a União Soviética no desenvolvimento de suas armas atômicas e queriam realizar muitos testes nucleares. Eles também estavam desenvolvendo a geração de energia nuclear sob o nome de "uso pacífico". Então, o prejuízo causado pela radiação era uma verdade desconfortável para o governo. Dessa forma, sem saber, cidadãos beberam água contaminada e comeram vegetais cultivados em solos contaminados. Depois, muitos parentes e amigos morreram de leucemia e outras formas de câncer.

Naquele tempo, os *hibakushas* também sofriam preconceito na sociedade japonesa. As mulheres, em especial, tiveram dificuldade de se casarem, porque seus bebês geralmente tinham problemas genéticos. Felizmente, eu pude me casar e tive uma vida familiar feliz. Meu marido não se importava de eu ser um *hibakusha*. Mas quando nosso primeiro filho nasceu, ele estava com medo. Ele contou seriamente os dedos da mão e do pé do bebê.

Então, percebi que ele esteva preocupado com o efeito da bomba em nosso bebê. Não apenas meu marido, mas todos os pais naquela época estavam preocupados. Até agora ainda não houve pesquisas suficientes sobre o impacto da radioatividade na segunda geração. Nenhum médico pode dar qualquer diagnóstico legítimo. Não há provas de que a segunda geração poderá manter sua saúde. Os *hibakushas* continuam sentindo muito pelos seus filhos e precisam carregar esse peso psicológico por toda a vida.

Antes da bomba nossa linhagem familiar sempre foi abençoada com boa saúde. No entanto, depois da bomba, três das filhas das minhas irmãs (três sobrinhas), que eram *hibakusha* de segunda geração, foram acometidas com doenças na tireoide. Uma delas foi operada para remover um câncer na tireoide aos 22 anos. Meu irmão mais novo, que também é *hibakusha* de segunda geração, foi operado para remover um câncer de cólon quando ele era muito jovem. Os médicos dizem que não há evidência para conectar essas doenças à bomba atômica, mas nós, *hibakushas*, sempre sentimos a grande possibilidade dos efeitos colaterais do bombardeio.

No dia 11 de março de 2011, houve uma série de incidentes em uma usina nuclear em Fukushima. Eu senti uma profunda consideração por aqueles

que estão sofrendo naquela cidade, e senti grande arrependimento por não ter feito muito até recentemente.

Nosso governo não aprendeu nem com o Fukuryu Maru, nem com o desastre de Chernobyl em 1986. Daigo Fukuryu Maru era um barco de pesca de atum cujos 23 membros de equipe foram expostos às partículas radioativas nucleares provenientes de um teste nuclear realizado pelos Estados Unidos em 1954, no Atol de Bikini. Ao contrário, o governo japonês continua a produzir substâncias radioativas que criarão ainda mais vítimas da radiação. O governo chama essas pessoas de vítimas de desastre. Mas eu acredito que elas sejam *hibakushas* assim como eu. Ao fazer isso, eles também estão privando seus próprios cidadãos de comida e de um lugar para viver. Nós não sabemos quando o desastre em Fukushima terminará.

Eu sinto uma forte urgência de aprender os motivos pelos quais essas coisas estão acontecendo. Desde 2007, fiz quatro viagens ao redor do mundo no Peace Boat, que é patrocinado por uma ONG Internacional baseada no Japão. Eu aprendi mais sobre a situação do mundo durante essas viagens. Eu visitei mais de 80 países, incluindo aqueles que estão sofrendo trágicas guerras, e aqueles que sofrem prejuízos devido à mudança climática.

Em 2012, uni-me a um projeto para visitar as áreas prejudicadas pelo desastre da usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, e as localidades vizinhas, Belarus. Na usina de Chernobyl, o trabalho de desmantelamento vem acontecendo há quase 30 anos. Mas eles talvez precisem de mais 40 ou 100 anos para terminá-lo.

Em 2009, comecei a compartilhar meu testemunho com alunos do Ensino Médio e Superior em Nova Iorque e Oklahoma para apoiar um mundo livre de nucleares. Durante o testemunho, eu geralmente uso meus trabalhos de arte esmaltada. Minhas visitas aos Estados Unidos começaram quando a dra. Kathleen Sullivan e o sr. Robert Croonquist gentilmente me fizeram o convite, dando-me assim essa oportunidade. Eles são os fundadores de uma ONG afiliada ao Departamento de Informação Pública das Nações Unidas[68]. O programa deles, *Histórias de hibakushas*, alcançou mais de 30.000 alunos e cidadãos em várias escolas e organizações, incluindo minhas últimas 10 visitas em sete anos. Desde então eu levei a minha história para muitos países ao redor do mundo.

Nesses encontros, as pessoas geralmente me perguntam o motivo pelo qual o Japão fez tantas usinas nucleares apesar de ter sido vítima de armas nucleares. Sempre que isso ocorre, fico totalmente sem resposta. Durante os anos de recuperação do pós-guerra, nossos legisladores lançaram uma campanha de propaganda afirmando que a energia nuclear era um "uso pacífico" e uma "energia dos sonhos". Os cidadãos devem ter se convencido a acreditar nisso.

O maior problema é que o público em geral ficou indiferente às políticas. E logo havia 54 reatores nucleares em nosso país estreito e propenso a terremotos. Nosso governo deveria ter levado muito mais tempo discutindo as coisas com o povo.

[68] Department of Public Information (DPI), na designação em inglês.

Doze dias depois do desastre de Fukushima, tive a oportunidade de conhecer o então Secretário Geral das Nações Unidas, sr. Ban Ki-Moon, em Nova Iorque. Aquela reunião não havia sido organizada para discutir Fukushima, mas mesmo assim eu falei com ele pessoalmente. Eu disse: "como uma sobrevivente de uma bomba atômica, eu não suporto ver mais *hibakushas*, não importa se eles são vítimas de armas nucleares ou do uso pacífico. Por favor, insista ao mundo para mudar para energia renovável." Apesar de sua atitude ter sido muito sincera comigo, o sr. Ban Ki-Moon não me deu uma resposta específica.

Posteriormente, tomei parte em uma campanha na qual visitamos autoridades locais ao redor do mundo e coletamos suas assinaturas concordando em apoiar a política antinuclear. Também criei uma obra de arte para o projeto de um livro de arte antinuclear. Para lhe dizer a verdade, até esse projeto, nos meus 50 anos de carreira esmaltando, eu nunca havia sido capaz de encarar as minhas experiências de sobrevivência. Até então, tudo o que eu fazia era, de forma muito sutil e abstrata, inserir alguns símbolos antinucleares nos meus trabalhos. Fazia isso para acalmar a minha alma. Então, não importava se os outros os compreendiam. Mas hoje, eu me sinto responsável e tenho um senso de missão de entregar uma mensagem de paz por meio do meu trabalho de arte.

Um dia, na cidade de Nova Iorque, um aluno do Ensino Médio me perguntou o motivo pelo qual eu fazia amizade com os norte-americanos, mesmo tendo sido quase morta pela bomba atômica. Minha resposta foi esta: "durante a guerra, foi ensinado ao povo japonês a acreditarem que todos os ocidentais eram demônios. No começo era muito difícil perdoá-los por todo o sofrimento causado pela bomba. Mas agora eu acredito que o ódio apenas cria uma corrente de ódio, e isso irá eventualmente levar à morte e à destruição pela guerra. A raça humana precisa fazer muito esforço para romper essa corrente de ódio e, ao invés dela, ter amor pela humanidade como um todo."

Então, eu tenho um pedido para as pessoas jovens. Por favor, saiam e façam amigos bons e próximos ao redor do mundo. Por favor, escolham o caminho de coexistirem, não importando suas diferenças, incluindo nacionalidade e etnia. Se no futuro houver disputas entre as nações, por favor, tente resolvê-las com palavras ao invés de guerras. Uma vez que começamos as guerras, enxergamos uns aos outros como inimigos e não como seres humanos. E nós matamos inimigos com facilidade. As armas nucleares levarão a Terra à destruição. Elas são inumanas e nunca deveriam ser permitidas na Terra.

Nos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, o líder da época decidiu jogar bombas atômicas sem pensar duas vezes. Ele disse que era necessário para terminar a guerra rapidamente, mas a verdadeira razão para Hiroshima e Nagasaki foi mandar uma mensagem para a União Soviética.

O líder que tomou a decisão de jogar as bombas atômicas foi o então presidente dos Estados Unidos, Harry Truman. Um dos soldados que lançou a bomba do bombardeiro Enola Gay foi Jacob Beser. Sabe de uma coisa? Seus netos, sr. Clifton Truman e sr. Ari Beser, são meus bons amigos hoje. Ambos, Clifton e Ari estão trabalhando arduamente para a abolição nuclear e para a paz mundial. Se ainda estivéssemos em guerra, eu e essas pessoas

> boas seríamos inimigos. Clifton e Ari também estiveram a bordo do Peace Boat para promoverem a paz. Se tivermos bons amigos ao redor do mundo, pensaremos duas vezes antes de começarmos guerras que apenas buscam prosperidade pessoal e supremacia.
> Empatia é um traço essencial tanto para legisladores quanto para cidadãos. Então eu lhes peço: por favor, façam muitos amigos em outros países. Quando vocês os fizerem, estarão levando o mundo em direção à paz.
> Há muitas pessoas trabalhando sem descanso para um mundo livre de nucleares. Por exemplo, o ICAN é uma campanha mundial para promover a abolição de armas nucleares. E como nós todos sabemos, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2017. Por décadas, eu desejei com todo o meu coração que as Nações Unidas fizessem um tratado banindo as armas nucleares. No dia 7 de julho de 2017, o mundo deu um passo essencial em direção à paz. Entretanto, Estados nucleares e seus aliados, incluindo o Japão, não deram seu apoio.
> Meu objetivo agora é unir pessoas ao redor do mundo por trás desse tratado. (Vamos nos lembrar que minas terrestres, bombas de fragmentos e armas químicas foram banidas pelos tratados internacionais conduzidos pelos cidadãos). Juntos podemos pressionar o Japão e o Conselho de Segurança das Nações Unidas a darem futuros passos conosco em direção à paz.
> O que aconteceu em Hiroshima e Nagasaki não foram apenas histórias catastróficas do passado, mas são questões iminentes do futuro de responsabilidade de todos aqueles que vivem na Terra hoje. Pode não acontecer amanhã, mas eu sei que um dia viveremos em um mundo livre de nucleares. E um lindo céu azul irá continuar a brilhar sobre as cabeças de nossas futuras gerações. Obrigada pela sua gentil atenção.

Após a leitura de sua memória, Toshiko explicou que escreveu o texto em japonês, e que sua filha – que mora em Nova Iorque – traduziu-o para o inglês. Conta que chegou a lê-lo no Peace Boat para os indivíduos que tinham o inglês como língua mãe, e que também o lê para os estrangeiros que a procuram para ouvir sua história e que chegam a ela sem um intérprete. Afirma que o local onde estamos realizando a entrevista costumava ser sua casa – herdada de seu marido –, e foi reformada para virar seu estúdio e um lugar aberto para visitantes e estrangeiros. Realizou a reforma com o dinheiro que estava economizando para arcar com os custos de um asilo, ou seja, sua aposentadoria, e tomou essa decisão após retornar de sua viagem com o Peace Boat, uma vez que diz preferir morrer rodeada de bons e novos amigos do que sozinha em uma casa de repouso.

Sobre seu marido, relatou que ele era de Taiwan e só foi para o Japão um ano depois da guerra, quando tinha 15 anos. Foi para Hiroshima porque sua família morava lá. Ao chegar, descobriu que todos os membros da família Tanaka – família de seu tio

por parte de mãe – haviam morrido na explosão. Como já mencionado, decidiu adotar o sobrenome do tio e, ao fazê-lo, herdou todos os bens da família, incluindo a casa que foi reformada e os túmulos da família Tanaka. Sorriu e disse que o marido, quando foi de Kyushu para Hiroshima, notou que grande parte das lápides tinham gravadas como data de falecimento o dia 6 de agosto de 1945, tendo achado o fato estranho. Em um primeiro momento, não associou a data ao bombardeio. Intrigado, comentou com um amigo, que coincidentemente morava em Nagasaki. Ficou surpreso ao ouvir que o amigo também estava experienciando algo semelhante, mas lá muitas lápides registravam como data de falecimento o dia 9 de agosto de 1945.

Explicou que antes de o marido adotar o sobrenome Tanaka, ele se chamava Uemoto, e que pôde assumir o sobrenome do tio porque tinha um irmão mais velho que carregaria o sobrenome de sua família nuclear. Toshiko riu e disse que ela também trocou de nome, pois se chamava Katsuko Hara, passando a se chamar Toshiko Tanaka após o casamento. Contou que sua sogra foi a uma cartomante, que lhe recomendou que a nora – Toshiko – deixasse de se chamar Katsuko, pois "katsu" significa "vencer" e era um nome muito usado no período de conflitos, ou seja, muito forte e ligado à guerra. Dessa forma, sugeriu trocar Katsuko por Toshiko, pois este significa "colheita", e combinaria melhor com o sobrenome do marido, Tanaka.

Contou ainda que, depois da guerra, sua mãe teve outro filho. Portanto, seu irmão mais novo é um *hibakusha* de segunda geração. Após o seu nascimento, ele teve uma doença na barriga que necessitou de cirurgia. Toshiko me mostrou um artigo em japonês, afirmando que o mesmo discute as experiências realizadas pelos Estados Unidos no corpo humano, e complementa dizendo que a taxa de doenças, especialmente câncer, é mais alta na segunda geração de sobreviventes do que na média da população em geral, mas por não ser possível provar a procedência da doença, essas são dificilmente certificadas pelo governo como relacionadas ao bombardeio atômico, o qual insiste em afirmar que não há efeitos da radiação na segunda geração.

Explicou que há dois níveis de sobreviventes certificados pelo governo. O primeiro nível – sobreviventes atingidos diretamente pelo bombardeio – possui quatro categorias: aqueles que foram diretamente expostos às ondas de choque e calor emitidas pela explosão; aqueles que entraram na cidade para procurar familiares ou prestar socorro nas primeiras horas após o bombardeio, tendo sido expostos à altas quantidades de radiação; aqueles atingidos pela chuva negra; e aqueles que, no momento da explosão, estavam em gestação no ventre de suas mães. Já o segundo nível – mais difícil

de ser comprovado – diz respeito aos que, não tendo sido atingidos diretamente pela bomba, desenvolveram doenças ligadas à radiação, como é caso da segunda e terceira gerações de sobreviventes. Essa certificação equivale ao reconhecimento por parte do Estado de que um indivíduo é um *hibakusha* e que, portanto, possui o direito de receber um auxílio financeiro tanto em forma de pensão como em forma de cobertura para os possíveis gastos médicos que venha a ter. Toshiko afirma que, por ter sido exposta diretamente ao bombardeio, recebeu quase que automaticamente a certificação de que é uma *hibakusha* de primeiro nível. Porém, não foi reconhecida como uma sobrevivente de segundo nível, o que apesar de a incomodar, não a faz querer processar o Estado japonês, pois diz que além do trabalho que teria, custaria muito dinheiro. Entretanto, não deixa de preocupar-se com a saúde de seus dois filhos e três netos.

Contou que possui dois filhos: uma filha mulher, que morou em Nova Iorque e hoje mora em Kobe, a qual é mãe de duas meninas já adolescentes; e um filho homem, o qual mora em Hiroshima e que tem um menino, também já crescido. Disse que seu marido, quando a conheceu, sabia que ela era uma *hibakusha*, e chegou a sugerir que ela não contasse o fato para seus futuros sogros para que não houvesse impedimentos para o casamento.[69] Afirmou que o falecido marido sabia que ela não gostava de falar sobre sua experiência do bombardeio e, por isso, não fazia perguntas ou comentários sobre o assunto. Ficou surpresa quando, no nascimento da primeira filha, ele pegou o bebê no colo e rapidamente contou o número de dedos da mão e do pé. Percebeu, então, que o marido sofrera silenciosamente, pois estava nitidamente atormentado com a possibilidade de os filhos apresentarem alguma anomalia proveniente da radiação. Acredita que o sofrimento silencioso do marido foi uma grande bondade e gentileza para com ela, pois mesmo apreensivo, optou por não falar nada para não a preocupar.

Isso a faz pensar na história de uma amiga que, na época da guerra, era uma moça muito bonita e estava prometida em casamento. Entretanto, após o bombardeio e devido às queimaduras, ela ficou com grandes cicatrizes no rosto e nas costas, o que, somado ao problema da contaminação pela radiação, fez com que a família do homem fosse contra a união do casal, tendo ele desistido do casamento. Comenta que hoje ela vive em um asilo e que passou a vida inteira sozinha, sem nunca ter falado ou compartilhado sua experiência. Tanaka acredita que, como os milhares de órfãos, essas

[69] Os *hibakushas* foram alvo de forte preconceito que refletiram principalmente no direito ao casamento. As famílias dos cônjuges receavam que o nascimento de crianças saudáveis estaria inviabilizado devido à contaminação radioativa liberada pela explosão.

são as verdadeiras vítimas do bombardeio, pessoas que não contam suas histórias por estarem muito machucadas. Mencionou o órfão Shozo Kawamoto[70], que costuma dizer em suas palestras que muitos outros órfãos nunca compartilharam suas memórias, pois temem machucar seus familiares. No caso dele, sentiu-se autorizado a falar porque teve seu casamento impedido e, desde então, é sozinho, não tendo família. Dessa forma, Toshiko acredita que existem muitos níveis de *hibakushas*, uma vez que notou que aqueles que carregam os sofrimentos mais severos não falam sobre o dia da explosão.

Recordou que, no primeiro cruzeiro que fez com o Peace Boat, havia 103 *hibakushas* a bordo. No meio do cruzeiro, o barco apresentou problemas mecânicos e parou. No entanto, havia um evento agendado na Venezuela, no qual os sobreviventes dariam seus testemunhos. Como o barco não conseguiu chegar ao país, quatro *hibakushas* foram selecionados para ir de avião até Caracas, e Toshiko estava entre os escolhidos. Chegando à Venezuela, conta que conheceu o prefeito de La Guaira, e que durante uma breve conversa ficou sabendo que ele era descendente de escravos, sendo muito sensível às questões sociais. Em um dado momento, o prefeito perguntou à Toshiko se ela iria compartilhar suas memórias, ao que ela respondeu que não gostava de falar sobre suas próprias experiências. Então, ele lhe disse que, como sobrevivente, ela tinha a obrigação de falar. Toshiko refletiu sobre o assunto e não apenas concordou, mas permitiu que ele a conduzisse até um estúdio onde uma equipe de televisão registrou sua história. Afirmou que foi a primeira vez que deu seu testemunho em público. Explicou que em todos os países – desde aqueles na Europa até aqueles na América do Sul e do Norte – a equipe do Peace Boat organizou encontros e reuniões com personalidades importantes como prefeitos, ministros, entre outros, e sente que em todos os lugares foi tratada de modo especial, tendo ficado com a impressão de que, ao redor do mundo, os *hibakushas* são considerados pessoas muito preciosas.

Por outro lado, disse que um dos motivos pelos quais, antes dessa experiência com o Peace Boat, não desejava compartilhar suas próprias memórias é que, apesar de nunca ter ocorrido diretamente com ela, lembra-se de ouvir comentários que faziam referência aos sobreviventes como indivíduos sem sorte ou dignos de pena, sendo esses comentários proferidos por pessoas que haviam acabado de escutar as histórias de outros *hibakushas*. Refletiu sobre o assunto e acredita que, na realidade, aquelas pessoas não queriam e nem tentaram compreender o que foi o bombardeio atômico, pois na

[70] Shozo Kawamoto é um dos depoentes entrevistados para essa pesquisa de doutorado.

realidade se recusaram a escutar aquelas histórias tristes e cruéis. Outro motivo pelo qual se calou por muitos anos foi a forte censura norte-americana sob a qual Hiroshima e Nagasaki estavam submetidas durante o período mais intenso da ocupação – os 12 primeiros anos depois da guerra. Naquela época, sentia que falar sobre a experiência do bombardeio não era uma "coisa boa", pois as pessoas desencorajavam essas narrativas, tendo chego à conclusão de que se tratava de algo muito vergonhoso.

Ainda no contexto do Peace Boat, Toshiko contou que, em uma de suas viagens, conheceu um jovem que era diretor de filmes e ativista, e que estava a bordo acompanhando e registrando as atividades dos *hibakushas*. Afirmou que o viu pela primeira vez quando ele reuniu e fotografou todos os sobreviventes presentes, e logo após a foto, contou-lhes que apesar de aquele não ser um trabalho que lhe rendia muito dinheiro, estava engajado em transmitir os pensamentos e histórias dos *hibakushas*. Ele explicou que estava fazendo aquilo porque, quando estava na sexta série, sua turma fez uma viagem para Hiroshima para ouvir os testemunhos de sobreviventes no Parque da Paz. Porém, disse que na ocasião não prestou atenção nas narrativas porque estava conversando com um amigo. Após muitos anos, deu-se conta de que apesar de não se lembrar do conteúdo das memórias que haviam sido transmitidas naquela oportunidade, recordava muito bem do evento em si e da forma séria com que a testemunha falou sobre sua experiência, tendo sido acometido pelo desejo de não apenas ouvir com atenção, mas de registrar essas histórias. Decidiu, assim, mudar-se para Hiroshima, onde reside até hoje.

Sobre a questão da transmissão, Toshiko afirmou que, inicialmente, seu trabalho artístico não tinha a intenção estabelecer uma comunicação com os outros; era algo feito para ela mesma. Entretanto, após começar a dar seu testemunho em 2008, passou a esmaltar símbolos mais evidentes relacionados ao ataque nuclear, ou seja, mensagens mais direcionadas às pessoas. Apesar disso, acredita que a arte não pode transmitir a realidade do sofrimento do bombardeio atômico. Não sabe dizer qual a melhor forma de se transmitir essa realidade, mas acha que é mais fácil falar sobre o assunto do que expressá-lo artisticamente. De qualquer modo, sente que precisava de mais de um meio de transmissão para tentar narrar sua experiência.

Em relação as suas memórias, Toshiko afirmou que, no momento da explosão, sua mãe estava no banheiro. Riu e disse que naquele dia (6 de agosto de 1945) sua mãe precisava ir à prefeitura resolver algo relacionado ao processo de mudança de casa. Por esse motivo, havia pedido para a sua irmã (tia de Toshiko) vir à sua casa para ficar com

as duas meninas mais novas, uma vez que Toshiko iria para a escola. Porém, no meio do caminho, a irmã encontrou fezes de cavalo, o que na época era algo muito precioso, pois era um rico adubo para as plantações. Resolveu retornar correndo para sua casa e pegar um balde para recolher as fezes e, por essa razão, atrasou-se. Toshiko afirmou que se a tia tivesse chegado na hora, sua mãe estaria na prefeitura no momento da explosão e, devido à proximidade do marco zero, muito provavelmente teria morrido.

Percebendo que a irmã estava atrasada e como estava com dor de barriga, a mãe de Toshiko decidiu usar o banheiro. Explicou que, diferentemente do vaso sanitário ocidental, o vaso japonês obriga a pessoa a ficar de cócoras. Assim, no momento da explosão, sua mãe estava agachada, o que a salvou, pois a força das ondas de choque derrubou as paredes, que se chocaram e pararam a menos de um palmo de sua cabeça. Acredita que se ela estivesse sentada em um vaso ocidental, teria morrido na hora em decorrência do desabamento. Relatou ainda que a parede colapsada serviu como uma proteção parcial para a onda de calor que acabou atingindo somente uma parte do corpo de sua mãe.

Toshiko disse que ambos os acontecimentos – a tia ter encontrado fezes de cavalo no meio do caminho e a mãe ter ido ao banheiro e estar de cócoras no momento da explosão – foram pura sorte. Tem quase certeza de que se a mãe tivesse morrido, ela também não teria sobrevivido, porque retornou para casa muito ferida e os cuidados de sua mãe foram essenciais para a sua recuperação. Afirmou que suas duas irmãs mais novas também tiveram muita sorte, pois no momento da explosão havia um jovem em sua casa, um cliente da hospedaria que morava em outra cidade e que, por estar em Hiroshima, passou para ver se elas estavam bem. Devido ao seu treinamento para momentos de emergência, assim que sentiu o *flash* emitido pela explosão, virou o *futon* onde a irmã mais nova de Toshiko estava deitada, cobrindo-a completamente. O movimento rápido do rapaz protegeu o bebê de 11 meses da onda de choque e de calor, e permitiu que ela sobrevivesse sem nenhum ferimento. Já sua irmã de quatro anos estava sentada na sala e foi atingida por estilhaços de vidro. Recorda que a testa dela sangrava muito e que até hoje ela possui cicatrizes dos cortes, mas que, ainda assim, não houve outras consequências para ela.

Sempre que pensa nessa sucessão de eventos, Toshiko sente que ela e sua família tiveram muita sorte, tendo sido salvas por algo maior, pois se tivesse lhes faltado uma ou outra sorte, elas teriam morrido. Essa sensação de ter sido salva confere mais

peso à fala do prefeito de La Guaira, de que é sua obrigação compartilhar suas experiências com as outras pessoas.

Relatou que, no momento da explosão, estava na rua aguardando as outras crianças do bairro para irem juntas à escola, algo muito comum naquela época. Explicou que, no calendário normal, agosto seria período de férias escolares, mas como estavam em guerra, as férias haviam sido suspensas, pois os alunos não tinham muito tempo para estudar, uma vez que se dividiam para realizar outras tarefas como, por exemplo, cuidar da horta, plantar batatas no jardim da escola – que nunca chegavam a virar batatas, pois a fome era tanta que acabavam consumindo as folhas antes mesmo que as batatas crescessem no solo –, entre outras atividades. Dessa forma, Toshiko estava aguardando os colegas no ponto de encontro, debaixo de uma grande árvore, e lembra de estar escrevendo algo no chão quando escutou um dos amigos gritar: "um B-29!" Recorda que, ao invés de se esconder, como geralmente as pessoas faziam nesses casos, ela olhou curiosa para o avião, porque notara que, naqueles tempos, o B-29 sobrevoava a cidade sem atacá-la, mas enfatizou que, infelizmente, daquela vez eles de fato soltaram uma bomba.

Contou que os sobreviventes descrevem a explosão atômica como "pika don": "pika" seria a luz; e "don", o som da explosão. Porém, explicou que as pessoas que estavam próximas ao marco zero, incluindo-a, não chegaram a ouvir o som, tendo experienciado somente a luz. Juntamente com o *flash* branco, lembra de uma onda de poeira muito pesada que chegou a encher sua boca de pó e areia. A explosão lançou-a para longe e deixou suas roupas severamente queimadas, assim como seu cabelo e a maior parte de seu corpo. Não se recorda de sentir o efeito da onda de choque. Acredita ter perdido os sentidos por alguns instantes, pois quando viu a árvore sob a qual estava minutos antes, notou que ela estava caída e com suas raízes arrancadas do solo, percebendo que o impacto havia sido muito forte. Caminhou até um reservatório de água próximo para lavar as queimaduras, tendo ficado cuidando de seus ferimentos por algum tempo. Em seguida, foi para casa. Recordou que estava tudo muito escuro e caminhou em meio à escuridão e à poeira. Ao aproximar-se de casa, viu que muitos imóveis estavam em chamas, e apesar de sua casa não estar pegando fogo, percebeu que ela tinha desabado parcialmente, restando apenas os pilares e uma parte do telhado intactos.

Ao chegar, viu sua mãe trabalhando. Ela parecia muito ocupada tentando organizar a casa. Lembrou que havia um tomate na cozinha todo coberto de pó. Riu e

disse: “talvez coberto de radiação também.” Mesmo assim, estava com tanta fome que tirou um pouco do pó da superfície e o comeu.

Afirmou que, depois do bombardeio, as pessoas comeram coisas que estavam no chão e dentro das casas desabadas, estando essas provavelmente contaminadas pela radiação. Entretanto, explicou que naquela época as pessoas não sabiam a natureza da bomba jogada e nem os riscos decorrentes da contaminação radioativa. Portanto, consumiram alimentos sem maiores preocupações. Hoje, acredita que a radiação é a responsável pela morte de seus amigos que viveram aproximadamente 50 anos apenas. Nesse contexto, retomou a discussão sobre a dificuldade de certificação dos *hibakushas* e a contaminação das gerações seguintes. Relatou que a irmã que tinha quatro anos no dia do bombardeio teve três filhas mulheres e que todas possuem problemas na tireóide, uma delas tendo sido diagnosticada com câncer nessa glândula.

Retornando à memória do dia do bombardeio, Toshiko contou que estava muito ferida, e que nos dias seguintes oscilou entre momentos de consciência e de inconsciência. Enquanto dormia, sua mãe abriu a casa aos desabrigados. Como menciona em seu texto, nesse intervalo de tempo Toshiko recorda da chegada de uma menina de 15 anos que trazia em suas costas a irmã mais nova, de aproximadamente dois anos, gravemente ferida pelo fogo. Dias depois, ouviu que a mais velha havia morrido, mas que a mais nova ainda estava viva. Tem uma breve lembrança da mãe cozinhar uma abóbora e cortar o legume em pedaços pequenos. Como estava muito doente, Toshiko não pôde comer, mas ouviu a menina de dois anos dizer em voz alta que estava muito gostoso. Ao som dessas palavras, Toshiko desmaiou novamente. Finalmente, foi despertada por um cheio muito ruim, de peixe podre cozido, que descobriu ser proveniente da cremação dos corpos.

Desde que foi acordada pelo cheiro terrível, Toshiko começou a recuperar-se e passava cada vez menos tempo dormindo. Sobre esse período, lembra de ver muitas pessoas morrendo, tanto nos rios quanto nas ruas. Viu um menino se arrastando na frente de sua casa e recorda que as pessoas o pegaram e o levaram a um abrigo ou a um posto de primeiro socorros. Lá, tentaram dar-lhe um pouco de comida, mas sem sucesso, e logo veio a notícia de sua morte. Devido à falta de médicos e medicamentos, acredita que o que determinou a sobrevivência dos feridos foi a sorte e a força que ainda lhes restava para viver, como mencionou anteriormente.

Explicou que havia corpos irreconhecíveis por todos os lados, e para que esses pudessem ser cremados e enterrados, foram cavados grandes buracos no chão. De todos

aqueles que foram levados para essas grandes covas, apenas um corpo vestia um uniforme com identificação. Tratava-se de um menino do segundo ano do Ensino Médio. Porém, apesar de saberem seu nome, o rapaz acabou sendo sepultado na cova coletiva. Como todos menos um permanecem desconhecidos, a cidade decidiu posteriormente realocar todas as cinzas de todas as grandes covas em um grande monte, o Monte do Parque Memorial da Paz de Hiroshima, monumento dedicado a todos aqueles que morreram sem serem identificados. Segundo Toshiko, apenas o nome do estudante está inscrito no Monte, o que permitiu aos seus pais descobrirem não apenas onde ele estava enterrado, mas o local exato de sua morte, apesar de não terem podido levar suas cinzas para casa.

Nesse contexto de corpos não identificados, Toshiko contou que foram tantas as vítimas da explosão que, uma década depois do bombardeio, houve uma enchente próxima à sua casa. Quando o nível da água baixou, foram descobertos muitos crânios, ossos e cinzas. O mesmo ocorria sempre que havia uma nova construção e precisavam cavar o solo do terreno de sua escola, por exemplo. Afirmou que um episódio em particular está gravado em sua memória: meses depois da explosão, fizeram uma pilha de ossos das vítimas, e uma pessoa foi até o local para roubá-los. Porém, deparou-se com um policial durante sua fuga e, para não ser presa, jogou tudo o que havia pegado pela rua e fugiu. Na manhã seguinte, Toshiko passou naquele mesmo lugar e viu os ossos espalhados. Reparou que mesmo depois de muitos meses, alguns deles ainda tinham carne e que essas não estavam completamente queimadas. Quando indagou o motivo pelo qual alguém roubaria os ossos das vítimas, ficou sabendo que muitos estavam à procura de dentes de ouro, e outros tantos utilizavam os ossos para fabricar certos tipos de medicamentos. Explicou que, naquela época, a sociedade estava sofrendo com a miséria, e as pessoas passaram a não se importar mais umas com as outras. Tentavam apenas conseguir dinheiro a qualquer custo.

Lembrou que quando seu pai retornou do campo de batalha, percebeu essa grande mudança na sociedade japonesa, percepção essa que o deixou muito mal. Afirmou que ele era uma pessoa muito generosa, mas teve muitas “dificuldades mentais” depois da guerra. Toshiko contou que, antes de partir, ele lhe escreveu uma carta e, para deixar uma parte de si com a filha, cortou e deixou uma mecha de seu cabelo com ela. Recordou que a carta dizia para ela ser uma boa cidadã, melhor do que qualquer outro. Após seu retorno, Toshiko ficou sabendo que, por ser técnico de comunicação, seu pai acabou não indo para batalha propriamente dita, ou seja, não feriu

nem matou outras pessoas, e também nunca foi ferido. Riu e disse que, devido à sua grande sensibilidade, os *hobbies* de seu pai envolviam tocar violino – o que ele fazia muito mal – e escrever poemas *haiku*, tendo como grande ídolo o famoso escritor Santoka. Ainda rindo, contou que as pessoas do interior não entendiam muito de música e chamavam seu pai de Beethoven. Não lembra exatamente com quem estava falando, mas lembra de ter comentado que Beethoven não tocava violino, e ouviu em resposta que Beethoven gostava de música como o pai dela, portanto, ele era como Beethoven.

Refletindo sobre suas experiências de depois da guerra, disse que, em 2007, o Dalai Lama visitou Hiroshima. Explicou que existe um templo em homenagem a ele nas montanhas perto de sua casa, e que certa manhã viu um grande grupo de visitantes japoneses e estrangeiros passando pela sua rua rumo ao local. Ela então lhes perguntou o que estava acontecendo, e uma das pessoas lhe respondeu que o Dalai Lama estava indo visitar o templo. Toshiko disse que ficou muito surpresa com a notícia, pois até aquele momento não havia tomado conhecimento de que o Dalai Lama estava em Hiroshima. Foi tomada por uma urgência de vê-lo e conhecê-lo, e perguntou para as pessoas que estavam peregrinando se era possível aproximar-se dele, ao que lhe responderam que seria pouco provável, pois ele estava fortemente protegido por seguranças. No entanto, Toshiko disse que a resposta não a desanimou, e decidiu aguardá-lo. Contou que, quando percebeu que o Dalai Lama se aproximava, ela saiu para a rua e começou a lentamente se aproximar, até perceber que ele estava passando ao lado dela. Nesse momento, esticou seu braço oferecendo-lhe um de seus catálogos com os trabalhos de arte esmaltada pela paz, dizendo-lhe que era uma sobrevivente da bomba atômica e que gostaria de dar um presente a ele. Ao ouvir Toshiko falar, um dos funcionários do Dalai Lama pegou o livro e, em resposta, o próprio Dalai Lama se aproximou de Toshiko, olhou em seus olhos e apertou suas mãos. Riu e contou que, depois desse episódio, muitas pessoas passaram a visitá-la pedindo para apertar suas mãos, afirmando que assim estavam indiretamente apertando as mãos do Dalai Lama.

Sorrindo, disse que algo semelhante já havia acontecido em 1981, ano em que o Papa João Paulo II visitou o Memorial da Paz de Hiroshima. Explica que o comitê responsável pela visita pediu que ela fizesse uma peça de arte para que pudessem presenteá-lo – hoje sua peça está exposta no Vaticano. Por conta disso, convidaram-na para não apenas entregar pessoalmente o presente, mas também participar de uma audiência privada na sala onde o Papa descansaria após seu pronunciamento no Salão de Conferências Internacionais do Parque. Recordou que, no momento em que entrou

na sala, o Papa ainda não estava lá, mas havia muitos guarda-costas e outros membros da equipe dele. Toshiko se sentou e ficou aguardando em silêncio. Reparou em duas coisas: o quipá do Papa estava sobre a mesa e os seguranças dele queriam fumar[71]. Rindo, disse que, usando sua criatividade, improvisou um cinzeiro e sentiu que eles ficaram agradecidos pela sua ajuda. Ou seja, sentiu que eles estavam em dívida para com ela, e por isso achou que não recusariam um pedido seu. Sendo assim, perguntou se poderia tocar o quipá do Papa. Eles se entreolharam e permitiram, com a condição de que ela fosse cuidadosa e não o estragasse. Toshiko disse que pegou o quipá em suas mãos e reparou que o mesmo estava um pouco sujo. Aproximou-o de seu nariz e disse que o cheiro era muito familiar, e foi surpreendida pelo pensamento de que "o Papa também é uma pessoa."

Considera ter muita sorte por ter tido a chance de conhecer pessoalmente dois "gigantes" mundiais, e além deles, muitas outras figuras importantes no contexto de suas viagens com o Peace Boat, incluindo o ex-presidente Barack Obama – que na época ainda exercia o cargo de presidente dos Estados Unidos – quando ela esteve em Nora Iorque. Afirmou que quando Obama visitou Hiroshima, ela foi até o Parque ouvir o seu pronunciamento, mas o local estava tão cheio que não conseguiu sequer ver o rosto dele. Refletindo sobre esses encontros, acredita que os mesmos são mensagens vindas de algum outro lugar dizendo-lhe para trabalhar arduamente por um mundo pacífico e para continuar transmitindo suas memórias e suas experiências do bombardeio. Afirmou que, como mencionou o jovem diretor de filmes no Peace Boat, essas atividades pela paz não trazem remuneração financeira, mas permitem a ela conhecer e encontrar pessoas muito boas ao redor do mundo, o que a encoraja a continuar essa luta.

Quando pensa em sua vida depois do bombardeio, diz que não teve uma jornada fácil. Como relatou, seu pai retornou da guerra com "dificuldades mentais" e começou não somente a beber, mas a perder dinheiro. Por essa razão, Toshiko diz que não conseguiu frequentar uma boa escola, tendo passado a trabalhar durante o dia enquanto cursava o Ensino Médio à noite. Em termos de Ensino Superior, decidiu estudar *design* e, para tanto, mudou-se para Tóquio, onde morou por cinco anos. Contou que era da mesma classe que Junko Koshino, uma *designer* conhecida internacionalmente e que

[71] No Japão, é proibido fumar nos espaços públicos, existindo cabines para fumantes. Dessa forma, cinzeiros são encontrados apenas dentro dessas cabines.

assinou coleções de marcas mundialmente famosas. Disse que pensar em Junko Koshino a fazia sentir-se uma fracassada, porque lembra que, na época da faculdade, houve algumas oportunidades que visavam à sedimentação da carreira de *design* e sua consequente inserção e reconhecimento no ramo profissional, mas essas demandavam investimento financeiro, o que Junko possuía, mas Toshiko não. Desde então, passou a pensar que era uma fracassada, não tendo conseguido se tornar uma *designer* bem-sucedida como Junko. Porém, em 2017, estava assistindo televisão quando coincidentemente o anfitrião do programa anunciou a presença de Junko. Ficou surpresa quando a ouviu dizer que desejava ter vivido menos para o trabalho e para os negócios, e que gostaria de ter tido mais tempo para produzir arte para si mesma. Naquele momento, deu-se conta de que o tipo de vida que Junko queria ter tido era exatamente o tipo de vida que ela, Toshiko, levou. Sentiu exatamente isso: que pôde viver e fazer arte livremente, expôs suas obras em muitos lugares importantes, ganhou muitos prêmios, além de ter tido um marido muito bom. Concluiu que assistir àquela entrevista fez-lhe muito bem, pois mudou sua visão em relação ao assunto. Percebeu que ela não é uma fracassada, mas uma pessoa bem-sucedida, sendo exatamente o que Junko Koshino gostaria de ter sido. Após esse episódio, pegou-se refletindo sobre a vida durante um longo banho, e percebeu que estava e era muito feliz.

Toshiko finalizou a entrevista dizendo que, na década de 1980, uma organização de *hibakushas* em Los Angeles precisou de apoio financeiro. Quando ela soube disso, organizou uma exposição com seus trabalhos naquela cidade e lhes doou todo o dinheiro arrecadado – aproximadamente 1 milhão de yens. Acredita que, como esse ato, realizou ao longo da vida pequenas ações pela paz, até que aos 70 anos de idade, viu-se preparada[72] para começar a dar o seu testemunho.

Algumas considerações sobre a entrevista com Toshiko Tanaka

Por meio do estudo da memória de Toshiko, é possível observar que ela evoca muitas memórias traumáticas ao mesmo tempo em que demonstra um difícil e complexo trabalho de interpretação que realizou ao longo de sua vida. Esse trabalho foi realizado por meio de sua reflexão sobre os acontecimentos, guiada pelo enigma da bomba atômica que, ao ser enfrentado, ainda que parcialmente, auxiliaram-na na

[72] Isso ocorreu no contexto da viagem para a Venezuela com o Peace Boat mencionada nesta narrativa.

compreensão de suas próprias experiências: como sobreviver ao horror sofrido e testemunhado no momento do bombardeio atômico e nos dias que se seguiram? Após a destruição de humanos por humanos, por que continuar vivendo, para quem, e como?

O enigma, por sua vez, impõe perguntas que, quando não formuladas pelos traumatizados, tornam-se fonte de angústia que, por sua vez, torna-se fonte de culpa inconsciente. Inconsciente porque é notável como os fenômenos psicológicos de culpa e vergonha não são de fácil evidência na narrativa de Toshiko, mesmo sendo possível observar as questões levantadas pelo enigma traumático. Nesse sentido, com base no estudo das memórias dos *hibakushas*, é possível traçar a seguinte hipótese: alguns sobreviventes, como Toshiko e Setsuko, de alguma forma recusam esses fenômenos psicológicos por dois principais motivos, a saber, pelo subjetivismo e pela morbidez a que esses fenômenos são associados trivialmente.

A ideia de culpa e vergonha operados dessa forma, advindos de experiências traumáticas, vão no sentido de sugerir que esses fenômenos psicológicos são sentimentos subjetivos, desligados do objeto e, portanto, desligados do trauma, no caso em questão, do bombardeio atômico de Hiroshima e das experiências decorrentes da explosão. Se esse for o caso, não há espaço para esses dois sentimentos, pois aquilo que o indivíduo traumatizado deverá experimentar terá base objetiva: houve um acontecimento violentíssimo do ponto de vista material e psicológico, e esse acontecimento, por si só, sobreveio a todos, uma experiência compartilhada que tomou toda a população atingida de surpresa, algo que se lançou igualmente diante de todos os sujeitos e, portanto, não permite ser mensurado independentemente, em cada pessoa individualmente. Assim sendo, o culpado ou o envergonhado seria aquele que buscaria compreender esses sentimentos como fatores internos, a partir de elementos interiores e singulares, uma culpa e vergonha que, portanto, não faria sentido do ponto de vista objetivo, causando inquietação.

Por outro lado, esses fenômenos psicológicos são tidos trivialmente – e justamente em decorrência de seu subjetivismo – como fenômenos mórbidos, porque levam os sujeitos a um sofrimento injustificável, sem objeto, sem aparente causa ou motivo, sem uma justificativa razoável. Nesse caso, culpa e vergonha seriam uma espécie de sufocamento da pessoa em si mesma, ou seja, uma tentativa dolorosa e angustiada de carregar sobre seus próprios ombros o fato traumático que a superou, mecanismo de defesa psíquico que busca dar conta do trauma instaurado.

Entretanto, e paradoxalmente, mesmo nos sobreviventes que recusam sentimentos de culpa e vergonha, é possível reconhecê-los, ainda que pela via de manifestações inconscientes, pois é evidente em suas memórias as grandes elaborações produzidas pelas respostas de questionamentos tais como: qual a minha relação com a bomba atômica? Tenho alguma relação com ela? Se sim, em que sentido? Qual a minha responsabilidade pelo que aconteceu na cidade? Teria eu ainda alguma responsabilidade pelo que ocorreu depois do que nos acometeu? O que eu fiz, deixei de fazer ou posso fazer sobre isso? Há alguma reparação que me cabe?

Quanto mais os sobreviventes se questionam sobre a experiência que os superou, quanto mais questões conseguem formular e responder, maiores os efeitos da elaboração em relação aos efeitos mórbidos do trauma e, consequentemente, menos angústia e inquietação são sentidas pela pessoa. Essas perguntas, portanto, parecem exigir de Toshiko e dos demais sobreviventes, respostas em diferentes níveis, as quais são buscadas tanto na esfera das biografias – suas e por meio da escuta dos testemunhos de outros sobreviventes – quanto nas esferas histórica e política, o que os auxilia rumo a uma certa elaboração.

Toshiko relata sobre sua viagem com o Peace Boat e sua conversa com o prefeito de La Guira, o qual lhe diz que é obrigação dela, como sobrevivente, dar seu testemunho. Naquele momento, e em harmonia com a tese de Primo Levi, e ainda com base nos questionamentos expostos acima, Toshiko é tocada pela possibilidade de haver um sentido mais profundo para sua sobrevivência e para a sorte que a acompanhou durante a vida. Esse sentido parece colocar em repouso o questionamento inquietante acerca da sorte que ela e seus familiares tiveram no dia da explosão e nos dias que se seguiram: a relação entre o motivo pelo qual "algo maior" os salvou, ou seja, seu privilégio em comparação com as milhares de mortes e com as incontáveis situações de sofrimento que estavam se desenrolando ao seu arredor. Após a conversa com o prefeito – um descendente direto de escravos, ou seja, de pessoas também assoladas pela tragédia social e política – essa aparente "sorte" ao longo da vida transforma-se em responsabilidade sociopolítica.

Como Levi, naquele momento Toshiko parece responder parcialmente àqueles questionamentos: ela sobreviveu para falar em nome daqueles que morreram ou que sofreram tanto, que retornaram do dia da explosão emudecidos; sobreviveu para lutar contra o uso da energia nuclear, seja para fins militares ou pacíficos, de modo que novos *hibakushas* não venham a existir. Após o início de sua luta, movida pela

responsabilidade para com a humanidade após Hiroshima, Toshiko teve “sorte” em conhecer, segundo suas palavras, gigantes da humanidade, como por exemplo o Dalai Lama e o Papa João Paulo II, o que ela interpretou como sinais para que continuasse reunindo forças para “trabalhar arduamente por um mundo pacífico e para continuar transmitindo suas memórias e suas experiências do bombardeio.” Essa interpretação também remete ao canto da pomba da montanha, o qual sempre virá para acalmá-la nos momentos de sofrimento, trazendo-lhe tranquilidade e renovando sua luta e esperança na humanidade dos homens.

Capítulo 7

Shozo Kawamoto

Kawamoto relatou que era muito pequeno quando a guerra começou e, portanto, possui poucas lembranças daquele período. Suas primeiras memórias são do ano 15 de Showa[73], quando houve uma grande comemoração por conta dos 2.600 anos do Império Japonês, o ano do Memorial Nacional, o qual também lhe marcou pelo início do primário. No ano seguinte, foi declarada guerra contra os Estados Unidos, e recorda a euforia, a satisfação e a celebração por parte dos japoneses após o ataque à base de Pearl Harbor. Gritavam: "conseguimos!" Afirmou que, naquela época, ninguém acreditava que Japão poderia ser derrotado, uma vez que vinham conquistando muitas vitórias na China. Dessa forma, os japoneses não apenas apoiaram o início da guerra, mas a celebraram com uma grande passeata de lanternas. Lembrou que, na escola, no primeiro dia de cada mês, o diretor lia um comunicado sobre a guerra enviado pelo Imperador, e que semanalmente a polícia fazia sondagens, ou seja, fazia buscas por pessoas suspeitas, espiões, ao redor da cidade. Afirmou que dois anos após o começo da guerra – desde o ano 17[74] – o idioma inglês passou a ser proibido, e até os jogos de *baseball* sofreram mudança de vocabulário. Assim, as palavras em língua inglesa foram substituídas por seus equivalentes em japonês. Por exemplo: *out* virou *shinda*, que significa "morreu", e *strike* virou *iitama*, que significa "bola boa".

Sua lembrança mais forte desse período é a fome, tendo em vista o racionamento de comida, assim como de vestimentas. Explica que, no começo da guerra, a população ganhava cupons a cada 10 dias, período que foi se espaçando cada vez mais ao longo do tempo. Kawamoto recorda-se de trocar os cupons de sua família por alimentos e roupas que eram fornecidos sempre em quantidades reduzidas. Contou que cada indivíduo tinha direito a somente 210 ou 220 gramas por arroz por dia, o que mesmo para uma criança era pouco, deixando-as com muita fome. Afirmou que, por esse motivo, sua mãe costumava ir para o interior tentar comprar arroz no mercado negro.

Kawamoto e sua família moravam no centro de Hiroshima, a 350 metros do marco zero. Relatou que seus pais se casaram quando o pai se aposentou da Marinha. Ele tinha então 32 anos, e sua mãe 19. Em 1945, seu pai tinha 52 anos, e ela 39. O casal

[73] 1940.
[74] 1942.

tinha seis filhos: o mais velho com 19 anos, que para não ser enviado para os campos de batalha em abril de 1942 foi trabalhar em uma companhia elétrica na Manchúria; duas meninas de 17 e 15 anos; Shozo Kawamoto, de 10 anos, e duas crianças pequenas, uma menina de sete e um menino de quatro anos.

Recordou que, naquela época, o pai trabalhava em uma vidraçaria na vizinhança, e que fora o trabalho, gostava de pescar, beber e fumar. A mãe era responsável por administrar e cuidar da casa e da família, principalmente no que dizia respeito aos dois filhos mais novos. Kawamoto disse que sua irmã mais velha, de 17 anos, fez o Ensino Médio em apenas 2 anos, pois devido à falta de mão-de-obra durante a guerra, ao invés de cursar o terceiro ano do Ensino Médio, ela e seus colegas foram encaminhados para prestar serviços para a cidade. Como sua irmã era boa em *soroban* (ábaco), foi empregada como escriturária na estação de Hiroshima. Já a irmã de 15 anos estava no segundo ano do Ensino Médio e, portanto, fazia parte da força de mobilização para os esforços de guerra, ou seja, trabalhava em plantações, áreas de demolições, entre outros.

Durante a guerra, Kawamoto frequentava a escola Fukuro-machi, onde além de estudar, treinava sumô[75]. Fora da escola, gostava muito de brincar de *bidama*[76], baralho, *shogi*[77], go[78] e de nadar no rio durante o verão. Gostava também de *baseball*, mas não jogava porque não havia espaço disponível. Quando estava na 6ª série do Ensino Fundamental, em abril de 1945, o governo ordenou que todas as crianças da 3ª à 6ª série fossem evacuadas do centro de Hiroshima, e Kawamoto foi designado para ir morar em um templo a 50 quilômetros de distância de sua casa. Diz que sua mãe informou-lhe que ele teria que ir embora temporariamente, e explicou-lhe que, em Tóquio e Osaka, muita gente havia morrido porque, nos momentos de bombardeio, suas fugas foram dificultadas pelos filhos. Ressaltou ainda que, naquele momento, havia uma grande carência de mão de obra, e todos os adultos precisavam trabalhar, incluindo as mulheres, que não poderiam mais ficar em casa cuidando das crianças. Kawamoto sabia que a mãe ainda teria que cuidar dos dois irmãos mais novos e que, para além dos argumentos que ela havia lhe dado, ela acreditava que as crianças estariam mais seguras

[75] Um tipo de luta japonesa.
[76] *Bidama* é um jogo que lembra bolinha de gude, mas as bolas de vidro ao invés de esféricas são achatadas.
[77] Uma espécie de xadrez japonês.
[78] Um jogo de pedras achatadas pretas e brancas e cujo objetivo é colocar em sequência 5 pedras da mesma cor.

fora da cidade. Portanto, ele concluiu que teria realmente que partir. Soube que ele e as outras crianças a serem evacuadas frequentariam a escola local e usariam o templo como uma espécie de pousada.

Recordou que a viagem de trem foi divertida, mas chegando ao local, já na primeira noite, as coisas se complicaram bastante. Explicou que, por estarem no interior, o ambiente era muito silencioso, o que, na sua opinião, agravava o sentimento de solidão em todas as crianças, que acabavam chorando, principalmente na hora de dormir. Disse que as noites eram escuras, de um breu muito intenso, e por essa razão, quando as crianças menores acordavam durante a madrugada precisando ir ao banheiro, ou acabavam fazendo xixi na cama ou choravam de medo e acabavam precisando pedir ajuda para as crianças maiores. Kawamoto afirmou que, apesar de todos os seus amigos daquela época serem seus vizinhos e, por isso, estudarem na mesma escola e estarem no mesmo local de evacuação, havia momentos em que também se sentia muito só, triste e com saudade de sua família. Porém, sabia que precisava mostrar força para apoiar as crianças mais novas, então esforçava-se para consolá-las, o que o ajudava a ocupar-se e a distrair-se. No entanto, por vezes o sentimento de solidão era tão intenso que precisava chorar. Nesses casos, escondia-se sob as cobertas ou afundava seu rosto no travesseiro à noite. Chorava apenas escondido e silenciosamente. Conta que a saudade de casa fez um grupo de cinco ou seis crianças fugirem do templo e voltarem caminhando para Hiroshima. Quando o professor responsável ficou sabendo da fuga, foi buscá-los e os trouxe de volta, encontrando todos menos um, que acabou ficando na cidade e morrendo no bombardeio atômico.

Mais tarde, ficou sabendo que no processo de evacuação o governo enviou as crianças tanto para aldeias abastadas quanto para aldeias muito pobres. No caso de Kawamoto, sua turma foi enviada para uma aldeia abastada e, por essa razão, as pessoas foram mais solícitas e a evacuação foi bem-sucedida. Entretanto, houve escolas cujos alunos foram enviados a aldeias pobres e, por falta de recursos e infraestrutura, tiveram que voltar para casa. Nesses casos, as escolas comunicavam apenas as respectivas famílias, mas mantinham o retorno escondido do governo municipal, pois estavam de alguma forma desobedecendo a uma ordem nacional, mas como a situação no país era caótica, sabiam que não haveria fiscalização. De volta a Hiroshima, algumas dessas escolas foram reabertas, principalmente para alocarem as crianças do primário, mas muitos alunos do Ensino Fundamental foram enviados para trabalhar, por exemplo, em fábricas de munição. Posteriormente, todas essas crianças que deveriam estar fora da

cidade foram vítimas da bomba, motivo pelo qual Kawamoto alegou não ser possível saber ao certo o número de jovens que morreram em decorrência da explosão.

Quando pensa em sua vida antes do ataque nuclear, Kawamoto lembra que não era possível encontrar comida em lugar nenhum. Afirmou que, além da fome, havia também um sentimento de determinação no ar, como se o sacrifício imposto à população fosse de alguma forma ajudar na vitória do país, e recordou dos discursos que circulavam dizendo que se houvesse invasão norte-americana, os japoneses os matariam um a um, ou pelo menos morreriam tentando. Contou que quando estava no 5º ano do Ensino Fundamental, todos os adultos pareciam preparados para enfrentar a morte, para morrerem protegendo o Japão, e os ouvia dizer que morrer era algo natural, que aconteceria invariavelmente com todos e, portanto, se fossem capturados pelo inimigo ou se tivessem que enfrentar uma possível rendição, deveriam optar pela morte. Acredita que isso tudo se deve a um tipo de educação para a guerra, ensinada nas escolas e ratificada pelos discursos, informes, propagandas e *slogans* disseminados pelo governo por meio de cartazes e pôsteres, por exemplo, que transmitiam mensagens como *utiteshi yamanu*, que significa "lutar até morrer", ou *katte tanoshiwo*, que significa "ao vencer não fique feliz, mas prepare-se para a próxima luta", ou ainda *iki hajiwo sarasuna*, que significa algo como "melhor lutar até a morte do que sobreviver em vergonha."

Nesse contexto, Kawamoto explicou como se dava a formação dos soldados *kamikazes*, explicando que *kami* significa "Deus", e *kaze* significa "vento", sendo os *kamikazes* os deuses dos ventos. Aprendeu na escola, principalmente nas aulas de História, que durante a era Kamakura, no século XI ou XII, o Japão foi atacado pelos mongóis. Estes estavam derrotando o japoneses até que os deuses enviaram *taifus* (tufões) para proteger o Japão. O mesmo teria acontecido na Guerra do Pacífico. Os ventos fortes afundaram muitos navios inimigos e acabaram garantindo a vitória aos japoneses. Os professores concluíam dizendo que se os deuses não pudessem enviar os ventos protetores, o próprio homem deveria tornar-se o *taifu*, o deus do vento, o *kamikaze*, para proteger o país com a promessa de que, após suas mortes honrosas, transformar-se-iam em verdadeiros deuses. Depois dessas aulas, Kawamoto lembra de ouvir muitos jovens afirmando: "eu vou ser um *kamikaze* e darei minha vida para o Japão e para o Imperador." Os professores complementavam dizendo que um guerreiro muito famoso do século XV ou XVI afirmava que a vida deveria ser vivida por apenas 50 anos e que, portanto, as pessoas não deveriam ter apego à vida longa. Sobre as

missões dos *kamikazes*, Kawamoto recordou de um episódio no qual um grupo de soldados, por alguma razão que ele desconhece, não conseguiu atingir o alvo e, consequentemente, teve que voltar. No entanto, retornar vivo de uma missão *kamikaze* era algo muito vergonhoso, e por isso esses soldados nunca mais foram vistos, nem mesmo pelas suas respectivas famílias. Muitos nem mesmo sabiam que eles haviam retornado. Acredita que o próprio governo quis manter a volta da tripulação em segredo. Mesmo os *kamikazes*, devido à demasiada vergonha pelo fato de que deveriam estar mortos, teriam decidido passar o resto de suas vidas reclusos, escondidos. Kawamoto alegou que o mesmo aconteceu na rendição, pois muitos soldados acreditavam que era vergonhoso estarem vivos no momento da derrota, como se houvessem perdido a chance de darem suas vidas pelo Imperador. Como um pedido de perdão, muitos teriam cometido *harakiri*, que significa suicídio, na frente do *kyujou* (onde ficava o Imperador).

Afirmou que existe um templo chamado Yasakuni em Tóquio, dedicado aos soldados que morreram lutando pelo Japão, incluindo os *kamikazes* e que cometeram *harakiri* ao final da guerra, e que, consequentemente, teriam se transformado em deuses daquele templo. Kawamoto ouviu dizer que muitos soldados *kamikazes*, antes de suas missões, falavam um para o outro: "nos vemos no templo Yasakuni." O treinamento desses soldados era secreto, e os indivíduos tinham que se apresentar voluntariamente. Entretanto, explicou que aqueles que não se alistavam eram chamados de covardes e sofriam forte discriminação, não sendo dignos de respeito, condenados à vergonha e, em casos extremos, eram presos. Essa educação para a guerra, complementada pela ideia de que o Imperador era um descendente direto dos deuses, e que tudo o que ele ordenava deveria ser obedecido de qualquer maneira e a qualquer custo, não sendo possível questionar ou contestar suas ordens, era tão forte que Kawamoto acredita que, naquela época, também teria recriminado os jovens que se recusassem a lutar e a morrer pelo Japão. Porém, hoje considera aqueles ensinamentos terríveis e enfatiza que não se deve jamais educar crianças para a guerra e para a morte.

Apesar da pressão e da imposição do governo, Kawamoto diz que as mães eram uma exceção àquela educação para a guerra, pois elas sofriam e choravam. Choravam de medo e choravam pela vida de seus filhos. Compreendiam as regras sociopolíticas e, portanto, quando seus filhos se alistavam para as missões *kamikazes*, por exemplo, elas não demonstravam tristeza e preocupação em público, visando a proteger a imagem de sua família. Mas privadamente, às vezes escondidas, elas choravam, e mesmo

sabendo que pedir para que seus filhos não dessem suas vidas para o Imperador e para o país as colocaria em vergonha e desonra, mesmo assim elas pediam aos filhos para que desistissem e não partissem. Afirmou que, socialmente, elas demostravam orgulho e até gritavam "*Banzai! Banzai*!"[79] quando os jovens partiam, mas todas as mães eram cúmplices: apesar de não dizerem nada, uma conhecia a dor da outra. Kawamoto explicou que uma mãe que perdeu um filho em uma missão suicida conhecia a dor da outra que estava prestes a perder o seu da mesma forma e, secretamente e em solidariedade, chorava. Acredita que os homens eram burros e tolos, e por isso eram facilmente seduzidos pelos discursos e promessas honrosas, o que os faziam ter genuinamente orgulho de morrer pelo Japão. Entretanto, crê que as mulheres eram diferentes, e mesmo diante da alegria de seus filhos e maridos, elas lamentavam suas decisões e muitas vezes falavam abertamente sobre suas tristezas e preocupações na esperança de persuadi-los a não partirem para a guerra ou para missões suicidas, o que, aos olhos do governo, eram atitudes que deveriam ser censuradas. Isso era tão forte que, quando os jovens partiam, o governo não permitia que esses recebessem cartas de suas mães. Kawamoto soube mais tarde que as cartas que tinham conteúdo de guerra, com frases como "vou morrer pela pátria", eram enviadas e entregues aos familiares; mas as cartas que mencionavam saudade de casa, da mãe, entre outros, eram censuradas, ou no envio ou na entrega. O governo considerava que as mulheres falavam muito mais guiadas pelo coração, pelas emoções, do que pela racionalidade, motivo pelo qual a sociedade deveria ser administrada pelos homens, restringindo a influência feminina ao ambiente familiar.

Ao refletir sobre o assunto, Kawamoto disse que as coisas mais importantes que aprendeu na vida foram ensinadas por sua mãe e por sua irmã mais velha. Sorrindo, contou que sua mãe lhe ensinou que ele poderia fazer qualquer coisa se tentasse e trabalhasse duro. Essa lição ele jamais esqueceu e, mesmo não tendo condições de retomar os estudos após a guerra, de ter cursado apenas até o quinto ano do Ensino Fundamental, venceu os obstáculos porque sempre foi guiado pelas sábias palavras de sua mãe. Relatou que ela nunca lhe ensinou matemática ou outras disciplinas formais, mas ensinou-lhe a viver e costumava dizer-lhe que ele nunca deveria ter medo de cometer erros, e quando os cometesse, que não deveria culpar os outros, já que desse

[79] *Banzai* significa "viva".

modo jamais iria amadurecer, pois os erros serviam para serem superados e permitir que as pessoas seguissem em frente até conquistarem seus objetivos.

Recordou que sua mãe verbalizava abertamente o medo que tinha de um dia Kawamoto querer servir e acabar morrendo na guerra. O medo era tamanho que esse foi o principal motivo pelo qual ela pediu que seu marido usasse seus contatos para tirar o filho mais velho, irmão de Kawamoto, do país. Apesar de o pai ter servido na Marinha e ser um militar dedicado, não fez objeções ao pedido da esposa, tendo conseguido tanto um lugar em um barco que partiria de Hiroshima em direção à Manchúria quanto uma vaga de trabalho em uma companhia elétrica na respectiva cidade. Dessa forma, Kawamoto recordou de um dia ver o irmão vestido de soldado despedindo-se de todos da família e da vizinhança e, na sequência, partir com outros jovens que marchavam em direção à base militar. Entretanto, no meio daquela mesma noite, foi acordado pelas vozes de seus pais e percebeu que seu irmão estava de volta. Logo em seguida, viu-o partir novamente, mas dessa vez na companhia de seu pai. Soube apenas mais tarde que, naquela noite, ele havia partido para a Manchúria e que sua ida para a base havia sido uma encenação para que a família Kawamoto não fosse julgada socialmente.

Lembrou ainda que quando sua mãe tinha 37 anos, ela decidiu ir a uma quiromante. Esta lhe disse que ela morreria antes dos 40 anos, o que a fez ficar mais rigorosa com todos os filhos. Passou a dizer que eles precisavam aprender a cuidar-se sozinhos, que deveriam trabalhar duro para fazerem qualquer coisa, pois ela não viveria por muito mais tempo para cuidar deles. Kawamoto não se lembra de ficar muito chocado com a notícia, apenas de dizer algo como "ah é?!" Acha que sua reação se deve ao fato de que, além de na época ser apenas uma criança e, por isso, não compreender muito a dimensão das coisas, como já mencionou, recebeu uma educação para a guerra, tendo aprendido a não temer a morte. Refletiu e disse que a quiromante estava certa, pois sua mãe de fato morreu no bombardeio aos 39 anos. Desde então, quando pensa em sua mãe, lembra de memórias muito felizes em família, como quando iam fazer *hanami*[80] e colher cogumelos na encosta das montanhas. Nessas ocasiões, recorda que preparavam *bentô*[81] para comerem durante o piquenique.

Nesse momento, Kawamoto disse ter outra lembrança marcante de antes do bombardeio. Explicou que havia uma grande base militar ao redor do castelo de

[80] Piquenique na florada das cerejeiras.
[81] Uma espécie de marmita japonesa.

Hiroshima, e que aproximadamente duas vezes por ano os soldados treinavam naquela região e depois partiam para os campos de batalha. Iam marchando da base até o porto de Ujina, de onde partiam para a guerra. Relatou que, naquela ocasião, as ruas eram enfeitadas e havia o som de cornetas sob as quais os soldados marchavam em seus uniformes. Afirmou que sentia um grande prazer em assistir àquilo tudo. Recordou que batia palmas e acompanhava os soldados com os olhos até que eles desaparecessem na distância. Riu e disse que, naqueles momentos, desejava crescer rapidamente para poder partir junto com a tropa, usar aqueles uniformes pomposos, ter aquela postura imponente e ir lutar pelo Japão. Ouvia que os generais eram a cabeça do cavalo, enquanto os soldados eram o rabo. Por esse motivo, pelo mais alto respeito e honra, desejava muito tornar-se um general quando crescesse.

Enfatizou que a honra nesses casos era ter alta patente. Aqueles que ocupavam os mais altos cargos certamente haviam se esforçado mais e feito mais pelo país, e por isso eram mais admirados por todos, transmitindo uma imagem de grande respeito. Kawamoto disse que essa ideia fazia parte da educação honrosa ensinada às crianças, as quais também eram orientadas a não mentir ou maltratar os mais fracos e os menores, a sempre demonstrar respeito e ser gentil com os outros. Ouvia essas recomendações por todos os lados, uma vez que naquela época todos eram responsáveis pela educação das crianças. Recordou que estas não tinham brinquedos e que sempre ouviam e liam *slogans* que diziam: "não queira nada até ganharmos a guerra." Apesar disso, Kawamoto disse que, de vez em quando, tinha um ou outro desejo, os quais estavam sempre relacionados à comida, principalmente *isse-yonshoku*[82], mas já ficava satisfeito quando conseguia comer *yakiimo*[83] no lanche. Contou que seu prato favorito desde aquela época é *carê*[84], e que o melhor de todos era aquele preparado por sua mãe. Afirmou que, após sua morte, nunca mais comeu um *carê* igual na vida, e que até hoje lembra-se do sabor.

Quando observa as mães de hoje em dia e pensa na sua, acredita que as primeiras são muito bonitas, arrumadas e maquiadas, o que o faz pensar que levam muito tempo embelezando-se e dedicam menos tempo para o cuidado dos filhos. Lembrou que sua

---

[82] *Issen* (um centavo japonês) *yonshoku* era um tipo de *okonomiyaki* – lembra uma panqueca feita de farinha e ovos, recheada com legumes, *shoyu* (molho de soja) e carne de porco – mas apenas preparada com farinha frita, *shoyu*, cebolinha e *nori* (alga japonesa), e que custava apenas um centavo.
[83] Batata doce assada.
[84] Prato feito com molho *curry* e legumes, podendo ou não ser acompanhado de frango ou carne vermelha.

mãe passava apenas batom e usava o resto de seu tempo para cuidar da família, da casa e para dedicar-se à educação de seus filhos. Outro ponto que lhe chama a atenção é a abundância de coisas que existem hoje no ambiente, e o fato de as mães darem prontamente o que os filhos lhes pedem, independentemente de tratar-se de algo essencial ou não. Acredita que isso faz com que as crianças não aprendam a lutar pelo que querem, pois recebem tudo facilmente. Contou que quando era pequeno e pedia algo para sua mãe, ela lhe perguntava o motivo pelo qual queria aquilo. Se percebesse que era algo realmente importante, ela comprava; caso contrário, não. Comentou que hoje em dia as pessoas passaram a gastar muito dinheiro à toa. Por exemplo, observa que grande parte das mulheres possuem mais de uma bolsa, e se questiona sobre a real necessidade disso. Em sua opinião, deveriam economizar para a educação dos filhos ou mesmo para casos de emergência, não necessariamente outra guerra, mas para eventuais desastres naturais que imponham a necessidade do uso de recursos financeiros e materiais, por exemplo. Disse que gostaria que as crianças de hoje em dia se tornassem indivíduos que acreditam em si mesmos para serem capazes de escolher ou mesmo se tornarem bons e grandes líderes. Citou como exemplo o primeiro-ministro Abe, que vem fazendo acordos com os Estados Unidos sem consultar ou dialogar com os cidadãos japoneses, e acredita que tanto ele quanto a escolha dele como líder não foi inteligente.

Ainda sobre as mães, Kawamoto enfatizou que, durante a guerra, elas não apenas davam todo o seu tempo para cuidar de suas famílias como também estavam dispostas a dar suas vidas para proteger o país. Afirmou que desde o aumento dos ataques norte-americanos ao Japão, aproximadamente em 1943, e com quase todos os homens já enviados como soldados para longe de suas casas, as mulheres perceberam que precisariam cuidar não apenas de suas famílias, mas da cidade e do país. Nesse contexto, muitas diziam que, se preciso fosse, atacariam os inimigos com varas de bambu e, para tanto, passaram a receber treinamento com tais instrumentos. Kawamoto sentia que as mulheres estavam prontas para morrer, pois passou a ouvir delas que a morte era melhor do que ser capturada e condenada a uma vida em vergonha. Como já havia mencionado, esse foi um dos motivos que desencadeou muitos suicídios após a rendição, principalmente depois de ouvirem boatos de que os inimigos estavam chegando e que quem fosse capturada seria enviada para os Estados Unidos, onde serviriam como escravas – tanto sexuais quanto para o trabalho – e receberiam o mesmo tratamento destinado a pessoas negras. No entanto, quando os norte-americanos

chegaram a Hiroshima, a população percebeu que eles apenas rondavam a cidade com seus jipes e, após alguns dias, a situação começou a se acalmar e as pessoas passaram a retomar suas vidas.

Kawamoto disse lembrar bem dos dias entre a rendição (15 de agosto de 1945) e a chegada dos soldados, pois retornara à cidade três dias depois do bombardeio, em 9 de agosto, após sua irmã mais velha ter ido buscá-lo no templo. Explicou que, no dia 6, as crianças foram notificadas de que uma bomba especial havia sido jogada em Hiroshima e, como consequência, a cidade estava totalmente destruída. Kawamoto lembrou que ficou muito preocupado, e que sua preocupação aumentou nos dias que se seguiram ao bombardeio, pois pessoas muito feridas começaram a chegar ao templo para buscar seus filhos ou familiares. O aspecto delas deu-lhe a certeza de que algo muito grave estava acontecendo. Um caso em especial chamou-lhe atenção: a mãe de uma colega chegou ao templo para buscá-la, mas estava tão ferida – com o rosto todo coberto por faixas manchadas de sangue – que a filha não a reconheceu e correu de medo, dizendo que aquela não era sua mãe e que, portanto, não partiria com ela. Resignada e sofrendo por conta dos ferimentos, a mulher foi embora deixando a filha. Mais de 60 anos depois do bombardeio, Kawamoto encontrou essa mesma colega, que lhe disse que alguns dias depois daquele episódio um parente materno foi buscá-la com a notícia da morte de sua mãe. Chorando, contou-lhe que passou a vida arrependia[85] por não ter ido embora naquela ocasião, pois acredita que se tivesse ido, poderia ter aproveitado a companhia de sua mãe por mais alguns dias, além de ter estado ao seu lado em seu leito de morte. Disse que foi *oyafukou*[86], e que por essa razão se sente muito culpada.

Kawamoto também recordou a história de dois irmãos, ambos amigos dele, que também estavam no templo. Disse que muitas crianças perderam suas famílias no bombardeio e, consequentemente, ninguém foi buscá-las. Esse foi o caso desses dois amigos. Com o final da guerra, alguns moradores da aldeia[87] os levaram de volta para Hiroshima e os deixaram sob os cuidados de algum parente que residia no interior, com quem passaram a morar. Eles terminaram o ginásio e se tornaram funcionários públicos. Porém, por terem vivido fora de Hiroshima quase a vida toda, não solicitaram ao

[85] Usa a palavra *koukai*, que em japonês significa arrependimento.
[86] Um filho que causa sofrimento nos pais.
[87] O templo, utilizado como local de evacuação, pertencia a uma aldeia.

governo o reconhecimento como sobreviventes[88]. Explicou que o governo reconheceu apenas aqueles que comprovaram suas entradas no centro da cidade[89] até o final de agosto de 1945, alegando que os indivíduos que entraram depois desse período não foram afetados pela radiação, a qual, segundo o governo, havia se dissipado até o início de setembro. No entanto, os dois meninos estiveram em Hiroshima no dia da rendição do Japão, momento em que foram deixados com seu parente do interior. Entretanto, como não conseguiram comprovar essa curta permanência, o governo não lhes concedeu o reconhecimento. Kawamoto disse que ele próprio só veio a solicitar seu reconhecimento como *hibakusha* décadas depois. Para tanto, teve que contar sua história.

Relatou que ao retornar do templo com sua irmã mais velha três dias depois do bombardeio, ela lhe contou no trajeto para Hiroshima o que havia se passado com sua família. No momento da explosão, ela estava trabalhando no escritório da estação de Hiroshima, e como o prédio desabou ao ser atingido pela onda de choque, ela acabou sendo soterrada. Perdeu a consciência por alguns instantes e, quando despertou, começou a gritar por socorro. Foi ouvida por pessoas que estavam nos arredores e que a ajudaram a sair de debaixo dos escombros. Assim que se viu livre, sentiu uma forte urgência de voltar para casa e ver como estavam seus pais e irmãos. Entretanto, a cidade estava em chamas e não havia meios de chegar à vizinhança onde moravam. Ela então aguardou o fogo diminuir e, aos poucos, foi se aproximando de casa, com seu desespero e pressa aumentando à medida que via absolutamente tudo destruído. Conseguiu chegar apenas no dia seguinte, mas encontrou a casa completamente destruída pelo fogo e, entre entulhos e escombros, viu três corpos carbonizados e irreconhecíveis, mas que pelo tamanho, assumiu serem de sua mãe e de seus dois irmãos menores.

Posteriormente, ouviu de uma vizinha que, após a explosão, a mãe conseguiu desvencilhar-se dos escombros da casa desabada, mas os dois filhos menores estavam presos, de tal forma que era impossível salvá-los. O fogo estava se aproximando rapidamente e, apesar dos gritos dos vizinhos pedindo para que ela corresse e fosse com eles para um abrigo, a mãe de Kawamoto decidiu ficar, dizendo-lhes que não abandonaria os filhos. Em seguida, viram-na pular no fogo que consumia a casa onde

[88] As vítimas do bombardeio que são reconhecidas como tal pelo governo recebem uma carteirinha de sobrevivente, a qual funciona como uma espécie de atestado que possui o histórico médico do indivíduo e possibilita ao mesmo solicitar tratamentos médicos e pensão ao governo.
[89] No raio de dois quilômetros do marco zero.

moravam. Kawamoto fez uma pausa e ficou muito emocionado. Falou sobre uma estátua de bronze de uma mãe com uma criança que hoje encontra-se no Parque Memorial da Paz de Hiroshima, e diz que sempre que passa por ela, lembra de sua mãe e de seu irmão caçula de quatro anos. Afirma que aquela estátua representa sua mãe e seus irmãos, e prefere lembrar dos três daquela forma – em pé e bem – ao invés de pensar sobre como eles morreram.

Após encontrar os três corpos, a irmã de Kawamoto pediu ajuda para um soldado que estava de passagem e cremou os seus restos mortais, recolheu as cinzas e as levou para serem enterradas em um cemitério a cinco quilômetros de distância do centro de Hiroshima, onde o pai tinha um jazigo. Em seguida, partiu em busca de informações sobre o pai e a irmã de 15 anos que haviam saído de casa na manhã do dia 6 de agosto para trabalhar. Sem conseguir localizá-los, concluiu que ambos desapareceram sem deixar rastros. Até hoje, o local exato de suas mortes permanece desconhecido. Na sequência, partiu em direção ao templo para buscar Kawamoto e retornar com ele para a cidade. Alguns dias depois, receberam a notícia da rendição do Japão.

Kawamoto explicou que, logo após o final guerra, grande parte da estação de Hiroshima foi rapidamente reconstruída, e como sua irmã trabalhava para a companhia de transporte, conseguiu alugar um pequeno quartinho na própria estação, onde os dois passaram a morar sozinhos. Lembra-se do carinho com que ela cuidava dele, das marmitas que ela conseguia no trabalho e trazia para casa para comerem juntos, e do amor que ela lhe demonstrava diariamente. Kawamoto diz que sua irmã mais velha foi uma segunda mãe para ele. Durante o período em que moraram na estação de Hiroshima, uma memória é muito forte para ele: a dos órfãos que a bomba deixou. Afirmou que os observava atentamente todos os dias, e que sempre agradecia silenciosamente por ter uma irmã que cuidava dele. Relembrou com muita tristeza de ver aqueles órfãos revirando o lixo à procura de comida, bebendo água turva de poças no chão da rua, brigando como animais por migalhas de pão. Testemunhou grande parte dessas crianças chupando pedras para enganar o estômago e comendo jornal. Quase todos os dias, algumas dessas crianças morriam de fome, e seus corpos eram cremados junto com o lixo. Kawamoto diz que essas memórias o assombram até hoje.

Seis meses após a explosão, sua irmã começou a adoecer. Kawamoto relatou que tinha apenas 10 anos e não sabia ao certo o que fazer para ajudá-la. A grande maioria dos médicos e enfermeiros havia morrido em decorrência da explosão, e havia

poucos tratamentos disponíveis para ajudar os feridos e os doentes da bomba. Seu estado piorou rapidamente e ela veio a falecer, deixando Kawamoto desesperado. Atualmente, ele acredita que ela morreu em decorrência de um quadro de leucemia provocado pela radiação.

Disse que não se lembra muito bem dos acontecimentos posteriores, mas recordou que um de seus tios paternos foi buscá-lo em Hiroshima e o levou até um orfanato. No entanto, todas as instituições públicas estavam lotadas de crianças que haviam perdido suas famílias e, por essa razão, o diretor do local recusou-se a ficar com Kawamoto. Diante dessa recusa, o tio e o diretor começaram a discutir agressivamente e, em um determinado momento, foram interrompidos pelo prefeito de Tomomura[90], chamado Kawanaka[91], que ao presenciar a discussão decidiu intervir, oferecendo um lugar de *sumikomi*[92] a Kawamoto em sua empresa de *shoyu*[93], onde trabalhava e morava. O tio e o diretor prontamente concordaram e, como resultado, Kawamoto foi imediatamente entregue aos cuidados de Kawanaka.

Chegando à empresa, Kawamoto passou a trabalhar de domingo a domingo, das 2h da manhã até às 8h da noite, com direito a apenas três folgas por ano, durante as festas de final de ano. Não recebia dinheiro como pagamento. Sua remuneração vinha na forma de um teto para morar e alimentação. Afirmou que, apesar do trabalho sem descanso, sentia-se muito contente por poder comer, e esforçava-se para manter essa alegria. Contou que o conselho de sua mãe reverberava sempre em sua memória e, por isso, sempre trabalhou arduamente, permanecendo nesse regime por 13 anos. Alegou que sempre nutriu um forte sentimento de gratidão por Kawanaka, pois além de ele ter lhe proporcionado um lugar para dormir, não permitiu que ele passasse fome e, em termos de trabalho, buscava recompensar seu esforço. Por exemplo, disse que quando a empresa precisou de um motorista para fazer entregas, ao invés de contratar um novo funcionário, Kawanaka decidiu investir em Kawamoto, ajudando-o a tirar uma licença para dirigir, o que na época era um processo muito burocrático, complicado e caro.

Relatou que quando tinha aproximadamente 20 anos, Kawanaka o elogiou por seu esforço e comprometeu-se a ajudá-lo a construir uma casa próxima do local onde trabalhavam para que ele pudesse ter seu próprio "cantinho". Ao longo do processo de

---

[90] Cidade localizada a cinco quilômetros de Hiroshima.
[91] Kawanaka Shoyu é uma empresa relativamente famosa no Japão.
[92] Uma pessoa que dorme ou reside no mesmo local onde trabalha.
[93] Molho popular japonês feito de soja.

construção, Kawamoto apaixonou-se – e foi correspondido – por uma moça da mesma aldeia, e planejava pedir sua mão em casamento assim que sua casa ficasse pronta, pois acreditava que tendo uma casa, um bom trabalho e condições para cuidar de uma família, não haveria impedimentos para o casamento. A casa demorou três anos para ficar pronta e, logo na sequência, ele foi até os pais da namorada e pediu a permissão deles para que pudessem se casar. No entanto, seu pedido foi rejeitado com base no preconceito sofrido pelos *hibakushas*. Ou seja, acreditavam que Kawamoto não poderia ter filhos saudáveis devido à "doença da bomba", à radiação. A recusa deixou-o revoltado e o fez parar de se importar com tudo. Chegou à conclusão de que a casa não tinha nenhuma serventia para ele se não pudesse ter uma família e decidiu pedir demissão do trabalho. Algum tempo depois, ficou sabendo que Kawanaka chamou o irmão mais velho de Kawamoto para substituí-lo, ou seja, para ocupar seu lugar tanto na empresa quanto na casa recém-construída. Kawamoto disse que não se importou com essa substituição, pois o irmão mais velho tinha família e, portanto, aproveitaria melhor o imóvel.

Explicou que não manteve contato com o irmão desde que este voltou da Manchúria dois anos depois do final da guerra, pois em seu retorno, ele havia sido adotado pelo mesmo tio que levou Kawamoto para o orfanato e o deixou sob os cuidados de Kawanaka. Disse que compreende o motivo pelo qual o tio adotou somente seu irmão mais velho: este tinha 21 anos, era jovem e forte, e por isso podia trabalhar. Afirmou que, naquela época, havia miséria, muita escassez de comida, e que aqueles que não eram imediatamente úteis de alguma forma não podiam contar com ninguém. Kawamoto relatou ainda que passou 40 anos escondido em uma cidade chamada Okayama sem manter contato com ninguém em Hiroshima, tendo retornado apenas em 2004, ocasião em que retomou o contato com seu irmão mais velho. Riu e disse que, na ocasião, bateu na porta da casa construída por Kawanaka. Ao abri-la, o irmão ficou alguns instantes em choque e assustado, tendo em seguida lhe dado um forte abraço. Conversaram por algumas horas sobre as últimas décadas e o irmão lhe disse que sempre que ia fazer entregas de *shoyu* em Hiroshima, buscava ter notícias dele. No começo, descobriu que ele estava trabalhando com o Yakuza [94], tendo sido preso pela polícia duas vezes – Kawamoto comentou que, em ambas as situações, foi levado para a delegacia, mas não chegou a ser encarcerado ou processado, tendo sido solto em

[94] Grupo mafioso japonês.

pouco tempo. Entretanto, depois de alguns anos, o irmão lhe disse que passou a ter dificuldades em conseguir informações sobre o seu paradeiro, concluindo que ele havia morrido. Durante sua visita, Kawamoto disse ao irmão que fizera planos para morar e trabalhar com ele na lavoura[95] e, de fato, chegou a passar algumas semanas hospedado em sua casa. O irmão parecia contente. A cunhada, porém, passou a tratá-lo de forma muito fria e maldosa, como um intruso nada bem-vindo. Acredita que o comportamento dela era devido ao seu passado criminoso e, consequentemente, com a possível vergonha que Kawamoto poderia representar para a família. Não querendo passar o resto de sua vida sendo maltratado, decidiu ir embora para Hiroshima viver com a aposentadoria do governo. Alugou um pequeno apartamento a três quilômetros do centro da cidade, onde mora até hoje.

Sobre o seu envolvimento com o Yakuza, Kawamoto conta que tinha 23 anos quando deixou a empresa de Kawanaka e, por saber dirigir, quando chegou em Hiroshima não teve problemas para conseguir trabalho, pois havia muitas pequenas empresas precisando de entregadores. Percebeu que, ao redor dele, os jovens eram briguentos, agressivos e divididos em dois grupos: um grupo formado por pequenos criminosos pertencentes ao Yakuza e outro formado por aqueles que gastavam seus salários nos jogos de azar gerenciados pelo Yakuza. Dessa forma, nos seus dias de folga, Kawamoto passou a fazer apostas em corridas de barco em Miyajima[96], corridas de bicicleta e *hanafuda tobaku*[97], recordando que nessa mesma época o *pachinko*[98] entrou na moda. Relatou que todas essas atividades acabaram gerando trabalho, pois tanto as corridas como os jogos e o *pachinko* precisavam de pessoas fiscalizando e mesmo fazendo a segurança, entre outras atividades. Aos poucos, Kawamoto foi se aproximando do Yakuza e acabou entrando para o grupo mafioso. Induzia as pessoas a jogar e a apostar, aprendeu a trapacear, recolhia o dinheiro das apostas e cobrava os devedores. Comentou que essas atividades sempre foram ilícitas, mas que naquela época a polícia "não servia para nada" e, portanto, o Yakuza tinha mais poder do que a força policial, motivo pelo qual, nas duas ocasiões em que foi levado para a delegacia, não chegou a ser preso. Relatou que as coisas foram mudando ao longo das décadas, e

[95] Chegando em Hiroshima, Kawamoto busca informações sobre seu irmão mais velho e fica sabendo que ele se tornara um agricultor.
[96] Famosa ilha localizada perto da baía de Hiroshima.
[97] Jogo de baralho.
[98] Jogos de máquinas.

que hoje um dos netos de um dos líderes do grupo mafioso à época é um congressista, tendo o Yakuza mudado de nome e passado a atuar no mercado da construção civil.

Explicou que Yakuza significa "números incompletos", ou seja, um agrupamento de pessoas "incompletas, sem utilidade, sem sentido, pessoas que não eram bem vistas, que não tinham muita decência e nem uma profissão reconhecida", que começaram a atuar com jogos de azar em aproximadamente 1603, durante a era Edo. Em 1868, na era Tokugawa, os senhores feudais começaram a contratar os Yakuzas para proteger suas terras e as pessoas que viviam em seus feudos. Isso teria modificado a imagem do grupo, que passou a ser visto como aqueles que lutavam contra a maldade. Começaram a capturar os criminosos, cobrar dívidas, e em troca recebiam recompensas em dinheiro. Geralmente, os integrantes do grupo eram pessoas que trabalhavam na casa do senhor feudal ou tinham alguma ligação com um samurai, o que lhes dava algum crédito com a população em geral. Não podiam portar espadas como os samurais, mas usavam cassetetes. Ao longo do tempo, o grupo foi criando e acumulando regras, como a proibição de envolver pessoas em geral em suas operações, por exemplo. Entretanto, depois da Segunda Guerra Mundial, essas regras passaram a não ser mais respeitadas, e o Yakuza voltou não apenas a operar nos jogos de azar, mas também a envolver-se com a população em geral. No caso de Hiroshima, a bomba atômica deixou muitos órfãos, os quais encontraram no Yakuza uma forma de sobreviverem. Atuavam nos jogos, faziam segurança, organizavam o mercado negro, entre outros. Somente depois de aproximadamente 25 anos, em 1970, o governo começou a ganhar mais força e contrapor-se à atuação do grupo mafioso, momento em que eles teriam migrado para a construção civil. Kawamoto disse que, apesar de tudo, o Yakuza foi responsável por grande parte da reconstrução da cidade e mesmo do país, uma vez que era um dos grupos com mais recursos financeiros no Japão. Além disso, logo depois da guerra, era mais organizado que o sistema político e que a polícia. Kawamoto afirmou também que, por meio do trabalho com o Yakuza, muitos órfãos puderam comer e ter um lugar para dormir, possibilitando um destino diferente dos órfãos que ele observava na estação de Hiroshima logo depois do bombardeio. Comentou que sabe muita coisa porque sempre gostou muito de estudar história, e que apesar de não ter conseguido voltar para a escola depois da guerra, leu muitos livros ao longo da vida, com exceção daqueles que falavam sobre a bomba atômica. Disse que sempre quis distância do assunto, não tanto por conta do medo de reviver os sofrimentos que o ataque nuclear lhe causou, mas porque temia que as pessoas que o rodeavam

descobrissem que ele era um *hibakusha* e, consequentemente, que ele viesse a ser alvo de discriminação. Recordou que as pessoas associavam imediatamente as palavras Hiroshima e Nagasaki à radiação, motivo pelo qual a maioria dos sobreviventes que saíram dessas cidades acabaram escondendo suas origens.

Decidiu estudar sobre o bombardeio apenas quando virou um voluntário da paz no Memorial da Paz de Hiroshima, há poucos anos atrás. Comentou que mais de 50 anos depois da explosão muitos sobreviventes que até então haviam escondido suas histórias começaram a necessitar de auxílio médico e, portanto, do reconhecimento da condição de *hibakushas* para conseguirem acesso à assistência médica e previdenciária. Consequentemente, passaram a falar. Kawamoto disse que isso é principalmente verdadeiro para a população coreana, que na época da guerra já sofria muito preconceito[99] e, depois do bombardeio, passou a sofrer dupla discriminação: por serem coreanos e por serem *hibakushas*. Por isso, a maioria deles somente entrou com o pedido de reconhecimento no final da vida, quando realmente necessitavam ou do auxílio médico ou da pensão. Kawamoto também ouviu falar de mulheres e homens que, para se casarem, precisaram prometer que não solicitariam seus direitos e que manteriam seu passado em segredo, com a intenção de proteger suas futuras famílias da discriminação. Atualmente, ouve falar de integrantes da segunda e terceira gerações tentando obter o reconhecimento da condição de *hibakushas* devido a doenças como o câncer, mas o governo não os tem reconhecido como vítimas da radiação.

Enfatizou que a discriminação tinha ainda outras facetas. Contou, por exemplo, que a fome no período do pós-guerra matou muito mais pessoas do que todos os anos de guerra que enfrentaram (com exceção, claro, do bombardeio atômico). Nesse contexto, disse que quem tinha uma família e um nome a zelar não se juntou ao Yakuza, pois condenaria a família à discriminação e à vergonha. No seu caso, afirmou que não tinha nada a perder, não tinha família ou parentes que zelassem por ele e que ele deveria temer envergonhar. Além disso, por meio das brigas, conseguia colocar externar parte da raiva que sentia. Passou nove anos trabalhando com a máfia. Nesse período, foi perdendo os amigos que morriam em decorrência do cenário de extrema violência em que estavam inseridos. Relatou que Hiroshima havia se transformado em uma cidade

[99] Após a invasão da Coréia, os japoneses passam a utilizar a população coreana como mão de obra de baixíssima remuneração ou até mesmo como trabalhadores forçados, e muitas mulheres foram vítimas do tráfico sexual. Houve ainda algumas famílias que migraram para o Japão com a esperança de terem uma vida melhor. De todo o modo, a população coreana no Japão sempre sofreu forte discriminação.

de brigas. Percebeu que os corpos dessas pessoas eram cremados todos juntos, e suas cinzas jogadas no rio. Isso o perturbou muito e o fez lembrar dos órfãos na estação de Hiroshima. Passou a temer morrer e ter suas próprias cinzas jogadas no rio daquela maneira desrespeitosa. Explicou que jogar as cinzas de alguém no rio é uma espécie de humilhação, pois passa a mensagem de que aquela pessoa era insignificante, não tinha valor, era desonrada e, portanto, não merecia ser enterrada em um local digno. Foi tomado pela lembrança de como a mãe e os irmãos mais novos morreram, assim como o pai e suas duas irmãs mais velhas. Sentia que todos tiveram vidas dignas e mortes honrosas, principalmente sua mãe, o que o fez refletir sobre sua própria vida. Decidiu, portanto, que precisava deixar o Yakuza e ir embora da cidade, pois não morreria humilhado e envergonhado na mesma cidade onde sua família descansava. Desejava morrer sozinho e em um lugar em que ninguém o conhecesse. Sabia que o grupo mafioso não permitiria que ele simplesmente fosse embora. Prefeririam matá-lo e, portanto, juntou todo seu dinheiro e, com a roupa do corpo e sem contar a ninguém, foi para a estação de ônibus decidido a comprar uma passagem de ida para o lugar mais distante que seu dinheiro pudesse levá-lo. Caso fosse descoberto, estava disposto a morrer tentando fugir, porque estava "de saco cheio" e sentia que de alguma forma já havia desistido de si mesmo. Tinha consciência de que era do "baixo escalão" da organização e, portanto, o Yakuza não iria gastar tempo e recursos para capturá-lo, mas também sabia que, se retornasse a Hiroshima, seria morto. Então, partiu decidido a nunca mais voltar, e prometeu a si mesmo que começaria uma vida nova. Sabia que não podia confiar em ninguém e que, por isso, jamais poderia dizer de onde era ou o que fizera até aquele momento, mesmo porque, temendo a discriminação, estava decidido a jamais contar que era um *hibakusha*.

Kawamoto viu um anúncio recrutando funcionários para trabalhar e morar em um restaurante de *udon*[100] em Okayama, cidade localizada a cerca de 160 quilômetros de Hiroshima. Ou seja, entre todas as opções, essa era a mais vantajosa e a cidade mais afastada que seu dinheiro poderia lhe levar. Chegando ao seu destino, as palavras de sua mãe ressoaram novamente em sua memória: "se você se esforçar, você consegue. Se não conseguir é porque você desistiu no meio, então, não desista." Pensou que, como ninguém o conhecia em Okayama, se conseguisse o trabalho no restaurante de *udon*, poderia recomeçar sua vida. Foi para o local indicado no anúncio e, como o

[100] Prato típico japonês feito de macarrão com molho à base de *shoyu*.

estabelecimento precisava urgentemente de funcionários, o dono não fez muitas perguntas, apenas lhe deu a vaga. Kawamoto trabalhou duro no período de experiência e, por isso, conseguiu o emprego e ficou no restaurante por muitos anos. Após juntar uma determinada quantia de dinheiro, em meados de 1985, pediu demissão e abriu sua própria empresa de *bentô* e outros alimentos, a qual administrou até 2005. Anos depois, ficou sabendo que na mesma época em que partiu de Hiroshima, outras pessoas que como ele que tinham mais de 30 anos e trabalhavam com o Yakuza também decidiram partir, mesmo sabendo que seriam mortos se fossem capturados. Entretanto, a grande maioria jamais conseguiu um emprego fixo, tendo passado a vida em trabalhos temporários até fazerem 70 anos, quando muitos deles foram presos.

Afirmou que os anos em que viveu escondido em Okayama (aproximadamente de 1967 a 2004) foram anos de muito trabalho e de muita solidão. O medo de que as pessoas descobrissem que ele era um *hibakusha* ou que ele havia se envolvido com o Yakuza não permitiu que Kawamoto fizesse amigos ou que conhecesse alguém com quem poderia vir a se casar, uma vez que casamento significaria mentir e correr o risco de ter sua história revelada, o que ele não queria de modo algum.

Em 1995, no contexto da comemoração dos 50 anos do bombardeio atômico, Kawamoto recebeu a ligação telefônica de um colega da época da escola chamado Nakagawa. Este buscou descobrir o que houve com cada uma das crianças que esteve no templo de evacuação e, por meio dos registros na prefeitura, localizou Kawamoto em Okayama. Kawamoto explicou que quando abriu sua empresa, precisou regularizar sua documentação e seus dados foram registrados pela prefeitura de Hiroshima. De todo o modo, depois de tantas décadas, já não sentia que corria algum perigo. Emocionado, disse que, ao receber a ligação de Nakagawa, sentiu que tinha um amigo, o que o deixou muito feliz. Durante a conversa, o amigo o chamou para voltar para Hiroshima e comparecer à cerimônia de 50 anos do bombardeio atômico que o Memorial da Paz de Hiroshima iria realizar em memória das vítimas e dos sobreviventes. Nakagawa aproveitou a oportunidade e lhe contou um pouco sobre a vida dos *hibakushas* que viviam em Hiroshima e do apoio que davam uns aos outros. Por fim, disse que Kawamoto deveria voltar para casa.

Kawamoto afirmou que não esperava que algum dia alguém se lembraria dele ou mesmo lembraria que ele uma dia existiu. Pensava que sua existência havia se apagado da história e da memória dos que ainda estavam vivos em Hiroshima. Relatou que é muito grato por ter sobrevivido para receber a ligação de Nakagawa, que lhe

mostrou que alguém se importava e ficara feliz com o fato de ele estar vivo. Pela primeira vez, Kawamoto pensou: "meu fim pode ser em Hiroshima." Assim, decidiu voltar, mas foram necessários 10 anos para conseguir organizar as coisas em Okayama, o que significava fechar a empresa sem prejudicar seus quase 40 funcionários. Disse que, durante esse período, manteve contato com o amigo.

Kawamoto deixou Okayama em 2004. Ao chegar a Hiroshima, foi surpreendido pelas mudanças que a cidade sofreu nas últimas décadas. Disse que tudo estava diferente e maravilhoso, a cidade estava mais moderna e completamente reconstruída. Circulou pelas ruas e visitou sozinho *pachinkos* e karaokês. Por meio de Nakagawa, reencontrou aproximadamente 30 colegas do primário e conheceu novos sobreviventes, tendo hoje muitos amigos, pessoas que sente que verdadeiramente o apoiam. Afirma que não lembra de ter sido feliz, pois foi marcado pelas perdas das pessoas que ama. Passou a vida sem manifestar suas opiniões, apenas cumprindo ordens e obrigações. Em Okayama, costumavam lhe dizer: "você sorri, mas os seus olhos não sorriem." Por esse motivo, enfatiza que deseja preservar seu momento atual, uma vez que hoje sente-se acolhido, tem amigos e faz apenas o que gosta. Em outras palavras, vive uma vida que considera ideal.

Kawamoto relatou que, após seu retorno para a cidade, visitou o Parque e o Museu Memorial da Paz de Hiroshima, notando que a exposição apenas cita muito brevemente os órfãos da bomba por meio de uma foto pouco ilustrativa e um pequeno parágrafo que se restringe a dizer que seis mil crianças perderam seus pais e familiares no bombardeio. Isso o deixa muito incomodado, porque acredita ser imperativo que suas histórias sejam devidamente contadas e registradas. Porém, sabe que quase nenhum órfão deseja compartilhar suas experiências, porque para sobreviverem, tiveram que fazer coisas das quais se envergonham, como por exemplo, roubar comida. Apesar de saber que em muitos lugares isso não seria considerado um crime, no Japão é. Portanto, aqueles que roubaram foram condenados a viver em vergonha ou a esconder seu passado justamente para evitá-la. Kawamoto diz que os órfãos que conheceu escolheram o segundo caminho: jamais contaram suas histórias para suas famílias, e se justificavam dizendo que caso contassem, passariam a não ter moral para dizer para seus filhos e netos que é errado roubar. Temiam que esses lhes dissessem: "mas papai, você fez isso!", o que seria fonte de um grande sofrimento. Nesse sentido, Kawamoto pensa que provavelmente teria feito a mesma escolha se ele próprio tivesse uma família, mas como não tem, afirma que pode contar ao mundo sobre as grandes dificuldades que

os órfãos tiveram que enfrentar – e o faz há aproximadamente 13 anos por meio de seu trabalho como voluntário da paz no Museu Memorial da Paz de Hiroshima. Nessas ocasiões, explica para os visitantes do museu que o jornal lido de manhã na estação de Hiroshima era a única coisa macia que existia para os órfãos comerem, e que mesmo assim, eles o comiam mergulhados na água das poças. Quando não encontravam jornais, lambiam e chupavam pedras e bebiam água do chão. Não existia nem mesmo grama para ser comida. Por isso, mais de dois mil órfãos morreram de fome após o bombardeio. Complementa dizendo que, para que o ser humano sobreviva, é necessário que ele coma, e deseja que nenhuma criança precise passar pelo sofrimento de não ter acesso à comida.

Afirmou que entre os fatores que levaram à guerra está a impossibilidade de o Japão e os Estados Unidos estabelecerem diálogo ou acordo naquela época e, consequentemente, a inflexibilidade de suas exigências e o desejo de impor reciprocamente suas próprias regras e condições. Acredita que, hoje em dia, as coisas podem ser conduzidas de forma diferente, e que apesar de cada país ter sua própria língua, cultura, valores e histórias, é possível estabelecer tanto o diálogo quanto acordos que contemplem ambas as partes. Gostaria que as crianças japonesas pudessem conhecer, fazer amizade e conversar com crianças do mundo inteiro, e que pudessem fazer isso pessoalmente, pois enfatiza que pela internet não é possível olhar no olho, ver o rosto e, dessa forma, enxergar o coração umas das outras. Disse que isso deveria ser ensinado pelos pais, mas observa que hoje em dia as famílias matriculam as crianças desde muito cedo nas creches, o que faz com que os pais não saibam criar seus próprios filhos, não conversam com eles, o que, em sua opinião, é uma grande lástima. Nesse contexto da educação, disse que, atualmente, as pessoas em Hiroshima lutam mais pela abolição das armas nucleares do que tomam consciência sobre os horrores causados pelos desastres naturais, os quais são um constante produtor de sofrimento para a população japonesa. Por esse motivo, clama para que os governos gastem menos dinheiro em armamentos para a guerra e invistam mais na educação de suas crianças.

Algumas considerações sobre a entrevista com Shozo Kawamoto

O estudo da memória de Kawamoto demonstra que o trauma sofrido por ele e sua família vinculou intimamente a violência dos golpes provenientes dos estrangeiros envolvidos na guerra e também do próprio Japão infligidos sobre os japoneses. Trata-

se de golpes de um Estado que se tornou promotor de uma situação social na qual os seus cidadãos podem ser queimados, descartados, mortos, tanto como kamikazes quanto no fogo dos bombardeios incendiários e das bombas nucleares, indicando que a humanidade perdeu certo tipo de percepção social que é conquistada exclusivamente por meio do contato de humanos com outros humanos, em que cada pessoa conta como um sujeito único, irredutível, insubstituível, como alguém que não pode ser reduzido a uma identidade genérica de cidadão japonês, e que exige uma atenção tanto nas relações íntimas, familiares, quando naquelas públicas, com o Estado e a sociedade.

Kawamoto mostra que o trauma sofrido em Hiroshima não é um trauma simplesmente da ordem concreta, físico-material, causado por uma arma capaz de destruir coisas e queimar pessoas de maneira fulminante, fazê-los desaparecer sem deixar rastros, ou marcá-los com queloides e radiação, mas um trauma que foi imposto porque os indivíduos submetidos a ele perderam em relação aos seus inimigos – e em alguma medida entre eles mesmos – um traço que seria capaz de influir contra a violência, aquele traço que tanto Keiko como Toshiko parecem ter compreendido quando pedem aos jovens para que façam amigos ao redor do mundo inteiro, pois dificilmente observamos como inimigos ou declaramos guerra contra pessoas que conhecemos e pelas quais zelamos. Aparentemente, é apenas na ausência desse traço que uma violência de tal magnitude pode sobrevir, uma violência ligada a um esvaziamento da percepção irredutível e personalizada dos seres humanos, uma perda do sentimento ou consciência acerca do valor, do caráter único de cada pessoa e, por isso, do respeito que todos merecem. Nesse sentido, o trauma de Hiroshima, para além de seus elementos concretos, visíveis, superficiais, não é um tão evidente, motivo pelo qual um grande número de sobreviventes – como o caso de Kawamoto, Keiko, Teramoto e Toshiko – observam a necessidade de apontá-lo e denunciá-lo devidamente.

Na memória de Kawamoto, esse apontamento e denúncia são feitos por via das figuras dos kamikazes e dos órfãos, por meio dos os quais ele narra algo que não lhe é totalmente evidente, mas que lhe foi transmitido por sua observação das relações das mães – principalmente da sua – com seus filhos, e com os demais jovens que eram enviados para a guerra para morrerem uma morte vazia. Esse sentimento posteriormente guiou Kawamoto em sua percepção dos órfãos, e parece apontar para o fato de que é fundamental para um ser humano não apenas ser visto como sujeito pelos olhos do outro, mas também ingressar sem esforço na experiência de respeitar um outro. Isso fica claro quando Kawamoto fala, por exemplo, sobre a morte de sua mãe, que ao

pular no fogo para evitar que os filhos morressem sozinhos, demonstra grande altura moral e amorosa, assim como sua irmã mais velha que, após ouvir o que havia acontecido com parte de sua família, recolheu e cremou seus restos mortais, levando as cinzas para serem enterradas. Nesse sentido, várias pessoas em Hiroshima foram levadas a uma acentuada experiência moral referida à dignidade humana, a qual não permite que as cinzas das pessoas amadas pareçam, como se fossem apenas cinzas, meramente. Isso é um forte traço da cultura japonesa que se mostra, por vezes, fazendo frente à mentalidade econômica moderna, desligada da singularidade humana e de todos os valores a ela ligados, como a honra e a coragem.

O mesmo se repete quando Kawamoto afirma compreender o motivo pelo qual o tio paterno adotou apenas o seu irmão mais velho. Mais uma vez, tudo parece indicar que a compreensão de Kawamoto corresponde não a uma aprovação da atitude do tio, mas a uma reafirmação de honra e coragem: ele se mostra capaz de sofrer humilhação sem covardia, o que só é possível porque traz consigo, internalizadas, as bases de outras relações humanas semelhantes, que rebatem e resistem à humilhação, como aquelas que observou em sua mãe e irmã mais velha. Nesse sentido, a cultura japonesa parece altamente polarizada entre, por um lado, relações de alto teor moral, constituintes de grande fibra contra ofensas, representadas pelas relações das mães com seus filhos, e por outro, relações instrumentais moralmente rebaixadas e capazes de multiplicar o rebaixamento, como aquelas representadas pelo Estado japonês e sua população. Nesse contexto, quando Kawamoto observa os órfãos na estação de Hiroshima, é possível notar que o horror ostensivo daquelas visões e lembranças não deixam, todavia, de vir assinaladas por um forte traço de compaixão, semelhante àquele demonstrado pelas mulheres ao longo da guerra, e a consciência de que o governo japonês parece não se empenhar para que essas lembranças sejam preservadas – vide o pequeno parágrafo sobre os órfãos no Museu Memorial da Paz de Hiroshima, que se impôs como elemento de inquietação e que levou Kawamoto a se unir ao grupo de voluntários da paz.

Essa característica de Kawamoto, segundo ele, é norteada pelos conselhos de sua mãe, e não seriam nada se não se tratasse de conselhos vindos de alguém a que ele se encontra ligado moralmente, amorosamente. Isso ficou demonstrado pelo episódio em que o casamento lhe foi negado e no qual, consequentemente, ele abandonou seu trabalho e sua casa. Nesse sentido, as condições puramente materiais, econômicas, parecem não valer para Kawamoto o sacrifício da condição moral. Assim, o preconceito é ligado aos humores da dominação, em que só interessa o necessário e o útil.

Kawamoto não teria resistido a tantas perdas significativas se, em certa medida, mas em medida muito cara, a qualidade mesma dos vínculos perdidos não admitisse permanecer em companhia das pessoas perdidas. Fossem as pessoas válidas por vínculos apenas "substanciais", não propriamente morais, e Kawamoto talvez não sobrevivesse. Notemos que os desesperos de Kawamoto ligam-se sempre à perda ou impedimento de vínculos morais e afetivos.

Aparentemente, isso é o que ele toma como vínculos familiares. Novamente, deixa claro os princípios que regem sua vida quando diz não ter se importado quando o dono da empresa de *shoyu* ofereceu seu trabalho e sua casa a seu irmão mais velho. Kawamoto diz apenas que seu irmão precisava mais da casa do que ele, não por motivos econômicos, mas porque era casado. Tudo isso indica que as motivações para as aquisições econômicas e materiais, em Kawamoto, são norteadas amorosamente, o que explica de alguma forma seus posicionamentos em relação à história do Japão e aos órfãos de Hiroshima, uma vez que a necessidade de compreensão histórica e política para os males que o tomam são justamente sentidos porque ele se encontra numa esfera não meramente econômica de motivações e vínculos.

Considerações finais

Na companhia de fantasmas

Como mencionado anteriormente, a conversa com Setsuko Thurlow – que recebeu o Prêmio Nobel pela Paz de 2017 em nome da ICAN – em março de 2017 foi de fundamental importância para a reflexão sobre os sentidos assumidos pelo trauma, culpa e vergonha no contexto das memórias escutadas e lidas ao longo desta pesquisa. Na ocasião, Thurlow contou que em todas as suas viagens com o Peace Boat, fez questão de ouvir as histórias de todos os *hibakushas* que estavam a bordo do barco, e afirma que a grande maioria não faz menção evidente aos sentimentos de culpa e vergonha. Percebeu que esses aparecem em relação a memórias ligadas a momentos de desespero, vividos no dia do ataque nuclear, nos quais as pessoas tiveram que tomar decisões rápidas como, por exemplo, fugir tendo em vista a aproximação do fogo, deixando familiares e/ou amigos para trás, ou não interromperem suas fugas para prestar ajuda aos que estavam gemendo ou gritando por socorro.

Essa culpa parece estar relacionada a respostas relativamente rápidas dadas aos questionamentos provocados pelos enigmas traumáticos. Naquele momento, vivenciando o que a maioria dos sobreviventes chamam de "inferno na Terra", muitos *hibakushas* afirmam terem sido tomados por uma urgência de voltar para casa. Essa urgência impediu que eles interrompessem suas fugas para prestar socorro a pessoas que encontraram pelo caminho. O mesmo é relatado, por exemplo, por jovens que estavam trabalhando com seus colegas momentos antes do bombardeio e que, após a explosão, tentaram salvar os que estavam soterrados, mas que com a aproximação rápida do fogo, pediram perdão e fugiram, deixando os amigos para trás. Quase em sua totalidade, esses sobreviventes – como percebido por Thurlow – dizem que, naquele momento, não puderam refletir direito, mas depois da guerra, com mais tempo para pensar – como no caso relatado por Keiko, onde um homem partiu deixando sua esposa presa sob os escombros da casa desabada – passam a suspeitar que poderiam ter salvo outras pessoas e não o fizeram por estarem tomados por aquele sentimento de urgência que os impediu de esforçarem-se o suficiente ou de serem solidários, altruístas e generosos.

O trauma psíquico e físico provocado pela bomba atômica desorientou o sujeito no momento em que o superou, causando uma "anestesia psíquica", como descrito por Obayashi, que impediu, segundo Thurlow (2005), "(...) lágrimas ou outras respostas

emocionais adequadas" (p. 245), dando a impressão de terem sido tomados por uma estranha frieza causadora de inação. Esses comportamentos, posteriormente, inundaram os sobreviventes de uma angústia difícil de ser decifrada e que, por sua vez, levantou enigmas que produziram o sentimento de culpa ao serem respondidos muito superficialmente: que mortes foram aquelas que testemunhei? Qual se tornou a minha responsabilidade na experiência traumática? Eu poderia ter evitado a produção daquele trauma? Eu tenho alguma ligação com a bomba? Se sim, em que sentido? Tenho alguma participação no que aconteceu em Hiroshima? O que eu fiz ou deixei de fazer, ou, o que ainda posso fazer sobre o bombardeio e aquelas mortes?

Como dissemos, essas perguntas, quando tomadas muito rapidamente, podem fazer o sujeito cair em explicações desmoralizantes, estimando falsas origens para a sua angústia, admitindo que foram apenas fatores internos, individuais, e não externos, coletivos e políticos, que causaram os fatos que o colocaram em culpa em primeiro lugar. É possível observar que os sobreviventes que puderam ir mais longe nas respostas desses questionamentos, ou seja, nesse processo de elaboração, sentiram cada vez mais a necessidade de considerar o sentido político da guerra, observando que o horror de Hiroshima propõe problemas a serem resolvidos tanto no espaço biográfico quanto, e fundamentalmente, no espaço histórico-político.

Isso pode ser observado na memória de Keiko, no episódio em que ela deu um pouco de água a uma pessoa que acabou morrendo logo após o primeiro gole. Ver aquela pessoa morrer bem diante de seus olhos a chocou a ponto de fazê-la correr para sua casa, sem compreender o que havia se passado. Ao chegar em casa, seu pai lhe informou que ela não deveria dar água aos feridos, pois isso aceleraria suas mortes. Keiko, portanto, parece culpar-se pela morte daquela pessoa que morreu momentos antes, uma vez que ela lhe deu um pouco de água. Carregou essa culpa durante décadas até compreender que, naquela situação, dar ou não um pouco de água não era fator determinante de vida ou morte. Ao contrário, dar água poderia ser um gesto de solidariedade, uma vez que seria conceder um último conforto àqueles que estavam morrendo. Keiko parece ter percebido que aquelas mortes haviam sido causados por um golpe de dominação, e a responsabilidade por elas não estava nas mãos das crianças de Hiroshima. Essa compreensão trouxe o fim do sentimento de culpa de Keiko, mas levantou novos questionamentos ligados ao enigma da bomba, principalmente sobre "o que posso fazer sobre o bombardeio e sobre aquelas mortes?" Frente a esse questionamento, tanto Keiko quanto Toshiko Takana, Takashi Teramoto, Shozo

Kawamoto e Setsuko Thurlow passaram a dar seus testemunhos, lutando pelo não esquecimento da tragédia de Hiroshima, por um mundo livre de nucleares e pela paz.

O mesmo parece ter acontecido com Thurlow, que logo depois da guerra não conseguia compreender o motivo pelo qual ela estava viva e a irmã, dentre muitos outros, morta. Esse fato reverberou durante anos não apenas em seu pensamento mas no pensamento de muitos outros *hibakushas* que sobreviveram em condições semelhantes, colocando-os – como afirma Levi (2004) – diante do questionamento de que talvez pudessem ter sobrevivido no lugar de outro, uma consciência ligada a fatos muito subjetivos e que se abatem sobre eles sob o peso de supostas faltas ou recriminações. Esse questionamento trouxe angústia para os sobreviventes, muitos dos quais a nomearem como culpa. No caso de Thurlow, esse incômodo angustiante pediu ação e começou a ser superado quando ela passou a estudar Psicologia, História, política e as memórias de outros *hibakushas*, tornando-se uma porta-voz pela paz junto à Organização das Nações Unidas e contra os armamentos nucleares junto ao ICAN, percebendo que o forte sentimento de incômodo foi sendo gradualmente substituído pelo sentimento de tristeza.

Aparentemente, a culpa no contexto acima traz outro elemento que deve ser considerado: a angústia que toma o sujeito parece ter ingredientes que a relacionam ao papel passivo que a bomba lhes impôs por meio do golpe de dominação. Lidar com essa suposta passividade de testemunhar aquele cenário de horror de forma impotente é altamente traumático, porque impediu a completa participação do sujeito. A culpa, portanto, parece ser a via pela qual o sujeito assume algum tipo de responsabilidade que, por via de alguma ação reparadora no espaço sociopolítico, realiza seu deslocamento do papel passivo para um papel ativo.

A palavra "responsabilidade" é de fundamental importância, pois é por meio dela – e de suas reparações – que a culpa pode assumir um papel mórbido. O termo *mórbido* refere-se aqui à experiência de uma farsa em nome de uma desmoralização, a qual impede a fala e, portanto, qualquer tipo de estabelecimento de comunidade, caridade entre humanos, impondo isolamento. Isso não foi percebido ao longo das entrevistas, ou novamente, um papel mais concessivo, implicando o benefício da dúvida sobre o caráter necessariamente desmoralizante do sentimento. Ao contrário, tal sentimento pode ser um articulador simbólico, talvez lacunar, imperfeito e, dando margem a inquietações mais ou menos neuróticas que podem ser traduzidas por meio da seguinte pergunta: a violência desse ataque nuclear representa uma ruptura de

vínculo intersubjetivo, uma interrupção produzida no contexto reificante da guerra, do respeito dos humanos pelos humanos?

Respeito é aqui compreendido como aquela forma de consideração pelo semelhante que não depende de intimidade. Dessa forma, existe um enigma de tipo ético, ligado à violência do lançamento de bombas atômicas sobre duas cidades, que se comunica por meio de dilemas também morais e éticos, os quais estão claros, por exemplo, nas memórias de Takashi Teramoto e Shozo Kawamoto. Por meio de suas narrativas, eles deixam em evidência a constante dúvida sobre terem ou não conseguido, como seus pais, superar essas faltas, uma vez que ambos possuem na referência de seu pai e sua mãe, respectivamente, alguém capaz de um respeito pelos filhos e, mais amplamente, um respeito que é sentido como excedendo o respeito pelos filhos ou familiares, porque não é determinado pelo parentesco, mas sim possibilitado pela capacidade dessas pessoas de superarem uma concentração de tipo egoica-narcísica, tornando-os capazes de grande generosidade, de atos genuínos de altruísmo, de forte desprendimento, de amor incondicional, como discutido no final do Capítulo 3 no contexto do complexo de Ajase.

O choro das mães, descrito por Kawamoto, ao verem os jovens partindo seja para servirem como soldados *kamikazes* ou enviados para lutar nos *fronts*, evidencia essa superação, um choro solidário entre mulheres que observam os jovens que amam ou simplesmente conhecem sendo enviados para a guerra como meros corpos, marchando em direção a mortes sem sentido, para uma guerra travada por motivos puramente materialistas. Assim, essas mães não apenas choram, mas fazem de tudo para que esses jovens não partam, não morram sob uma falsa defesa da honra; desafiam o Estado e os protegem corajosamente, como o fez a mãe de Kawamoto ao enviar seu filho mais velho para a Manchúria, e ao pular no fogo para não deixar que os filhos mais novos morressem sozinhos. Uma mãe que se sacrifica não de forma narcísica, prevendo uma dívida de amor, mas uma mãe capaz de grande generosidade. No entanto, sem perceber ou desejar, ela de fato deixa para trás uma dívida de amor, mas ao contrário do que sugere o mito de Ajase, não deixa Kawamoto em culpa, pois ele parece perceber que uma dívida dessa natureza não pode ser paga àquele que lhe conferiu o amor. Ao contrário, só pode ser paga – se é que pode ser paga de alguma forma, e novamente o pagamento aqui não no sentido capitalista – alcançando a capacidade de amar, amando incondicionalmente os próprios filhos ou o próximo, da forma como

Kawamoto parece ter amado a vida inteira sua mãe e sua irmã mais velha, e como se dedicou à memória dos órfãos de Hiroshima.

O pai de Teramoto demonstra semelhante superação e altura moral quando decide não pular da ponte, de alguma forma transmitindo a ideia de que, apesar de toda aquela destruição, ainda era possível fazer comunidade entre os humanos, e mais ainda, desejava viver para e pelos filhos. Nesse sentido, a emoção de Teramoto quando narra essa memória pode ser compreendida como uma culpa inconsciente, aquela que demonstra a consciência de que tanto sua mãe quanto seu pai o amavam e lhe proporcionavam cuidado e calor. Porém, no momento em que nota o pai desolado, enfrentando um dilema muito complexo, Teramoto não consegue ajudá-lo, seja pela paralização traumática ao ver o pai naquela situação de desespero, seja por não ter maturidade para compreender o que se passava naquele momento. Entretanto, sem perceber e por meio de seu silêncio, Teramoto parece devolver parte do cuidado que recebeu, respeitando a decisão de seu pai e confiando que ele tinha condições de compreender que, apesar de tudo, ainda poderia reconstruir sua vida, porque tinha seus filhos consigo, por quem valeria a pena continuar vivendo.

A relação entre culpa e responsabilidade parece ter também uma outra função, que é evidenciada no relato do *hibakusha* Kunihiko Iida, que tinha apenas dois anos no dia da explosão. Iida, psicólogo na cidade de Hiroshima, disse logo no começo de sua entrevista que "sofre de culpa de sobrevivente" ligada à morte de sua mãe. No momento da explosão ele estava com ela em casa e, após a onda de choque e calor, a casa desmoronou e começou a pegar fogo. Sua mãe conseguiu desvencilhar-se dos escombros e resgatar Iida, que estava ferido. Carregou-o nas costas até o abrigo e, no dia seguinte, morreu repentinamente. Iida afirmou ter consciência dos efeitos, na morte de sua mãe, da radiação e dos ferimentos do choque mecânico causado pelo desmoronamento da casa onde estavam, mas diz que, mesmo fraca, ela o carregou até o abrigo. Portanto, acredita que um dos elementos que a levou à morte foi a exaustão por tê-lo carregado pela cidade destruída e em chamas. Ao longo da entrevista, algumas pontuações sobre essa culpa foram feitas, ao que Iida respondeu: "por que você está tentando tirar a culpa de mim?"

Nesse contexto, culpa parece ser uma resistência ao processo de luto, uma recusa da perda por meio de tentativas, sempre fracassadas, de acordos pelos quais poder-se-ia ter evitado a morte de alguém que se foi de forma muito inquietante e que, portanto, levanta questões acerca daquela morte, essas geralmente ligadas às possíveis

faltas do sujeito. Aqui, a culpa de Iida parece poder ser traduzida como "gostaria que minha mãe tivesse sobrevivido", e esse desejo permanecerá como uma resistência dolorosa ao luto, o qual jamais será completamente realizado, mantendo a mãe ainda viva de alguma forma.

Ao falar mais sobre seu sentimento de culpa, Iida também deixou claro as outras facetas do sentimento apontadas anteriormente: a culpa o retira de um lugar passivo e impotente de não ter tido, por ter apenas dois anos e estar ferido, direito de escolha – caminhar ou ser carregado – e coloca-o em um lugar ativo onde a morte de sua mãe passa a ser sua responsabilidade: ela me carregou e, por isso, morreu de exaustão no dia seguinte; "se não tivesse me carregado, se eu tivesse caminhado, talvez ela teria sobrevivido." O cuidado demonstrado pela mãe de Iida também o deixa em uma dívida de amor, como no caso dos outros *hibakushas* entrevistados.

No mesmo contexto do sentimento de culpa de Iida, é possível supor que Thurlow, em seu enfrentamento das angústias levantadas pelos enigmas traumáticos, deu um passo à frente ao transformar o sentimento de incômodo – que em sua descrição se assemelha muito àquele descrito por Iida, e o qual muitos outros sobreviventes nomearam como culpa – em tristeza. Esse passo à frente parece referir-se ao modo como Thurlow enfrentou as questões impostas pelo bombardeio: compreendeu que a solução para os problemas do ataque nuclear encontravam-se em cada um e em todos, ou seja, estavam nos recursos que poderia extrair das muitas biografias e naqueles adquiridos por meio do estudo sobre o contexto no qual se insere a explosão atômica, um estudo de sua própria e de outras culturas, histórias e contextos políticos.

Com base em suas investigações, estudos e reflexões, Thurlow trouxe ainda interpretações para o sentimento da vergonha, pouco explorado nesta pesquisa por ter sido pouco mencionado nas entrevistas. A vergonha parece ser um fenômeno sentido e imposto socialmente e, apesar de ter origens e características psíquicas muito semelhantes à culpa, esta última parece ser um fenômeno sentido e, muitas vezes, autoinfligido intimamente, mais próxima de uma verdade do sujeito. Quando apontada nos depoimentos, a vergonha fala de um sentimento de angústia diretamente ligado a uma preocupação social, ou ainda, a uma preocupação com um fato objetivo possivelmente desonroso que teria colocado o sujeito em situação de dívida consigo mesmo ou com a humanidade. A narrativa de Shozo Kawamoto evidencia que são potencialmente alvos de vergonha, entre outros, jovens que não se voluntariaram para morrer pelo Japão ou pelo Imperador, soldados kamikazes que retornam para casa

vivos, ou seja, que não cumpriram suas missões, ou ainda, órfãos que necessitaram roubar comida para não morrerem de fome.

Tanto a fala de Thurlow como o depoimento de Kawamoto trazem fortes evidências de que o acontecimento que, aos olhos da sociedade, poderia colocar uma pessoa em vergonha não são tomados da mesma forma na esfera privada. Ou seja, as mães de Hiroshima percebiam que, a serviço da dominação, aqueles que não enviassem seus filhos homens para a guerra seriam condenados à vergonha; mas privadamente, elas acreditavam que não poderia haver honra em uma morte desprovida de sentido, uma morte em que seus filhos e maridos serviriam como corpos anônimos, dessubjetivados, para vencer uma guerra hegemônica cujos interesses e valores não estavam no campo ético ou moral, mas materialista e comercial. Sendo assim, elas faziam de tudo para evitar que seus filhos fossem enviados para o *front* de batalha ou para missões suicidas, tudo isso privadamente, não porque consideravam suas ações desonrosas, uma vez que nenhuma das mulheres entrevistadas ou mencionadas nas entrevistas parecem ter se envergonhado de terem tido tais atitudes, mas porque, da mesma maneira protetora, buscavam evitar uma possível desmoralização social de sua família.

Algo semelhante parece ter acontecido com os órfãos que, para sobreviver, ou roubaram comida ou se juntaram ao grupo mafioso Yakuza. Compreendiam privadamente que, caso não tivessem tomado aquelas decisões, havia grandes chances de terem morrido e, se fosse esse o caso, suas mortes – como perceberam as mães – não teriam ingredientes de honra. Pelo contrário, e aqui reside uma das grandes indignações de Kawamoto: perceber que muitos dos órfãos que não recorreram ao roubo ou não se integraram à máfia morreram de fome, e seus corpos foram de modo brutal e desmoralizante queimados com o lixo e jogados no rio. Além disso, o próprio governo que usou sua população na guerra e que deveria ser responsável por aqueles órfãos dedica apenas um pequeno parágrafo no memorial a essas mortes, não prestando o reconhecimento devido, mas contribuindo para o esquecimento dos mesmos. Nesse ponto, Kawamoto parece, como sua mãe, ter superado as possíveis faltas éticas, porque passa a dedicar-se – por meio de seu trabalho como voluntário da paz no Museu Memorial da Paz de Hiroshima – a uma reconciliação honrosa com aquelas milhares de crianças, uma forma de pedir perdão, em nome do governo, e de reconhecer suas mortes.

Essa reconciliação honrosa, não necessariamente por uma apelo social, mas íntimo, também é observada quando Kawamoto se reporta à mãe e à irmã mais velha, e o quanto suas atitudes e palavras o guiam ao longo da vida em sua tentativa de recuperar uma altura moral que supõe ter perdido quando se envolveu com o Yakuza. Esse ingrediente espiritual, é muito forte em todas as memórias reunidas: Kawamoto é o tempo todo assombrado pelos fantasmas de sua família e dos órfãos; a irmã mais velha de Teramoto, assim como a mãe de Kawamoto, visitam uma cartomante para perguntar sobre a vida e a morte; Toshiko fala de uma força maior que poupa ela e sua família no dia do bombardeio e, posteriormente, proporciona-lhe encontros com lideranças políticas e espirituais com a intenção de incentivá-la na luta contra o esquecimento e contra os armamentos nucleares, em busca de paz; Keiko se reporta aos pressentimentos do pai sobre o dia do bombardeio, que acabou salvando sua vida.

Esse aspecto místico – repleto de fantasmas benevolentes e/ou irredentos – também está presente na fala de Thurlow quando esta deixa claro que tem consciência de que aquilo que para ela é um grande incômodo, para outros sobreviventes foi interpretado como culpa e, nesse sentido, percebe que tanto culpa como tristeza são aqui sentimentos que o indivíduo impõe a si mesmo não por masoquismo, mas como uma forma de reconhecimento, de carregar consigo os familiares que morreram, um sentimento pesaroso a ser sentido intimamente por aquele que ainda está vivo, mas que permite que esse siga em frente com sua vida, jamais esquecendo ou deixando os mortos para trás. Estar em companhia desses fantasmas aqui é preservar a honra, mas justamente pela forma com que morreram, esses fantasmas também apresentam-se como almas irredentas, produtoras de sofrimento (culpa e tristeza) pelos quais irão sempre reivindicar reconhecimento e justiça.

Frosh (2018) afirma que pessoas, gerações e civilizações são assombradas por fantasmas tanto verticalmente quanto horizontalmente, ou seja, no decorrer do tempo e do espaço, respectivamente. Ser humano, segundo Laplanche, é ser habitado desde o princípio pelo Outro, é estruturar-se por meio do olhar, dos desejos e dos segredos do Outro, é sentir-se estranho dentro da própria casa. É nesse contexto que traumas históricos, familiares, passam a habitar as pessoas que não necessariamente os experienciaram diretamente, os quais são incorporados simbolicamente pelo indivíduo ao longo de seu desenvolvimento. Justamente por isso, leva-se toda uma vida, ou mais de uma geração, para que esse comece a compreender o que é aquela sensação de

apreensão, aquela angústia que o toma de tempos em tempos, vindo não se sabe de onde nem com qual intenção.

São traumas transmitidos como fantasmas, que perturbam, que tocam pelas costas e que causam arrepios, que impõem repetições, ou melhor, reedições dos eventos que às vezes tomam as pessoas diretamente por meio de traumas em seus próprios corpos ou em corpos que se ligam a elas emocionalmente, ou indiretamente, por meio de silêncios, olhares, de mitos familiares – como por exemplo a história da mariposa descrito no início desta tese – , alguns deles provocando angústias que vão deixando rastros por onde passam, deixando um caminho estreito e tortuoso pelo qual a psicanálise, que se recusa a deixar as assombrações em silêncio, os guia na tentativa de encontrar o esconderijo onde jaz o trauma.

Esse esconderijo, segundo Abraham e Torok (1976), é uma espécie de cripta onde se guardam os segredos mais profundos, os fragmentos de experiências traumáticas, seus traços mnemônicos, tudo em sua materialidade, envolvidos por camadas e camadas de defesas que atuam como paredes sólidas que envolvem e protegem essa cripta, a qual pode ser acessada mais facilmente por entidades que atravessam paredes, ou seja, por fantasmas. Dessa forma, eles atuam como uma espécie de mensageiros-guias que deixam em seus rastros um caminho a ser seguido pelo psicanalista, caminho esse repleto de desafios que aparecem em forma de emoções dolorosas e perturbadoras, que vão tornando a materialidade dos fantasmas cada vez mais concreta. Suportar essas emoções e adentrar nelas nos permite caminhar por entre as paredes, às vezes derrubando-as, às vezes passando por suas frestas, até finalmente chegarmos à cripta. Mas ao alcançá-la, outro desafio se impõe: como abri-la? Sua abertura dependerá de criptônimos ou criptográficos, palavras orais ou escritas que atuam como espécies de chaves que, ao destrancarem a cripta, permitem que seu conteúdo saia das sombras e veja a luz, e permite colocar finalmente seus guardiões espectrais em repouso.

Desenvolvendo melhor esse processo de caminho até e abertura da cripta, e utilizando as ideias de Frosh (2018), ser assombrado aqui é estar constantemente ocupado com presenças e vozes do passado, que nos atormentam e prometem jamais nos deixar em paz enquanto existirem. Ignorá-las é impossível, escutá-las parece tarefa demasiadamente árdua. Trata-se da experiência da loucura: ouvir o que não fala, ver o que não tem forma e sentir o toque do invisível. No entanto, esse é o caminho a ser seguido se quisermos silenciar esses fantasmas. Devemos seguir suas pistas e tentar

responder da melhor forma possível seus enigmas. Afinal de contas, o que eles buscam não é assombrar apenas pelo prazer de causar medo ou terror. Ao contrário, desejam reconhecimento e compreensão e, em muitos casos, justiça e reparação para poderem finalmente descansar em paz.

Porém, para reconhecê-los devidamente e dar-lhes o que procuram, faz-se necessário reparar o mal feito contra eles, e aqui jazem os primeiros enigmas: como reivindicar uma dor, um sofrimento que não nos pertence? Como assumir a responsabilidade por um mal que pessoalmente não causamos? Essas são algumas das perguntas que ocupam estudiosos e as gerações seguintes de sobreviventes de catástrofes e crimes históricos como, por exemplo, o Holocausto nazista ou as bombas de Hiroshima e Nagasaki. São perguntas que assombram as pessoas desde o começo dos tempos e que caminham atravessando acontecimentos sociopolíticos em direção às histórias pessoais, e de lá de volta ao ambiente social, coletivo.

Como mencionado no início desta tese, Thomas Trezise discute a necessidade de se conseguir encontrar uma via pela qual seja possível reivindicar esses traumas que não nos atingem ou atingiram diretamente, por via da experiência privada, mas que, todavia, atingem nossa memória como grupo, como nação, como civilização. Sua discussão começa com a problemática expressada e trabalhada por muitos estudiosos de crimes contra a humanidade e de suas perguntas sobre como se dará a transmissão das memórias das catástrofes, em suas mínimas singularidades, apenas possíveis de serem transmitidas por meio dos testemunhos de sobreviventes, quando esses sobreviventes não mais existirem.

Como o título de seu livro sugere, *Testemunhando a testemunha*, Trezise se ocupa em estudar as memórias de sobreviventes do Holocausto nazista com a intenção de pensar em formas possíveis de se continuar essa transmissão quando eles, utilizando a linguagem de Frosh (2018), estiverem andando entre nós apenas como espectros em busca de reconhecimento e reparação, como muitos já caminham e já nos assombram em busca de justiça. No caso do autor, não descendente direto de sobreviventes dos campos de concentração, sua aproximação com o tema da reivindicação de um trauma veio por meio de uma violenta experiência pessoal sobre a qual o próprio autor argumenta: "Estou inclinado a acreditar que ninguém se compromete com o estudo do trauma a não ser que seja forçado a fazê-lo por razões pessoais." Novamente, esse comprometimento teve início quando um dia, há mais de 20 anos, ele foi apressadamente colocado dentro de uma ambulância onde encontrou uma mulher

gravemente ferida e respirando por uma máscara de oxigênio por estar com sua traqueia fraturada devido a uma tentativa de estrangulamento. Trezise relata que não a reconheceu de imediato, mas passados alguns longos segundos, e um ruído que se assemelhava a uma tentativa de dizer "eu vou ficar bem", viu que estava na presença de sua esposa, Susan, que apenas algum tempo depois, após recuperar sua voz, pôde contar que havia sido estuprada e deixada no fundo de uma ravina. Trezise diz que acompanhou as horas, dias, semanas e anos que se seguiram na forma de tratamento, terapia, julgamento, entre outros. Ouviu ao longo desse tempo os pensamentos de sua esposa e de outras mulheres vítimas de crimes semelhantes, estudou sobre o trauma, mas só ousou a falar em público sobre a história de Susan e sobre a sua própria história atravessada pela história de sua esposa que, segundo ele, foi vítima de um crime "claramente de gênero", após ela própria ter se apropriado da violência sofrida e ter criado sua própria voz para falar em público. Nesse momento, Trezise também se sentiu autorizado a reivindicar esse trauma, mas não como aquele que sofreu na pele a violência, mas como aquele que testemunhou a testemunha de um trauma, que quase enlouqueceu por não poder tomar para si a dor do outro, por enfrentar a sensação de impotência frente ao despedaçamento da alma do outro que acontece diante dos seus olhos, de não poder reivindicar um trauma diretamente, mas de poder reivindicá-lo como aquele que sofreu por ter sido afetado não no próprio corpo, mas na alma e que, portanto, passou a ser igualmente atormentado e assombrado.

Ambos, Susan e Trezise observam o trauma sofrido como uma violência sociopolítica, um crime de gênero e/ou um crime de dominação, que atravessa a história pessoal na possessão brutal do corpo da mulher, deixando pelo caminho fantasmas que os conduzem de volta ao espaço social e político que parece ser o único local onde poderão encontrar, enfim, reconhecimento, justiça e paz. Porém, essas assombrações provenientes de acontecimentos históricos que se encontram ligados à dialética dominação-opressão e que por vezes são caracterizados como a farsa a que Marx se refere em sua famosa formulação, são retrocessos falaciosos e, na realidade, trata-se de repetições do elemento da destrutividade com um aprimoramento, pelo tempo e pela experiência, de seus elementos mais perversos, que atingem e alteram a noção de tempo. Ou seja, são reedições de traumas históricos-políticos.

Essa chave dominação-opressão silencia os corpos de seus agentes, os quais se tornam figuras fantasmagóricas, portadoras de segredos e reivindicações, que assombram em busca de – como já mencionado e entre outros – reparação, para

poderem enfim encontrar o repouso eterno. Mas enquanto isso não for possível, esses fantasmas permanecerão no plano de fundo, movendo-se nas sobras da consciência, caminhando pelas bordas e limites, fazendo-se sentir por meio de "repetições" que anseiam elaboração, causando inquietações naqueles que tocam.

Essas inquietações, por sua vez, assinalam a existência de algo estranho que abala os limites que nos contornam, causando uma sensação de que algo estrangeiro, ou ainda, algo ligeiramente diferente de nós está em nossa presença, embora não possamos reconhecê-lo em sua totalidade, e que consequentemente nos aflige ou nos evoca. Aqueles que são imediatamente afligidos se fecham em suas defesas e negam ou recusam a experiência da alteridade em uma rigidez mórbida. Segundo Frosh (2018, p. 29):

> [...] se a identidade é um tipo de ilusão baseada em uma presunção de integridade psicológica, então a menor e inesperada diferença que o quase igual traz à luz é o suficiente para abrir uma fenda na identidade, pela qual seu vazio e instabilidade podem ser percebidos. É este outro 'ligeiramente diferente' quem podemos considerar ser inquietante, porque há algo que nos relaciona a ele que é genuinamente nosso e que, mesmo assim, não podemos alcançar – há sempre algo um pouco errado.

Esse elemento estranho, inquietante na identidade do outro, e que abala as estruturas do indivíduo, pode desencadear a violência ligada ao preconceito, a violência como uma resposta ao fim do sentimento angustiante e muitas vezes insuportável despertado pela inquietação provocada no contato com aquilo que faz tremer as bases que nos edificam.

Porém, aqueles que se permitem evocar percebem prontamente sua impossibilidade de compreensão do lugar do outro, que se encontra em uma posição totalmente diferente da nossa, de reivindicar seu lugar, uma vez que isso é uma tarefa onipotente, arrogante e impossível, rejeitando assim o impulso de colonização de um modo de sentir e pensar que lhe é estrangeiro pela não simples, mas complexa satisfação de colocar em xeque uma inquietação que passa a servir ao interesse, à curiosidade e, por vezes, à excitação.

A partir dessa dupla faceta do inquietante que causa afastamento e evocação, Freud dá um passo adiante e introduz o conceito de instinto de morte em seu famoso texto *Além do princípio do prazer* (1920/2010), no qual repensa sua afirmação feita em 1900, no trabalho *A interpretação dos sonhos*, de que os sonhos são realizações de

desejos inconscientes. Tal conceito vem dar suporte ao seu questionamento da razão pela qual repetições traumáticas ocorrem por meio dos sonhos, assombrando os indivíduos e inundando-os de angústia, tendo como base os relatos de soldados retornados dos campos de batalhas após a Primeira Guerra Mundial. Freud chega à conclusão de que a repetição é tanto fonte de vida como de morte: fonte de vida, porque no momento da etiologia do trauma, a psique foi surpreendida e, consequentemente, inundada de um estímulo que colocou por terra todas as suas fronteiras, suspendendo todas as possibilidades de escoamento por meio de representações e pensamentos. O sonho, aqui, não é exatamente uma mera repetição. Novamente, trata-se de uma espécie de farsa, de uma reencenação da situação que superou os limites do pensamento e, como toda reencenação de um ato, vem modificada por elementos que permitem sua atualização no tempo e no espaço. No caso do instinto de vida, essa adição se dá pelo sentimento de angústia que esteve ausente no exato momento da experiência transbordante, na eterna esperança de, dessa vez, preparar a psique para o excesso que estaria prestes a inundá-la. No caso do instinto de morte, a reencenação se dá na tentativa de terminar a tarefa que um dia foi iniciada: o aniquilamento do indivíduo.

Todas essas reencenações da cena traumática se dão porque o trauma não pôde ser totalmente metabolizado, ou seja, o trauma permanece na psique em uma certa materialidade. Essa materialidade pode ser aquela do espelho, mas não a do espelho inteiro, por assim dizer, da teoria lacaniana ou freudiana, mas aquela do espelho quebrado em que cada fragmento permanece em sua materialidade e passível de ligar-se a uma representação. Porém, para que o trauma seja curado, para que a cripta seja aberta, seria necessário unir cada fragmento desse espelho à sua devida representação, e em seguida, juntar todos os fragmentos na tentativa de restaurar a integridade do espelho, tarefa essa quase impossível. Mas vamos supor a possibilidade de o montamos novamente, de encontrarmos cada caco despedaçado e colá-los. Ainda assim o espelho refletiria uma imagem fragmentada, porque as rachaduras seriam impossíveis de se remendar. Essa fragmentação são as marcas do tempo e do espaço que, ao atualizar a cena traumática, ao reencená-la, impossibilita sua completa simbolização.

Ainda utilizando a ideia da imagem fragmentada refletida por um espelho remendado, é possível discutir o conceito do trauma a partir do "duplo", novamente aquela imagem familiar, mas que é, todavia, fonte de inquietação. Segundo Frosh (2018, p. 105), no caso do espelho lacaniano:

> O sujeito [...] olha no espelho e vê sua imagem refletida de volta para si, e então se apropria dessa imagem como uma fonte de conforto e um meio de dar sentido ao que anteriormente era experiência fragmentada. O sujeito negro, racializado através do olhar racista, vê a si mesmo no espelho branco que remove a possibilidade de autoafirmação e domínio e, ao contrário, cria mais fragmentação.

Nesse contexto colonialista da máscara branca de Fanon, o estranho, o "duplo" freudiano é extremamente traumático, uma criança negra se olha no "espelho *branco*" com um olhar racializado e diz assustado para a mãe: "mãe, um negro!", ao que a mãe responde "esse é você". Nesse momento, a criança entra no espelho freudiano, naquele que a remete não à integridade da imagem fragmentada, mas à falta de imagem, à ausência. A criança cai naquele vão que se encontra embaixo do espelho, no abismo onde ela se depara com o choque de que "aquele negro sou eu". Num segundo momento, ao olhar novamente para a imagem no espelho, agora sem a "máscara branca", em uma reencenação do ato de olhar, é tomado de angústia por perceber que "aquele Outro sou eu", "aquele 'duplo' fonte de inquietação sou eu", "aquele quase igual se não pela cor da pele branca, sou eu", constatações essas que advêm do choque e que inauguram enigmas a serem respondidos tanto na esfera pessoal quando na social, na tentativa de colocar em descanso o assombramento que adveio do olhar colonizador e opressor do Outro.

Mas, como já assinalado, esses enigmas terão pouca probabilidade de serem resolvidos porque não são apenas provenientes de histórias pessoais, mas também de acontecimentos sociopolíticos. Portanto, exigem uma rede complexa de respostas que, enquanto não formuladas, far-se-ão presentes e visitarão os indivíduos de tempos em tempos.

Entretanto, há aquelas assombrações que não são maléficas, tóxicas e fonte de traumas, como aquelas carregadas por Kawamoto e Thurlow. Recorrer aos antepassados, aos fantasmas protetores, como o fazem os orientais, os indígenas, por exemplo, é recorrer a uma fonte de força e de sabedoria necessárias para enfrentar tanto as histórias pessoais como as histórias do mundo. Frosh (2018) nos dá um exemplo ao abordar o filme *The dybbuk*. Segundo o autor, o próprio filme é uma assombração, uma vez que seus atores, quase em sua totalidade, foram mortos nos campos de concentração nazistas poucos anos depois. Ter um registro de suas vozes e imagens é como ouvir fantasmas que pedem justiça para o crime contra a humanidade em que consistiu o

Holocausto. Trata-se de uma espécie de premonição, uma vez que o *dybbuk* da história em questão retorna à Terra para pedir justiça.

A peça traz a história de Leah e Khonon, cujo o amor homossexual não declarado e impedido de seus pais, Sender e Nissen, leva-os a prometer seus filhos – ainda não nascidos mas já no ventre de suas mães – em casamento, caso os bebês fossem menina e menino, permitindo assim que as duas famílias finalmente se unissem. Após essa promessa, que ocorre no festival do Tabernáculo, cada um toma seu caminho para casa. Porém, Nissen sofre um acidente e morre, sem poder vir a conhecer o filho, Khonon. Sender, por sua vez, fica viúvo no parto e, com a ajuda da cunhada, cria sua filha, Leah.

Khonon cresce, torna-se um prodígio do Talmude e começa a estudar a Cabala, o misticismo judaico. Por conta de seus estudos, ele chega à vila de Sender, onde o conhece e passa a visitá-lo constantemente, principalmente na hora do jantar. Já no primeiro dia de sua visita, conhece Leah. Quando seus olhos se encontram, eles se apaixonam imediatamente. Frosh (2018) afirma que o "amor à primeira vista" nada mais é do que a repetição de um outro amor, um reconhecimento. Dois olhos se cruzam e reconhecem um ao outro como predestinados, amantes de outras vidas. Nesse caso, o amor de Sender e Nissen e a promessa selada de união de suas famílias por meio de Leah e Khonon. Entretanto, Sender não reconhece Khonon como o filho prometido de seu velho e falecido amigo Nissen e, querendo assegurar o futuro da filha, promete-a em casamento para o filho de uma família rica da cidade.

Diante desse impedimento, e recorrendo ao poder da Cabala, Khonon faz um pacto com Satã para ficar rico e poderoso e poder ser considerado como um pretendente para casar-se com sua amada. Entretanto, nesse meio tempo algo dá errado e ele morre. No dia do casamento de Leah, ela vai ao cemitério com a intenção de convidar sua mãe para a cerimônia, mas acaba convidado Khonon, que atende seu chamado. Ela então se joga em um túmulo que se encontra no meio de sua vila – o memorial em homenagem a um casal morto pela multidão de Chmielnicki no dia do casamento do mesmo – e ao olhar para o céu, fala com a voz de Khonon: "Você me enterrou! Mas eu retornei para a minha noiva prometida e não a deixarei!" (An-sky, 1920, p. 29). O mensageiro então anuncia: "Um *dybbuk* entrou no corpo da noiva" (FROSH, 2018, p. 168). Então, todos levam a noiva possuída para o rabino, o Rebbe Azriel, que ouve as queixas, na realidade, de Nissen. Ele exige reparação pela morte de seu filho Khonon, e por via de sua morte, ter condenado a família ao esquecimento, uma vez que não havia nenhum

familiar vivo para recitar o *Kaddish* no aniversário da morte deles. Somente no momento em que Nissen faz suas exigências e canta "a *Canção das Canções*, o grande poema de amor da Bíblia que é também interpretado como uma canção de amor entre Israel e Deus" (FROSH, 2018, p. 167) é que Sender compreende quem era Khonon:

> O Rebbe de fato acha que Sender não é culpado no âmbito do tecnicismo judaico, pois um juramento feito antes de algo existir (nesse caso, os filhos dos homens) não é vinculativo; mas ele também reconhece que "a promessa foi aceita nos mais altos reinos", e ele, assim, impõe a Sender uma multa equivalente à metade de sua riqueza, a ser dada aos pobres e lhe atribui a responsabilidade de dizer o *Kaddish* para Nissen e Khonon. (FROSH, 2018, p. 169)

Após dada a sentença, o Rebbe exige que Khonon deixe finalmente o corpo de Leah, mas ele se recusa. Frente à sua recusa, o Rebbe o ameaça com uma cerimônia de excomunhão. Mas o *dybbuk* apenas aceita partir quando o chofar – o chifre do carneiro que é a representação do sacrifício de Isaac por seu pai Abraão – é soado. O Rebbe então o livra da excomunhão e ordena que tragam o noivo para que o casamento seja realizado. Nesse intervalo:

> [...] Leah acorda e encontra o *dybbuk* deixando-a e entra em um diálogo desesperado com essa alma perdida:
> LEAH: Sua voz é tão doce para mim como aquela de um violino em uma noite silenciosa. Diga-me quem é você?
> A VOZ DE KHONON: Eu me esqueci. É somente através de seus pensamentos que eu posso me lembrar quem eu sou.
> LEAH: Eu estou me lembrando. Meu coração foi atraído por uma estrela brilhante. Na profundeza da noite eu derramei lágrimas doces, e alguém sempre aparecia nos meus sonhos. Era você?
> A VOZ DE KHONON: Sim...
> LEAH: Volte para mim, meu noivo, meu marido. Eu o levarei em meu coração, e na calada da noite você virá a mim nos meus sonhos, e juntos iremos ninar nossos bebês não nascidos ... (An-sky, 1920, p. 48)
> Em um desolador momento de lamentação, ela pisa fora do círculo mágico que o Rebbe havia desenhado ao redor dela e se une a Khonon. (FROSH, 2018, p. 169-170)

No caso da peça *The dybbuk*, o fantasma que possui o corpo da mulher não o faz apenas em busca de justiça, mas também e principalmente na tentativa de ficar novamente perto de sua amada. Leah permite e acolhe a possessão, pois aquilo que a assombra é justamente uma história que, ao contrário, teve sua experiência negada, em

outras palavras, não pôde ser vivida. Quando Khonon aponta claramente uma das premissas da memória, ou seja, a necessidade de um outro em vida que se lembre, Leah percebe que lamentaria sua não experiência de amor – seus bebês não nascidos. Portanto, para permitir que essa história encontre paz, escolhe juntar-se a Khonon na eternidade, concedendo a ele e a si mesma reparação e justiça por meio da entrega de sua própria alma e amor. Com isso, ambas as almas voam para os altos reinos do céu para, enfim, descansarem.

Os fantasmas de Hiroshima são aqueles que se materializaram não diretamente, como aconteceu na possessão de Leah, mas por meio da tomada do sujeito por sentimentos de culpa e tristeza. Nesse sentido, os vivos, os *hibakushas*, como no caso de Kawamoto e Thurlow, evocam os fantasmas de suas famílias por meio daqueles fenômenos psicológicos, permitindo que, dessa forma, eles os acompanhem ao longo de suas vidas. Esse sofrimento, para além de legitimar as histórias interrompidas, não vividas por conta da explosão atômica, impõe que o esquecimento jamais aconteça, e que assim a memória se faça eterna.

Kawamoto parece compreender bem a mensagem de An-sky. No último encontro que tive com ele, um pouco antes de começarmos a terceira entrevista, ele me presenteou com alguns *tsurus*[101] de *origami*[102] e alguns aviões feitos de papel com pequenos *tsurus* no lugar dos pilotos. Ao entregá-los, disse que gostaria que eu desse um de cada para minha filha, e que eu presenteasse adultos e crianças, pessoas especiais para mim, com essas dobraduras. Pediu que eu lhes dissesse que quem os fez foi o último órfão de Hiroshima, e que lhes contasse que o *tsuru* é o legado deixado por Sadako. Como mencionamos anteriormente, Sadako Sassaki foi uma *hibakusha* que tinha apenas dois anos no dia da explosão. Aos 12 anos, ela foi diagnosticada com leucemia e acreditava que, dobrando mil *tsurus*[103], não morreria. Infelizmente, ela não conseguiu terminar de dobrar os *origamis*, pois veio a falecer. Kawamoto diz que, por esse motivo, os *hibakushas* continuarão dobrando os *tsurus* em nome de Sadako, na esperança de que nenhuma criança no mundo venha a falecer daquela forma.

Assim, explica que o *tsuru* representa a esperança de um mundo sem guerras e a possibilidade de crianças poderem ser crianças, e desejarem mais do que apenas sobreviver, mas viver suas vidas, sem dor, sem sofrimento, sem fome. Sobre o avião,

---

[101] *Tsuru* é uma ave japonesa (grou) que representa, entre outros, saúde e longevidade.
[102] Dobraduras de papel.
[103] Há uma crença no Japão que a cada mil *tsurus* dobrados um desejo pode é realizado.

explica que, durante a guerra, as crianças não podiam ter brinquedos, pois todos, sem exceção, tinham que trabalhar para o Japão. Durante a guerra, o papel era uma preciosidade. Entretanto, por ter pertencido à Marinha, o pai de Kawamoto de vez em quando conseguia alguns papéis. Escondido, sua mãe dobrava aviões para os filhos brincarem, e ao dá-los, pedia que eles os escondessem. Assim, Kawamoto diz que o avião de papel é o legado de sua mãe: uma mulher que, no meio da guerra, fez brinquedos para os filhos, amava-os e cuidava deles da melhor forma possível, e lançou-se ao fogo para que dois deles não morressem sozinhos e assustados. Afirma que a vida deu-lhe duas mães, ambas de mesma altura moral, ao que ele é muito grato. Conta que fez os aviões sendo pilotados pelos *tsurus* de modo que o legado de sua mãe esteja sempre acompanhado do legado de Sadako: amor e esperança.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. *Homo sacer*: o poder soberano e a vida nua I. Minas Gerais: Humanitas, 2002. 207 p.

_____. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004. 142 p.

ALEKSIÉVITCH, S. *Vozes de Tchernóbil*: a história oral do desastre nuclear. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 383 p.

_____. *As últimas testemunhas*: crianças na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 271 p.

BENEDICT, R. *O crisântemo e a espada*. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997. 273 p.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória*: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219 p.

_____. *Memória e sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484 p.

_____. *Cultura de massa e cultura popular*: leituras de operárias. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. 239 p.

BUTLER, J. *Precarious life*: the powers of mourning and violence. Nova Iorque: Verso, 2006. 168 p.

_____. *Quadros de guerra*: quando a vida é possível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 285 p.

COETZEE, J. M. *Disgrace*. Londres: Vintage Books, 1999, 219 p.

_____. *Desonra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 248 p.

DOI, T. *The anatomy of dependence*. Tóquio: Kodansha, 2014. 180 p.

FLETCHER, J. *Freud and the scene of trauma*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2013. 365 p.

FREUD, S. (1893). *Comunicación preliminar*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 2).

_____. (1900). *La interpretación de los sueños* (primera parte). Buenos Aires: Amorrortu, 1991. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 4).

_____. (1900). *La interpretación de los sueños* (segunda parte). Buenos Aires: Amorrortu, 1991. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 5).

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Trad. Paulo C. L. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 4).

_____. (1914). *Introdução ao narcisismo*. Trad. Paulo C. L. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 12).

_____. (1914). *Recordar, repetir y reelaborar*. Buenos Aires: Amorrortu, 1991. (Obras completas de Sigmund Freud, v. XII).

_____. (1915). *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*. Trad. Paulo C. L. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 12).

_____. (1919). *Introdução a psicanálise das neuroses de guerra*. Trad. Paulo C. L. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 14).

_____. (1920). *Mais além do princípio do prazer*. Trad. Paulo C. L. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas de Sigmund Freud, v. 14).

_____. (1932). *Por que a guerra?* Carta a Einstein. Trad. Paulo C. L. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas de Sigmund Freud, v. 18).

FROSH. S. *Assombrações*: psicanálise e transmissões fantasmagóricas. Trad. Cristiane I. Nakagawa. São Paulo: Benjamin Editorial, 2018. 206 p.

GONÇALVES FILHO, J. M. Humilhação social: um problema político em Psicologia. *Psicologia USP*, v. 9, n. 2, p. 11-67, 1998.

_____. A memória da casa e a memória dos outros. *Travessia*, a. 11, n. 2, set/dez. 1998.

_____. A invisibilidade pública. In: COSTA, F. B. da. *Homens invisíveis*: relatos de uma humilhação Social. São Paulo: Globo, 2004. p. 1-27.

_____. Humilhação social: humilhação política. In: SOUZA, B. P. de. (Org.). *Orientação à queixa escolar*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 1-30.

HERSEY, J. *Hiroshima*. Nova Iorque: Vintage Books, 1989. 152 p.

HIROSHIMA JOGAKUIN ALUMNI ASSOCIATION. *For those who pray for peace*. Hiroshima: Matsui Printing, 2005. 383 p.

HIROSHIMA PEACE CULTURE FOUNDATION. *Eyewitness testimonies appeals from the A-Bomb survivors*. 4. ed. Hiroshima: Nakamoto Sogo Printing, 2009. 173 p.

HIROSHIMA PEACE MEMORIAL MUSEUM. *The spirit of Hiroshima*. Hiroshima: The City of Hiroshima, 1999. 127 p.

KITAYAMA, O. Pre-Oedipal "taboo" in Japanese folk tragedies. *International Review of Psychoanalysis*, n. 12, p. 173-186, 1985.

KOSAKAI, Y. *Hiroshima peace reader*. Hiroshima: Hiroshima Peace Culture Foundation, 1980.

LAPLANCHE, J. Reparação e retribuição penais: uma perspectiva psicanalítica. In: _____. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. p. 60-71.

_____. *Problemáticas I*: a angústia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 346 p.

_____. *Vida y muerte en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. 177 p.

_____. *Castración:* simbolizaciones (Problemáticas II). Buenos Aires: Amorrortu, 2003. 296 p.

_____. *La sublimación* (Problemáticas III). Buenos Aires: Amorrortu, 2002. 248 p.

_____. *El inconsciente y el ello* (Problemáticas IV). Buenos Aires: Amorrortu, 2006. 312 p.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Editora, 2001. 574 p.

LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 175 p.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 478 p.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2014. 191 p.

NICOLAS, A; TOROK, M. *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995. 439 p.

ÔE, K. *Hiroshima notes*. Nova Iorque: Marion Boyars Publishers, 1995. 192 p.

PARKER, I. *Japan in analysis*: cultures of the unconscious. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2008. 171 p.

SAKADE, F.; KUROSAKI, Y. *As histórias preferidas das crianças japonesas* (Livro 1). São Paulo: Editora JBC, 2005a. 108 p.

_____. *As histórias preferidas das crianças japonesas* (Livro 2). São Paulo: Editora JBC, 2005b. 96 p

TAKAYAMA, H. *Hiroshima in memoriam and today*. 2. ed. Hiroshima: The Himat Group. 2000. 277 p.

THE MANHATTAN ENGINEER DISTRICT. *The atomic bombings of Hiroshima and Nagasaki*, 1946. 64 p.

THOMAS, G.; WITTS, M. M. *Enola Gay*. [S. l.]: Premier Digital Publishing, 2012.

TREZISE, T. *Witnessing Witnessing*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2013. 313 p.